EDITORA ABRIL · N.º 526
4 DE OUTUBRO DE 1978 Cr$ 30,00

veja

MANAUS, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ, PORTO VELHO, JIPARANÁ Cr$ 39,00 PORTUG... 0500 - 0562

Os 34 dias de pontificado de João Paulo I

A MORTE DO PAPA

Óleo é uma palavra pequena demais. Para dizer como se amolda à forma exata das muitas peças móveis do motor. Aderindo a estas peças com precisão, fino no frio, grosso no calor. Refrigerando, amaciando, protegendo. Deslizante como líquido, resistente como aço. Sempre trabalhando sob enorme pressão.
É o resultado de 70 anos de tecnologia devotada exclusivamente à lubrificação.
É CASTROL GTX, mais que um óleo, é "Proteção Líquida."

Um teatro alternativo

E a tão falada realidade brasileira? Para o diretor da elogiada montagem de "Macunaíma", até hoje ela mal chegou a nossos palcos

Por Jairo Arco e Flexa

Em 1953, impressionado com o talento de um jovem diretor de teatro amador, o crítico Décio de Almeida Prado, de *O Estado de S. Paulo*, conseguiu que ele se tornasse assistente de direção no Teatro Brasileiro de Comédia, que na época reinava sem concorrentes em São Paulo. Foi o início da carreira de José Alves Antunes Filho, cujo currículo desde então dificilmente poderá ser igualado por algum outro colega.

De fato, aos 48 anos, o paulistano Antunes Filho já montou cerca de 200 obras teatrais — a maioria na televisão, nos heróicos tempos pré-vídeo-tape. Na TV, entre outros autores, ele encenou Sartre, Tennessee Williams, Pirandello, Bernard Shaw.

É no teatro, entretanto, que se concentra seu trabalho mais significativo: de 1954, com "Week-End" de Noel Coward, a 1977, com "Esperando Godot" de Samuel Beckett, foram 24 espetáculos em que Antunes imprimiu o ritmo nervoso de sua personalidade e que lhe trouxeram quinze prêmios de direção. Alguns deles: "Feiticeiras de Salém", de Arthur Miller, "Vereda da Salvação", de Jorge Andrade, "Peer Gynt" de Henrik Ibsen, "Corpo a Corpo" de Oduvaldo Vianna Filho, "Bonitinha Mas Ordinária" de Nélson Rodrigues, (que ele considera "o maior de nossos dramaturgos").

Na semana retrasada, estreou no Teatro São Pedro, em São Paulo, o 25.º espetáculo de Antunes — sem dúvida o mais ambicioso de todos: a adaptação do romance "Macunaíma", de Mário de Andrade, que custou ao diretor e aos adaptadores um ano inteiro de trabalho. Outros motivos ainda tornam "Macunaíma" um fenômeno fora do comum em nosso teatro: as quatro horas de duração e o incontido arrebatamento que vem provocando no público e na crítica especializada.

RUTH TOLEDO

Antunes: contra os papa-níqueis

Tanta receptividade indica que "Macunaíma" deverá permanecer longa temporada em cartaz — inicialmente no São Pedro, mais tarde em outras paragens: dias depois da estréia, artistas estrangeiros já acenavam com a possibilidade de levar o espetáculo à Argentina, à França e a outros países. "Antes, porém", assegura Antunes, "queremos que o Brasil inteiro veja 'Macunaíma'."

O código teatral já está esgotado

VEJA — *Qual a grande diferença entre o teatro brasileiro do início de sua carreira e o atual?*

ANTUNES — Minha formação se deu no TBC no começo dos anos 50, com os diretores estrangeiros de então, entre eles Ziembinski, Adolfo Celi, Luciano Salce. Para mim foi uma espécie de universidade teatral. É claro que, de uma perspectiva mais abrangente, o enfoque cultural que eles tinham era discutível, mas, do ponto de vista específico de técnica teatral, foi muito bom. A grande revolução do teatro, naturalmente, veio mais tarde com o Arena, numa visão ainda romântica do homem brasileiro, mas, de qualquer forma, era um teatro que dizia respeito a nós todos, uma coisa com que o TBC jamais se preocupara. Pouco depois, com o Oficina, surgiu também um teatro muito vivo, que podia ser discutível, mas animado por idéias, um teatro que sacudia a cidade. Atualmente esse teatro criador está quase morrendo pelas tabelas graças ao esforço conjugado da Censura e dos produtores comerciais. Com o reforço da televisão, todo mundo foi encontrando uma justificativa em não fazer mais arte, e o único refúgio de trabalho ficou sendo se encostar na Globo ou na Tupi. Dentro do teatro, vivemos sob a tirania dos produtores que abocanharam o palco e que raramente têm alguma proposta artística. Para fazer um espetáculo, hoje em dia, é necessário se subordinar ao produtor, ele é quem escolhe texto, elenco e em último lugar o diretor, que é obrigado a fazer o que já foi predeterminado. Nessas condições, o artista brasileiro não pode determinar o repertório que deseja fazer, pois além do arrocho da Censura existe também o arrocho econômico.

VEJA — *Como a montagem de "Macunaíma" se encaixa dentro dessa situação?*

ANTUNES — Esse monopólio dos produtores financeiramente fortes teve pelo menos um lado bom, pois acabou forçando o aparecimento de um teatro alternativo, não-empresarial. No Rio de Janeiro esse tipo de teatro já está bem

desenvolvido, com grupos como o Asdrúbal Trouxe o Trombone e em São Paulo ele começa a florescer. "Macunaíma" foi o meio que eu encontrei para tentar romper com o esquema do teatro comercial. O ponto de partida foi um curso de interpretação organizado pelo Sindicato dos Artistas e patrocinado pela Comissão de Teatro: o curso funcionou como embrião do espetáculo. Entre curso e ensaios (simultaneamente com a adaptação do texto), foram doze meses de trabalho, um tempo de preparação que seria impossível no teatro comercial.

VEJA — *Era necessário mesmo tanto tempo para completar o espetáculo?*

ANTUNES — Imprescindível. Atualmente todos os grupos de teatro experimental no mundo inteiro trabalham pelo menos um ano e meio para fazer um bom espetáculo. Isso porque querem outorgar novamente ao teatro o papel que lhe cabe de arte, não de papa-níqueis. Acho que o código teatral tradicional está esgotado, é preciso renová-lo. Como? Não sabemos exatamente, pois, como diz Macunaíma no espetáculo, "nossa cabeça está muito perturbada". O que eu tinha certeza, e o trabalho de "Macunaíma" junto com o Grupo Pau Brasil comprovou, é que para conseguir alguma coisa nova em teatro é preciso pesquisar muito até encontrar o que dizer e como dizer.

Quatro horas e nem um minuto menos

VEJA — *Diversas vezes você afirmou que o trabalho de adaptação de "Macunaíma" não poderia ser feito de modo tradicional, por um escritor que ficasse sentado em seu escritório. Por quê?*

ANTUNES — Antes de tudo, quero deixar claro que considero a adaptação, feita por Jacques Thièriot e pelo Grupo Pau Brasil, uma das melhores transposições de romance para o palco já feitas em todo o mundo. O "Macunaíma" de Mário de Andrade está inteirinho lá no palco. Só que — isso é importante saber — Mário de Andrade não explica por que o personagem faz isso ou aquilo. Ele dá apenas os fatos e cabe ao leitor analisar o que se passa na cabeça de Macunaíma entre uma ação e outra. Evidenciar isso no palco foi a parte mais difícil da adaptação.

VEJA — *Como se deu, na prática, esse trabalho de transposição?*

ANTUNES — Foram doze horas diárias de análise, em que a gente perguntava sempre "por quê?", "por quê?", indo do particular para o global, descobrindo o que Macunaíma estaria pensando num determinado momento para agir como age. Por isso o trabalho de adaptação não poderia ser feito de um modo convencional em casa. Só podia dar certo do modo como foi feito, num processo de laboratório, em cima do palco. Improvisamos capítulo por capítulo do livro: cada um propunha uma coisa até chegarmos a um denominador comum. O curioso é que, durante quase todo o tempo de trabalho, no fundo, no fundo, nós tínhamos um medo incrível de que não desse certo, de que não chegássemos a uma obra teatral. Quando finalmente conseguimos armar o último dos quatro atos do espetáculo e sentimos que ele era viável, fizemos uma comemoração. Isso não queria dizer que o espetáculo estivesse pronto, tanto que, até três meses antes da estréia, ele durava oito horas. Quer dizer, corríamos o risco de que ele saísse até ruim, mas pelo menos ganhamos a certeza de que não era mais uma utopia.

VEJA — *Essa duração de oito horas não assustava vocês?*

ANTUNES — Vou dizer francamente: isso jamais nos causou a menor preocupação. Nós sabíamos que o que era bom iria permanecer, aos poucos se reduziria, e o que era mau cairia fora com o tempo, no próprio processo de trabalho, por uma eliminação natural. Desse modo, chegamos à versão atual de quatro horas de duração.

VEJA — *Mesmo assim não é uma duração excessiva?*

ANTUNES — É a duração que o espetáculo precisa ter, para refletir um trabalho feito com honestidade. Reduzir o espetáculo teria sido uma traição ao nosso trabalho. Se durante esses doze meses que permanecemos trancados aqui dentro não fizemos concessão com nossas vidas, com nossas necessidades, não iríamos fazer no momento final. Seria incoerente. E acho que estávamos certos, porque a reação da platéia vem sendo excelente desde a estréia.

VEJA — *Qual a razão de não haver cenário algum em "Macunaíma"?*

ANTUNES — Não havia outra solução. Se Naum Alves de Souza (responsável pela parte visual) e eu resolvêssemos recorrer à cenografia, seria preciso mandar construir 200 000 cenários, já que a ação se passa em uma infinidade de locais. Assim, optamos pelo simples. Em todo o mundo, aliás, o teatro popular é feito com recursos de extrema simplicidade. Aqui, escolhemos o jornal, que é o principal suporte visual. Se não o tivéssemos, seria preciso construir uma casa ao lado do palco só para acomodar o material de contra-regra.

O direito de fazer maluquices

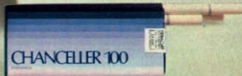
VEJA — *Como você compara o espetáculo com o filme "Macunaíma" de Joaquim Pedro de Andrade, de 1969?*

ANTUNES — Joaquim Pedro, a quem eu admiro muito, estava na época engajado no movimento do tropicalismo e fez um filme decididamente tropicalista, que servia ao movimento. Eu particularmente não gosto do filme: acho que, ao servir às contingências de um determinado momento, Joaquim Pedro reduziu muito o livro de Mário de Andrade. Nesse sentido, acredito que nosso espetáculo vai além do filme, pois embora represente plenamente o Brasil de hoje, também representa plenamente Mário de Andrade.

VEJA — *Macunaíma, embora nasça preto e vire branco, é índio o tempo todo. De que maneira a questão do índio aparece no espetáculo? E como se distingue do problema do negro?*

ANTUNES — Em meu filme "Compasso de Espera" eu me preocupei com o problema do negro. Por suas tradições de raça, pelo modo como vive na sociedade branca, o negro vai se adaptando à cidade, vai se desenvolvendo dentro das contradições que ela apresenta. Aos poucos, o negro tende a modificar a sociedade em proveito próprio, a tal ponto que um dia o negro poderá ter — e vai ter — um poder decisivo em nossa sociedade. O índio, infelizmente, não. Por suas tradições, pelas condições de seu habitat, ele não dispõe do instrumental psíquico para resistir a essa massa da cultura branca que descarregamos em cima dele. Nós estamos destruindo o índio, e o espetáculo mostra isso, entre outras coisas. Poderia sintetizar o espetáculo dizendo que ele constitui o processo de desestruturação de Macunaíma e de seus irmãos, até que, no final, a própria selva se volta contra ele.

VEJA — *Um mês antes de estrear "Macunaíma" você começou a ensaiar "Quem Tem Medo de Virginia Woolf",* ▶

Extremamente fino.
Extremamente gostoso.
As pessoas de muito bom gosto fumam Chanceller porque ele é extremamente fino, elegante, bonito, moderno.
Mas o importante é que Chanceller tem gosto, tem sabor, satisfaz, você sente quando fuma.
Com Chanceller, você fica um pouco mais bonito e muito mais satisfeito.
CHANCELLER 100
O único fino que satisfaz.

de Edward Albee, com Tônia Carrero e Raul Cortez, que deverá estrear em outubro. Como se sentiu durante esses trinta dias em que dirigiu dois espetáculos simultaneamente?

ANTUNES — "Virginia Woolf" funcionou como uma espécie de descanso de "Macunaíma", e vice-versa. Eu nunca tinha ensaiado duas peças simultaneamente e relutei muito antes de aceitar o convite de Raul Cortez para dirigir a peça.

VEJA — *"Virginia Woolf" é uma peça americana, construída de forma tradicional e que está sendo produzida no esquema do teatro comercial. Isso não está em contradição com o que você disse sobre "Macunaíma"?*

ANTUNES — É claro que "Virginia Woolf" requer um tipo de trabalho completamente diferente, mas isso me equilibra como diretor. Além disso, interessa-me o drama humano da peça, uma das mais bem escritas do teatro americano. Se fosse para dirigir uma peça estrangeira puramente comercial, com um produtor puramente comercial, eu não estaria fazendo "Virginia Woolf". Estou dirigindo a peça mais pelo fato de trabalhar novamente com Raul Cortez do que pelo que vou ganhar com ela. Depois, trabalhando com Raul Cortez, tenho certas regalias como diretor: já fizemos juntos várias peças, ele conhece e respeita as minhas maluquices.

Rumo ao desafio de "Grande Sertão"

VEJA — *Que maluquices?*

ANTUNES — Fazer os ensaios fora da maneira tradicional, por exemplo. Comigo nunca se faz a leitura da peça; tratamos desde o início de discutir seus conceitos, e estes é que vão determinar a forma do espetáculo. O trabalho de certa maneira é caótico: faço questão de manter esse caos para poder criar alguma coisa. Agora, se me perguntarem se é "Virginia Woolf" o que eu quero mais fazer, tenho de responder com toda honestidade que não. Vou montar "Virginia Woolf" com o máximo de minha capacidade profissional, dando-me por inteiro ao trabalho. Mas depois de "Macunaíma" descobri uma coisa: por mais que eu queira, não poderei me dar tanto numa peça estrangeira como numa peça brasileira. E isso não acontece só comigo. Acredito que todo ator, todo diretor brasileiro — mesmo que ainda não saibam disso — só poderão se dar por inteiro quando estiverem fazendo uma obra brasileira, e aí penso em algo como "Macunaíma". Para falar com toda franqueza, são poucas as peças nacionais integralmente brasileiras.

VEJA — *Não há exagero nessa afirmação?*

ANTUNES — Não, pois a verdade é que a maioria de nossos autores ainda faz um teatro europeu, ou europeizante. Existem inúmeras peças de hoje com aspectos circunstanciais importantes, de uma luta direta, de denúncia à Censura, de combate à situação política do momento. Isso naturalmente é importante e deve ser levado ao palco, mas eu acho que o verdadeiro teatro deve ir além, deve ser mais profundo, mais vertical, deve chegar às raízes dos problemas brasileiros, como fez Mário de Andrade no "Macunaíma", mostrando o homem brasileiro em sua grande crise. E essa crise tem razões muito precisas: a fome, a miséria, a perturbação diante de uma cultura imposta que ele não é capaz de entender.

VEJA — *Depois de "Virginia Woolf", você pretende retomar o trabalho com o Grupo Pau Brasil?*

ANTUNES — Pretendo. Atualmente acredito no teatro brasileiro apenas em termos de trabalho de grupo. Nesse sentido, creio que a experiência de "Macunaíma" foi extremamente valiosa não apenas pelo resultado prático que está no palco, mas por ter servido para o embasamento do Grupo Pau Brasil. Adquirimos experiência e desenvolvemos nossa sensibilidade para poder levar adiante esse trabalho. Descobrimos várias coisas com "Macunaíma". A mais importante talvez seja saber que se existe algo fundamental para o teatro é o tempo. Tempo é o elemento essencial em nossa infra-estrutura, tempo para sabermos o que vamos pensar. Dentro dessa linha de raciocínio, não vejo muita diferença entre montar uma peça de Shakespeare com apenas dois meses de ensaio e fazer uma novela de televisão. Se amanhã me disserem que estreou por exemplo "Rei Lear" de Shakespeare, ensaiada em apenas dois meses, e uma nova novela da Globo, vou ficar em dúvida sobre qual eu vou querer assistir. Provavelmente nenhuma das duas — a novela porque já é o que se sabe, e a peça de Shakespeare porque nela não houve tempo suficiente para as pessoas refletirem e se questionarem sobre o que estão fazendo. Não houve as condições ideais.

VEJA — *E como conseguir as condições ideais para esse trabalho?*

ANTUNES — É preciso usar a imaginação, batalhar de todas as maneiras. Se eu ficasse sentado em casa esperando que alguém me convidasse para fazer "Macunaíma" nas condições ideais, estaria esperando até hoje. Agora nosso espetáculo está agradando e espero que dê bastante dinheiro para formarmos um fundo de caixa e montarmos outro. Mesmo assim, se a renda não for suficiente para fazer o novo espetáculo, já existe o grupo com um trabalho concreto, e já não está tão difícil conseguir dinheiro.

O trabalho em grupo é a solução ideal

VEJA — *Você e o Grupo Pau Brasil pensam em montar peças já existentes?*

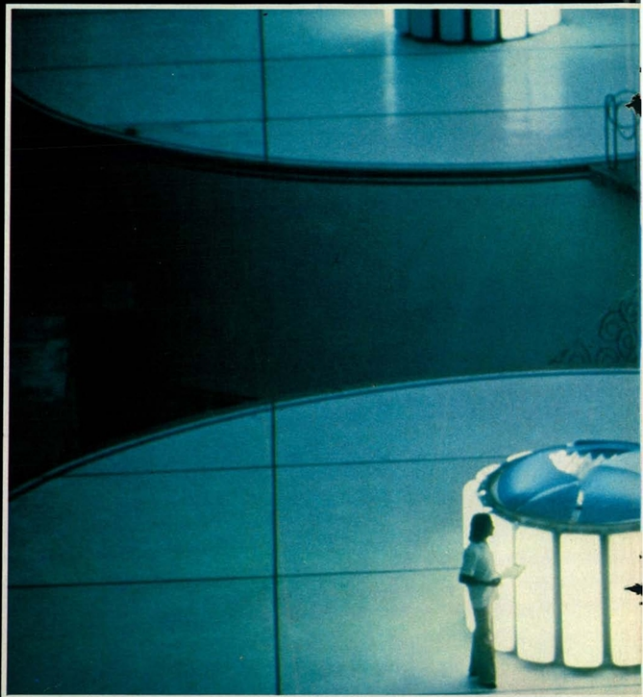
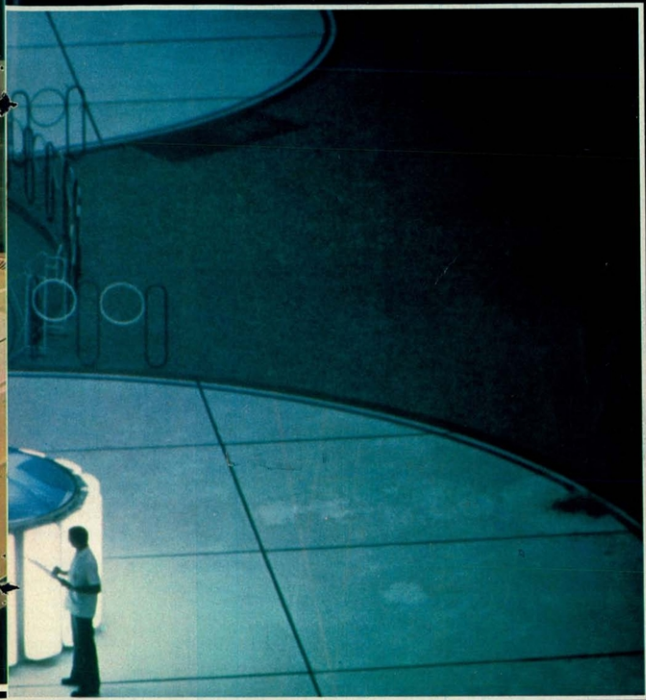
ANTUNES — Queremos continuar o processo de "Macunaíma", elaborando nós mesmos o texto, simultaneamente com a preparação do espetáculo. Nosso próximo objetivo é ainda mais ambicioso: adaptar para o palco "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. Estamos interessados apenas em levar textos que correspondam às necessidades espirituais do grupo, que digam respeito ao conhecimento do homem brasileiro. Começamos com Macunaíma e o índio, agora queremos estudar as personagens do sertão mineiro de Guimarães Rosa e um dia, talvez, a gente chegue à síntese do homem brasileiro.

VEJA — *Na prática, esse tipo de trabalho não acabaria por negar o teatro feito só por um autor?*

ANTUNES — Não, porque ao mesmo tempo em que nos empenhamos nesse tipo de trabalho, os próprios dramaturgos brasileiros podem começar a reformular o seu trabalho. Com isso, nós também poderemos nos reformular e pode chegar o momento de um encontro. O que não é mais possível é nossos autores insistirem em draminhas da cidade que dizem respeito só a uma minoria do povo brasileiro. Temos de enfrentar os problemas cruciais do país. É só ler "Tristes Trópicos": lá estão sugeridos temas para mil peças brasileiras. De uma delas talvez possa surgir o nosso Shakespeare. •

Futuro. Uma tradição

ício do século.
) mundo assistia
ncantado
o acender de luzes
e cidades inteiras.
começava
entender o valor
a energia elétrica.
nquanto lampiões
lamparinas iam
endo transferidos
ara o passado,
GE buscava
cessantemente
futuro.
m 1917 ela projetou
instalou a primeira
sina hidrelétrica
o mundo,
teiramente
utomática.
não parou aí.
roduziu e instalou
s mais poderosas
sinas hidrelétricas
ue levam
conforto a milhões
e pessoas,
o mundo inteiro.
á cem anos, a GE
em sempre
ensando na frente.
ara ela,
humanidade
m futuro. E ele
ecisa ser melhor.

E - 100 anos
e tecnologia
qualidade.

o da General Electric.

Cartas

Décimo aniversário

Sr. diretor: Acostumada desde criança a ler todas as semanas esta revista, que agora faz dez anos, aproveito a felicidade desta data para enviar o meu carinho e o meu abraço a todos os que colaboram e colaboraram para o surgimento e a continuação desta publicação realista, consciente e norteada pela busca incessante da verdade.
Mariângela Bortalozzo
Porto Alegre, RS

Sr. diretor: Parabéns pelo excelente texto comemorativo dos dez anos de VEJA. Realmente, são dez anos de verdade.
Cristiano Maurício Biral Brega
Lençóis Paulista, SP

Sr. diretor: Muito me honra cumprimentá-lo pelos êxitos alcançados nesta primeira década de existência.
Luiz Carlos B. de Moura
Indaiatuba, SP

Sr. diretor: Parabéns pela comemoração de seu décimo ano de existência. Que esta revista continue lutando por uma imprensa livre no Brasil.
José Eduardo Silva Nascimento
Goiânia, GO

Sr. diretor: A todos os amigos de VEJA, os nossos maiores desejos de felicidades nesse seu décimo aniversário.
Duailibi, Petit, Zaragoza
São Paulo, SP

Sr. diretor: Receba, em nome de todos os que fazem a revista VEJA, minhas mais sinceras congratulações pelos dez anos de VEJA.
Francisco Augusto Ramos
Aracaju, SE

Sr. diretor: Na oportunidade do décimo aniversário de VEJA, vimos apresentar nossas felicitações e, ao mesmo tempo, congratular toda a equipe redacional pela diversificação dos assuntos e pela seriedade do trato.
Antônio De Salvo
São Paulo, SP

Sr. diretor: Obrigado pelos dez anos de jornalismo independente de VEJA.
Deoplisto Feitosa
Teresina, PI

Sr. diretor: Que VEJA continue sempre a orientar a opinião pública, através de seus milhares e milhares de leitores.
Reynaldo Rabello
Malacacheta, MG

Sr. diretor: Muito mais que congratular pela passagem de um novo aniversário, a Associação Brasileira da Pequena e Média Indústria (Abrapemi) quer agradecer o serviço que à comunidade tem prestado o semanário VEJA nestes dez anos de impecável labor informativo. A realidade do Brasil, em cima da qual o pequeno e médio industrial trabalha pelo crescimento de nosso país, encontrou na revista VEJA, na última década, seu melhor espelho.
Eduardo Pereira de Magalhães
São Paulo, SP

Figueiredo x Euler

Sr. diretor: As respostas dadas pelo candidato da Arena (VEJA n.º 524) foram muito mais convincentes que as do candidato do MDB. Enquanto o primeiro expunha seus planos de governo, num sentido global do país, o segundo limitou-se a dizer que lutará contra as leis de exceção.
Milton da Silva
São Paulo, SP

Sr. diretor: Quero expressar minha solidariedade ao general Euler Bentes Monteiro por sua resolução em não comparecer à Universidade de Brasília. Longe de tomar uma decisão pusilânime, demonstrou estar apto para exercer o cargo de presidente da República.
Antônio Francisco de Souza
Jaguapitã, PR

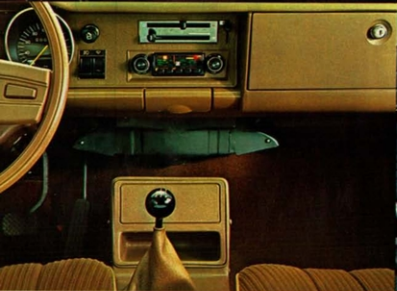
Sr. diretor: Iria votar no general Euler, mas como o general Figueiredo prometeu acabar com o depósito compulsório de 22 000 cruzeiros para viagens ao exterior, conte ele com meu voto biônico.
Mário Mendes Júnior
João Pessoa, PB

Nicarágua

Sr. diretor: Creio que podemos classificar esse indivíduo Anastasio Somoza como um dos principais corruptos que este mundo já conheceu. Entretanto, o irmão mais rico das Américas cruza os braços, devido aos interesses de suas empresas neste país tão sofrido que é a Nicarágua.
Cleise Ellen Franco
Presidente Venceslau, SP

Sr. diretor: Somente uma revista como VEJA poderia atravessar fronteiras, correr riscos e publicar uma reportagem de tal quilate sobre a guerra civil na Nicarágua.
Fidelis Nepomuceno
Vitória, ES

Sr. diretor: A reportagem sobre a Nica- ▶

Como é bom viver no interior.

Lá tem espaço, beleza, cc

Não tem lugar melhor neste mundo do que o interior de um Chevrolet. Você tem várias combinações e opções para fazer o interior à sua moda.

Mas, sempre, com bancos em vinil e cotelê, bonitos de se ver e de sentar. Eles vão se reclinando totalmente, até deitar. Os carpetes são macios, os comandos estão bem à mão, você sente a precisão do volante, a facilidade de leitura do completo painel de instrumentos.

Interiores Chevro

GM

nta o combustível de amanhã. Respeite os 80.

›nforto e muito silêncio

A paisagem interna é bem espaçosa, para todo mundo ficar à vontade. E é toda de uma cor só: marrom, preta ou vinho.

E os horizontes que você tem de dentro de um Chevrolet? São amplos, vão até onde sua vista alcança. Mas, do que fica lá fora, você escuta muito pouco, graças ao isolamento termoacústico.

Para completar, todo Chevrolet roda macio, gostoso.

let 79.

Não é um carro bem assim que você anda querendo? Um carro espaçoso, seguro, que dê muita paz e sossego? Então vá conversar com qualquer um dos 400 Concessionários Chevrolet. Eles fazem um excelente negócio para pôr você dentro de um Chevrolet.

Porque, na verdade, Chevrolet foi feito para você.

CHEVROLET

Tome uma atitude Chevrolet.

rágua (VEJA N.º 524) relatou os fatos concretamente, sem sensacionalismo. Parabéns.
Rosa Maria Cavalcanti Brito
Bom Conselho, PE

Sr. diretor: Parabéns pela reportagem sobre a guerra civil na Nicarágua.
Marconi Alves de Souza
Fortaleza, CE

Sr. diretor: A reportagem "Agora, a guerra civil" constitui-se em uma séria advertência a todos os países onde um só homem acumula as funções de chefe de Estado e chefe de governo — como é o caso de várias nações, atualmente.
Aldo Henrique dos Santos
Conceição da Barra, ES

"Receita: Brasil"

Sr. diretor: A introdução desse caderno "Receita: Brasil" veio ainda mais confirmar a inteligência e a dedicação dos que fazem esta revista.
Damiana André da Silva
Natal, RN

Sr. diretor: Aplausos à idéia de reunir, em edições sucessivas, quase uma centena de autorizados depoimentos a respeito do indispensável aperfeiçoamento das estruturas políticas, econômicas e culturais do país. Sobretudo a idéia de reunir em volume tais depoimentos foi particularmente feliz, pois não só preservará tais contribuições como mostrará, ainda uma vez, o caminho a trilhar para dar maior vivência ao trabalho da imprensa.
Barbosa Lima Sobrinho, presidente da Associação Brasileira de Imprensa
Rio de Janeiro, RJ

Sr. diretor: Entre os artigos que até agora nos foram apresentados na "Receita: Brasil", merecem destaque as opiniões de Almino Affonso, José Murilo de Carvalho e, sobretudo, Ulysses Guimarães, que primam pela clareza, firmeza e objetividade.
Dilermando Lúcio de Oliveira
Brasília, DF

Direitos Humanos

Sr. diretor: Fiquei horrorizada com a crueldade do caso de Flávia Schilling (VEJA n.º 524). Quando será que "eles" aprenderão a respeitar os direitos humanos?
Denise Rocha de Aguilar
Guanhães, MG

Sr. diretor: Deplorável o que acontece com Flávia Schilling no Uruguai. Nessas horas é que me vêm as perguntas: onde é que estão os serviços de defesa dos direitos humanos? Onde estão os órgãos e as autoridades competentes no caso?
Paulo Eduardo Cabral Furtado
Belém, PA

Sr. diretor: É lamentável o que se passa com Flávia naquele país. Rogo a Deus para que o cônsul brasileiro consiga algo por ela.
Vanderlei Ferreira Bispo
Goiapônia, GO

Depósito compulsório

Sr. diretor: No mês de agosto fui fazer um estágio na Alemanha e levei minha mulher. No trajeto de Frankfurt para Munique, minha bagagem se extraviou e somente foi localizada no dia seguinte. Uma das malas estava entreaberta e desapareceram alguns papéis, inclusive o recibo do depósito compulsório pago pela minha mulher. De volta ao Brasil, minha mulher foi ao Banco do Brasil, relatou o ocorrido, mostrou o papel que a Lufthansa deu quando a mala se extraviou. O funcionário do banco lhe disse, então: a senhora tem de publicar um edital em um jornal. Como o recibo se perdeu na Alemanha, ela pensou que tivesse de publicar o edital em jornal alemão. Ou em língua alemã, para ser enviado um recorte a alguma delegacia alemã, caso a publicação se desse em jornal brasileiro. Não, disse-lhe o bancário. Tem de ser em português e em ▸

O Villaggio nasceu e se desenvolveu na Europa.

Com o tempo o jet set internacional foi descobrindo a sua surpreendente arquitetura, curtida por séculos de cultura e na riqueza de seus detalhes inesperados.

O lugar ideal para fugir da monotonia.

Agora, os brasileiros habituados com a sofisticação dos Villaggios europeus, não precisam mais viajar constantemente para lá.

O Brasil também terá o seu Villaggio. Com as mesmas características e uma vantagem a mais: no Villaggio Costa Verde Tabatinga tudo será feito em função do homem.

Para que, ali, a vida nunca pare. E para que nada falte em conforto, sofisticação e muito bom gosto.

Uma obra arquitetônica criada no próprio local.

Até na forma como foi criado, o Villaggio é uma obra arquitetônica surpreendente. Ao invés de se fixarem exclusivamente na prancheta, arquitetos brasileiros e europeus foram ao local e o planejaram a partir de uma visão obtida a 1 m e 60 do solo.

Assim casaram a beleza de Costa Verde-Tabatinga com a arquitetura do Villaggio e suas necessidades de conforto e de bom gosto.

Em cada apartamento uma homenagem ao seu bom gosto.

No Villaggio Costa Verde-Tabatinga as construções terão no máximo três andares, elevadores e garagens individuais.

E serão diferentes umas das outras. Inclusive nos apartamentos, que serão personalizados. Nas divisões. No tamanho. Nas varandas. Na decoração. No ambiente. Você não se sentirá mais um.

Toda a vida do Villaggio num Show-room surpreendente.

A Lopes Consultoria de Imóveis, responsável pelo planejamento de marketing e pelas vendas de Costa Verde-Tabatinga, mandou construir uma miniatura do Villaggio, e a instalou no Show-room da Rua Augusta, 1053.

Vá vê-la.

Você descobrirá que no Villaggio haverá sempre aonde ir: cabeleireiros, teatro, butiques de todos os tipos, supermercados; 2 km de praia; campo de golfe com 18 buracos; 8 quadras de tênis; 4 restaurantes; a mais sofisticada casa de batidas do Brasil; piscinas; capela ecumênica; e duas piazzettas, por onde você vai passear, comprar, conversar e assistir a concertos e exposições.

Pousada Tabatinga, a ser inaugurada brevemente, fica junto ao Villaggio. É a prova da sofisticação que você vai ter.

LOPES

Show-room, com amplo e fácil estacionamento, à Rua Augusta, 1.053 - Aberto diariamente até às 22 horas - Tels.: 258-7791, 258-8993, 258-3106, 258-4062 e 258-7892 (PABX) - SP

jornal brasileiro — se não a senhora não recebe de volta os seus 22 000 cruzeiros.
Leopoldo Correa Roza
São Paulo, SP

Magalhães Pinto

Sr. diretor: A velha raposa mineira conseguiu enganar direitinho a cúpula do MDB; tentou e conseguiu dividir o partido com sua candidatura à Presidência. Ele consegue coisas admiráveis. Quando de sua visita a Barbacena, numa só noite visitou a fazenda dos Bias, o solar dos Bonifácio e a casa do dirigente do MDB.
Valdeyr Pereira de Castro
Barbacena, MG

Sr. diretor: Difícil de compreender a atitude do senador Magalhães Pinto: candidato a candidato dentro da Arena, transportou-se para a efêmera Frente de Redemocratização, passou com ela por dentro do MDB e saiu postulante a uma cadeira na Câmara Federal. Afinal de contas, o que queria mesmo o velho senador?
A. Alves de Gouveia
Vitorino Freira, MA

PIS/Pasep

Sr. diretor: Não bastasse a decisão unilateral dos membros do conselho diretor do PIS/Pasep (VEJA n.º 521), em prejuízo do cotista, o extrato do último exercício passa a sonegar o valor de nossa cota no Fundo.
Antônio Gaspar Vieira de Morais
São Paulo, SP

Sr. diretor: Fui receber meu 14.º salário e, para surpresa minha, só constava da ficha o valor de 1 450 cruzeiros e o total de salários de 1977. Nem o que é nosso deixam ver agora. Perguntei o saldo de minhas cotas e o funcionário respondeu que não será fornecido. O PIS é do trabalhador ou não é?
Nílson Luiz Chaves de Cordova
Mandirituba, PR

Doutel de Andrade

Sr. diretor: Profundamente lamentável a opinião manifestada, em VEJA n.º 525, pelo ex-deputado e último líder do PTB, Doutel de Andrade, segundo a qual "uma agremiação exclusiva e basicamente de trabalhadores estaria condenada a ser uma eterna e melancólica minoria". Trabalhadores não são apenas os operários a que alude o entrevistado. Trabalhadores são todos os assalariados que nunca se conformaram, no velho PTB, a ter como seu líder um latifundiário, o ex-presidente Goulart. Bastaria uma agremiação efetivamente trabalhista, nos moldes do Labor Party, da Inglaterra, ao qual pertencem os mais esclarecidos cidadãos conscientes de seus direitos e seus deveres, mas liderados por quem conhece os seus problemas.
Werner Nehab
Rio de Janeiro, RJ

Wilson Martins

Sr. diretor: Sabemos, diariamente, da posição da política e do mercado brasileiros. No aspecto literário, faltava a categoria e a genialidade do professor Wilson Martins (VEJA n.º 524) para expressar a fase pela qual está passando a literatura brasileira. Entrevista fabulosa.
Luiz Roberto Wagner
Brasília, DF

Grande Otelo

Sr. diretor: Contemplei estarrecido em VEJA (n.º 522) a notícia de que o idolatrado e indiscutível talento do ator Sebastião Prata, o popular Grande Otelo, foi classificado de incapaz pela TV Educativa. O que explicaria tamanho absurdo?
Bernardo Andrés Ribeiro Caram
Belo Horizonte, MG

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

Viñas Del Marqués.
O vinho da Casa Pedro Domecq.
Viñas Del
Marqués
VINHO FINO TINTO DE MESA SECO
SOB CONTROLE DA CASA
Pedro Domecq
ESPANHA
Casa fundada em 1730
INDÚSTRIA BRASILEIRA
CABERNET FRAN
Há 3 séculos, surgia
na Espanha a
Casa Pedro Domecq.
Desde então,
a qualidade de seus
vinhos é cantada em
verso e prosa no mundo
inteiro, de Shakespeare
a Garcia Lorca.
Você vai entender isso
melhor, num copo
de Viñas del Marqués.
Cabernet, Branco ou
Rosé, Viñas del Marquês
é o vinho brasileiro que
traz o selo de garantia
da Casa Pedro Domecq.
SELO
DE GARANTIA
DA CASA
Pedro Domecq

Em vez de gastar 10 bilhões no trem-bala ligando o Rio a São Paulo em duas horas, por que não pegam esse dinheiro e fazem o telefone-bala, ligando um bairro ao outro em meia hora?

Entrevisteca com o reformista bem de vida

P — Qual é sua opinião sobre o momento político?
R — *Aterrorizante, no sentido de falta de opções.*

P — E por que, então, você dá apoio irrestrito ao sistema?
R — *Porque devemos, coletivamente, levar as contradições a seu extremo e, individualmente, comer do bom e do melhor.*

P — E, quanto à televisão, vendida ao comercialismo mais reles, sua posição é a mesma?
R — *O que não pode ser curado deve ser aproveitado. Os que ficam de fora, com raiva, combatendo a televisão, não sabem o prazer que é combater a televisão pelo lado de dentro. Por que só os reacionários hão de aproveitar os bons momentos da vida?*

P — Isso não é uma atitude, digamos, jovial?
R — *Perfeitamente. Cedemos nossa bílis, nossas frustrações e nossas angústias aos intelectuais sem imaginação que ainda acreditam na inflexibilidade de princípios.*

P — Mas você não acha que há uma linha mínima de comportamento a seguir?
R — *Só do ponto de vista humorístico. Veja o* Planeta dos Homens, *por exemplo. É um vasto programa de idéias.*

P — Parece até que você acredita em Papai Noel.
R — *O único representante de multinacionalma que tem a coragem de usar uniforme.*

P — Final: olhando o panorama da sucessão, você acredita inevitável um atrito entre os opostos?
R — *Atrito? Uma roçadinha, talvez.*

Enquanto isso, na seção de financiamentos populares do BNH . . .

Livre-Pensar é só pensar

O imposto de renda vai mandar abrir o túmulo de alguns conhecidos milionários. Os burocratas do IR resolveram provar, de uma vez por todas, que a proverbial expressão "Do mundo nada se leva" é totalmente mentirosa.

•

Quando os eruditos descobriram a língua, ela já estava completamente pronta. Só tiveram que proibir o povo de falar errado.

•

A grã-fininha tinha o chamado síndrome de Robin Hood. Dava pros ricos para dar pros pobres.

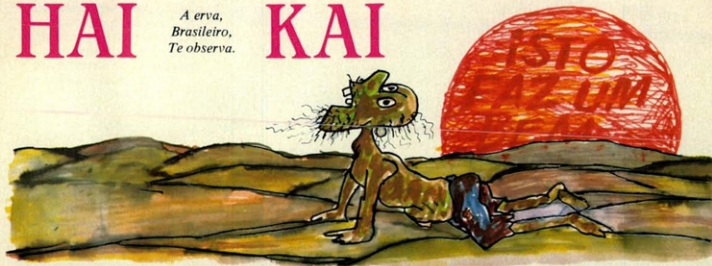
•

A dialética é uma faca de dois gumes.

•

Tanto coice pra cá, tanto coice pra lá: afinal, a eleição é pro Alvorada ou pro Jóquei Clube?

HAI KAI

A erva,
Brasileiro,
Te observa.

Quando todos compreenderem que a apenas para os passarinhos, mas também viver num

Até algum tempo atrás, a natureza ainda mostrava forças para se recuperar dos maltratos recebidos. E, sempre que encontrava condições para restabelecer a harmonia original, respondia a seus predadores com exuberante generosidade.

Agora, entretanto, ela está pedindo socorro.

O gesto de salvar um trecho de mata, uma espécie animal, ou mesmo uma plantinha, por menor que seja, é uma grande ajuda.

Nos dias que correm, uma declaração de amor à natureza é antes de tudo uma prova de inteligência.

Através de uma ampla campanha publicitária, o Comind fez essa afirmação várias vezes, com um único objetivo: tornar os homens conscientes de que o esforço pela preservação da natureza visa o benefício deles próprios.

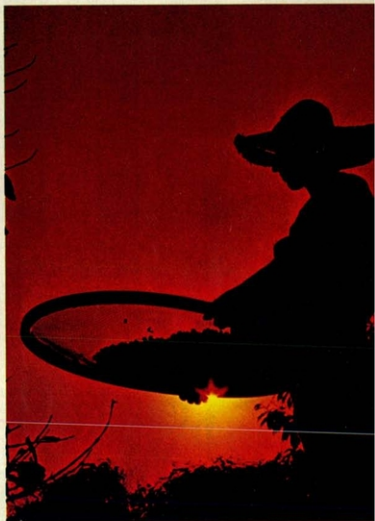
Recentemente outras vozes vieram juntar-se à nossa, com a mesma finalidade.

Mas é bom lembrar que esse manifesto público não foi a única atitude assumida pelo Comind em defesa do meio ambiente. Como instituição tradicionalmente ligada à agricultura e à pecuária, o Comind se preocupou em levar ao homem do campo esses ensinamentos e outros auxílios: estímulo ao desenvolvimento tecnológico dos pequenos e médios produtores; apoio para a melhoria do bem-estar na área rural; amparo aos plantadores nos períodos de azares climáticos, como as secas e geadas; incentivo à formação de cooperativas de produtores e, principalmente, financiamento para técnicas de recuperação do solo e para a preservação de recursos naturais.

proteção da natureza não é importante para a saúde dos negócios, nós poderemos mundo melhor.

E, se o Comind foi pioneiro em criar uma empresa com técnicos e agrônomos para orientar o agricultor,

é porque acredita que a manutenção do equilíbrio ecológico, o fortalecimento da terra e o plantio adequado só podem dar bons frutos para o futuro.

Comind

Não foi a infecção pélvica que acometeu Maria de Fátima Palha Figueiredo, a **FAFÁ DE BELÉM**, 22 anos, o fato mais desagradável a surpreendê-la no fim de semana atrasado, quando deveria fazer quatro shows — um deles na praça central de Serra Negra, no interior paulista. Horas depois de cancelar esse espetáculo, e em rigoroso repouso pré-cirúrgico no apartamento 1201 do Caesar Park Hotel, em São Paulo, Fafá foi acordada às 5 horas da manhã do sábado, pois um homem que se identificou como coronel Melo chegara de Serra Negra e a aguardava diante do hotel com um pelotão da Polícia Militar: "Ou ela desce ou nós subimos". E fez nova ameaça, horas depois, de invadir o apartamento acompanhado de uma junta médica e de sua esposa, "porque mulher sabe quando outra está mesmo doente". Fafá — que deixou o hospital Albert Einstein na quinta-feira passada — preferiu pedir a ajuda do pai, o advogado Joaquim Oliveira Figueiredo, para processar o irado coronel, se conseguir identificá-lo.

HUGO KOYAMA

Fafá no hospital: a doença até que não assustou tanto

Dizendo que "o Brasil é o país do futuro, caso contrário as multinacionais não estariam investindo aqui" — e certamente disposto a provar isso na prática —, o cineasta italiano **FRANCO ZEFIRELLI** esteve no Rio de Janeiro na semana passada para cuidar da montagem de "La Traviata" no Teatro Municipal. A ópera, que abrirá a temporada lírica no dia 15 de março de 1979, terá a regência de Nicola Rescigno. "Tenho aversão pela censura", disse Zefirelli, que entretanto nunca teve problemas com seus filmes, pois "não sou perigoso político nem maníaco sexual".

CHICO NELSON

Zefirelli: a vez da ópera

Entusiasmada com o filme que acaba de fazer ("Tudo Bem", de Arnaldo Jabor), a atriz **FERNANDA MONTENEGRO** diz que a história narra "a grande mediocridade da classe média brasileira". Sua personagem, "Elvira", é casada com "Juarez" (Paulo Gracindo), cuja indiferença a atormenta, a ponto de criar em sua mente uma amante pela qual ele se apaixona. O filme estréia a 23 de outubro.

Fernanda, com Gracindo: "Tudo Bem" = tudo mal

ABRIL PRESS

Logo após chegar ao Rio de Janeiro na quinta-feira passada, o príncipe saudita **KHALED BIN AL-SAUD** provocou rebuliço ao tentar várias transações ao mesmo tempo: as contratações de Cláudio Coutinho e Zico, do Flamengo, e a compra do Copacabana Palace. Enquanto o príncipe participava de sucessivas reuniões, o presidente do Fluminense, Sílvio Vasconcellos, exibia o cheque de 200 000 dólares, datado de 31 de agosto, referente à venda de Rivelino, que ainda não conseguiu descontar: o banco do príncipe não opera aqui. •

WALTER FIRMO

Príncipe Khaled: comprando

Chegaram os carro

E chegaram com a constante
volução técnica que vem se somar à
xperiência da marca que mais
onhece as ruas e estradas deste país.
Nova Linha Volkswagen 79.
Um carro para cada temperamento e
ara cada exigência de desempenho,
spaço e comodidade.
Todos com inovações que
umentam ainda mais o prazer e a
onfiança de quem dirige, a utilidade e o
onforto para a família, e a certeza de
uem escolhe um novo carro também
omo um investimento seguro.

Novo Passat 79

A tecnologia Volkswagen incorporou
o Passat 79 as mais avançadas
oluções de estilo e conforto.

Toda a parte frontal acompanha as tendências mais modernas: faróis retangulares, luzes direcionais envolventes, nova grade com friso central cromado e pára-choque em novo "design", mais robusto, com lâmina de borracha e protetores nas extremidades.

O interior do Passat acrescenta luxo e beleza à comodidade dos passageiros. Novas tonalidades de estofamento em harmoniosas combinações, agora com a opção do acabamento Unicromático azul, tapete inteiriço, bancos revestidos de tecido, novas laterais internas com bolsa porta-objetos nas portas dianteiras e descansa-braço redesenhado.

O painel apresenta velocímetro em novo estilo e volante com menor diâmetro, inteiramente espumado.

A manopla da alavanca do câmbio tem agora formato mais anatômico.

E há muitas outras inovações para você verificar pessoalmente.

Nova Variant II 79

Mais orgulho para a família com as novas tonalidades internas, a classe das opções de acabamento Unicromático em azul, preto e marrom e bancos revestidos de tecido, em novo estilo.

Mais beleza com a nova combinação de tons nos revestimentos das portas e laterais e maior tranqüilidade para quem dirige, com o amplo espelho retrovisor externo.

s dos anos oitenta.

Mais luxo e personalização, com os modernos conjuntos de opcionais que se somam à versatilidade do grande espaço para bagagem nos 2 porta-malas da Variant II.

Novo Brasilia 79

O carro brasileiro de maior sucesso tem agora novas e atraentes opções: acabamento Unicromático azul e vidros climatizados verdes.

E você vai gostar de conhecer a nova versão do Brasilia, criada para atender às suas exigências de classe e conforto: o Brasilia LS, com a sofisticação do acabamento Unicromático azul, marrom ou preto, bancos revestidos de tecido, apoio para cabeça nos bancos dianteiros, console e rádio AM/FM estéreo.

Externamente o Brasilia LS apresenta linhas ainda mais harmoniosas e atuais, com os novos frisos laterais, moldura dos faróis e rodas em cinza-grafite e protetor de pára-choque em lâmina de borracha. Além da tampa do tanque de gasolina com chave, você conta ainda com a segurança do antiembaçante no vidro traseiro.

Novo Fusca 79

O carro de menor preço inicial, o mais econômico no consumo e na manutenção, se renova a cada ano mostrando a atualidade da sua concepção. O Fusca 79 traz para você cores mais modernas, novo acabamento interno em atraentes tonalidades, nova manopla da alavanca do câmbio que assegura melhor empunhadura, novo espelho retroviso externo e outras inovações de confort e segurança.

Nova Kombi 79

A mais versátil e econômica linha de comerciais leves brasileiros oferece agora uma nova gama de cores, novo sistema de iluminação interna mais eficiente, novas alças de segurança e manivelas de acionamento dos vidros de movimentação mais suave. E, em qualquer tarefa de transporte, você conta com mais agilidade, potência e economia graças à opção do motor d dupla carburação.

Passe no seu Revendedor Autorizado para conhecer a Nova Lin Volkswagen 79. O sinal verde está aberto para você sair hoje mesmo co o modelo que certamente já escolheu

usca

Espelho retrovisor redesenhado. Melhor visibilidade.

Nova manopla da alavanca do câmbio. Empunhadura mais fácil.

Manivela de acionamento dos vidros de movimentação mais leve.

rasilia

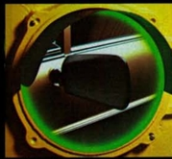
Luxo e beleza com o interior Unicromático azul.

Rádio AM/FM estéreo.

Rodas em cinza-grafite.

ariant II

Interior Unicromático marrom. Mais luxo e conforto.

Novas tonalidades de forração.

Amplo espelho retrovisor externo.

assat

Acabamento Unicromático azul.

Painel em preto e volante menor totalmente espumado.

Novas laterais com descansa-braço reestilizado.

va frente com faróis retangulares
zes direcionais envolventes.

Frisos laterais. Perfil mais moderno e elegante.

Pára-choque dianteiro e trâseiro em novo "design".

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

veja

Revista Semanal de Informação

REDAÇÃO

Diretor de Redação: José Roberto Guzzo
Diretor Adjunto: Sérgio Pompeu
Redator chefe: Carmo Chagas
Editores: Alexandre de Faria Machado, Emílio K. Matsumoto, Geraldo Mayrink, Mário de Almeida, Roberto Pompeu de Toledo.
Editores Assistentes: Alfio Beccari, Antônio C. Augusto, Augusto Nunes, Claudio Cerri, Decio Bar, Humberto Werneck, Jairo Arco e Flexa, Jorge Escosteguy, J. A. Dias Lopes, José Paulo Kupfer, Luiz Henrique Fruet, Luís Nassif, Luiz Weis, Osvaldo M. de Oliveira Filho, Paulo Moreira Leite, Paulo Sotero, Regina Echeverria, Renato Pompeu, Ricardo A. Setti, Selma Santa Cruz, Sergio Sister, Tales Alvarenga, Victor Hugo Sperb
Projetos especiais: Almyr Gajardoni
Tradutor: Hersch Schechter
Assistente Administrativo: David Rodrigues Mendonça

Departamento de informações

SÃO PAULO - Repórteres: Antônio Carlos Fon, Antônio Carlos Guida, Carlos Maranhão, Carmem Cagno, Francisco J. Malficani, Len Berg, Lígia Martins de Almeida, Lucila Camargo, Maria Helena Passos, Suzana Veríssimo, Tânia Maria Mendes; Sônia Santos (produção); Sebastião Magalhães de Almeida (Analista de investimentos)
RIO DE JANEIRO - Chefe: Zuenir Ventura; **Assistente de chefia:** Claudio Bojunga; **Editores Assistentes:** Carlos Alberto de Oliveira, Flavio Pinheiro; **Repórteres:** Antônio Chrysóstomo, Eva Spitz, Franklin Campos, Joaquim F. dos Santos, Lúcia Rito, Miriam F. Lage, Octavio Barata Costa, Regina Barreiros, Roberto Lopes - r. do Passeio, 56, 11.º andar, fone 244-2022, telex: 021-22674 — **BRASÍLIA - Chefe:** Dirceu Brisola; **Repórteres:** Ângela Ziroldo, Carlos Alberto Sardenberg, Eliane Cantanhede, Hélio Marcos Doyle, Jaime Sautchuk, José de Ribamar Oliveira Jr., Márcio Varella, Moacir de Oliveira Filho, Oswaldo Amorim, Ricardo Pedreira - Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9200, telex: (061) 1464 — **BELO HORIZONTE - Chefe:** Carlos Lindenberg Spinola; **Repórteres:** Gleizer Naves, Mário Lara Leite - r. Álvares Cabral, 908, fone: 335-4129, telex: (031) 1085 — **CURITIBA - Chefe:** Hélio Teixeira; **Repórteres:** Pedro Franco Cruz e Teresa Furtado - r. Fernandes de Barros, 491 - 1.º andar, fone: 62-8942, telex: (041) 5278 — **PORTO ALEGRE - Chefe:** Luís Cláudio Cunha; **Repórteres:** Adélia Porto da Silva e Pedro Maciel - r. Vieira de Castro, 285, fones: 23-9502 e 23-9446, telex: (051) 1092 — **RECIFE - Chefe:** José Maria Andrade; **Repórteres:** Luiz Ricardo Leitão, Romildo Ferreira Porto e Terezinha Nunes - r. Siqueira Campos, 45, sala 204 - telex: (081) 1184 — **SALVADOR - Chefe:** Ricardo Noblat; **Repórteres:** Nadja Miranda e Paolo Marconi - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 247-0580, telex: (071) 1180 — **PARIS** - Pedro Cavalcanti — **LONDRES** - Jader de Oliveira — **BONN** - Carlos Struwe — **GENEBRA** - Claudius Ceccon — **ROMA** - Marco Antônio de Rezende — **WASHINGTON** - Roberto Garcia — **NOVA YORK** - Judith Patarra, Odillo Licetti — **MADRI** - Eric Nepomuceno — **MÉXICO** - Wladir Dupont — **TELAVIVE** - Alessandro Porro

Correspondentes: Montgomery Hollanda (Teresina), Aldo Grangeiro (Florianópolis), Ciro Pinheiro (Porto Velho), Guilherme Augusto de Souza (Belém), Jô Amado (Vitória), João Silva (Macapá), José Chalub Leite (Rio Branco), Luís Pedro de Oliveira (São Luís), Paulo F. T. Morais (Aracaju), Mário Antônio (Manaus), Tancredo Carvalho (Fortaleza)
Colaboradores: Geraldo Galvão Ferraz, Hélio Pólvora, José Augusto Suyama, Millôr Fernandes, Olívio Tavares de Araújo, Paulo Perdigão, Roberto Marinho de Azevedo, Tárik de Souza

Fotografia

Editor: Sergio Sade
Chefe: Clodomir Bezerra
Fotógrafos: Pedro Martinelli (São Paulo); Chico Nélson, Walter Firmo (Rio); Carlos Namba, Salomon Cytrynowicz (Brasília); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Ricardo Chaves (Porto Alegre); Antônio Andrade (Salvador); Amilton Vieira (Recife)

Arte e Produção

Editor: Pedro de Oliveira
Chefe: Américo Ietto Filho
Diagramadores: Alfredo Nastari, Eduardo N. B. Brito, Laércio D'Angelo Ribeiro, Milton Rodrigues Alves, Pindaro Camarinha Sobrinho, Roberto Bertano / João Marcos Coelho, José Gustavo Vasconcellos **(preparadores)** / Carlito Nucci e José Batista de Carvalho **(produção gráfica)**

SERVIÇOS EDITORIAIS

Documentação: Marília S. J. França **(gerente)**, Abrahão Lincoln Baraccat, Antônio A. Ferreira, Isney Savoy, Jany C. Roschkovsky, Júlio Cezar Garcia, Lauro Augusto C. M. Coelho, Lilian Baroni, Marcia Mendes de Almeida, Maria Angela Noronha Serpa, Maria Aparecida S. Marão, Maria Inês Zanchetta, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Roberto Benedito de Oliveira, Rosania P. Santos, Ruy Ubiratan R. B. Vidal, Sheila Ribeiro, Suzana C. Kfouri, Ubirajara Fonte, Valdirene Mendes da Costa, Vani Rezende, Vicente Roig; **Abril Press: São Paulo:** Judith Baroni **(gerente)** — **Sucursais: Nova York** — Odillo Licetti **(gerente)**, 444 Madison Avenue, Room 2201, New York, N.Y. 10022 — Telex: EDABRIL 423-063, Phone (212)688-0631 — **Paris** — Pedro de Souza — 214, Rue de la Convention, Phone 250-9277 — France — **Milão** — Lydia Straturini — via Settembrini, 45 — 20124, Milano — Phone 278-659 — Telex: 34070 — Itália
Laboratório Fotográfico: Jussi Lehto **(gerente)**

Serviços Internacionais: Newsweek/Associated Press/Latin-Reuters/France Press/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolíneas Argentinas

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Gerente Comercial: Valter Richetti
Gerente de Publicidade: Fabio Albamonte Amaral
Gerente de Assinaturas: José A. Soler
Gerente Administrativo: Antônio F. Chammas
Representantes: Horácio V. N. de Andrade, José L. Decourt Ricci, Sergio Tercarolli
Coordenador de Produção e Publicidade: João Carlos de Oliveira
Belém, gerente: José Maurício Alves Fernandes; **Belo Horizonte, gerente:** Mariza Tavares Parreiras; **Brasília, gerente:** Luís Edgard P. Tostes; **Curitiba, gerente:** Aldo Schiochet; **Florianópolis, gerente:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Porto Alegre, gerente:** Elcenho Engel; **Recife, gerente:** Edmundo Moraes; **Rio, gerente:** Kleber Vieira Buhr; **Representantes:** Antônio Aylor Farnesi, Paulo Roberto Avril; **Salvador, gerente:** Juracy Costa

Diretor do Depto. Central de Publicidade: Oswaldo de Almeida Filho
Diretor do Rio e Escritórios Regionais: Sebastião Martins
Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 4400, C.G.C. 60 597 812/0001-98, tel. 266-0011 e 266-0022, caixa postal 2372, telex (011) 22094, São Paulo / **Telex em Nova York:** EDABRIL 423-063 / **Escritórios: Belém:** r. XV de Novembro, 226, Edifício Chamié, sala 1313, tel.: 22-5597 / **Belo Horizonte:** r. Álvares Cabral, 908, tel.: 337-0351, telex 031-1085, telegramas: Abrilpress / **Brasília:** SCS-Projetada 8, Edifício Central, 13.º andar, salas 1301/8, tel.: 224-9150, telex 061-1464, telegramas: Abrilpress / **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 1.º andar, tel.: 62-8833, telex 041-5278, telegramas: Abrilpress / **Florianópolis:** r. Felipe Schmidt, 51, Edifício Jacqueline II, sala 201, tel.: 22-6630 / **Porto Alegre:** r. Vieira de Castro, 285, tels.: 23-9617 e 31-5348, telex 051-1092, telegramas: Abrilpress / **Recife:** r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lygia Uchoa Medeiros, conjs. 204/5, tel.: 24-4957, telex 081-1184, telegramas: Abrilpress / **Rio de Janeiro:** r. do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tels.: 244-2022, 244-2057, 244-2107 e 244-2152, caixa postal 2372, telex: 021-22674 / **Salvador:** r. Itabuna, 304 — Parque Cruz Aguiar — Bairro do Rio Vermelho, telefone: 247-2999, telex: 071-1180, telegramas: Abrilpress / **Distribuidor nos EUA: M&T** Representatives, 112 Ferry Street, Newark, N. J. 07105, tel.: (201) 589-2794 / Preço do exemplar avulso: o constante na capa / Preço da assinatura: 52 semanas Cr$ 1 120,00 / Departamento de Assinaturas: r. Emílio Goeldi, 701, tel.: 263-4011, São Paulo / Distribuição para assinantes: Distribuidora Irmãos Reis Ltda.: r. São Paulo, 235 / Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1391; r. São Domingos, 212; r. Antônio de Barros, 841; r. João Pereira, 197; r. Domingos de Morais, 1851; r. Barão de Campinas, 452; r. Oiapoque, 91; no ABC: av. Industrial, 117 (Santo André); no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo / Registrada no D.C.D.P. do Departamento de Polícia Federal sob n.º 038 P.209/73

Carta ao Leitor

Na madrugada de sexta-feira, com a redação praticamente vazia, o redator Sérgio de Oliveira entrou na sala dos teletipos. Cuidando de adiantar seu trabalho para o fechamento de VEJA, procurava algum novo despacho sobre a renúncia do embaixador da Nicarágua na ONU. Não havia — e nem Sérgio teve oportunidade, nas próximas horas, de se preocupar com as façanhas e atribulações do truculento ditador Anastasio Somoza. Afinal, ele acabou saindo da sala com uma notícia muito mais importante nas mãos: a morte do papa João Paulo I.

A partir daí, Sérgio acionou um esquema espalhado pelo Brasil e pelo mundo. Por exemplo: peças básicas da cobertura de VEJA sobre o recente conclave que elegera o novo papa se encontravam, digamos, desativadas. O editor Alexandre de Faria Machado estava doente, de cama. José Antônio Dias Lopes, editor-assistente responsável pela seção "Religião", viajara, a serviço, para Curitiba. Marco Antônio de Rezende, correspondente em Roma, aproveitava o final de férias — interrompidas primeiro pelo seqüestro e morte do líder democrata-cristão Aldo Moro e depois pela morte e sucessão de Paulo VI (no meio-tempo, Marco Antônio foi preso na Checoslováquia e expulso do país, quando fazia uma reportagem sobre os dez anos da Primavera de Praga). E viajara para Londres, onde, de volta à Europa, agora também de férias, passeava Pedro Martinelli, da matriz em São Paulo, que fotografara em Roma a eleição de João Paulo I.

Alexandre, ainda febril, veio para a redação. Dias Lopes regressou a São Paulo no primeiro avião que deixou a capital paranaense na manhã de sexta-feira, depois de enfrentar o ritual curitibano de aeroporto fechado nas primeiras horas do dia. Marco Antônio e Pedro tiveram problemas maiores, retidos em Londres por uma greve de controladores de vôo e por aviões lotados antes de conseguirem embarcar para Roma. Da mobilização dos quatro — mais a dos correspondentes internacionais e das sucursais sobre as repercussões da morte do papa — surgiu a reportagem de capa da presente edição, que começa na página seguinte. A feitura de seu texto final foi dividida entre Dias Lopes e o redator-chefe Carmo Chagas. E o texto sobre a Nicarágua, ao qual Sérgio de Oliveira sempre conseguiu voltar, está na página 49.

•

Os primeiros resultados da pesquisa nacional VEJA-Gallup, divulgados na semana passada, repercutiram vivamente nos meios políticos e nos órgãos de imprensa de todo o Brasil — e, assim, acabaram estimulando a retomada do debate em torno das eleições de novembro próximo. A presente edição mostra os números da segunda rodada da pesquisa, que terá seqüência nos dias 18 e 25 de outubro, e 1.º de novembro. É provável que, como ocorreu ao longo da semana passada, as cifras do levantamento continuem suscitando reações apaixonadas por parte de políticos justificadamente preocupados com sua sobrevivência. Mas por certo seguirão fornecendo proveitosos subsídios para a mobilização dos partidos e do eleitorado — e isso não é mau para o país.

S.P.

Índice

CAPA: foto de Pedro Martinelli

Tiragem desta edição: 299 500 exemplares

O velório no Vaticano: a repetição de uma cena ainda muito recente na memória dos católicos

Religião

A morte no 34º dia

Por todas as partes, a mesma incredulidade ante a notícia de que morreu João Paulo I, o papa sorridente que mal iniciava seu pontificado

Apagou-se, tão rápido como surgiu para o mundo, o sorriso de João Paulo I, o 261.º papa dos 700 milhões de católicos. Mal iniciava o seu 34.º dia de pontificado, por volta das 23 horas de quinta-feira da semana passada, quando morreu de um enfarte agudo do miocárdio. Segundo informa o comunicado oficial do Vaticano, o primeiro a saber de sua morte foi seu secretário particular, às 5h30 da manhã de sexta-feira. Nessa hora, habitualmente, os dois se encontravam na capela, para a missa de todos os dias. Como João Paulo I não aparecesse, o secretário, padre Magee, foi procurá-lo em seu quarto. As luzes estavam acesas, o papa recostado em seu leito. Ao lado, um volume de "A Imitação de Cristo", livro de meditações do século XV.

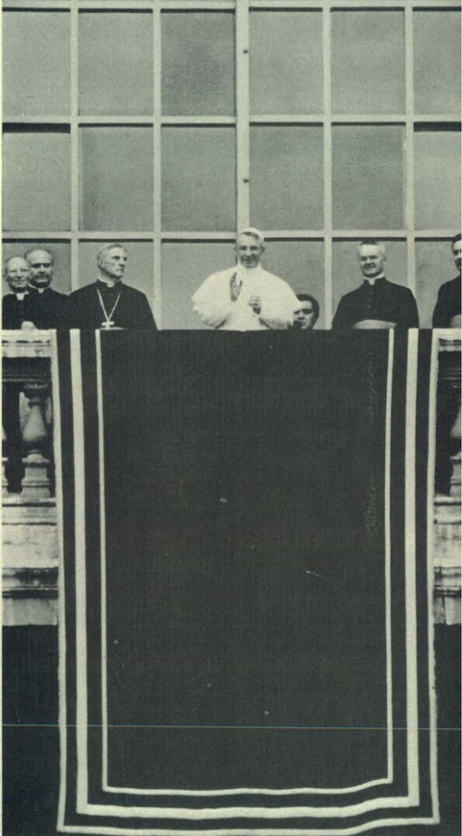
A surpresa, comparável à de sua escolha no primeiro dia do conclave para escolha do sucessor de Paulo VI, a 26 de agosto, logo se transformaria em incredulidade, onde quer que chegasse a notícia. "Estou arrasado", diria em Madri o cardeal espanhol dom Vicente Henrique y Tarancón. "Recebo esta notícia como uma catástrofe", diria no Rio de Janeiro o cardeal brasileiro dom Eugênio Salles. "Não é possível, não pode ser", repetiam, na praça São Pedro, os fiéis alertados pelos sinos das igrejas romanas. Ali, no correr do dia, uma fila silenciosa se estendia desde o lado direito das colunas de Bernini até a Via Della Conciliazione, 500 metros depois. Era preciso esperar no mínimo três horas para ver o corpo do pontífice, vestido com os trajes rituais: hábito branco sob o manto vermelho, sapatos vermelhos, o pálio de lã branca com cruzes pretas sobre os ombros, a mitra na cabeça. Entre as mãos, o rosário. Sob o braço esquerdo, a cruz pastoral. Atrás do catafalco, um crucifixo e um grande círio.

ADIAMENTOS — Mais que tudo, a boca entreaberta, o rosto com uma expressão serena mas não sorridente, comprovavam a morte de dom Albino Luciani, papa João Paulo I, aos 65 anos de idade (completaria 66 no próximo dia 17). "É muito comum morrer de crise cardíaca em nossa família", informaria uma sua prima, Agnes Lacotte, residente no interior da França. Reforçava-se, assim, outra informação familiar, dada ainda em agosto por uma sobrinha, Pia — "sua saúde sempre foi motivo de preocupação". Ele próprio, na última audiência pública, na quarta-feira, afir-

mara a um grupo de enfermos: "Não se preocupem. Eu, que já sofri quatro cirurgias, sinto-me agora muito melhor".

Contudo, não teria sido em conseqüência de qualquer dessas operações — a mais grave delas motivada por uma doença pulmonar — que o papa morreu. A causa, na opinião da maioria dos médicos ouvidos em vários países, talvez seja o stress, o esgotamento, confirmado por uma queixa de João Paulo I, no início da semana. Na ocasião, conversando com colaboradores, ele teria comentado, bem ao seu estilo, que gostaria de contar com uma máquina de leitura, como há as máquinas de escrever. De fato, seu dia normal de trabalho era longo — começava às 5h30, com a missa e as orações matinais, e só ia terminar dezesseis horas depois, com as leituras e orações da noite. Na manhã da quinta-feira em que morreu, por exemplo, recebeu várias personalidades em audiência — entre elas o núncio apostólico no Brasil, dom Carmine Rocco, e o cardeal Bernardin Gantin, presidente da Comissão de Justiça e Paz. Depois do almoço, ficou a tarde toda em conferência com o cardeal Jean Villot, seu secretário de Estado e última pessoa a vê-lo com vida.

Para a maioria dos católicos, no entanto, a saúde precária ou o cansaço físico de João Paulo I eram absolutamente desconhecidos e inimagináveis. Sob sua aprovação, comunicada a diferentes bispos e cardeais, prosseguiam, por exemplo, os preparativos para o encontro dos prelados latino-americanos em Puebla, no México, a ser realizado entre 12 e 28 de outubro. Nesse encontro, agora adiado, se discutiriam as novas diretrizes da Igreja na América Latina. Também com o conhecimento de João Paulo I, 39 bispos brasileiros estavam reunidos em Brasília, desde a terça-feira. Preparavam a próxima assembléia geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a ser realizada em janeiro, quando a notícia da morte do papa determinou o adiamento da reunião.

"É UM ABSURDO" — Em Brasília, naquela noite, a grande preocupação era com a saúde de dom Aloísio Lorscheider, presidente da CNBB, internado na unidade de tratamento intensivo do Hospital Distrital. Na tarde de quinta-feira, enquanto celebrava missa, dom Aloísio sentira-se mal e as primeiras notícias eram de que sofrera um enfarte. Era a terceira vez, este ano, que o cardeal acusava mal-estar — a primeira em Bogotá, pouco antes de viajar pa-

PEDRO MARTINELLI

A primeira bênção, no dia 26 de agosto: um sorriso que se apagou

Dom Paulo: missa em São Paulo

Padre Gerlin: espanto em Bambuí

ra Roma, em agosto, e a segunda durante o conclave. Embora o último comunicado informasse que dom Aloísio passava bem, os bispos dormiram preocupados. E todos, ao serem acordados na madrugada, tinham esse motivo a mais para não imaginar que a notícia era a da morte de João Paulo I.

O mesmo ocorreria em São Paulo, com o cardeal dom Paulo Evaristo Arns. "Fiquei até alta hora da noite esperando telefonema de Brasília", conta ele. "Assim, quando soou o telefone, às 3h30, eu disse: 'Não, deve haver um engano'. Pensava que fosse notícia sobre dom Aloísio. Não acreditei. E fui buscar o meu radinho, para confirmar." Também de incredulidade foi a reação do padre Mario Gerlin, convertido ao catolicismo pelo então bispo Albino Luciani, em 1959, e há cinco anos em Bambuí, no interior de Minas Gerais, onde dirige o Leprosário São Francisco de Assis. "O papa, o papa", disse-lhe assustada a mesma freira, que um mês antes, lhe comunicara que seu conversor era o novo pontífice. "O que houve com dom Luciani?", quis saber o padre Gerlin. "É um absurdo", foi o que conseguiu balbuciar, em seguida. À tarde, já refeito, diria ele a VEJA: "Eu ia encontrá-lo em janeiro, no Vaticano. Ele nunca me disse nada sobre doença, nunca reclamou. Creio que seu coração não resistiu ao peso da responsabilidade diante deste mundo".

Uma vez mais, a hipótese do esgotamento emergia, como aconteceria também com dom Paulo Evaristo, ao se lembrar de uma conversa que teve, ao final do conclave, com um cardeal australiano. "Dom Paulo", disse-lhe então o cardeal, a propósito da escolha de dom Albino Luciani para suceder Paulo VI, "ele é tão humilde, tão delicado, que uma notícia dessas pode fulminá-lo com um ataque cardíaco." Na hora, dom Paulo Evaristo duvidou. Na sexta-feira passada, entretanto, ele dizia a VEJA: "Esse cardeal australiano teve a impressão de que o papa se sentia tão pequenino que talvez a magnitude desta tarefa mundial o esmagasse, como realmente o esmagou".

SUCESSÃO — Os bastidores do conclave, até onde os juramentos de segredo permitem revelações, ocupavam igualmente uma grande parte das conversas em Brasília. Dom Aloísio contara, antes de adoecer, sobre as condições desfavoráveis — como o calor forte, a falta de ar condicionado e de banheiro em muitos aposentos, além da alimentação, também insatisfatória. E o que lhe havia cochichado João Paulo I, conforme foi visto pela televisão, no momento em que dom Aloísio beijou seu anel?, quiseram saber os bispos. Era apenas um abraço mandado para dom Ivo Lorscheiter, secretário da CNBB e primo de dom Aloísio, revelou ele.

Por sua vez, dom Ivo também contava de seu encontro com João Paulo I, logo após sua posse como papa. Seria apenas uma audiência formal, de 15 minutos, mas ao final o papa convidou-o para almoçar — numa retribuição à hospitalidade que dom Ivo lhe dedicara, dois anos atrás, quando o ainda cardeal Luciani esteve no Brasil. Com a morte de João Paulo I — "ele estava muito bem, em nenhum momento deixando entrever que isto poderia ocorrer" —, dom Ivo recusou-se a comentar detalhes daquele almoço. Mas sabe-se que, perguntado sobre quando visitaria o Brasil novamente, o papa lhe respondeu: "Pretendo fazer essa visita antes de 1980. Mas não sei se estarei vivo até lá". Na sexta-feira, procurado por VEJA, dom Ivo não confirmou essa parte de sua conversa. Justificando seu silêncio de agora, informou que, ao final do encontro, ouviu a seguinte recomendação: "Diga apenas que almoçou com o papa".

Na verdade, o que circulava nos meios clericais brasileiros, nos últimos dias, é que dom Ivo seria brevemente nomeado o próximo cardeal do Brasil, talvez para Manaus. A boa acolhida aos sacerdotes brasileiros, de todo modo, orientava as especulações sucessórias, já delineadas na sexta-feira. Lembrava-se, assim, a informação não desmentida de que, no conclave, dom Luciani votou em dom Aloísio. Retomavam força, igualmente, as análises que indicavam o cardeal brasileiro como um dos mais fortes *papabili* não italianos. Apesar de seus problemas cardíacos, dom Aloísio é de fato lembrado como o presidente de duas importantes e numerosas conferências episcopais — a CNBB e o Celam, que reúne os bispos latino-americanos.

UM MUSEU — Como aconteceu após a morte de Paulo VI, dois meses atrás, e como acontece após a morte de todos os papas há séculos, a consternação do primeiro momento coexiste inevitavelmente com as considerações sobre o futuro chefe da Igreja. A peculiaridade, agora, é que todas as possibilidades e hipóteses foram levantadas há muito pouco tempo. E mais: todas as previsões e cálculos se revelaram inexatos, ante a surpreendente eleição do patriarca de Veneza, dom Albino Luciani — um nome que só muito fugazmente, e nos últimos lugares, freqüentara as dezenas de listas de *papabili*. "Acho inútil

apontar nomes", diz dom Paulo Evaristo, "porque, mesmo que eu relacionasse todas as minhas informações, vocês teriam tanta dúvida quanto eu ainda tenho. Então, para não errarmos, não vamos mais citar nomes daqui para a frente."

Por certo, será esta a lição que os vaticanólogos seguirão. Desde a noite de sexta-feira passada, quando um vento frio soprava sobre as centenas de fiéis presentes à praça São Pedro, os 112 cardeais com menos de 80 anos — e aptos a participar do conclave, portanto — começavam a receber telegramas convocando-os a Roma. São nomes estudados pelos especialistas, com cotações ainda muito recentes nas bolsas de apostas. Mesmo assim, ninguém se arriscaria a indicar um deles, sem também estar arriscando a própria reputação de entendido nas coisas do Vaticano. O mais seguro é prever que o sucessor de João Paulo I terá a maioria de suas características — um cardeal mais ligado à atividade pastoral que à diplomacia, aberto a um trabalho colegiado, disposto a dividir poderes. Talvez até alguém de origem humilde, capaz de ser visto como um semelhante por uma população simples como a de Belo Jardim, no interior de Pernambuco, onde dom Luciani esteve durante sua visita ao Brasil. Ali, agora, prepara-se um museu, com as seguintes peças: a colcha e os lençóis onde ele dormiu, os talheres e o prato onde ele comeu, as medalhas e os santinhos que ele distribuiu. ●

UPI

Em Roma, bandeira a meio pau

Um pároco de aldeia

O estilo jovial, diferente, de um papa que preferia agir como se fosse apenas um catequista

A amarga perplexidade que tomou conta dos 700 milhões de católicos de todo o mundo, quando a Rádio Vaticano anunciou oficialmente, na manhã da sexta-feira, dia 29 de setembro, a morte do papa João Paulo I, encerrou um dos mais breves pontificados da Igreja. Mas em apenas 34 dias como o 261.º sucessor de São Pedro o até pouco tempo discreto cardeal Albino Luciani, patriarca de Veneza, conseguiu passar à História como o papa da jovialidade e do afeto. E isso não só em virtude de seu permanente bom humor haver conquistado a simpatia e a confiança de todos quantos o conheceram pessoalmente ou pela televisão, como também pelo fato de em todos os seus pronunciamentos ele haver abordado insistentemente o tema do amor cristão. Por outro lado, o livro que tinha nas mãos ao morrer — "A Imitação de Cristo", atribuído a Thomas Kempis — enfatizou uma clara preocupação de João Paulo I: a humildade extravasada desde os tempos em que foi bispo no norte da Itália e que o levou a trocar a pomposa cerimônia de coroação por uma missa de posse na praça São Pedro. O livro é justamente uma coleção de manuscritos sobre a piedosa conduta interior e exterior do perfeito cristão, algo que João Paulo I perseguiu até a morte.

Que se tratava de um papa diferente, notou-se desde o início. Já na primeira aparição aos fiéis, dia 26 de agosto, momentos após sua eleição, ele surpreendeu os católicos ao adotar o inédito nome composto de João Paulo. Contudo, com a mesma voz radiante anunciou a intenção de recolher e carregar a herança de seus dois últimos antecessores: "Não tenho nem a *sapientia cordis* de João XXIII, nem a preparação e a cultura de Paulo VI. Mas estou no lugar deles e devo procurar servir à Igreja. Espero que me ajudeis com vossas preces". Além disso, na homília de sua primeira missa como papa, oficiada no próprio recinto do conclave que o elegeu, João Paulo I prometeu ao mesmo tempo aplicar equilibradamente o Concílio Vaticano II e consolidar "a grande disciplina da Igreja".

PEDRO MARTINELLI

No trono papal: mas sem pompa

TRANSIÇÃO INDOLOR — Poucas vezes, no entanto, João Paulo I voltaria a falar em problemas pastorais do ponto de vista da política eclesiástica. E para os que, ao ouvi-lo confessar que se sentia "num labirinto" e ao vê-lo deslumbrado com a rica decoração do teto da sala de audiências, durante uma cerimônia, chegaram a encará-lo como um papa desprovido de senso político ou diplomático, teve uma resposta fulminante: confirmou nos seus postos toda a hierarquia da Cúria Romana, inclusive o discutido e enérgico cardeal Jean Villot na Secretaria de Estado do Vaticano.

Segundo análise do correspondente em Roma do jornal francês *Le Monde*, João Paulo I demonstrou intuir, com esse gesto, a vital necessidade de realizar uma transição indolor, "quase imperceptível", do reinado anterior para o seu. No mais, falando aos prelados e personalidades que recebia especialmente ou aos milhares de fiéis que acorriam a suas audiências das quartas-fei-

ras, o "papa sorriso", como o chamavam nos bairros populares de Roma, preferia usar uma linguagem direta, franca, quando não bem-humoradas imagens pastorais.

Dessa maneira, na primeira recepção ao colégio dos cardeais, ele abandonou o texto preparado por assessores para improvisar sobre seus propósitos de defender a unidade da Igreja. Aos embaixadores acreditados junto à Santa Sé, lembrou que as funções pastorais da Igreja devem prevalecer sobre as suas atividades terrenas, mas aos chefes das delegações estrangeiras que foram a Roma para a missa solene do início de seu pontificado não deixou de cobrar o respeito aos direitos humanos e à liberdade religiosa. E aos cerca de 800 jornalistas que acompanharam sua eleição, João Paulo I deu o fraterno título de "colegas" — referência a sua passagem como articulista do jornal *Il Messagero di Santo Antonio,* quando patriarca de Veneza —, além de pedir de modo quase confidente que apresentassem a Igreja à opinião pública "com amor pela verdade". Era também a primeira vez que aqueles profissionais da comunicação tinham um contato pessoal com o novo papa e podiam observar de perto o seu porte sólido, em claro contraste com a imagem franzina de seu antecessor Paulo VI, nos últimos tempos de vida. João Paulo I movimentava-se de maneira ágil, decidida, indiferente à consagrada e solene postura pontifícia — ninguém podia imaginá-lo na antevéspera da morte.

PÁROCO DE ALDEIA — Em sua última audiência pública, de fato, ele continuava a aparentar excelente saúde. E, repetindo uma de suas atitudes pouco ortodoxas, chamou um menino de quinto ano primário e conversou com ele sobre a importância do estudo para a sua promoção a uma classe mais adiantada. Provavelmente nenhum papa haja rompido tão drasticamente com as frivolidades protocolares estabelecidas por seus antecessores e se comportado tão à vontade no mais alto cargo da Igreja. "Suas audiências públicas eram simples lições de um pároco de aldeia", definiu um cronista do jornal católico italiano *L'Avvenire.* Significativamente, na primeira delas, a 6 de setembro, depois de ser recebido timidamente por um jamais visto auditório de 17 000 pessoas, João Paulo I foi aclamado entusiasticamente ao declarar que estava ali "como se fosse um catequista paroquial". Na mesma oportunidade, aproximando-se de um pequeno coroinha, estabeleceu com ele um pungente diálogo sobre a solidariedade e a fraternidade cristãs. No dia seguinte, ao receber o clero de Roma, que o reverenciava sobretudo como bispo da cidade (um dos títulos do papa), recordou-lhe o dever de obediência e o espírito de sacrifício "na missão apostolar confiada por Cristo a seus discípulos".

Até as últimas audiências João Paulo I manteve o estilo informal, temperado por anedotas, achados e citações. Certa vez, para visível deslumbramento da multidão de fiéis, comparou a alma a um automóvel que, se abastecido apenas de champanha e marmelada, em vez de gasolina, acabaria num fosso. Em outra, surpreendeu os que o contemplavam na janela de seu escritório com a proclamação: "Deus é Pai e, mais ainda, é Mãe". Enfim, cada contato seu com o público era uma oportunidade para uma nova estocada no protocolo e na tradição. Mas ninguém, nem mesmo os impenitentes conservadores da Cúria Romana, se atrevia a reclamar, pois o novo papa havia restabelecido o contato humano com as grandes massas católicas, de certo modo algo só ocorrido neste século por ocasião do pontificado do também alegre papa João XXIII. Em entrevista à revista italiana *Panorama,* Alfonso Di Nicola, antropólogo e estudioso da história das religiões, classificou o estilo de João Paulo I de "profundamente evangélico e oportuno num momento em que a Igreja não precisa mais de um papa como Pio XII ou Leão XIII, ambos dotados de grande sabedoria teológica". E explicou: "O que a Igreja precisa é de um homem igual aos homens".

PEDRO MARTINELLI

Na recepção aos cardeais: em vez do texto preparado, um improviso

LIÇÕES DO CONCÍLIO — O papa que construiu rapidamente a imagem de "um homem igual aos homens" — nos primeiros dias chegava a dar ***buon giorno*** aos guardas suíços que encontrava nos corredores do palácio apostólico — deixou no entanto pelo menos uma clara indicação de que não pretendia apoiar os setores mais progressistas do cristianismo, voltados sobretudo para as questões sociais. Tanto os adeptos da vanguardista "teologia da libertação", de origem latino-americana, como os do grupo europeu "cristãos para o socialismo" receberam uma clara advertência de João Paulo I para não confundirem a libertação terrena com a "verdadeira libertação", ou seja, a proporcionada pela fé. Segundo afirmou o falecido papa, "não há verdade na afirmativa de que *ubi Lênin ibi Jerusalém* (onde está Lênim está Jerusalém)".

Mas, ainda que rejeitasse com firmeza qualquer compromisso com o marxismo, João Paulo I parecia extraordinariamente aberto a uma das mais renovadoras lições do Concílio Vaticano II — o ecumenismo. Assim, não foi certamente sem grande emoção que o breve pontífice viu morrer em seus braços, no palácio apostólico, o "número 2" da Igreja Ortodoxa Russa, o metropolita de Leningrado Nikodim, enquanto o recebia em audiência privada. A propósito, o padre Gianni Baget Bozzo, articulado analista de assuntos religio-

Na praça São Pedro: uma missa de posse, em lugar da coroação

sos, lembrava em recente artigo a morte de Nikodim diante de João Paulo I para sublinhar que "o ecumenismo entre as igrejas católica e ortodoxa realizou-se diante do corpo do arcebispo russo".

De qualquer forma, ninguém pode assegurar ao certo como seria o seu reinado se ele durasse um pouco mais. Seria um pontífice conservador ou apenas manteria o estilo do "pároco de aldeia", como apareceu no primeiro sermão para o mundo? Um sacerdote italiano que convivera com ele durante longo tempo declarou em Roma, logo após sua eleição: "Eu não o qualificaria de conservador, estando inclinado a acreditar que ele não mudará seu jeito. Um conservador é um homem que tem seus próprios esquemas mentais e só aceita o que cabe dentro deles. João Paulo I é homem de princípios mas sabe escutar. Ele é consciente de seus limites — e é isso que o salva". Alguns acontecimentos previstos para os primeiros doze meses do reinado de João Paulo I é que permitiriam uma definição. O primeiro deles seria a escolha de seu sucessor no patriarcado de Veneza e também do cardeal Colombo no arcebispado de Milão, por limite de idade. O segundo seria o preenchimento de algumas vagas na Cúria Romana. Finalmente, esperava-se uma encíclica de João Paulo I, cumprindo a tradição de que o novo papa deve divulgar um grande texto menos de um ano após sua eleição.

FUTURO INCERTO — O fato é que João Paulo I vinha conseguindo operar o milagre de reger simultaneamente o coral dos conservadores e dos progressistas. Os cardeais davam entrevistas e, apesar de presos ao juramento de segredo imposto pela regra do conclave, insistiam em dizer, em meio a inconfidências, que o Espírito Santo iluminara os quatro escrutínios necessários para escolher João Paulo I. O clero de Veneza afiançava que lá ele havia vendido bens da Igreja para ajudar os pobres. Sua caridade lhe rendera até o apelido de "papa do Terceiro Mundo", de parte sobretudo dos animados bispos latino-americanos. O cardeal Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, achava que possuía um forte aliado sentado no trono de São Pedro.

A moderação de João Paulo I tranqüilizava a Cúria Romana, satisfeita com sua firmeza em matéria de doutrina e de disciplina. Foi esse clima de expectativa e de regozijo que a morte do recém-eleito papa veio frustrar, lançando mais uma vez sobre a Santa Sé a dúvida e a incerteza.

É bem verdade que, do ponto de vista teórico, o quadro não mudou: os cardeais eleitores são os mesmos e se vêem assolados pelas mesmas interrogações. Mas, na prática, o breve pontificado de João Paulo I talvez lhes arranque novas reflexões. Na sexta-feira passada, um influente cardeal brasileiro confidenciava a VEJA que, na sua opinião, a tendência dos cardeais eleitores será buscar um papa que reúna as características de pastor e homem simples do recém-falecido João Paulo I "e talvez uma qualidade que lhe faltava — um pouco mais de experiência do complexo mundo da Igreja".

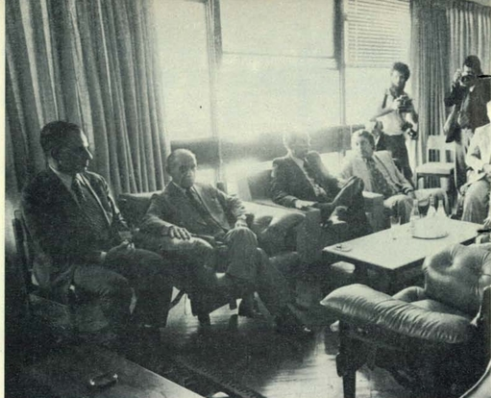
Dessa maneira, o próximo pontífice teria de ser novamente italiano e fiel ao espírito do Concílio Vaticano II, ou seja, originário de uma rara safra de cardeais. O arcebispo de Bolonha, Antonio Poma, por exemplo, que reuniria tais condições, possui saúde frágil. É possível, assim, que os eleitores se voltem para Hugo Poletti, vigário de Roma, embora aparentemente lhe falte "qualificação mais abrangente". Por outro lado, ainda segundo o mesmo cardeal brasileiro, os nomes de Sebastiano Baggio, presidente da Congregação dos Bispos, e Giovanni Benelli, cardeal de Florença, também poderão ser votados. E, em caso de não se chegar a um acordo em torno desses nomes, "ainda é provável que se parta para uma opção marcantemente mais conservadora".

Muito mais do que nomes, no entanto, deverá prevalecer a experiência acumulada pela Igreja em seus 2 000 anos de existência. Sempre adaptado a seu tempo, o sumo pontífice deve saber continuar a obra na qual Jesus Cristo investiu o apóstolo São Pedro. Atualmente, teria de conciliar as virtudes de um chefe espiritual amado pelos seus fiéis com as responsabilidades temporais de um chefe de Estado respeitado por seus pares. ●

Truque

O chamado grupo superautêntico do MDB atacou com tão inusitada fúria a participação do seu partido na discussão da reforma constitucional que se esqueceu de participar da votação final e foi pilhado em crime de solidariedade com o grupo que se coloca do lado oposto — os chaguistas e seus aliados. Assustados com a repercussão negativa de seu gesto extraparlamentar, saíram-se com desculpas da melhor escola fisiológica: um apresentou atestado médico, outro disse que estava vigilante em sua cidade, fazendo campanha contra a farsa, mas ninguém se revelou mais escorregadio do que o paranaense Álvaro Dias. Ele informou na semana passada que teve de sair apressadamente de Brasília para tomar conhecimento de "uma ameaça de impugnação" que lhe teria sido preparada especialmente para a ocasião por um rival arenista que desejava prejudicá-lo utilizando exatamente o pretexto de uma cilada no dia da votação das reformas. Trata-se da primeira vítima conhecida de um golpe constitucional.

Prova dos noves

Há três semanas depositou-se na portaria do Palácio do Planalto, em Brasília, um volumoso lote de assinaturas colhidas pelo Movimento Custo de Vida, de São Paulo, contra os baixos salários e as altas taxas de inflação. Segundo os organizadores do manifesto, as listas continham 1,3 milhão de adesões. Mas o governo, que remeteu os 120 quilos de listas para um exame grafológico na Polícia Federal, anunciou, na semana passada, que muitas das assinaturas são falsas. Criou-se, então, um furioso incidente, no qual os acusados se defendem candidamente alegando que muitas das pessoas que estavam dispostas a subscrever o abaixo-assinado não sabem ler nem escrever — mas concordam com as reivindicações e por isso tiveram sua adesão anotada por alguém alfabetizado. A alegação parece razoável, mas não é isso que interessa no caso. O problema só poderá ser tratado corretamente quando o governo reconhecer que, enquanto os preços estiverem crescendo depressa como nos últimos cinco anos e os reajustes salariais continuarem sob rígido controle aritmético, será muito fácil juntar todas as assinaturas que se desejar contra a inflação. Se esses manifestos parecem incômodos, a solução está simplesmente em acabar com suas causas.

Bentes (segundo à esq.) com Guimarães (de pé): tensão em Brasília

Brasil

O pior da campanha

A candidatura alternativa do MDB à Presidência sofre com as dúvidas de uma renúncia

No momento em que a campanha eleitoral para 15 de novembro toma o lugar principal na arena política do país, o MDB vê-se obrigado a gastar boa parte de seu tempo com a tarefa menos agradável da expedição armada cinco meses atrás para enfrentar a batalha presidencial indireta de 15 de outubro: administrar o refluxo da candidatura alternativa do general Euler Bentes Monteiro. O problema seria até corriqueiro se, como previam os assistentes mais qualificados do general Bentes, o projeto da federação de opositores fosse realmente de médio prazo. Mas o que se descobriu na semana passada, depois de uma rápida seqüência de encontros do candidato com os grupos que o apóiam, é que o ponto capital do esforço do próprio general é a vitória no pleito indireto. E o reconhecimento de que essa possibilidade soa cada dia mais remota tornou difícil, ou mesmo áspera, a convivência entre os diversos parceiros da expedição.

Como faltam menos de duas semanas para a reunião do Colégio Eleitoral que vai escolher o sucessor do presidente Ernesto Geisel, essas diferenças já não parecem ter mais tanta importância. No entanto, mesmo depois do animado comício de quinta-feira da semana passada, que reuniu cerca de 20 000 pessoas na praça Presidente Roosevelt, em Fortaleza, e restaurou uma parte da confiança nos resultados da campanha oposicionista, há uma ponta de incerteza quanto ao desfecho da candidatura do general Bentes. O programa de comícios está confirmado até a manifestação de Belo Horizonte, marcada para esta sexta-feira, dia 6. E, apesar do

CARLOS NAMBA

enfático comunicado que o quartel-general alternativo do Hotel Center, no Rio de Janeiro, distribuiu no final da semana passada, desmentindo uma informação que o comentarista Sebastião Nery forneceu aos espectadores da rede de TV Bandeirantes — de que a renúncia do candidato do MDB já estaria formalizada —, é certo que o próprio general admitiu que examina a possibilidade de uma retirada, desde que o comando de oposição manifeste claramente esse desejo.

MAIS ENERGIA — A crise no delicado arranjo de forças articulado pelo candidato do MDB explodiu duas semanas atrás, em episódios sucessivos: primeiro, o general Bentes evitou um debate com estudantes da Universidade de Brasília, atendendo a uma sugestão do reitor José Carlos de Azevedo; e, logo depois, a frágil unidade do MDB desmanchou-se nos debates que terminaram com a aprovação das reformas políticas do governo, facilitada pela abstenção de mais de três dúzias de parlamentares oposicionistas. Então, ficou nítido que o grupo de militares dissidentes organizado em torno do general-de-divisão Hugo Abreu e a ala esquerda do MDB — os dois pilares originais da campanha do general Bentes — gostariam que o candidato se manifestasse com mais energia contra o governo, ultrapassando se necessário os limites do desafio proposto pelo governo para evitar uma manifestação no interior do *campus*. E ficou óbvio, também, que o candidato não estava disposto a modificar seu comportamento. O princípio de impasse teve três capítulos principais:

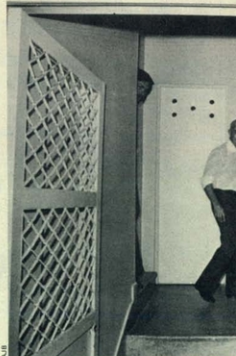
Domingo, dia 24 — O general Hugo Abreu encontrou-se com o candidato no Rio e sustentou uma áspera discussão, presenciada por seis testemunhas, quase todas militares. O general Bentes recusou-se a praticar uma tática que o levasse a criar "fatos de impacto", como sugeriu Abreu. Em contrapartida, o candidato fez uma longa análise da situação política e concluiu que, depois do teste da votação dos senadores biônicos, quando 41 deputados e senadores do MDB faltaram à chamada e mostraram a força da ala "aderente" da oposição, sua candidatura não tinha chances de vencer em 15 de outubro. Ele não via por que permanecer num esforço agora claramente inútil.

Segunda-feira, dia 25 — Nova reunião de assessoria, desta vez no escritório do Hotel Center. O general Bentes volta a falar em renúncia, agora diante de um grupo predominantemente político. Diz que "não sabe enganar" e assim não poderia continuar falando de suas possibilidades no Colégio Eleitoral; finalmente, oferece-se para "transferir para outro todo o prestígio que acumulei nestes últimos meses". O grupo reage com energia. Um membro de seu círculo mais íntimo retruca que "prestígio não é bagagem que se possa transferir assim de qualquer maneira".

Terça-feira, dia 26 — Reunião formal em Brasília, no apartamento do deputado Ulysses Guimarães, presidente do MDB. Um grupo de dez políticos assiste ao debate do candidato com o chefe da oposição. O general Bentes queixa-se do comportamento emedebista durante a votação das reformas. E diz que o partido o estava deixando praticamente sozinho na campanha. Guimarães fala da importância das eleições de 15 de novembro e a questão da renúncia apenas circula pela conversa, sem resultado conclusivo. O general encontra-se, depois, com outro grupo, que incluía a presença discreta do general Hugo Abreu, no apartamento de um de seus assistentes.

ESPERANÇAS — Quando voltou ao Rio, no entardecer dessa mesma terça-feira, o general Bentes tornou-se alvo das críticas enviesadas de militares dissidentes — quase todos de origem "dura" — e membros da ala esquerda do MDB. E a ala conservadora da oposição, os antigos "moderados", que resistiram à candidatura alternativa até onde foi possível, ficaram com o encargo de garantir a última fase da campanha, porque eles é que administram o partido — e sabem que a oposição perderia muito mais no caso de uma desistência abrupta e mal explicada.

Por isso, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves acompanharam a caravana do general Bentes a Fortaleza, onde foram recebidos pelo moderadíssimo senador Mauro Benevides. O êxito do comício de quinta-feira passada, que animou todo o grupo, não serviu, contudo, para desviar a atenção dos antigos "autênticos", agora empenhados na montagem de uma Frente Antibiônica, que pretendem lançar no Rio durante esta semana. Seu projeto é conquistar a adesão de pelo menos sessenta deputados e senadores da Arena na votação da emenda constitucional do senador Franco Montoro, que pede a extinção imediata dos senadores biônicos e governadores indiretos — com a convocação de eleições diretas para preencher esses lugares. Essa proposta será examinada na segunda-feira, 16 de outubro, um dia depois da reunião do Colégio Eleitoral convocado para escolher o futuro presidente. E os antigos defensores da candidatura do general Bentes asseveram que, desta vez, a vitória parece segura. ●

AJB

Gen. Abreu: uma visita discreta

PESQUISA NACIONAL VEJA/GALLUP

A oposição reage

A Arena segue na frente em quase todo o país, mas a segunda rodada da pesquisa VEJA-Gallup registra uma recuperação parcial do MDB

Se a primeira rodada de entrevistas da pesquisa nacional VEJA-Gallup, divulgada na semana passada, reservou ao MDB um sortido lote de más notícias, é provável que esta segunda rodada — cujos resultados foram obtidos em 5 312 entrevistas realizadas nos dias 20 a 26 de setembro — semeie algum alento entre as hostes da oposição. Para começar, a vantagem da Arena nas eleições para a Câmara dos Deputados (43% a 35%, na primeira etapa) sofreu um decréscimo: agora, 41% dos eleitores preferem candidatos da Arena, enquanto 37% tendem a votar no MDB. E à consolidação de alguns favoritos emedebistas no pleito para o Senado, como o paulista Franco Montoro, somou-se a reação do partido em alguns Estados que se haviam mostrado francamente favoráveis à Arena na rodada inaugural da pesquisa.

É o caso do Paraná, onde o emedebista José Richa, ex-prefeito de Londrina, engordou em 6% seu eleitorado — metade surrupiada do seu companheiro de legenda Enéas Faria, metade do candidato único da Arena, Túlio Vargas. Ainda no Paraná, a Arena conserva sólida vantagem no pleito para a Assembléia e para a Câmara, mas alguns percentuais abaixo dos índices alcançados na primeira semana da pesquisa. Em menor escala, tal quadro se repete em Pernambuco e na Bahia, que, em todo caso, certamente remeterão ao Congresso bancadas oposicionistas mais numerosas que as atuais.

Em nenhum outro Estado a balança eleitoral pende tão pesadamente em favor do MDB como em São Paulo — hoje, seguramente, o principal reduto oposicionista do país: ali, o favoritíssi-

CÂMARA FEDERAL

Intenção de voto por Estados (em %)

PARTIDOS	TOTAL NACIONAL	R. Janeiro	S. Paulo	R.Gde do Sul	M. Gerais	Bahia	Pernambuco	Paraná	OUTROS ESTADOS
ARENA	41 (43)	30 (28)	25 (27)	40 (42)	45 (43)	51 (55)	66 (71)	56 (59)	48 (45)
MDB	37 (35)	47 (46)	53 (51)	36 (37)	34 (35)	23 (22)	22 (16)	25 (22)	26 (30)
INDECISOS	22 (22)	23 (26)	22 (22)	24 (21)	21 (22)	26 (23)	12 (13)	19 (19)	26 (25)
BASES	5312 (5161)	710 (692)	805 (785)	537 (522)	586 (569)	559 (542)	585 (566)	560 (541)	970 (944)

Os números da segunda rodada, que resultam de entrevistas feitas entre 20 e 26 de setembro, aparecem mais destacados. Os números entre parênteses se referem à primeira semana de entrevistas (10 a 15 de setembro)

Cai a vantagem da Arena

A Arena continua vencendo com alguma folga em Pernambuco, Bahia e Paraná, embora em todos estes Estados a segunda rodada da pesquisa tenha registrado reações do MDB. A oposição, por sua vez, segue à frente no Rio e dispara em São Paulo. Em Minas, a vantagem da Arena foi ligeiramente ampliada, enquanto no Rio Grande do Sul o quadro não se alterou sensivelmente, apesar do aumento do número de indecisos. Nos outros catorze Estados, a situação da Arena melhorou bastante. E o quadro geral da amostra apresenta nítida semelhança com o que resultou do pleito de 1974, quando a Arena teve 41% dos votos válidos em todo o país, contra 38% do MDB.

SENADO

Intenção de voto em 7 Estados (em %)

R. Janeiro	S. Paulo	R.Gde do Sul	Paraná	M. Gerais	Bahia	Pernambuco
Nelson Carneiro **30** (32) (MDB)	Franco Montoro **57** (55) (MDB)	Pedro Simon **47** (49) (MDB)	Túlio Vargas **39** (42) (Arena)	Tancredo Neves **32** (28) (MDB)	Lomanto Junior **51** (54) (Arena)	Nilo Coelho **30** (36) (Arena)
Sandra Cavalcanti **23** (23) (Arena)	Cláudio Lembo **13** (9) (Arena)	Mariano da Rocha **23** (20) (Arena)	José Richa **25** (19) (MDB)	Israel Pinheiro Filho **31** (26) (Arena)	Rômulo de Almeida **15** (10) (MDB)	Cid Sampaio **25** (29) (Arena)
Vasconcelos Torres **9** (13) (Arena)	Fernando Henrique **9** (8) (MDB)	Mário Ramos **15** (19) (Arena)	Enéas Farias **9** (12) (MDB)	Fagundes Neto **10** (6) (Arena)	Newton Campos **4** (6) (MDB)	Jarbas Vasconcelos **20** (16) (MDB)
Benjamin Farah **6** (7) (MDB)		Gay da Fonseca **3** (4) (Arena)		Achiles Diniz **1** (2) (MDB)	Hermógenes Príncipe **1** (3) (MDB)	
Rafael de Magalhães **2** (2) (Arena)				Alfredo Campos **1** (2) (MDB)		
Ario Theodoro **3** (2) (MDB)						
Indecisos **27** (21)	Indecisos **21** (28)	Indecisos **12** (8)	Indecisos **27** (27)	Indecisos **25** (36)	Indecisos **29** (27)	Indecisos **25** (19)

Os números da segunda rodada, que resultam de entrevistas feitas entre 20 e 26 de setembro, aparecem mais destacados. Os números entre parênteses se referem à primeira semana de entrevistas (10 a 15 de setembro)

Em Minas, a novidade

A principal novidade é a vantagem da Arena na soma de suas duas sublegendas em Minas, que acusou empate na primeira rodada. No Rio Grande do Sul, onde aumentou o índice de indecisos, o favorito Pedro Simon segue na dianteira. Bahia, Paraná e Pernambuco registraram a reação do MDB. Em São Paulo, o crescimento do emedebista Franco Montoro sugere a fixação do mais disparado favorito do Brasil. E a disputa caminha para o equilíbrio no Rio, sobretudo com as desistências do emedebista Ario Theodoro e do arenista Rafael de Almeida Magalhães (antes deles, o candidato Benjamin Farah, também do MDB, decidira renunciar). Na Bahia, por sinal, a pesquisa ainda registra o nome do emedebista Hermógenes Príncipe, que desistiu da campanha quinze dias atrás.

mo Franco Montoro saltou de 55% para 57%, ameaçando superar todos os recordes registrados em eleições no Brasil republicano. Com a redução do volume de indecisos, também cresceram a votação do arenista Cláudio Lembo, presidente do diretório regional do partido, e a do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, o segundo nome do MDB — que nesta terça-feira, por sinal, verá julgado pelo Tribunal Superior Eleitoral o pedido de impugnação de sua candidatura. Mas só um espetacular milagre eleitoral poderia ameaçar, a reeleição do senador Franco Montoro.

LUTA NOS PAMPAS — Em território paulista, o MDB deverá eleger ainda a esmagadora maioria da nova fornada de deputados federais e estaduais — fenômeno que, de todo modo, dificilmente terá reprises mesmo em Estados considerados até recentemente inexpugnáveis fortalezas da oposição. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o deputado estadual Pedro Simon, candidato único do MDB ao Senado, segue ostentando a condição de favorito. Mas nem o avanço do MDB na segunda rodada da pesquisa VEJA-Gallup permite concluir que a provável vitória de Simon será emoldurada pela presença de maciças bancadas emedebistas na Câmara e na Assembléia. Mantidas as tendências até aqui detectadas pelas amostras, o mais provável é que os dois partidos travem nos pampas sua mais renhida porfia eleitoral.

Da mesma forma, no Rio de Janeiro o MDB parece irremediavelmente distante das marcas obtidas em pleitos recentes. Atormentada pela crônica animosidade entre a corrente "chaguista" e o resto do partido, a posição fluminense vai abrindo espaço para bancadas arenistas surpreendentemente numerosas num Estado em que o partido do governo padece de anemia congênita. Pior ainda, as rachaduras no MDB no Rio começam a abalar o favoritismo do senador Nelson Carneiro — algo impensável até dois meses atrás. Na semana passada, a desistência do candidato lançado pelo ex e futuro governador Chagas Freitas ao Senado, o deputado Ario Theodoro, deixou a Carneiro a tarefa de carregar solitariamente o estandarte da oposição — já que poucos dias antes fora consumada a desistência do atual senador Benjamin Farah.

Trata-se de uma dura tarefa, sobretudo porque Chagas Freitas acalenta o não tão secreto desejo de ver encerrada

a carreira do senador Nelson Carneiro, e tem fornecido indícios de que planeja distribuir seus cabos eleitorais entre os candidatos arenistas Sandra Cavalcanti e Vasconcelos Torres. Para socorrer Carneiro, o arenista Rafael de Almeida Magalhães — que vinha baseando sua candidatura numa veemente pregação liberal e antichaguista — renunciou à disputa senatorial e transferiu-se imediatamente para os palanques do MDB. No final da semana, Carneiro e seus aliados prosseguiam nos acenos de paz a Chagas Freitas. O desenvolvimento da campanha no Rio, de qualquer forma, poderá transformar o pleito de 15 de novembro num plebiscitário confronto entre tropas leais e contrárias ao futuro governador.

O MELHOR DESTINO — O desfecho de tal confronto seria tão imprevisível quanto parece, neste momento, o resultado da luta que se esboça em Minas. A segunda rodada da pesquisa informa que o deputado Tancredo Neves, o mais votado do trio de candidatos do MDB, saltou de 28% para 32%. Em compensação, seus fracos companheiros de jornada, Aquiles Diniz e Alfredo Campos, recuaram ambos de 2% para 1%, o que sugere que os eleitores fiéis ao MDB podem simplesmente ter trocado de candidato. A dupla arenista, por sua vez, avançou substancialmente — sobretudo o deputado Israel Pinheiro Filho, contemplado na segunda semana de entrevistas com 31% das preferências, índice que o coloca nos calcanhares de Neves. Como nas eleições para o Senado ganha o candidato mais votado do partido que obtiver maior número de sufrágios, a manutenção dessa tendência transformaria Pinheiro Filho no futuro senador por Minas.

As emoções suscitadas pelo equilíbrio na disputa eleitoral, todavia, serão vividas só em caráter excepcional por algumas regiões do país. É o caso do nordeste, onde o MDB vai vencendo apenas no Ceará e na Paraíba. Mas nada impede que, mesmo nessas regiões, o desenrolar da campanha provoque oscilações que repercutam decisivamente no quadro geral de 15 de novembro. Afinal, houve um hiato de somente uma semana entre a primeira rodada da pesquisa VEJA-Gallup e a segunda série de entrevistas. Sucede que, nesse intervalo, a campanha foi oficialmente aberta — e tanto bastou para que já se registrassem importantes mudanças nos índices levantados por centenas de entrevistadores espalhados pelo país.

As alterações talvez fossem bem mais sensíveis se a "lei Falcão" não vedasse ao eleitorado um franco acesso aos programas e idéias dos candidatos. Ainda assim, há sinais de que multidões de brasileiros portadores de títulos de eleitor finalmente começam a examinar a dança dos partidos — e a meditar sobre o melhor destino a ser dado a seu voto. "Um desses sinais é o aumento do eleitorado indeciso em relação aos candidatos ao Senado em vários Estados", assinala o diretor do Gallup, Carlos Matheus. "Antes de mudar de partido, o eleitor costuma passar por uma fase de indefinição." E mais sinais de mobilização eleitoral serão fornecidos ao país nas próximas semanas, que deverão recolocar as eleições de novembro — até agora ofuscadas pela discussão do projeto das reformas e pelo pleito presidencial de 15 de outubro — no centro do cenário político brasileiro. ●

ASSEMBLÉIAS LEGISLATIVAS

Distribuição dos votos em 7 Estados (em %)

PARTIDOS	R. Janeiro	S. Paulo	R.Gde do Sul	M. Gerais	Bahia	Pernambuco	Paraná
ARENA	29 (31)	25 (28)	45 (51)	48 (47)	52 (56)	63 (71)	55 (62)
MDB	47 (46)	58 (50)	35 (25)	35 (31)	22 (22)	24 (17)	27 (19)
INDECISOS	24 (23)	17 (22)	20 (24)	17 (22)	26 (22)	13 (12)	18 (19)

Os números da segunda rodada, que resultam de entrevistas feitas entre 20 e 26 de setembro, aparecem mais destacados. Os números entre parênteses se referem à primeira semana de entrevistas (10 a 15 de setembro)

Já há menos indecisos

Com exceção da Bahia, onde se repetiu o índice de 22% da primeira rodada, a votação do MDB aumentou em todos os principais Estados. Os crescimentos mais notáveis foram registrados em São Paulo (a diferença em favor do MDB é agora de 32 pontos) e no Rio Grande do Sul; aqui, a segunda etapa da pesquisa acusa uma acentuada redução do eleitorado arenista. No Paraná e em Pernambuco, o salto da oposição ainda não ameaça a vantagem do partido do governo. Já em Minas, a ampliação do contingente oposicionista ocorreu às custas da redução do índice de indecisos; se tal tendência for confirmada, não é difícil que breve o quadro mineiro esteja em equilíbrio. No Rio, o MDB aumentou ligeiramente sua vantagem inicial. E mesmo na Bahia, apesar da manutenção do número de eleitores que preferem o MDB, as cifras desta semana são estimulantes para a oposição: é que, ali, a votação da Arena caiu de 56% para 52%. Finalmente, observa-se que a mancha de indecisos — ainda considerável para inverter o quadro eleitoral — tem caído mais rapidamente na amostra para as assembléias legislativas.

Entrevistador em ação no Recife: em busca da tendência semanal

Rigores da amostra

As cautelas do Gallup garantem à pesquisa uma margem de erro de apenas 2,1%

Para selecionar, entre 3 974 municípios, um elenco de 189 cidades que pudessem fornecer indicadores seguros do comportamento dos 42 milhões de eleitores brasileiros no pleito do próximo 15 de novembro, o Instituto Gallup classificou os núcleos urbanos do país em cinco faixas. Além das capitais, foram agrupadas as cidades com mais de 100 000 eleitores, de 50 000 a 100 000, de 10 000 a 50 000 e, finalmente, de menos de 10 000 votantes. Em seguida, fez-se um sorteio das cidades que representariam cada categoria, em quantidade proporcional ao número de núcleos contados em cada faixa nos 21 Estados pesquisados (só o Estado do Acre não figura no roteiro de entrevistas do Gallup).

Nos sete Estados de maior população eleitoral, considerados prioritários pela pesquisa, foram selecionadas ainda, independente do sorteio, todas as cidades tidas como "cabeças de região", ou pólos regionais — por exemplo, Ribeirão Preto, em São Paulo, ou Caruaru, em Pernambuco. Em seguida, foram sorteadas para cada uma das cidades eleitas as residências que deveriam ser visitadas. Nas comunidades maiores, a escolha foi feita entre quarteirões previamente numerados. Nas demais, sorteou-se um ponto de partida e traçou-se um roteiro ao acaso — que teve contudo a preocupação de incluir bairros ou quadras que representassem diferentes categorias sócio-econômicas.

Algumas cautelas foram adotadas para evitar o risco de vício nas respostas. No caso das perguntas relacionadas com o pleito para o Senado, por exemplo, os nomes dos candidatos foram inscritos num cartão redondo, o que tornou impossível induzir escolhas pela ordem dos nomes na lista das opções. Nas residências em que se descobre mais de um eleitor, é entrevistado apenas aquele que comemora o aniversário na data mais próxima à da realização da pesquisa. E, em caso de ausência da pessoa escolhida, o entrevistador volta pelo menos três vezes ao endereço, em dias diferentes, antes de prosseguir o roteiro.

AMOSTRAS EXPRESSIVAS — Para afastar a possibilidade de fraudes, o Gallup acrescentou aos questionários perguntas aparentemente dispensáveis — mas exatamente iguais a questões formuladas em entrevistas passadas, na mesma área, por outros entrevistadores, e que agora servirão de parâmetro para a confirmação das respostas obtidas pela pesquisa VEJA-Gallup. Há também testes estatísticos destinados a examinar a veracidade das respostas. E, finalmente, 20% das residências incluídas no roteiro dos entrevistadores são revisitadas, mesmo nas pequenas cidades, por inspetores do Gallup encarregados de verificar o material colhido.

O objetivo da pesquisa VEJA-Gallup é fazer a estimativa semanal, em todo o país, das inclinações do eleitorado frente aos dois partidos, e levantar as tendências dos eleitores dos sete Estados principais quanto às eleições para o Senado, Câmara dos Deputados e assembléias legislativas. Nesses Estados, em cada rodada da pesquisa, devem ser ouvidos de 500 a 900 eleitores, com um mínimo de trinta entrevistas por cidade — limite que cai para dez eleitores nas cidades dos Estados restantes. Baseado nas estatísticas da Justiça Eleitoral, o Gallup estabeleceu parâmetros de distribuição do eleitorado brasileiro de modo a assegurar a cada amostra as mesmas proporções de homens e mulheres, de todos os níveis sócio-econômicos, que são encontrados no universo considerado.

Na primeira semana de entrevistas, cujos resultados apareceram na edição passada de VEJA, 5 161 brasileiros responderam às perguntas formuladas por cerca de 600 emissários do Gallup — somando, assim, cerca de 10 000 entrevistas já realizadas. Segundo os critérios adotados pelas modernas pesquisas de opinião, trata-se de amostras bastante expressivas. Estatisticamente, uma amostra de 2 000 eleitores seria suficiente para representar a massa de votantes espalhados pelo país. (Nos Estados Unidos, as mais bem-sucedidas pesquisas nacionais costumam basear-se num contingente de 1 500 entrevistados.) Contudo, foi necessário superdimensionar essa amostra para garantir a representatividade nos sete Estados principais. Assim, o cálculo da amostra global — cuja margem de erro é de no máximo 2,1% — é ponderado de modo a equilibrar as amostras dos grandes Estados com as informações colhidas nos demais pontos sorteados. ●

A máquina dos votos

Na temporada eleitoral, repetem-se as velhas denúncias de pressões e favorecimentos

De quatro em quatro anos, o calendário brasileiro prevê, com a chegada da primavera, o auge da temporada eleitoral — que inclui comícios e manifestações partidárias, numa desenfreada busca de votos para os cargos legislativos que serão preenchidos a 15 de novembro. Como seria esperado, não se prevê, embora seja um vício tradicional, o emprego da administração pública para a conquista desses objetivos. E muito menos que essa antiga prática chegasse a ser admitida pelos que a utilizam, sempre com inegável eficiência.

Desta vez, no entanto, não falta quem reconheça que a máquina oficial está realmente funcionando a todo vapor. Em Pernambuco, por exemplo, um deputado da oposição denunciou que o governador José Francisco de Moura Cavalcanti estava distribuindo nada menos que 57 000 casas populares construídas pelo Estado com fins claramente eleitoreiros. Surpreendentemente, Moura Cavalcanti não desmentiu o adversário: "Vou continuar dando casas a quem quiser porque é um direito que me assiste", confirmou ele em uma entrevista gravada pela TV Rádio Clube de Pernambuco. Mas a entrevista não pôde ir ao ar em virtude da insistência do repórter em lhe exigir uma resposta sobre a acusação e que estaria praticando uma corrupção eleitoral.

"Prática de corrupção?", irritou-se o governador. "Mande esse deputado à . . ." — e repetiu quatro vezes uma deselegante locução popular, batendo o punho em sua mesa de trabalho do Palácio do Campo das Princesas.

UMA "DEFESA" — De todo modo, a revelação desses expedientes políticos nem sempre acontece de maneira tão crua e direta. Por vezes, a denúncia chega a assumir requintados contornos de sutileza. Por exemplo, o deputado estadual gaúcho Rubem Scheid fez em junho último um longo discurso de elogio ao secretário da Educação Aírton Vargas, também arenista, que se desincompatibilizava do cargo para tentar uma cadeira na Assembléia Legislativa.

SILVIO FERREIRA

Cavalcanti: reconhecendo a antiga prática

Depois de chamá-lo nove vezes de "digno", oito de "honrado" e mais cinco de "ético", o deputado passou a defender o secretário de "críticas acerbas e violentas", que estava sofrendo sem que ninguém soubesse. E detalhou, com excesso de detalhes, as acusações das quais supostamente defendia o correligionário: manipulação de verbas da Secretaria em troca de apoio eleitoral nos municípios, remessa de assessores ao interior para negociar títulos de cidadania honorária e, em suma, ampla utilização da máquina administrativa para receber votos. Apesar disso, o secretário Vargas prossegue normalmente em sua campanha e poucos duvidam de que não vá se eleger com sobras.

Da mesma forma, espera-se no Rio Grande do Sul uma ampla votação para deputado federal do presidente da Federação Gaúcha de Futebol, o notório cartola Rubens Hofmeister, de 45 anos, e há nove no cargo, que se aproveitava da potente máquina administrativa do esporte. Oficialmente desincompatibilizado, na verdade Hofmeister continua desempenhando as mesmas funções — o que levou o MDB a pedir a impugnação de sua candidatura. Segundo a oposição, além de tudo ele estaria imprimindo os folhetos de propaganda numa impressora da Federação, em cujo prédio instalou seu comitê. Sua jogada mais ousada, porém, foi a farta distribuição de 18 000 ingressos para o jogo entre Internacional e Palmeiras, pelo último Campeonato Brasileiro. Oferecidos em quatro lojas lotéricas, cinco postos de gasolina, uma madeireira e uma loja de material de construção — todas de sua propriedade —, os ingressos eram acompanhados de um "santinho" do candidato.

NOMEAÇÕES SECRETAS — Distribuir ingressos de futebol ou casas populares, entretanto, são atos menos freqüentes que a nomeação pura e simples de funcionários — com a desvantagem de que isso pode ser descoberto com uma corriqueira leitura do Diário Oficial. Ou pelo menos era assim, já que na Bahia os deputados "carlistas" — como são conhecidos os correligionários do ex e futuro governador Antônio Carlos Magalhães — constataram uma sagaz inovação. Segundo eles, as últimas nomeações assinadas pelo governador Roberto Santos (3 902 apenas entre os dias 13 e 16 de agosto passado) não chegam ao conhecimento do público, pois os órgãos da administração descentralizada, que oferecem os melhores salários, limitam-se a publicar os atos em discretos boletins internos.

Outros usos da máquina administrativa dispensam tais cuidados, como contou o deputado estadual paulista Horácio Ortiz, do MDB, a Suzana Veríssimo, de VEJA: "Eu estava no aeroporto de Jundiaí, num domingo de julho, quando vi chegar o Cessna da Secretaria de Turismo. Dele desembarcou

o Ruy Silva, que já havia se desligado da Secretaria e estava em campanha eleitoral pela região. Precisa-se de maior exemplo do uso indevido da máquina administrativa?" Talvez não, mas casos expressivos não faltam — a começar em São Paulo, onde há acusações de pressões de fiscais da Prefeitura sobre feirantes, para que afixem material de propaganda de candidato em suas bancas, à advertência feita pelo futuro governador Paulo Salim Maluf a 36 influentes delegados de polícia do Estado para que trabalhem pela reeleição de seu ex-colega, o deputado federal Ivahir de Freitas Garcia e não pelo ex-secretário de Segurança Pública coronel Erasmo Dias, que se desincompatibilizou no fim do semestre passado para candidatar-se à Câmara.

Hoje em dia situações como essas já não são desmentidas com a ênfase do passado, como ocorre no Paraná diante do ostensivo empenho do Banco do Estado em ajudar o arenista Túlio Vargas (que lidera a pesquisa VEJA/Gallup) em sua campanha ao Senado. Se ainda havia dúvidas, elas se desfizeram na quinta-feira passada, quando um *press release* — texto-padrão distribuído aos órgãos de imprensa — foi enviado pelo telex do banco às redações de jornais de Curitiba, com notícias sobre as atividades de Vargas. Ao final da mensagem, a sucursal de VEJA perguntou de que forma o banco participava da campanha. A resposta foi elucidativa: "O Banestado não está integrado à campanha de Túlio Vargas. É apenas a central. Tem recursos telexográficos, telefônicos, de cafezinhos, leite batido". •

RICARDO CHAVES

Hofmeister: 18 000 ingressos

AMILTON VIEIRA

Freire na praça do Recife: descobrindo uma nova alternativa

Fuga à TV

A inovação pernambucana: comícios-relâmpago

Embora contendo de modo implacável o acesso dos candidatos às próximas eleições de 15 de novembro aos programas de rádio e televisão, a "lei Falcão" começa a estimular a imaginação criadora dos políticos em campanha. Em Pernambuco, pelo menos, o MDB local — superado pela Arena na disputa das cadeiras do Senado, Câmara dos Deputados e Assembléia Legislativa, como revela a pesquisa VEJA/Gallup — descobriu uma nova alternativa para caçar votos: os comícios-relâmpago.

Para promovê-los, não é necessário ter mais que um conjunto de alto-falantes, um microfone, um banquinho e um fornido estoque de denúncias contra o governo. Com esse limitado arsenal, os oposicionistas pernambucanos, em clara desvantagem no interior do Estado, estão conseguindo, há quase um mês, sustentar a guerra eleitoral no nervoso, movimentado centro do Recife.

"Mil pessoas estão nos ouvindo a cada noite", calcula o líder do MDB na Assembléia Legislativa de Pernambuco, deputado Roberto Freire, candidato a deputado federal. "Até o fim de outubro reuniremos o triplo disso." Os primeiros números, de qualquer forma, já parecem gratificantes não pela quantidade de ouvintes mas sobretudo pelo nível de sua participação. "Afinal, falamos para pessoas que terminam um dia de trabalho e se arriscam a comer o jantar frio em casa para dialogar conosco", acredita o advogado Sérgio Longman, candidato a deputado estadual e assíduo freqüentador dos comícios.

BAIXO CUSTO — Tal participação, menos comum nos comícios convencionais, é conseguida principalmente pela coleta de depoimentos dos presentes, aos quais se estende o microfone equipado com um longo fio, para que opinem sobre as denúncias dos oradores, que abordam temas, como custo de vida, crise habitacional, problemas de transporte e autonomia sindical. Por vezes, algum ouvinte mais ardoroso pede que os moradores "quebrem o pau" no governador Moura Cavalcanti — um dos alvos preferidos do MDB em Pernambuco. E normalmente acaba sendo atendido. "O povo que pára na rua quer ouvir a oposição denunciar", explica o livreiro Hugo Martins, candidato a deputado estadual e uma das mais articuladas vozes nessa maratona-relâmpago. "Isso provoca uma grande conscientização, fazendo com que um diálogo com 300 pessoas tenha rendimento eleitoral equivalente ao de um comício tradicional com 3 000 assistentes."

A possível multiplicação é facilitada pela distribuição urbana do Recife, que concentra na área central os terminais de ônibus, o comércio, as repartições públicas e os serviços — tornando-a ponto obrigatório para os que vivem nos subúrbios.

Mas a grande vantagem dos comícios-relâmpago para o MDB pernambucano é seu custo praticamente nulo, ainda mais comparado ao gasto mínimo de 30 000 cruzeiros num comício tradicional. Realizados sempre às 6 da tarde, as manifestações duram em torno de uma hora, pois há um consenso entre os candidatos de que é fundamental "não chatear" os circunstantes — mesmo porque, chegando em casa, eles terão à sua espera os monótonos programas de propaganda eleitoral no rádio e TV. •

DIPLOMACIA

Última visita

Giscard d'Estaing chega com quatro ministros

A última grande personalidade estrangeira que deverá ser recebida pelo presidente Ernesto Geisel desembarca em Brasília nesta quarta-feira, dia 4: é o presidente francês Valéry Giscard d'Estaing, que virá num Concorde, acompanhado por uma comitiva de 27 pessoas, incluindo a mulher, três filhos e quatro ministros. Depois de passar também por São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, de onde no sábado retorna a Paris, ele espera concluir alguns acordos econômicos e eventuais negociações políticas com o governo brasileiro. A seguir, o correspondente de VEJA em Paris traça um perfil do presidente francês, com quem Geisel se entrevistou há dois anos, na França:

Se cada país tem realmente o governo que merece, o presidente francês Valéry Giscard d'Estaing surge aos olhos do observador desatento como um político estrangeiro eleito por algum engano absurdo no país errado. Recém-saída da grandiloqüência gaullista no sobressalto de maio de 1968, seguido pelo curto interregno de Georges Pompidou, a França aparece até hoje a cada nova eleição como país dividido ao meio entre direita e esquerdas. Giscard, ao contrário, é um tecnocrata liberal, um chefe de Estado "competente", "moderno", que inspira oposição sem ódio e apoio sem entusiasmo. Esse, no entanto, é o homem que os franceses escolheram para governar de 1974 a 1981 e muito possivelmente escolherão novamente de 1981 a 1988.

A escolha parece ainda mais curiosa quando se nota que nas origens e na carreira do presidente não há rigorosamente nada que se preste a despertar um fervor particular das massas. Giscard d'Estaing faz parte de uma classe social francesa que é quase uma casta. Filho de um alto funcionário do Ministério das Finanças, seus melhores amigos de infância foram aristocratas. Sua primeira vitória eleitoral como deputado, aos 29 anos, foi uma espécie de transmissão de poderes familiares no feudo de seu sogro Jacques Bardeaux. Logo depois viria a entrada no governo de 1954 como diretor adjunto do ministro das Finanças da época, Edgar Faure, seguida por uma secretaria de Estado em 1959 e por duas longas passagens pelo Ministério das Finanças.

CARREIRA DE TECNOCRATA — Como se esses dados não bastassem para compor a imagem do tecnocrata privilegiado, ele exibe todas as características da raça de uma maneira quase caricatural. Um biógrafo meticuloso chegou a encontrar uma composição escolar escrita aos 12 anos em que o futuro presidente descrevia uma visita ao jardim zoológico, numerando cada parágrafo como num relatório burocrático.

LEONID STRELIAEV

Geisel e Giscard: reencontro em Brasília

Ao lado dessa carreira de tecnocrata, nenhuma atuação mais espetacular na política. Nas crises mais recentes da vida francesa, como a guerra da Argélia ou o referendo que derrubou De Gaulle em 1969, ele sempre se colocou numa posição de ambigüidade reservada. Por oportunismo, talvez. Mas com elegância. A única manobra baixa que lhe atribuem — ter enviado à imprensa uma fotocópia da declaração de imposto de renda do então primeiro-ministro Chaban-Delmas — nunca foi comprovada.

SORTE, ACASOS? — Nessas condições, como se explica que os barões gaullistas tenham renunciado a apresentar um candidato próprio para apoiá-lo nas eleições presidenciais de 1974? Como entender que por duas vezes ele tenha derrotado as esquerdas chefiadas por François Mitterrand, um político hábil, quando as sondagens previam o contrário? Em desespero de causa há quem fale em sorte, simples acasos. E realmente não se previa a doença que interrompeu o governo de Georges Pompidou deixando os gaullistas divididos e desorientados. Da mesma forma, a diferença de votos nas eleições de 1974 foi tão pequena — menos de 1% do eleitorado — que parece fútil atribuí-la a alguma manobra deliberada. A sorte veio ainda favorecê-lo poucos meses antes das eleições legislativas de março passado, quando uma crise imprevista das esquerdas atirou socialistas contra comunistas, aniquilando suas chances de vitória. Mas, com exceção das pessoas que acreditam nos astros, todos esses episódios mostram apenas que Giscard sempre soube se colocar na posição certa à espera da hora exata.

É o político francês com melhor senso de oportunidade. Para explicar isso, ele próprio desenvolveu uma teoria política partindo de duas ou três idéias básicas. A principal delas é a que a separação política da França em duas metades opostas é uma reminiscência sentimental que absolutamente já não corresponde às necessidades práticas — de uma sociedade transformada pelo progresso dos últimos anos. Como ele anota de forma caricatural no livro "Democracia Francesa": "Nos últimos vinte e cinco anos, a França deixou de ser uma curiosidade arqueológica e gastronômica para se tranformar num país moderno e respeitável". Sua conclusão é que, mais cedo ou mais tarde, a política seguirá a evolução da economia, tornando-se igualmente "civilizada", "moderna" e "antidogmática".

OS LIMITES — Além disso, Giscard procurou tornar sua imagem mais popular por uma série de excentricidades, como convidar de surpresa um grupo de lixeiros para partilhar seu café da manhã no Palácio do Eliseu. E simples boatos contribuíram para humanizar sua imagem de tecnocrata: três ou quatro eventuais aventuras amorosas, uma célebre madrugada em que, dirigindo a Ferrari de Roger Vadin, teria abalroado um caminhão de leiteiro.

Outros fatos, bem mais concretos, no entanto, vieram mostrar nesses primeiros anos de governo os limites da "modernização" do país. A crise econômica e a oposição dos gaullistas deixaram nas gavetas uma série de medidas econômicas. Adiaram indefinidamente a prometida reforma fiscal. A política africana de intervenção no Zaire e o comércio de armas no Oriente Médio se encarrregaram de demonstrar por sua vez o quanto é delicado equilibrar o governo de um país que é o terceiro produtor mundial de armas e depende de matérias-primas africanas. Outros presidentes, como o general De Gaulle, atirariam talvez mais longe em suas opções políticas pessoais. Sem se preocupar com conseqüências práticas, os franceses preferiram agora um homem como Giscard d'Estaing. É menos romântico e mais confortável. Nos tempos que correm, talvez seja o mais adequado. PEDRO CAVALCANTI

TCU

Por que não?

O Tribunal vai investigar alguns casos

Uma intervenção do ministro Mário Renault, na quinta-feira passada, mudou radicalmente o cenário do que seria apenas mais uma burocrática sessão do Tribunal de Contas da União (TCU), em Brasília. O ministro Gilberto Pessoa dissertava placidamente a respeito da importância "de se realizarem estudos para o aperfeiçoamento das normas administrativas existentes", quando Renault resolveu criticar a omissão do Tribunal no exame de alguns casos recentes, que envolvem verbas públicas. "Por que não se pensou em pedir cópia do inquérito do adubo-papel?", perguntou o ministro. "Dos cheques sem fundos do Banco Econômico? Dos grandes empréstimos de exceção feitos pela Caixa Econômica Federal? Do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) com o grupo Lutfalla? Do Lume?"

Segundo Renault, o Tribunal só chega a examinar episódios como esses quando a imprensa os noticia e mesmo assim realiza os julgamentos quando eles já estão superados. "Jamais se pensou em inspecionar, por exemplo, o Banco Central", disse ele, "embora diversas irregularidades sejam diariamente denunciadas pela imprensa, com prejuízos para o erário." Como resultado de tamanha diatribe, o TCU resolveu no mesmo dia requisitar para exame os inquéritos administrativos referentes aos casos enumerados pelo ministro. Tal decisão não significa que os processos serão reabertos mas que o Tribunal deverá inspecionar todos os que estão pendentes e adotar as medidas que julgar necessárias.

UMA "BRAVATA"? — Os casos apontados durante a reunião do TCU são razoavelmente conhecidos e envolvem substanciais quantias em dinheiro. O Lutfalla data de 1975 e nele o BNDE teria sofrido prejuízos estimados em 500 milhões de cruzeiros; o do Banco Econômico diz respeito a dois cheques sem fundos, no total de 197 milhões de cruzeiros; a fraude do adubo, descoberta em 1977, atingiu um total de 5 bilhões de cruzeiros. Há, ainda, irregularidades em empréstimos fornecidos pela Sudepe desde 1967, cujas cifras alcançariam uns 230 milhões de cruzeiros.

Segundo uma alta fonte do BNDE, pelo menos no caso Lutfalla é certo que a decisão do TCU foi uma iniciativa de seus próprios ministros, sem qualquer interferência de diretores do Banco — e isso de forma alguma poderá atingir o futuro governador de São Paulo, Paulo Salim Maluf, cunhado dos antigos donos da Tecelagem Lutfalla, uma vez que os processos da Comissão Geral de Investigações (CGI) são conduzidos individualmente com cada um dos implicados e apenas com os sócios da empresa em questão.

Outras fontes preferem ver em tudo isso apenas uma "bravata" do Tribunal, que estaria disposto a transformar em uma tradição de fim de governo o exame de prováveis irregularidades cometidas na área do Poder Executivo — ainda que seja apenas para lembrar ou afirmar a importância da instituição. Tal tradição teria sido inaugurada na gestão passada quando, nos últimos meses do governo Garrastazu Medici, o ministro João Batista Ramos pediu o exame das contas do Executivo, alegando supostas irregularidades. •

CHICO NELSON

Pedrosa: já esperava a absolvição

JUSTIÇA

Sem provas

Todos foram absolvidos no "Processo do Itamaraty"

Pela segunda vez em quinze dias, reconhecendo a falta de provas, a 2.ª Auditoria da Marinha, do Rio de Janeiro, absolveu todos os indiciados em um importante processo sobre atividades subversivas. Na quinta-feira da semana passada — oito dias após a absolvição de 65 pessoas acusadas de tentar rearticular o Partido Comunista Brasileiro —, o mesmo Conselho de Sentença livrou de culpa os oito réus catalogados no "Processo do Itamaraty", que apurava a divulgação no exterior de fatos negativos à imagem política do Brasil. Apenas um dos indiciados, o escritor e crítico Mário Pedrosa, de 78 anos, sentou-se no banco dos réus — os outros sete encontram-se exilados*.

---

* *Os réus eram: Mário Pedrosa, Miguel Darcy de Oliveira, ex-diplomata, e sua esposa Rosisca Darcy de Oliveira, Carlos Eduardo Senna Figueiredo, engenheiro, e sua esposa Maria Regina Pedrosa Senna Figueiredo, jornalista, Maria Teresa Porciúncula de Moraes, ex-diplomata, Arthur Jader Cunha Neves e Ângela Maria Cunha Neves, sociólogos.*

O procurador da Justiça Militar, José Coelho da Silveira, sustentou a tese de que, a partir de 1969, a imprensa da França, Inglaterra, Estados Unidos, Itália e Chile noticiou com destaque vários casos de tortura no Brasil. Após algumas investigações, as autoridades chegaram à conclusão de que os jornalistas estrangeiros teriam recebido algumas dessas notícias por intermédio do próprio corpo diplomático do Itamaraty.

Segundo o procurador, "os denunciados organizaram um relatório que foi enviado à Anistia Internacional, à Fundação Bertrand Russell e ao editor da revista americana *Monthly Review*, Leo Huberman".

A defesa argumentou que nas 1 096 páginas do processo não existia uma só prova desses fatos — além de alertar para a denúncia de que dois dos indiciados sofreram torturas durante a fase policial do inquérito. A própria *Monthly Review* enviou uma correspondência afirmando que o editor Huberman jamais poderia ter recebido os relatórios mencionados, após 1969, pois morreu em novembro de 1968. Mário Pedrosa, que regressou ao Brasil em outubro passado, após sete anos de exílio, disse que já esperava pela sentença, pois acredita que "no país não há mais clima para tal tipo de condenação". •

BAHIA

Terra amarga

Persistem os conflitos de posseiros no campo

O advogado Eugênio Lyra, de 30 anos, foi morto com um tiro na testa na noite de 22 de setembro do ano passado ao sair de uma barbearia no centro da cidade de Santa Maria da Vitória, 900 quilômetros a oeste de Salvador. Como representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, Lyra preparava-se naqueles dias para depor em uma Comissão de Inquérito da Assembléia Legislativa que investigava conflitos de terras na Bahia — e, dizia-se, apresentaria documentos capazes de comprometer autoridades e empresários locais em crimes de grilagem, invasão de domicílio, agressões e até mesmo assassínios.

Na semana passada, os trabalhadores rurais mandaram rezar missas e fizeram passeatas em muitos lugares do interior baiano lembrando a memória do advogado morto. A movimentação deve-se, antes de tudo, ao fato de que os lavradores chegaram à conclusão de que, no correr de um ano, seus problemas com grileiros e invasores de terras ainda são os mesmos — ou talvez mais graves.

Até hoje não se conhecem os mandantes da morte de Eugênio Lyra. A Comissão de Inquérito Parlamentar, que ainda não chegou a qualquer resultado objetivo e entrou em recesso em conseqüência da temporada de campanha eleitoral, encontra-se sob suspeita: segundo o deputado Stoessel Dourado, da Arena, seu companheiro de bancada e presidente da prória CPI, Jairo Azi, contaria em sua campanha pela reeleição com o apoio do grileiro Airton Neves Moura — acusado de ameaçar posseiros com metralhadoras na região de Xique-Xique. E, na semana passada, nove posseiros foram presos em Iaçu, por se recusarem a sair, antes de uma decisão judicial, das terras reclamadas pelo corregedor da Polícia Civil em Salvador, Edgard Medrado.

"TERRA DE NINGUÉM" — Como em muitas outras fronteiras econômicas abertas nos últimos anos pelo interior, o conflito fundiário da Bahia trava-se com violência. Instalados há gerações em terras devolutas, os posseiros baianos assistiram na última década à chegada de investidores interessados em glebas para a implantação de projetos agropecuários. Em todo o Estado, mas especialmente ao longo do rio São Francisco, as terras foram subitamente valorizadas pela construção de novas estradas e de usinas hidrelétricas.

Nem os posseiros nem a administração pública estavam preparados para isso. Os primeiros jamais possuíram um documento capaz de provar sua posse.

E a burocracia não soube ou não pôde resolver os conflitos que começaram a emergir. Atualmente, menos de 5% das 400 000 propriedades rurais baianas possuem títulos e apenas 1% delas recebe assistência governamental. Para um total de 336 municípios, contam-se apenas 35 delegacias de terras que distribuem pouco mais de 1 000 títulos por ano. Para um Estado onde 60% da força de trabalho estão na zona rural, esses são dados inquietantes — e não parece difícil, assim, imaginar que algumas regiões da Bahia formaram, há alguns anos, uma espécie de "terra de ninguém", cuja posse era disputada por todos os meios.

Num ácido depoimento à Comissão que estuda o assunto na Assembléia Legislativa, dom Jairo Rui Matos da Silva, bispo de Senhor do Bonfim, a nordeste do Estado, denunciou dezenas de casos violentos de grilagem. E pediu não apenas que se descubra "quem queima barracos, derruba cercas, mata a criação ou — o que não é incomum — elimina fisicamente o lavrador que ousa lutar por seus direitos", mas também "quem escamoteia petições, engaveta certidões ou lavra escrituras escandalosamente fraudulentas".

Para os moradores da região, os conflitos tornam-se tanto menos compreensíveis quando se recorda que o presidente Ernesto Geisel, em 7 de agosto de 1974, decretou as áreas de Santa Maria da Vitória e as de mais doze municípios vizinhos como "prioritárias para fins de reforma agrária". •

Manifestações em Santa Maria da Vitória: quem matou Lyra?

CASO CLÁUDIA

A testemunha

Ela acusa Michel Frank. Mas quem acredita?

Ao contrário da maioria dos envolvidos no processo sobre a morte de Cláudia Lessin Rodrigues, a garota assassinada pouco mais de um ano atrás no Rio de Janeiro, a comerciária Marta Souza Siqueira, 18 anos, nunca freqüentou o Régine's ou qualquer outro dos caros restaurantes da zona sul carioca. Na verdade, ela pode ser mais facilmente encontrada nas boates da mal-afamada praça Mauá. Sem ter o cuidado de um bom sobrenome a preservar, ela viu-se repentinamente transformada, no início da semana passada, em privilegiada testemunha do caso. Marta afirmou a repórteres e outros interessados ter visto Cláudia Lessin, ainda com vida, na noite de domingo, 24 de julho de 1977, em companhia do empresário Michel Frank e do cabeleireiro Georges Khour — os dois acusados de matá-la —, e dois homens em frente à casa de Jocélio Gonçalves Dutra, na avenida Niemeyer.

Esse surpreendente depoimento contraria a versão mantida até agora por Frank e Khour de que Cláudia morrera no apartamento do primeiro, na madrugada do sábado para domingo, e reforça a tese defendida pelo detetive Jamil Warwar, da polícia carioca, de que o crime ocorreu próximo à pedra do Chapéu dos Pescadores, onde o corpo foi abandonado. Além disso, a história contada por Marta transforma em personagem central da trama uma figura que até então mantinha-se num discreto segundo plano: o milionário Jocélio Gonçalves Dutra, amigo dos dois acusados.

QUEM ACREDITA? — Na quinta-feira passada, ouvido em Juiz de Fora (MG), onde mora desde o ano passado, Jocélio, 48 anos, negou para VEJA as acusações de Marta. "É tudo invenção do Jamil Warwar", afirma ele indignado. "Desde o início ele quer provar que o crime aconteceu em minha casa. Essa menina diz que viu Cláudia Lessin dentro do meu carro, mas na época eu nem tinha automóvel. Depois, quem acredita em alguém que só abre o bico um ano depois?"

O próprio Jamil Warwar confessava, no fim da semana passada, não acreditar inteiramente nessa recentíssima versão do crime de Cláudia. "A moça pode estar mentindo", concorda Warwar, "aliás, eu creio que 90% do que ela diz é fruto de sua imaginação." Na verdade, as únicas pessoas a depositarem total confiança na história contada por Marta Souza Siqueira eram exatamente a ex-esposa de Jocélio, Sônia Vasconcelos Nabuco Santos, e sua filha Márcia, de 13 anos.

AMICCUCI GALLO

Dutra: "É perseguição"

AE

Marta Souza

Foram elas que forneceram aos repórteres e ao policial o nome e o endereço de Marta. E é Márcia também, de quem Marta é muito amiga, quem justifica o longo silêncio da colega: "Desde o dia seguinte ao crime, Martinha já havia me contado ter visto um homem barbudo colocando pedras numa sacola enquanto Cláudia gritava dentro de um carro, estacionado em frente à casa de meu pai, onde estavam Michel Frank e Georges Khour", diz a menina. "Na época, eu não acreditei, porque Martinha sempre mentiu muito, mas agora eu acho que é verdade." •

CRIME

Gente fina...

...é a mesma coisa. Juiz mata vizinho advogado

A história não chega a ser novidade na crônica policial: após uma inimizade que se arrastava há dois anos em cenas de violência, Jacy Nunes de Miranda, 65 anos, abateu com seis balaços seu vizinho e desafeto Luís Mendes de Moraes Neto. O crime não mereceria mais que uma nota banal não fosse o assassino juiz do II Tribunal de Alçada do Rio de Janeiro e o morto, um ex-presidente da seção carioca da Ordem dos Advogados do Brasil. A briga, que terminou às 11 horas da noite de segunda-feira da semana passada, na frente do edifício onde ambos moravam, na rua Sá Ferreira, em Copacabana, começou em um dia de 1976, quando a mulher do juiz, a advogada Enoé Mesquita Lobo, discutiu com o filho do advogado Moraes Neto, Marcos, que se recusou a tirar seu carro da vaga que impedia a passagem do automóvel de Nunes de Miranda.

A isso seguiram-se três agressões ao juiz e sua mulher, além de danos aos veículos, que motivaram cinco queixas à polícia e três condenações para Marcos Mendes de Moraes, cada uma delas seguida por ameaças de Moraes Neto de que mataria o juiz caso seu filho fosse preso. Na noite do crime, Nunes de Miranda voltava exatamente de uma dessas visitas à delegacia — onde fora denunciar a família Mendes de Moraes por riscar a pintura de seu automóvel — acompanhado por dois policiais.

Foi na porta da garagem que se encontrou com o advogado, que retirava algumas malas do edifício — de onde pretendia mudar-se no dia seguinte. "Esse juiz é um maluco", gritou Moraes Neto, antes de avançar em direção a seu inimigo. Segundo as testemunhas, Nunes de Miranda ainda disparou duas vezes para o chão, antes de começar a atirar no advogado. Preso em flagrante, o juiz não chegou a ver Marcos Mendes de Moraes, armado com uma barra de ferro, destruir seu automóvel e a sala de seu apartamento.

Com direito a foro especial para seu julgamento, Nunes de Miranda encontra-se preso, em regime de prisão especial, no quartel do Regimento Caetano de Farias. Não por muito tempo, a julgar pelos casos recentes de pessoas de alguma projeção social que cometeram crimes. •

A paz vem aos poucos

O Parlamento israelense aprovou os esboços de Camp David. Agora, Egito e Israel apressam-se em ultimar os termos de um tratado bilateral

"O estado de guerra entre Israel e Egito chegou ao fim." O primeiro-ministro de Israel, Menahem Begin, emocionou-se ao pronunciar estas palavras, na última quarta-feira, perante os 120 deputados da Knesset, o Parlamento israelense. Aquele, explicou Begin, seria o texto do primeiro parágrafo do tratado de paz a ser assinado dentro de três meses — talvez dois — entre os dois países. E, quando isso acontecesse, estariam lançadas as bases da paz no Oriente Médio. Era preciso, portanto, que todos entendessem o significado daquilo tudo.

Pela primeira vez em trinta anos, o Egito, o mais poderoso dos países árabes, deixaria de ser um inimigo de Israel. Mais importante ainda: quando isso acontecesse, nenhum outro país árabe se atreveria sequer a pensar em fazer a guerra contra Israel. Em outras palavras: era a paz que, finalmente, estava ao alcance da mão. E, para torná-la uma realidade, bastava que os deputados israelenses aprovassem os acordos acertados no último dia 17, em Camp David, entre Israel, Egito e Estados Unidos. Depois de Begin, foi a vez do ministro da Defesa, Ezer Weizman, falar. E ele se mostrou mais claro ainda. "Segurança não se mede com territórios", disse Weizman, defendendo a devolução do Sinai ao Egito. "Além disso, sem o Egito, a Síria não se atreverá a atacar Israel. Seria suicídio."

"TEMOS PRESSA" — Alguns recordes foram batidos naquela sessão da Knesset. Foi a mais longa de todas as reuniões do Parlamento israelense desde sua fundação, em 1948. Foi também a primeira vez em muitos anos que todos os 120 deputados compareceram. E foi também uma das mais tensas sessões de todos os tempos. No fim, depois de dezessete horas e alguns incidentes, procedeu-se à votação. Por 85 votos a favor, 19 contra e 16 abstenções, os acordos de Camp David foram aprovados. Os membros do gabinete israelense suspiraram — e não foram só eles.

Begin e Weizman na Knesset: uma vitória tensa

O alívio fez-se sentir quase ao mesmo tempo também em Washington, onde o presidente Jimmy Carter, o grande arquiteto dos acordos de Camp David, discursava perante 1 200 pessoas, durante um jantar de arrecadação de fundos para seu Partido Democrata. Carter interrompeu seu discurso, inclinou-se para a frente e, enquanto ouvia os cochichos de um assessor, um largo sorriso ia aos poucos se instalando em seu rosto. Logo depois, Carter anunciou aos presentes o resultado da votação em Jerusalém. Os aplausos foram prolongadíssimos.

Em Israel, após a decisão parlamentar, enquanto uns poucos manifestantes ultradireitistas, roucos e cansados, ainda gritavam slogans contra o "traidor Begin" pelas ruas de Jerusalém, o governo já se punha a trabalhar para conseguir a paz com o Egito o quanto antes.

Na noite de quinta-feira, um grupo de técnicos israelenses em comunicações era enviado ao Cairo para restabelecer os contatos por telefone e telex entre os dois países, enquanto uma comissão político-militar de alto nível preparava suas malas para embarcar rumo ao Egito. "Sadat tem pressa", comentou Begin. "E nós também." O primeiro-ministro, naquele momento, dava mostras de profundo cansaço. E esses sinais se intensificariam na noite seguinte, quando o cardíaco Begin se sentiu mal e foi hospitalizado às pressas. Seus médicos, de qualquer forma, garantiram que nada de grave se passava com Begin, que "poderia voltar para casa na manhã seguinte".

"SUBA A BORDO" — Mas, se por um lado os artífices dos acordos apressavam-se em sacramentá-los, não faltava, por outro, quem os torpedeasse. A semana passada, de fato, foi rica em pronunciamentos inflamados dos anátemas da União Soviética às reações coléricas dos países árabes radicais — além da decepção discreta da Arábia Saudita e da Jordânia. Aliás, foi sobre esses dois importantes focos de resistência do mundo árabe — Jordânia e Arábia Saudita — que os Estados Unidos mantiveram apontadas suas baterias durante a semana passada. ▶

Idéia: que tal uma bandeira árabe na Knesset?

A certa altura, o presidente Jimmy Carter chegou a dizer a um de seus convidados, o primeiro-ministro israelense Menahem Begin: "Se você insistir em manter posições tão intransigentes, não há razão para continuarmos com esta conferência". E não houve apenas isso. Explosões semelhantes foram freqüentes durante os treze dias de dramáticas negociações a portas fechadas em Camp David. Na semana passada, tanto Carter quanto Begin e o outro convidado, o presidente do Egito, Anuar Sadat, bem como os membros das três equipes, ainda comentavam os momentos difíceis de Camp David e novos detalhes da ultra-secreta conferência de cúpula vinham à luz. Abaixo, alguns desses episódios.

O primeiro atrito entre Menahem Begin e Anuar Sadat surgiu já no segundo dia da conferência. Era quarta-feira, dia 6 último, passava um pouco da hora do almoço. Carter, que apenas iniciara seu primeiro encontro a sós com os dois líderes estrangeiros, perguntou se Begin não estaria disposto a fazer um gesto grandioso, equivalente ao de Sadat ao visitar Jerusalém em novembro passado.

"Esse gesto já foi feito", respondeu Begin, referindo-se à entusiasmada acolhida oferecida ao líder egípcio naquela ocasião. E realçou: "Não se esqueça de que acolhemos com simpatia o mesmo homem que apenas quatro anos atrás, simulando manobras militares de rotina, atacou Israel, no exato momento em que estávamos recolhidos em nossas sinagogas".

"Foi uma simulação estratégica", explicou Sadat.

"Simulação é sempre simulação", fuzilou Begin.

A partir de lances como esse, Carter decidiu que seria mais prudente, em vez de reunir os dois adversários, manter reuniões separadas com um e outro. Não era para menos: Sadat e Begin mal conseguiam se olhar nos olhos e essa situação duraria até o momento final, quando o acordo entre ambos veio trazer o degelo.

•

Na manhã do 11.º dia — uma sexta-feira, dia 15 —, Sadat dava mostras de que sua paciência começava a se esgotar. "Ezer, tudo está entrando em colapso", chegou a comentar, preocupado, com o ministro da Defesa de Israel, seu velho conhecido Ezer Weizman. E, em seguida, começou a arrumar as malas. Mais que depressa o secretário de Estado, Cyrus Vance, precipitou-se para o chalé presidencial, para alertar Carter: o presidente egípcio estava pedindo um helicóptero para deixar Camp David. Carter ordenou que Vance e seus assessores se certificassem de que ninguém sairia de Camp David, nem tomasse qualquer helicóptero, sem uma ordem assinada por ele próprio, Carter. Era meio-dia. Carter rumou preocupado para o chalé onde se encontrava Sadat, para tentar convencer o presidente egípcio a ficar. "Foram os piores 15 minutos de minha vida", comentaria mais tarde o presidente americano. Seu esforço, de qualque forma, surtiu efeito. Sadat cedeu. "Quando vi Carter entrando em meu chalé, senti que estava em prisão domiciliar", afirmaria posteriormente Sadat. "Mas ele estava certo, eu estava errado", admitiu o presidente do Egito. "Prova disso é que, 24 horas mais tarde, tudo mudou." Sadat se referia aos acordos, assinados no dia 17.

•

No 13.º e último dia da maratona de Camp David — um domingo —, quando tudo já estava praticamente acertado, Sadat fez ainda uma desesperada tentativa de arrancar uma vantagem de última hora: ele queria que uma bandeira árabe fosse hasteada em algum lugar de Jerusalém. Mas onde? "Sobre os lugares sagrados muçulmanos do Monte do Templo", informou Zbigniew Brzezinski, assessor de Carter e porta-voz da inesperada exigência egípcia aos delegados israelenses. "O Monte do Templo, não", respondeu Begin. "É nosso lugar mais sagrado de Jerusalém."

"Se o Monte do Templo está fora de questão", insistiu Brzezinski, "não haveria então um outro lugar?"

"Que tal a Knesset?", perguntou, irônico, o chanceler israelense Moshe Dayan, referindo-se ao Parlamento de seu país.

FOTOS SVEN SIMON

Sadat e Begin: sem se olhar nos olhos, até os acordos

Para os mediadores americanos este foi um dos momentos mais desconcertantes de Camp David. Os israelenses, entretanto, não pareciam preocupados. Ao contrário, eles encararam aquela manobra de Sadat com um certo humor. "Sadat estava simplesmente praticando o velho costume árabe de pedir uma *baksheesh* (gorjeta)", comentou depois um israelense. Sadat não conseguiu sua bandeira — mas ganhou outra *baksheesh*. Os israelenses consentiram em assinar primeiro o acordo de Gaza e Cisjordânia, e só depois o do Sinai. Assim, a "paz em separado" era jogada para um confortável segundo plano.

No caso do rei Hussein, da Jordânia — que, imitando o rei Khaled, da Arábia Saudita, criticou os acordos por não exigirem a imediata retirada israelense dos territórios árabes ocupados, não garantirem os direitos dos palestinos e nem sequer mencionarem a questão de Jerusalém —, os argumentos diplomáticos americanos não surtiram o efeito desejado. O secretário de Estado, Cyrus Vance, chegou mesmo a ser mais duro com o pequeno rei hachemita: "Suba a bordo do trem da paz", disse-lhe Vance durante sua visita a Amã, "ou você será deixado no meio do caminho e se tornará irrelevante". A resposta de Hussein não foi menos dura: "Agimos na defesa dos interesses palestinos, qualquer que seja a opinião de Washington".

VANTAGENS — Quanto à Arábia Saudita — guardiã do Islã e potência financeira cujos petrodólares evitam que o Egito e outros países afundem na bancarota —, o problema era considerado mais delicado. No fim da semana, contudo, os meios diplomáticos de Washington não afastavam a possibilidade de o Departamento de Estado conseguir amansar o rei Khaled — que, por sinal, se encontra internado numa clínica para doentes cardíacos em Cleveland, Ohio, para tratamento de rotina. Caso Khaled ceda, será meio caminho andado. O mais provável, então, é que Hussein venha a engajar-se no rastro do grande irmão saudita. Mesmo porque — e essa é uma tese que ganha corpo em Washington — o processo de paz no Oriente Médio é algo irreversível.

Todos, segundo esse ponto de vista americano, têm muito a ganhar com a paz de Camp David. Para o Egito, ela significará a reconstrução econômica do país, a atração de investimentos estrangeiros, a recuperação da península do Sinai — e, quem sabe, até o Prêmio Nobel da Paz para Sadat. Do lado de Israel também não é difícil enumerar as vantagens: redução dos gastos militares, segurança, reconhecimento de suas fronteiras e mesmo da própria existência. Finalmente, não faltava também quem visse vantagens até mesmo para os palestinos da diáspora. Afinal, terminado o prazo de cinco anos de transição previsto nos acordos para a Cisjordânia e a faixa de Gaza, dificilmente Israel poderia impedir a criação, nessas regiões, de um Estado Palestino livre e soberano, reconhecido pelo mundo, com boas relações com seus vizinhos — e, sem dúvida, gordos empréstimos da Arábia Saudita. •

Botha: de ministro da Defesa a premier

ÁFRICA DO SUL

Dois "duros"

No comando do país, uma dupla de inflexíveis

Como costumam dizer os africânderes, os colonizadores brancos de origem holandesa da África do Sul, trata-se de uma dupla de *kragdadiges* — isto é, de líderes "durões", autoritários, intransigentes. De fato, se há alguma diferença entre o novo primeiro-ministro da África do Sul, Pieter Willen Botha, escolhido para o posto na quinta-feira passada, e seu antecessor, John Vorster, que deixou o cargo alegando "razões de saúde", mas foi eleito sexta-feira para a Presidência da República, é mera questão de grau.

Vorster, 63 anos, um ex-simpatizante do nazismo durante a década de 40, que governou por doze anos, demonstrou alguma flexibilidade no cargo, promovendo tímidas alterações no regime racista do *apartheid* e tentando, sem êxito, algum tipo de *détente* com países negros moderados. Botha, 62 anos, ocupante do Ministério da Defesa desde a ascensão de Vorster ao poder, é considerado tão pouco maleável como revela seu apelido — "Piet, the Gun", ou "Piet, o Revólver". "Ele primeiro atira e depois discute", dizem seus críticos.

A reputação de intransigência que acompanha Botha é reforçada por suas atitudes freqüentemente agressivas. Na última entrevista que concedeu ao jornal *Cape Times*, da Cidade do Cabo, por exemplo, ele fez apenas uma declaração ao repórter: "Vá para o inferno". Quanto à sua atuação política, não é menos duro: foi ele o principal opositor, dentro do gabinete de Vorster, ao moderado plano de descolonização elaborado pelas principais potências ocidentais para a Namíbia, o território do sudeste africano ilegalmente dominado pela África do Sul.

AMPLIAR PODERES — A influência de Botha — um ferrenho anticomunista, como Vorster — parece ter sido decisiva também na decisão do governo sul-africano de invadir Angola, em 1975, para combater o recém-instalado regime marxista de Agostinho Neto, apesar do parecer contrário do Ministério de Exterior e do Serviço Secreto sul-africano, o *Boss*. Para o alto comando sul-africano, a invasão foi um bem-sucedido exercício militar. Os observadores em geral, porém, a consideraram um desastre diplomático, deitando por terra a *détente* que Vorster ensaiava com governos negros, como os do Senegal e da Costa do Marfim.

Botha recebeu o apoio de Vorster na disputa pelo cargo de primeiro-ministro. No Parlamento de 225 lugares ele derrotou em segunda votação, por 98 a 74 votos, um outro *kragdadige* — Cornelius Mulder, 53 anos, ministro de Relações Raciais, prejudicado por denúncias de irregularidade na utilização de verbas pelo Departamento de Informações de seu Ministério. O terceiro aspirante, o chanceler Roelof "Pik" Botha, depois de obter 22 votos no primeiro escrutínio, desistiu em favor de Pieter Botha (que não é seu parente).

A eleição de Vorster para a Presidência foi mais simples: candidato único do amplamente majoritário Partido Nacional, ele obteve 173 votos contra apenas 31 dados a dois outros candidatos da oposição.

O cargo estava vago desde a morte do presidente Nicholas Diedrich, em agosto passado, e atualmente é decorativo. Uma reforma constitucional em curso, entretanto, deverá ampliar consideravelmente os poderes presidenciais — e acredita-se que Vorster continuará exercendo grande influência sobre os negócios de Estado. •

NICARÁGUA

"Uma Guernica"

O país está esfacelado, mas Somoza resiste

Foi demais. Nem mesmo o representante do presidente nicaragüense Anastasio Somoza nas Nações Unidas, embaixador Henrique Fernández, conseguiu tolerar a insana repressão desencadeada pelas tropas governamentais para pôr fim à insurreição generalizada em seu país. Em nervosa entrevista à imprensa, na quinta-feira passada, o embaixador anunciou sua renúncia ao cargo de representante permanente da Nicarágua na ONU, declarou-se a partir daquele momento um exilado político — e denunciou as execuções sumárias e os bombardeios indiscriminados, que tornavam a cidade de Esteli, segundo disse, a "Guernica da América".

O combate a Somoza extravasava, assim, as fronteiras de seu país. Mas, queiram ou não seus opositores, Somoza na semana passada tinha conseguido neutralizar, política e militarmente, o maior desafio já enfrentado por sua dinastia em mais de quarenta anos. No plano militar, sua posição consolidou-se no domingo, dia 24, com a retomada de Esteli, a 150 quilômetros de Manágua e último reduto dos rebeldes. E, politicamente, a já desfigurada Frente Ampla de Oposição achou melhor, na terça-feira última, suspender a greve geral contra o regime. A greve deveria vigorar "até a queda de Somoza". Durou 32 dias.

"DOMINÓ" — Somoza conseguiu ainda outras vantagens, em sua reação. Ele também saiu ileso de sua primeira batalha diplomática — a conferência extraordinária de chanceleres da Organização dos Estados Americanos (OEA) para debater a crise nicaragüense. Convocada em regime de urgência pela Venezuela, a conferência não conseguiu sequer aprovar uma moção condenando os excessos dos soldados de Somoza: terminou, no sábado 23, em Washington, com uma inóqua resolução pedindo que o governo da Nicarágua "aceite a cooperação amistosa" da OEA em sua disputa com a oposição interna. O que poderia deter Somoza? Somente uma atuação decidida dos EUA, segundo membros no exílio da frente oposicionista.

Funcionários americanos, porém, não parecem achar simples semelhante fórmula. "O que fazer para depor Somoza?", indagou agastado em Washington um especialista em assuntos da América Latina. "Enviar *marines* à Nicarágua e mandar seu *bunker* pelos ares?" Uma tal intervenção é, obviamente, impensável. Embora reconheçam um comprometimento histórico com o regime — a família Somoza subiu ao poder, 41 anos atrás, com ajuda dos *marines* e, a ▶

Boeing contra Cessna: o maior desastre

Foi o maior acidente aéreo já registrado nos Estados Unidos. O Boeing 727 da Pacific Southwest Airlines preparava-se para pousar em San Diego, Califórnia, na manhã da última segunda-feira, quando um pequeno Cessna 150, tripulado por um piloto novato e seu instrutor, que decolara pouco antes de uma localidade vizinha, chocou-se contra sua asa direita. Desgovernado, o Boeing mergulhou de nariz, espatifando-se segundos depois sobre o bairro residencial de Northpark. Saldo: 151 mortos — todos os ocupantes do Boeing e do Cessna, mais treze moradores de Northpark.

O Boeing, com a asa direita em chamas, mergulha sobre Northpark, onde destruiria dezesseis casas

FOTOS AP

Soldados em Esteli: insana repressão

partir daí, a Nicarágua tornou-se espécie de Estado vassalo, servindo inclusive de base para a invasão da baía dos Porcos, em 1961, contra Fidel Castro —, funcionários americanos insistem em que os EUA teriam hoje poucas condições de atuar contra Somoza. A começar pelo plano militar: de nada adiantará a suspensão, já ordenada, da ajuda militar, uma vez que Somoza possui um considerável estoque de armamentos, muitos deles ainda encaixotados.

No plano financeiro, não haveria nenhum empreendimento suficientemente grande para exercer influência decisiva sobre o regime. E, além do mais, Somoza dispõe de um influente *lobby* em Washington — onde tem amigos inclusive nas Forças Armadas, seus colegas ao tempo que cursou a academia de West Point. Enfim, por uma versão centro-americana da teoria do dominó, o abandono do ditador, segundo o ponto de vista de Washington, teria efeitos gravemente "desestabilizadores" em países vizinhos, como Honduras, Guatemala e El Salvador, todos sob regimes autoritários. Quer se queira, quer não, portanto, para os EUA não haveria atualmente alternativa democrática para Somoza.

"VAZIO DE PODER" — É possível. O presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez, porém, desde o início à frente da ofensiva diplomática contra Somoza, parece pouco convencido com tais argumentos. Pérez teria reagido com irritação à mensagem do presidente Jimmy Carter, transmitida pessoalmente por seu enviado especial a Caracas, embaixador William Jordan, segundo a qual os EUA, para evitarem um vazio de poder na Nicarágua, "continuariam a jogar inclusive com Somoza, até que se esclareçam as alternativas a seu regime". O presidente venezuelano, segundo apurou o correspondente de VEJA em Washington, Roberto Garcia, respondeu a Carter com uma carta amarga, observando que o "vazio do poder" foi criado por uma ditadura de mais de quarenta anos — e que a continuação dessa dinastia só poderá ampliar o vazio.

Também o presidente mexicano, López Portillo, mandou um recado azedo ao chefe de Estado americano. "Somoza é seu filho bastardo. Livre-se dele", dizia a mensagem. No final da semana, enquanto Jordan realizava consultas em Manágua, diplomatas da Venezuela, México e países do Caribe de língua inglesa estudavam uma possível convocação do Conselho de Segurança da ONU para a crise nicaragüense. "Nossa ação não é radical, mas preventiva", explicou a VEJA o embaixador da Jamaica. "Se forem bloqueados os caminhos para mudar o regime de Somoza, a iniciativa acabará em definitivo com os guerrilheiros sandinistas que desencadearam a rebelião." Funcionários do Departamento de Estado têm o mesmo temor — e também acham que Somoza, após o ódio gerado em seu país, terá inevitavelmente que sair. Resta saber quando e como. •

FRANÇA

Caindo, caindo

A estrela de JJSS recusa-se a luzir

Entre todos os políticos franceses, Jean-Jacques Servan-Schreiber é, inegavelmente, o que apresenta o futuro mais brilhante atrás de si. Sim, atrás. Fundador da revista *L'Express* e jornalista de inegável talento, autor de um *best-seller* internacional — "O Desafio Americano" —, secretário do Partido Radical desde 1969, deputado da região da Lorena desde 1970, ministro das Reformas, em 1974, JJSS já deveria ter alcançado uma posição sólida na política francesa. Em todas as iniciativas que toma, no entanto, acaba sempre tropeçando, vítima de ataques incontroláveis de megalomania ou de insensatez.

Ao assumir o controle do moribundo

Partido Radical, por exemplo, o dinâmico JJSS pretendia nada menos que iniciar a formação de uma terceira alternativa política na França, superando a tradicional dicotomia direita-esquerda. Mas o partido, apesar da publicidade que ganhou nos meios de comunicação e da atuação frenética do próprio Servan-Schreiber, jamais obteve, em qualquer eleição, mais que 12% dos votos. Depois, em 1974, apesar de sua inicial "eqüidistância" dos dois candidatos, o socialista François Mitterrand e o centro-direitista Valéry Giscard d'Estaing, JJSS acabou aderindo a Giscard em troca de um Ministério, o das Reformas. Mal tomou posse do cargo, porém, JJSS novamente voltou a escorregar, atacando com tal violência a política nuclear do governo ao qual acabara de se integrar que foi expulso do gabinete duas semanas depois da posse.

JJSS: sem cadeira de deputado

"KENNEDY FRANCÊS" — No início desse ano, decidido a consagrar-se inteiramente à política, JJSS começou por vender a revista *L'Express* — justamente de onde lhe vinha o prestígio remanescente. E, pior ainda, passou seu controle a um grupo inglês — algo intolerável para o orgulho nacional francês. Além de tudo, sua excentricidade política começou a levar o eleitorado à perplexidade: a um só tempo, JJSS conseguia apoiar "integralmente" o presidente Giscard e criticar duramente a política econômica do primeiro-ministro Raymond Barre — que conta, por sua vez, com total apoio do presidente.

Veio então a desgraça maior. Detestado pelos gaullistas, que o apelidaram de "Turlupin" (personagem das farsas medievais francesas que aparecia no palco geralmente sem calças), ele tanto se indispôs com os aliados que terminou melancolicamente derrotado em sua tentativa de se reeleger deputado por Nancy, na Lorena, nas eleições suplementares realizadas no domingo, dia 24 último. Ganhou seu adversário socialista, Yvon Tordon. E muito provavelmente JJSS terá, agora, que abandonar também a secretaria do Partido Radical. Para quem sonhava ser "o Kennedy francês", a queda não podia ser mais melancólica. ●

Material para kremlinologistas: Gromyko na ONU . . .

. . . e Brejnev durante seu discurso em Baku

Uma gafe e um mal súbito

Sempre alertas às possíveis flutuações na saúde dos dirigentes mais importantes da União Soviética, cuja média de idade é de 67 anos, os kremlinologistas detectaram há dias um lapso mental do principal deles — o presidente Leonid Brejnev. Brejnev estava em Baku, na rica região petrolífera da costa do mar Cáspio, para agraciar a cidade com a Ordem de Lênin. No final de seu discurso, transmitido a todo o país pela televisão, o presidente soviético, de 71 anos, anunciou que passaria a ler o decreto de agraciamento da cidade. Nesse instante, as câmaras da televisão deixaram de focalizar o presidente e voltaram-se para a audiência, reunida num salão local. Os telespectadores, contudo, puderam ouvir uma abafada troca de palavras entre Brejnev e um funcionário. Quando as câmaras giraram novamente em sua direção, um embaraçado Brejnev admitiu: "Eu já li isso".

Apesar da gafe, o desempenho de Brejnev impressionou favoravelmente a muitos observadores: sua voz não apresentava mais as hesitações e os gaguejos anteriores a suas longas férias de verão, e as câmaras mostraram claramente como ele se levantava e se sentava com facilidade e sem auxílio de ninguém — ao contrário do que aconteceu durante sua visita à Alemanha Ocidental em maio passado. Mais que um lapso mental, porém, foi o que ocorreu na terça-feira passada com outro líder soviético, o veterano Andrei Gromyko, de 69 anos — chanceler da URSS desde 1954 e decano dos ministros de Relações Exteriores do mundo.

Gromyko falava à Assembléia Geral da ONU, em Nova York, sobre um tema árido: as conversações sobre limitações de armamentos estratégicos com os Estados Unidos (SALT). Subitamente, ficou em silêncio. Suas mãos tremiam. Até que caiu sobre a tribuna e foi apressadamente socorrido por funcionários da ONU, que o levaram para um gabinete fora do plenário. Atendido por dois médicos soviéticos, Gromyko explicaria, depois, que se sentiu mal devido ao calor dos holofotes. Mais tarde, enquanto almoçava com o chanceler alemão ocidental Hans-Dietrich Genscher, ele se mostrava jovial e bem-disposto, garantindo aos jornalistas: "Cavalheiros, eu estou 101% bem".

OLIVETTI DIVISUMMA.
A SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS DE QUEM VIVE FAZENDO CONTAS.

A Olivetti Divisumma não é uma fofoqueira: é uma calculadora. Ou uma máquina de fazer contas, se você preferir.

Ela conta tudo em bancos, butiques, repartições públicas, restaurantes, fábricas, lojinhas, agências de turismo, em todo lugar.

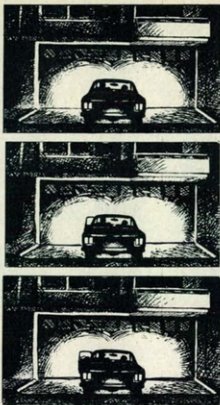
Faz as quatro operações, percentagem direta, acúmulo, resultados, cálculo em cadeia e arredondamento. Imprime sempre o número com o símbolo.

Mas não é da turma da pesada: é leve e pequena pra que você possa transportá-la pra baixo e pra cima.

Seja qual for o seu negócio, conte com o perfeccionismo da Olivetti Divisumma.

Aquela que conta tudo pra todo mundo. Te contei

olivetti

DIVISUMMA 33
PRINT
ACC
R/O
DEC
CE
ON/OVF
T
S
GT

30-9-1974: Prats embica o carro na garagem de seu prédio, pára e abre a porta — dá-se a explosão

CHILE

Prats, quatro anos

Depois do caso Letelier surgirá a verdade sobre a morte de outro ilustre exilado chileno?

Passavam poucos minutos das 2 horas da madrugada do dia 3 de setembro de 1974 quando o telefone soou no apartamento 3 do prédio 3359 da Calle Malabia, bairro de Palermo, em Buenos Aires. "General Prats?", perguntou do outro lado uma voz masculina. Sim, quem atendia era o próprio general Carlos Hugo Prats González, 59 anos, ex-comandante-chefe do Exército chileno, ex-ministro do Interior e figura de primeiríssimo plano, em seu país, nos tempos do governo de Salvador Allende. Prats e a mulher, dona Carmen Sofia Culthbert de Prats, moravam naquele apartamento da Calle Malabia, um modesto conjunto de quarto e sala, desde que haviam deixado o Chile e se exilado na Argentina, um ano antes, em conseqüência da deposição de Allende. A voz ao telefone tinha sotaque chileno. O desconhecido começou:

— General, telefono para informar que ontem um oficial do Exército chileno viajou de Santiago para Montevidéu. Nesta cidade, ele deve contatar um certo grupo de pessoas a fim de montar uma operação para matá-lo. A única maneira de sustar essa operação é o senhor fazer uma declaração pública dizendo que não está conspirando contra a Junta Militar.

— Mas por que o senhor está me comunicando isso? — estranhou Prats.

— Porque o estimo muito, general. Gostaria que fizesse essa declaração pública para não vê-lo morto. Desculpe, general, mas não posso dizer mais nada.

Menos de um mês depois desse telefonema viria a consumação da ameaça. Aos primeiros minutos do dia 30 de setembro de 1974, uma segunda-feira, os Prats saíam do apartamento de um casal de amigos, com quem haviam jantado, e voltavam para casa — ele ao volante de seu Fiat-124. Quando Prats chegou em frente a seu prédio e embicou o carro diante da garagem, deu-se uma violenta explosão, que clareou toda a rua. Vidraças se estilhaçaram em vários prédios vizinhos. Os primeiros rostos assustados surgiram nas janelas dos apartamentos. Lá embaixo, o Fiat se transformara num amontoado de ferros retorcidos e fumegantes. A 5 metros de distância, o corpo do general, com o braço e a perna direitos mutilados, jazia na calçada. Do outro lado, junto ao meio-fio, estava o cadáver decapitado e carbonizado de dona Carmen Sofia.

No último sábado, completaram-se quatro anos da morte de Prats e sua mulher. Até agora, o crime permanece sem explicação. De quaquer forma, os atentados contra exilados chilenos ilustres, como hoje se sabe, não se circunscreveram ao caso de Prats. Um ano mais tarde, no dia 6 de outubro de 1975, o ex-senador e ex-presidente do Partido Democrata Cristão Bernardo Leighton e sua mulher foram alvejados a tiros por um desconhecido quando chegavam em casa, em Roma.

O casal sobreviveu, mas com graves danos — Leighton até hoje tem um de-

feito na fala e a mulher ficou paralítica. Enfim, passado mais um ano, no dia 21 de setembro de 1976, foi morto em Washington, vítima também de uma explosão em seu automóvel, o ex-chanceler e ex-embaixador chileno nos EUA Orlando Letelier.

PARALELISMOS — No caso de Leighton, como no de Prats, até hoje não há conclusões sobre a autoria do atentado. No episódio Letelier, porém, as investigações progrediram e a Justiça americana acabou por apontar um grande culpado: a própria polícia política do governo militar chileno — a hoje desativada Dina, ou Dirección de Inteligencia Nacional. Mais especificamente, no dia 1.º de agosto passado, o promotor Eugene Propper, de Washington, relacionou como mandantes do homicídio o general Juan Manuel Contreras Sepúlveda, ex-todo-poderoso chefe da Dina, o coronel Pedro Espinoza Bravo, ex-chefe de operações da organização, e o capitão Armando Fernández Larios, um de seus ex-agentes.

Os três tiveram suas extradições solicitadas pela Justiça americana e o governo chileno deverá — talvez esta semana — tomar uma decisão sobre se as concede ou não. Seja qual for o resultado final do episódio, porém, já ficou claro, hoje ainda mais que antes, seu extremo paralelismo com outro caso, o de Prats. Prats, como Letelier, era um homem de posições moderadas — e, talvez por isso mesmo, mais insuspeito e eventualmente mais efetivo em sua oposição à Junta. Como Letelier, Prats tinha prestígio, em seu país e no exterior. E, como Letelier, foi morto por uma bomba em seu automóvel. Seriam seus assassinos os mesmos de Letelier — ou seja, os agentes do próprio governo chileno?

"MEDÍOCRE" — Para a oposição chilena, a resposta a essa pergunta sempre foi afirmativa. Horas depois da morte de Prats, seus principais líderes no exílio já imputavam à Dina a responsabilidade pelo crime. Mas por que haveria interesse em eliminar Prats? Aqui a questão se torna complexa. Politicamente, a atuação de Prats no exílio não poderia ser classificada como importante.

As poucas horas de folga que lhe deixava seu emprego de oito horas por dia como contador na fábrica de pneus Fate eram repartidas entre, de um lado, a redação de um diário sobre os quase três anos em que ocupara o comando do Exército do Chile, e, de outro, em conversas com jornalistas e políticos chilenos que o procuravam.

Nesses encontros, o general costumava manifestar suas opiniões, previsivelmente nada elogiosas, sobre Pinochet e seu regime. "Ele era um bom profissional, mas, pessoalmente, era medíocre", disse Prats certa vez sobre o chefe da Junta Militar. Quereria isso dizer que Prats desejaria derrubar Pinochet? Não. Diferentes fontes ouvidas por VEJA nas últimas semanas coincidem num ponto: o general jamais aceitou se comprometer com os vários projetos oposicionistas de frente anti-Pinochet que se tentou articular na época. Em suma, Prats não conspirava contra o governo de Santiago.

Não conspirava, mas nem por isso deixava de irritar o regime chileno. No interior do edifício Diego Portales, sede do governo de Santiago, vez por outra ouviam-se comentários desfavoráveis a Prats. Numa reunião com amigos, Alvaro Puga, na época um assessor de imprensa da Junta, comentou numa ocasião que Pinochet atribuía a Prats o malogro de um seu encontro com o presidente argentino Juan Domingo Perón, em abril de 1974, durante uma escala que seu avião fez no aeroporto de Buenos Aires, a caminho de Assunção. Na opinião de Pinochet, Prats, que tinha acesso a Perón, andava envenenando o espírito do presidente argentino contra o regime chileno. Por essas e por outras, certamente, é que Pinochet não deixava de praticar, com Prats, as pequenas represálias de praxe contra os exilados. Prats não conseguia, por exemplo, obter passaporte. As repetidas tentativas que realizou nesse sentido junto ao consulado do Chile em Buenos Aires foram sempre frustradas.

UPI

O carro de Prats após a explosão: ameaça consumada

PROCESSO SUMÁRIO — De todo modo, a inexpressiva atuação política de Prats em Buenos Aires não seria o que mais incomodou o governo chileno. Mais irritante era o papel de reserva moral das Forças Armadas chilenas que o general continuou a desempenhar, mesmo depois de haver deixado o país. Militar de postura estritamente profissional e legalista, Prats conservava prestígio e influência consideráveis no Exército, o setor mais importante da política chilena após o golpe militar de 11 de setembro de 1973. Ele poderia ser uma alternativa de poder. E, segundo várias fontes, Prats não apenas tinha perfeita consciência disso como cuidava de preservar sua imagem de reserva moral. Sua atitude não-conspiratória estaria dirigida justamente nesse sentido. Mais: aos vários oficiais que, por diferentes meios, lhe faziam chegar mensagens na Argentina falando de sua decepção com o regime militar, Prats invariavelmente respondia aconselhando-os a, acima de tudo, preservarem a unidade do Exército. Ele queria continuar um militar honrado, antes de mais nada.

O papel que Prats desempenhava seria incômodo o suficiente para alguém em Santiago querer matá-lo? Talvez. Segundo VEJA apurou em Buenos Aires, um processo sumário sobre o crime foi realizado, na época, pelas autoridades argentinas. E, segundo uma fonte que teve acesso a esse documento, ele ▶

Comemoramos seis anos de uma associação

O Crefisul foi fundado no ano de 1960, em Porto Alegre.
Começou operando apenas como uma Financeira, voltada principalmente para o mercado do sul do país, já então em pleno processo de desenvolvimento
E o Crefisul deu certo.
Tão certo que se transformou em um Banco de Investimento, que começou a crescer e a conquistar novos mercados.
Ao Banco de Investimento vieram juntar-se uma nova Financeira, uma Corretora de Valores, uma Distribuidora de Títulos, três Sociedades de Crédito Imobiliário e uma Corretora de Seguros.
Enfim, de uma Financeira o Crefisul se transformou num complexo grupo financeiro.
E continuou dando certo.
Tanto que, em 1972, aconteceu a associação com o Citibank.
E à agilidade e conhecimento de

de inteligência, trabalho e profissionalismo.

mercado do Crefisul vieram juntar-se o know-how e a experiência internacional do Citibank.

Em outubro de 1977, o Crefisul resolveu concentrar mais suas atividades e vendeu as Sociedades de Crédito Imobiliário.

Em janeiro de 1978, o controle acionário do Crefisul mudou de mãos. Mas o Crefisul continuou a ser um grupo nacional que tem um sócio estrangeiro. Como muitos outros bons grupos nacionais têm.

E o Crefisul continua dando certo.

Hoje, o Crefisul é um grupo financeiro nacional compacto, ágil, sólido e voltado para o desenvolvimento nacional. E que conta com o know-how, a experiência e a solidez de um associado que dispensa comentários: o Citibank.

Quando sua empresa precisar de soluções inteligentes e rapidez de decisões, pense no Crefisul.

conteria "revelações altamente comprometedoras para o governo do Chile". Duas das pessoas citadas nesse documento como tendo, de alguma forma, participado do assassínio seriam, segundo a mesma fonte, dois chilenos que, sem pertencer aos quadros de carreira, exerciam funções diplomáticas na embaixada do Chile na capital argentina em setembro de 1974.

Sabe-se ainda que o governo argentino teria apresentado informalmente um protesto à embaixada do Chile em Buenos Aires em função do crime.

Outras fontes afirmam que pelo menos três outras pessoas poderiam ter participado diretamente na operação, embora não se possa precisar o papel de cada uma no assassínio do general. Uma dessas pessoas seria José Luis Ossa Bulnes, um ativista de extrema direita. As outras duas se transformaram hoje em figuras notórias: o capitão Armando Fernández Larios e o cidadão americano radicado no Chile Michael Vernon Townley — justamente os dois ex-agentes da Dina apontados pela Justiça americana como coordenadores do atentado contra Letelier. Os dois teriam utilizado sua condição de especialistas em atentados a bomba também no caso de Prats.

CARTA A PINOCHET — Segundo informou a VEJA uma fonte chilena, é certo que Fernández esteve em Buenos Aires dias antes da morte de Prats. Quanto a Townley, o primeiro indício sobre seu possível envolvimento no caso foi fornecido por sua própria mulher, Mariana Callejas, numa entrevista que concedeu à revista chilena *Hoy*, logo depois que o governo chileno extraditou seu marido para os Estados Unidos, em abril último, a pedido da Justiça americana. Perguntada se Townley estivera em Buenos Aires na época do assassínio de Prats, Mariana respondeu de forma bizarra: "Se disser que sim, posso estar implicando meu marido em algo que ele não fez. Se disser que não, posso estar mentindo".

Informações colhidas por VEJA nos Estados Unidos reforçam as suspeitas de que Townley poderia, realmente, ter atuado também na morte de Prats. De acordo com essas informações, a Justiça americana seguramente sabe muito a respeito do caso. Ocorre porém que, pelo acordo que Townley firmou com o promotor Eugene Propper, da Corte Distrital de Washington, a Justiça dos Estados Unidos não pode utilizar contra ele informações não pertinentes especificamente ao processo Letelier. Esta seria, naturalmente, a explicação para o silêncio de Washington sobre o assunto.

GERALDO GUIMARÃES

Prats: até no exílio, uma postura militar

O rol de novos indícios disponíveis, contudo, não é suficiente para levantar a espessa capa de mistério que envolve o caso Prats. Quatro anos depois, ainda não há responsabilidades apontadas. Nem mesmo investigações sólidas sobre o caso existem. Até quando? No Chile, há pelo menos três pessoas interessadas na exumação do episódio: as filhas do casal Prats, todas elas residentes em Santiago.

Recentemente, elas enviaram cartas ao general Pinochet e ao presidente da Argentina, general Jorge Videla, pedindo que se faça luz sobre o assassínio de seus pais. PAULO SOTERO

É fumante. Pega!

O paciente suspira, sua voz soa preocupada. "Tenho tido um pesadelo terrível", diz ele ao analista. "Em meus sonhos, sempre vejo avisos contendo proibições. 'Não fume'. 'Não fique de pé'. 'Não ande'." Agora, sua voz começa a ficar desesperada. "Eu ouço vozes. 'Fume no lugar errado e você será preso.' 'É permitido fumar em alguns lugares, mas em outros não' — e nunca sei onde pode e onde não. Doutor, eu estou ficando louco?" O analista responde, com voz resignada e suave: "Alguém certamente está ficando louco".

Isto é comercial de rádio. Nesses dias, ele tem sido apresentado insistentemente, na Califórnia, a propósito de uma questão que será levada às urnas em novembro: uma proposição de lei impondo drásticas restrições ao ato de fumar. Segundo essa proposição, fumar na Califórnia ficaria virtualmente proibido, em qualquer lugar fechado que não seja a própria residência do cidadão. Nos locais de trabalho, por exemplo, só seria possível acender um cigarro em salas especiais. Exceções seriam apenas os bares, certos auditórios de música e ginásios de esportes. Aí poder-se-ia fumar. Já os restaurantes teriam de ter seções distintas para fumantes e não-fumantes.

Idealizada por um grupo chamado Californians for Clean Indoor Air (Californianos pelo Ar Puro nos Interiores), a proposição conseguiu o número de assinaturas necessário para, como prevê a lei americana, ser levada a plebiscito. Será submetida às urnas junto com as eleições parlamentares e estaduais deste ano. Ao mesmo tempo que desperta apaixonadas adesões, no entanto, a lei também tem provocado uma decidida oposição, igualmente reunida em seu próprio grupo, o Californians for Commonsense (Californianos pelo Senso Comum), e em cujas hostes militam dos poderosos fabricantes de cigarros a líderes sindicais.

O comercial de rádio faz parte dessa contracampanha. E o principal argumento dos que são contra a proposição tem sido insistir em que ela tem algo de "Grande Irmão" e de "1984". "É desagradável falar com alguém que comeu alho ou sentar-se ao lado de alguém que não usa desodorantes", argumenta um militante da Commonsense. "Mas não se pode legislar sobre essas coisas." Apesar desse ponto de vista, a lei tem grande chance de passar. Segundo as últimas pesquisas, 58% do eleitorado a apóia contra a oposição de 38%.

Ele só abastece no posto da Petrobrás.

Mais um cliente que decidiu: só enche o tanc no posto da Petrobrás.

Depois de um rigoro exame de qualidade, entre todas as empresas distribuidoras de combustível, a Petrobr foi escolhida pela Air France para abastec o Concorde.

Com exclusividade n Brasil.

O Concorde vem provar que o combustí da Petrobrás, pela sua qualidade, é o ideal par todos os tipos de motor

Com a mesma confiança que você tem Petrobrás.

A única diferença é q o Concorde, depois de completar o tanque, sai velocidade supersônica

Ele, o guarda não pá

(Foto Air France)

Apesar de não respeitar os 80, é um cliente respeitável.

4.º CADERNO
Veja N.º 526

Philco. As co

res como a natureza criou.

Num Philco você redescobre todas as nuances das cores que a natureza colocou nas suas criações. Isso não acontece por acaso ou sorte. A diferença está no novo cinescópio Showcolor Philco, com Black Matrix, e nos muitos aperfeiçoamentos técnicos que a Philco sempre desenvolveu e continua desenvolvendo. O novo cinescópio Showcolor Philco proporciona mais brilho e mais contraste, tornando as cores mais nítidas e naturais. O resultado é lógico: você liga um Philco e ali, diante dos seus olhos, surgem as cores mais naturais até hoje conseguidas num TV em cores. Ligue a sua casa num Philco em cores. Só um Philco e a natureza podem lhe oferecer o mesmo prazer de admirar as cores como elas são.

PHILCO Ford

A expedição parte: quase uma escalada em busca das . . .

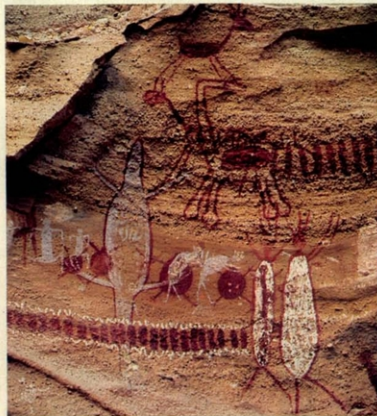
. . . pinturas deixadas pelos antigos

FOTOS BRÁULIO PINHO

O passado nas pedras

O mais importante conjunto de pinturas rupestres da América do Sul está no sudeste do Piauí, com histórias de milhares de anos atrás

As pinturas rupestres comprovadamente mais antigas do Brasil estão em Lagoa Santa, Minas Gerais, onde habitantes primitivos deixaram sinal de sua passagem numa época entre 4 000 e 6 000 anos atrás. Assim, a cidade mineira, a 40 quilômetros de Belo Horizonte, tem sido encarada como uma espécie de Meca da arqueologia brasileira. Mas ela corre agora o risco de perder esse posto privilegiado, ao menos no que toca à pintura em rochas, para um formidável sítio arqueológico — uma região do sudeste do Piauí, no município de São Raimundo Nonato, o maior da região, a cerca de 700 quilômetros de Teresina. Ali se espalham pinturas primitivas muito mais complexas do que as de Lagoa Santa. E, mais importante que isso, talvez bem mais antigas, de 4 000 a 8 000 anos passados, conforme suspeitam arqueólogos que investigam as marcas deixadas pelos antigos no Piauí.

Trata-se de uma das mais pobres regiões do nordeste, ralamente habitada por homens e pródiga em cobras venenosas e aranhas. Quem terá vivido ali, deixando nas rochas as pinturas milenares? "Provavelmente caçadores que só conheciam a pedra lascada", pensa a antropóloga paulista Niède Guidon, 45 anos, que acaba de deixar o interior do Piauí, depois de seis meses de pesquisas, para continuar seus estudos a respeito do assunto em Paris, onde leciona na Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais. Ela já esteve antes na região, em 1973 e 1975. Mas esta última incursão, encerrada há semanas, foi a mais proveitosa de todas. Sob a chefia de Niède, o sítio das pinturas rupestres — principalmente os paredões da serra da Capivara, que corta a região — foi vasculhado mais uma vez. Arqueólogos, antropólogos e outros cientistas, brasileiros e estrangeiros, se debruçaram então sobre as marcas deixadas nas pedras, trabalhando amparados por convênio entre entidades francesas — uma delas o Ministério das

FOTOS BRÁULIO PINHO

Nos abrigos arqueológicos da serra da Capivara, no Piauí, milhares de anos de história registrados nas pedras. Com absoluta nitidez e riqueza de detalhes encontram-se desenhos da fauna pré-histórica — no alto da página uma anta e um peixe; de movimentadas caçadas (ao lado); quadros de relações sexuais (acima e abaixo); ou ainda cenas de plasticidade surpreendente que mostram pescadores estendendo suas redes (abaixo à esquerda)

FOTOS BRÁULIO PINHO

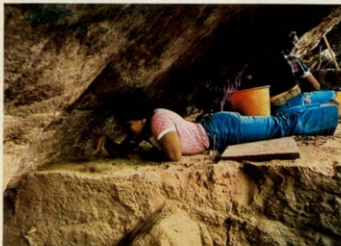
A escavação ao lado das tocas: para a pesquisa do terreno

Relações Exteriores da França —, a Fundação Ford dos Estados Unidos e as universidades Federal do Piauí e Estadual de Campinas (SP). Os resultados desta última missão arqueológica, que só termina em meados de 1979, já são animadores, mesmo que parciais. Segundo Niède, "não há dúvida de que estamos investigando o maior centro conhecido de pinturas rupestres da América do Sul".

PARTOS E ACROBACIAS — Quando a missão estiver encerrada, mais de 150 locais de pinturas rupestres estarão levantados pelos pesquisadores — postos lado a lado, esses painéis somariam mais de 1 quilômetro de figuras extraordinariamente bem conservadas, que vêm sendo copiadas em fotos e em plásticos para decalque. A quantidade, porém, é apenas um dos fatores que distinguem o acervo piauiense. A originalidade talvez seja tanto ou mais significativa, no caso. Ao contrário de Lagoa Santa, por exemplo, onde as figuras aparecem isoladas, homens e animais desenhados nas rochas piauienses estão muitas vezes reunidos, formando cenas, algumas em seqüência lógica. Ao lado de veados, tatus, emas, lagartos, onças e macacos — que certamente vagavam pela região na época — vêem-se nas paredes de arenito cenas de dança, de caça, de luta, de relações sexuais, partos, jogos e acrobacias. Há até mesmo cenas de execuções.

O grande passo dos estudiosos, agora, será desvendar as relações das pinturas com as culturas humanas que habitaram a região. Para isso, terão de datar os achados com um máximo de precisão. Tal providência certamente andaria mais depressa, não fosse o excesso de zelo burocrático dos funcionários do Ministério da Fazenda em Teresina. Eles impediram que os cientistas enviassem à França 2 quilos de carvão mineral, retirados dos locais vizinhos às pinturas, para que esse material servisse à datação do acervo. Arduamente garimpados em meio a toneladas de terra, os 2 preciosos quilos de carvão foram enviados pelo Correio, de São Raimundo Nonato a Teresina. Lá, seriam recolhidos pela Universidade Federal do Piauí e despachados para a França. Os funcionários da Fazenda, no entanto, entenderam de sustar a remessa, sob a alegação de que o carvão mineral, por decreto, não pode ser exportado. Os 2 quilos, então, retornaram à universidade, mas por via aparentemente insegura, pois, no percurso, desapareceram sem deixar rastros.

DENTRO DA MALA — De qualquer modo, os pesquisadores acreditam que a idade das pinturas rupestres do Piauí será fixada com certeza antes do fim do ano. Até lá, especialistas franceses do Centro Nacional de Pesquisa Científica e do Museu do Louvre examinarão o carvão do solo piauiense e fotos em infravermelho das pinturas. Desta vez, contudo, o material seguirá para a Europa sem maiores riscos de embargos ou extravios — vai dentro da mala de membros da expedição.

As fotos em geral — quase 8 000 foram batidas — ostentam especial qualidade. Não apenas pelos méritos dos fotógrafos da expedição, é bom notar, pois com eles cooperam indiretamente os próprios pintores do passado. Conforme observaram os cientistas, os autores das figuras rupestres tiveram o cuidado de localizá-las em geral dentro de abrigos, quase tocas, que as protegeram durante esse tempo todo dos desgastes pelo sol, chuva e vento. As cores dominantes, vermelho e ocre, resultariam da maceração de blocos de óxido de ferro. As demais, entre elas o cinza, o preto e o branco, terão sua origem ▶

Os abrigos: pinturas protegidas de sol e chuva

O uso do decalque: tirando cópias das pinturas

apontada após estudos no Museu do Louvre. O que não falta nas pinturas é exibição de boa técnica pictórica. A irregularidade e as concavidades dos rochedos criam sérios problemas de perspectiva, apontam os membros da missão arqueológica, mas mesmo assim os desenhos não perdem a força ou deixam de transmitir a idéia de movimentação — algo especialmente notável nas cenas de caça e em grupos de veados e tatus em plena correria. Niède acha que os pintores usavam os abrigos como locais de encontro ou de descanso. E talvez também para ritos de iniciação. "Em cenas como a de uma reunião de

FOTOS BRAULIO PINHO

Niède: da França para o Piauí

pessoas em torno de uma árvore ou nas de dança", esclarece a antropóloga, "parece haver um fundo místico, religioso, uma visão do mundo que tentaremos interpretar."

"MARIA-POBRE" — No momento, contudo, há uma preocupação mais terrena incomodando os cientistas. Se as pinturas estão em tão bom estado, argumentam eles, isso se deve em grande parte ao clima seco e à localização dos painéis — os mais acessíveis, a 50 quilômetros de São Raimundo Nonato. Mas os turistas poderão aparecer, temem os arqueólogos. Para seu desespero, essa seria apenas uma entre várias ameaças. Eles reclamam ainda, por exemplo, das fogueiras que alguns caçadores de tatus fazem ainda hoje dentro das tocas, quando nelas pernoitam, enegrecendo as paredes com a fumaça.

Há também o problema do besouro "maria-pobre", que escolhe os abrigos das rochas para construir seus casulos de argila — e, muitas vezes, consegue se aninhar bem em cima de uma pintura. Queixam-se, enfim, do desfolhamento das paredes das rochas causado pela umidade, que corrói as pinturas. Caçadores, besouros e desfolhamento, é verdade, atuam há muito tempo e na maior parte dos casos as pinturas revelam-se em ótimo estado. Para os pesquisadores, no entanto, o acervo do Piauí é tão importante que se deve fazer tudo para evitar a perda de uma só peça que seja.

Mal da umidade: pinturas desfolhadas

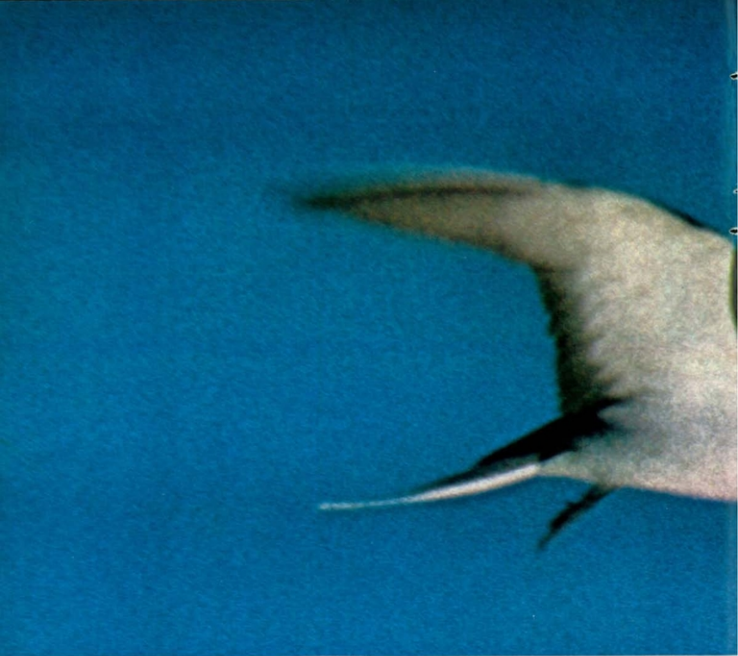
Mal do besouro: casulos nas pinturas

A tal ponto estão eles preocupados com a preservação das raridades rupestres que chegam a encarar com receio a futura construção da BR-020, de Fortaleza a Brasília, cujo traçado previsto corta justamente o sudeste do Piauí e a região das pinturas. Mesmo que seja apressada a colocação da hipótese, teme-se também que o lago da Hidrelétrica de Sobradinho — com 4 214 quilômetros quadrados e 37 bilhões de metros cúbicos de água, o segundo lago artificial do mundo —, a menos de 250 quilômetros de São Raimundo Nonato, possa aumentar enormemente a umidade do ar na região arqueológica, prejudicando portanto as pinturas. Tais problemas, em maior ou menor grau, podem prejudicar um acervo que deve merecer cuidados, concluíram unanimemente as dezenas de cientistas que participaram das quatro missões arqueológicas já realizadas na área. Por isso, eles defendem a criação de um parque estadual ou nacional na serra da Capivara.

A idéia acabou sendo encampada pela Secretaria de Cultura do Piauí. Entusiasmado com a perspectiva de implantar o parque, o secretário Joaquim Bezerra já encomendou a especialistas um plano que norteasse a empreitada. Pessoalmente, ele aprova a idéia de um parque estadual de 115 000 hectares, envolvendo a zona mais valorizada pelos arqueólogos. E pensa incorporar a seu empenho pessoal o do ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, também piauiense, que poderia em sua opinião impulsionar decisivamente o projeto com verbas e prestígio. Estuda-se também a possibilidade de transformar a área numa espécie de campus avançado de estudos arqueológicos. Segundo a professora Maria do Carmo Mascarenhas, do setor de Assuntos Culturais da Universidade Federal do Piauí, essa medida acabaria protegendo indiretamente a área. "A movimentação de estudantes e professores e a presença de cientistas estrangeiros ministrando cursos", argumenta Maria do Carmo, "provocariam muita discussão sobre o acervo arqueológico e os perigos que o rodeiam." L. R. LEITÃO

Pessoas dinâmicas, cheias de vida.
Que não se intimidam perante
os desafios.
Que são notadas pelos amigos.
Indispensáveis nos cargos que ocupam.
Pessoas como você.
O Cheque Especial Banespa foi feito
para gente assim.
Ele transforma em especiais
todas as ocasiões em que você
o tira do bolso.
E no Cheque Especial Banespa
é você mesmo quem faz o limite.

cheque especial banespa

Procure uma agência do Banespa.

O mais importante num vôo é o estilo.

IUGO KOYAMA

Na banca da feira-livre: durabilidade vence inadequação ao clima

Vida Moderna

Mais que moda

O jeans sobe à categoria dos usos e costumes

Pode ser chamado de moda um tipo de roupa usado há trinta anos? E que hoje veste bóias-frias e universitários, operários de baixa renda e cocotas de Ipanema? Decididamente, não: o jeans — embora inadequado para o clima tropical, de altas temperaturas — foi adotado pelo brasileiro e já pode ser catalogado em outra categoria, a dos usos e costumes.

Desde seu lançamento, no final dos anos 40, quando era apenas a calça rancheira, até hoje, a escalada do jeans no Brasil não deixou, é verdade, de enfrentar seus tropeços no terreno minado da indústria de confecções. Do primeiro pico, nos anos 50, sob o reinado de James Dean, à virtual institucionalização dos dias de hoje, o jeans, considerado "moda passageira" durante muito tempo, teve inimigos ferozes — obviamente, toda a indústria de fiação, tecelagem e confecção que não trabalhava com essa linha. Ironicamente, foi um desses adversários ferrenhos do jeans — a Rhodia, fabricante de fios sintéticos — quem acabou carimbando o seu visto de permanência; ao lançar no mercado um tipo de fio que permite chegar a um tecido tipo jeans, a Rhodia não só aderiu, finalmente, a essa linha, como lhe abriu um futuro promissor.

MERCADO EM EXPANSÃO — Em alguns casos, os números de produção de jeans são zelosamente guardados como autênticos segredos industriais. A São ▶

Loja da Gledson em São Paulo: vendendo jeans em ritmo de discoteca

PEDRO MARTINELLI

AGORA VOCÊ TEM O BRASIL NA PALMA DA SUA MÃO.

Uma Empresa que pensa grande, com
o atendimento do tamanho deste país e
tem como meta o
"transportetotal", só pode ser
TRANSPAMPA/TRANSRISTAR.
Para todo o Brasil de ponto a
ponto, de porta a porta, sua
mercadoria vai e vem
com rapidez, segurança,
tranqüilidade e o conforto
que ela merece.
É o moderno transporte
itinerante que deixa o Brasil
bem ao seu alcance;
na palma de sua mão.

TRANSPAMPA/TRANSRISTAR

EMPRESAS DO GRUPO TNT - THOMAS NATIONWIDE TRANSPORT LTD

RODANDO JUNTAS POR TODOS OS PONTOS DO BRASIL.

Castellana: jeans na passarela

Paulo Alpargatas, por exemplo, não mostra suas cifras, mas sabe-se que fabrica 1,2 milhão de calças por mês — ainda hoje as mais parecidas com a velha rancheira que ela mesma lançou no Brasil. A Santista, sua maior concorrente e igualmente conservadora, apenas informa que a produção está subindo, mas não cita números.

Esses planos expansionistas foram repentinamente abalados, no final do inverno, por boatos logo desmentidos de que o jeans entrara em declínio na Europa e nos Estados Unidos. Até agora não se sabe se tais boatos foram difundidos por turistas equivocados ou se pela contra-espionagem dos setores industriais ainda arredios. De qualquer modo, os informes de Judith Patarra e de Jader Oliveira, correspondentes de VEJA em Nova York e Londres, desmentem categoricamente qualquer sinal de queda nas vendas.

"Muito pelo contrário", relata Judith. O que está havendo é uma incursão por cores diferentes, além, é claro, do fato de as mulheres estarem usando mais saias. Mas, com variações de cor e de modelos, o jeans pode ser encontrado normalmente nas lojas americanas.

VENDER E DANÇAR — Para mostrar que aposta no jeans e não tem medo de boatos, a Gledson acaba de inaugurar no bairro do Itaim, em São Paulo, uma loja decorada ao estilo discoteque, com jogo de luzes, som estridente e um grupo de vendedoras na faixa dos 18 anos que batem palmas no ritmo da música e até dançam enquanto atendem à clientela.

Bem diferente dos setores conservadores da indústria de confecção, o diretor da Gledson, Geraldo Assumpção, defende "um jeans ágil e criativo"; por isso, seu esquema de produção está sempre pronto a virar o jogo, de calças para coletes, e daí para bonés e sacolas. Trabalhando com modelos tão variados e fugazes, Assumpção confessa não ter exatamente um controle de qualidade, "pois os jovens usam esse tipo de roupa durante um período de apenas seis meses".

Outros preferem caminhos diferentes. A Staroup, por exemplo, acaba de firmar um contrato operacional com o costureiro Ugo Castellana, responsável pelo desenho de 25 peças em jeans lançadas em sua coleção, semana passada, em São Paulo. A Staroup, como informa seu diretor de comunicações André ▶

Como ganhar dinheiro fazendo cópias em casa.

A Xerox nunca abandona a sua copiadora.

Xerox é marca registrada da Xerox Corporation.

Primeiro, chame a Xerox.

Por que a Xerox?
Porque ao chamar a Xerox você entra em contato direto com uma grande empresa e não com alguém que apenas fala em nome dela.
E depois, a Xerox não quer simplesmente que você tenha uma copiadora.

A Xerox quer o quê?
Que você lucre com sua copiadora. Tire reais vantagens para a sua empresa.

Por que este interesse da Xerox?
Porque senão você fica com raiva da sua copiadora e não quer mais ela.

Mas eu ainda não tenho copiadora.

Por isto mesmo, não compre qualquer copiadora. Antes, chame a Xerox. Ela estuda bem seu negócio e mostra direitinho como uma copiadora pode ser lucrativa pra você.

E quanto eu pago por esse estudo?
Paga nada. O estudo é de graça e sem compromisso.

Ôba. Mas, e se eu não precisar de copiadora?
A Xerox diz honestamente: o senhor não precisa de copiadora.

E se eu precisar?
A Xerox diz exatamente onde, quando e qual o modelo de copiadora que você precisa.

Quer dizer, vocês não querem só me empurrar uma copiadora?

A Xerox não quer cliente para uma vez. Quer cliente pra sempre.

Então, me mande um especialista da Xerox que eu quero conversar com ele.
Pois não. Basta enviar este cupom aí para Xerox do Brasil S.A., Av. Rodrigues Alves, 261, Rio de Janeiro RJ, CEP 20.220.

XEROX.

Quero ganhar dinheiro fazendo cópias em casa.

Nome:

Empresa:

Endereço:

Tel:

VJ

Caio

Ranschburg, vende, só nos Estados Unidos e Hungria, 200 000 calças por ano.

"CANIBALISMO" — Um mercado tão grande, e que todos agora acreditam permanente, não poderia ficar a salvo de expedientes menos corteses entre concorrentes. Segundo Francisco Toledo, gerente comercial da Santista, "essa batalha já se transformou em autêntico exercício de canibalismo" — e tudo indica que a guerra continuará cada vez mais violenta. "Afinal", lembra Toledo, "trata-se de uma disputa pela venda de 90 milhões de peças por ano", um número aliás aceito por todos como bem aproximado da verdade estatística nunca revelada. •

Começou o jogo

Um programa para o horário nobre do lazer

Foram dois anos de pesquisas, debates e testes, envolvendo psicólogos, artistas, redatores e um pequeno exército de funcionários de todos os níveis. Por isso, na semana passada, os primeiros resultados atestando o êxito da coleção "Todos os Jogos" (desde a segunda-feira nas bancas de São Paulo e Rio de Janeiro e a partir de meados de 1979 no resto do país) foram recebidos com naturalidade pelo pessoal da Abril S.A. Cultural e Industrial.

"Claro que estamos contentes com o sucesso do lançamento", disse Roger Karman, diretor-gerente da Divisão de Livros e Fascículos da empresa. "Mas nós estivemos de tal maneira envolvidos com esse projeto durante tanto tempo, e acreditávamos tanto nele, que o volume de vendas não nos surpreende."

INÉDITA NO MUNDO — "Todos os Jogos", totalmente concebida e executada pela Abril, tem várias características que a tornam inédita em todo o mundo. "É revista, é jogo, é livro", diz Antônio Sílvio Lefèvre, diretor de publicações encarregado dessa coleção, para quem "o grande ovo de Colombo é o tabuleiro polivalente, que serve para todos os jogos. Além disso, o tabuleiro — brinde do número 1 da coleção — é rígido, ao contrário dos que estão à venda por aí, que empenam, entortam e tiram o prazer de jogar".

A coleção será vendida quinzenalmente nas bancas ao preço de 55 cruzeiros, "o que foi possível", segundo Lefèvre, "eliminando-se gastos supérfluos com embalagens". Além da revista "Todos os Jogos", o colecionador leva para casa peças (que também servem para vários jogos) e partes de dois livretos que, depois de encadernados, comporão uma autêntica ludoteca.

NOVO CONCEITO — Para o coordenador do projeto, o artista gráfico Mário Seabra, jogar em casa deixou de ser uma coisa pachorrenta para tornar-se um exercício de agilidade mental, "principalmente após o lançamento dos 'wargames', os jogos de estratégia militar". Seabra, um antigo pesquisador de artes, da lúdica em particular, criou um jogo (que sairá no número 4) sobre a guerra de Yom Kipur e comandou uma experiência também inédita no gênero: os testes de todos os jogos, realizados por seus auxiliares e por convidados. A preferência dos jogadores por "wargames" não exclui, contudo, a combinação da estratégia com a sorte, como acontece no jogo de gamão.

"Tal como aconteceu nos Estados Unidos", diz ele, "esses jogos estão destinados a ocupar um espaço importante, deixando de ser o programa de quem não tem programa para conquistar o horário nobre do lazer." Agora, essa idéia brasileira vai correr mundo: tem até estréia marcada para o dia 18 de outubro, na Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha. •

ARNALDO KLAJN

Seabra (em pé) e sua equipe: testando os jogos

A participação da Westinghouse no Plano Siderúrgico

Para atingir as metas do Plano Siderúrgico Nacional e conseguir nossa autonomia em aço mais depressa, as principais siderúrgicas brasileiras, como a Cosipa, Acesita, CSN, têm se equipado com a melhor tecnologia disponível. A Westinghouse participa desse esforço, fornecendo comandos eletrônicos para laminadores automáticos.

Ajudar a aumentar a produtividade das nossas siderúrgicas é apenas uma das muitas maneiras de participação da Westinghouse no nosso desenvolvimento.
No metrô de São Paulo, um dos mais sofisticados do mundo, a Westinghouse forneceu tecnologia para sistema de propulsão, sistemas integrados de controle de trens e processamento de informação e comunicações.
Na usina nuclear de Angra dos Reis, a primeira do Brasil, a tecnologia é Westinghouse.
Nos aeroportos internacionais do Rio de Janeiro e de Manaus, a Westinghouse contribuiu com sua tecnologia em fornecimento de equipamentos elétricos.

Mas nem só de grandes obras vive a Westinghouse do Brasil.
A Westinghouse também produz geradores hidráulicos e termelétricos, equipamentos de refrigeração para ônibus e caminhões, uma linha completa de equipamentos elétricos e de precisão, além de prestar serviços de manutenção, reparação e

Westinghouse **Uma boa companhia para o desenvolvimento.**

Nacional é firme e forte como o ferro e o aço.

engenharia de campo para indústrias e usinas.
Isso é um pouco do que a Westinghouse está fazendo hoje no Brasil. Amanhã, ela pode estar fazendo mais. Basta que apareçam desafios.

Westinghouse Sistemas de Geração de Eletricidade Ltda.
Geradores Hidráulicos e Termelétricos.
Westinghouse do Brasil Serviços Ltda.
Venda e Administração.
Westinghouse Sistemas Elétricos Ltda.
Projeto e Instalação de Usinas Nucleares.
Westinghouse Comércio, Indústria e Serviços Ltda.
Reparação de Equipamentos e Serviços de Engenharia de Campo.
Westinghouse Sistemas Industriais Ltda.
Projeto e Instalação de Metrô e Transportes Coletivos.

Semicondutores Industriais Westinghouse Ltda.
Transistores, Retificadores, SCR's Industriais.
Eletromar Indústria Elétrica Brasileira S.A.
Completa Linha de Disjuntores e Componentes de Controle.
Aprel - Aparelhos de Precisão S.A. Indústria e Comércio.
Medidores Elétricos e de Gás.
El-Con Indústria e Comércio de Materiais Elétricos S.A.
Completa Linha de Capacitores.
Marini & Daminelli S.A.
Painéis, Subestações, Chaves facas, Disjuntores, Relés.
Thermo King do Brasil Ltda.
Refrigeração para Ônibus e Caminhões.

Grupo Westinghouse no Brasil.

"Escravos plantando café no Rio de Janeiro" (Marc Ferrez, 1882): o pintor cedendo lugar ao fotógrafo

Fotografia

Memórias em sépia

No MASP, um painel de 80 anos de vida brasileira, através das imagens registradas pelos pioneiros de nossa fotografia, desde 1840

Era um velho sonho do comerciante e historiador autodidata Gilberto Ferrez: fazer uma exposição com antigas fotografias de cenas brasileiras — muitas delas históricas, em papel datado da metade do século XIX — e daguerreótipos de figuras humanas considerados, nesse tema, os mais antigos do mundo.

Gilberto Ferrez, de 70 anos, é neto de Marc Ferrez, um dos famosos fotógrafos que viveram da profissão no Rio de Janeiro, no século passado. E foi preciso uma tríplice iniciativa da Varig, do Unibanco e do Center for Inter American Relations, de Nova York, órgão destinado à divulgação das artes latino-americanas, para que a mostra pudesse se realizar, primeiramente em várias cidades dos Estados Unidos, e agora no Brasil.

Depois de mais de um ano de exibição no exterior, os paulistas são os primeiros a vê-la. Inaugurada na última terça-feira, dia 26 de setembro, a exposição intitulada "Fotógrafos Pioneiros do Brasil, 1840-1920" ficará no Museu de Arte de São Paulo, o MASP, até o dia 19 de outubro. Em seguida, deverá ir para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e para o Palácio Arcos, em Brasília.

Nos Estados Unidos, as fotos foram recobertas de acrílico especial, isento de acidez, e colocadas em quadros emoldurados em madeira com largo *passe-partout*. E aí começaram os problemas de Ferrez para trazer o material de volta. "Do simples pacote levado debaixo do braço", diz ele, "as 150 fotos transformaram-se em seis grandes caixotes forrados de lã de vidro e que me custariam o frete de 5 000 dólares, não fosse o patrocínio conseguido."

DA FAMÍLIA IMPERIAL — Em São Paulo, Ferrez acompanhou de perto cada detalhe de montagem da exposição. Sua preocupação não era apenas com os 80% do material que vieram de sua coleção particular, mas com os outros ▶

A. FRISCH
"Índios do Amazonas" (1865)

MARC FERREZ
"Jornaleiros" (Rio, 1895)

A. LUIZ FERREIRA
"Lei Áurea"
(13-5-1888)

20%, que pertencem a descendentes da família imperial brasileira — dom João e dom Pedro de Orleans e Bragança — e aos acervos do Instituto Histórico e Geográfico e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, "todos sob a minha responsabilidade".

Embora apaixonado por fotografia, Ferrez não se dedica a ela. Comerciante bem-sucedido, é dono de uma loja de presentes bastante tradicional no Rio de Janeiro e de uma cadeia de cinemas encabeçada pelo Cine Pathé, cuja fotografia do primeiro prédio consta da exposição. Mas a idéia da mostra era antiga na sua cabeça. Afinal, no velho casarão onde mora, no bairro Humaitá, no Rio, estão guardadas 5 000 preciosidades — na maioria fotos de seu avô — e algumas de outros pioneiros da fotografia no Brasil, entre os quais se inclui o próprio dom Pedro II.

D. Pedro II, montagem; C. & Gaspar, 1876

A oportunidade para a exibição surgiu quando um comerciante americano amigo seu e ligado ao Center for Inter American Relations o convidou. Ferrez aceitou com duas condições: "A primeira, de que viesse uma autoridade em fotografia para me ajudar na seleção, e a segunda, de que fosse impresso um livro contendo todo o material exposto". Enviaram-lhe então Weston J. Naef, curador do Museu Metropolitano de Artes de Nova York, que acabou co-autor no livro que se chamou "Pioneer Photergraphers of Brazil", e que teve uma edição de 5 000 exemplares, dos quais 3 000 vendidos nos Estados Unidos (aqui, o volume custa 500 cruzeiros).

PINTORES FRUSTRADOS — A intenção de Ferrez, com o livro, foi a de registrar o trabalho dos primeiros fotógrafos brasileiros que eram artistas incentivados pelo governo imperial. "Por isso", diz Ferrez, "dedicavam-se a fotografar os mais variados aspectos da vida brasileira: cenas de fazendas de café, cenas urbanas de vendedores ambulantes, festas populares, trens, gente comum, famílias aristocráticas, ruas, prédios, sempre com muito cuidado nos enquadramentos e buscando os melhores resultados técnicos."

Apesar de haver sido organizada por um historiador — Ferrez é autor de trinta volumes publicados, entre os quais "A Muy Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", "Salvador e Rio de Janeiro no Século XVIII", "O Café na Era da Independência", "A Fotografia no Brasil", "Um Passeio a Petrópolis" —, a exposição não tem a pretensão nem o rigor histórico de focalizar uma época. Simplesmente são fotografias de grande valor por serem autênticas e não cópias — e que podem valer, nos Estados Unidos, até 1 000 dólares — e por representarem um trabalho artístico, já que a maioria dos fotógrafos do século passado eram, na verdade, pintores que se sentiram fracassados com o advento da fotografia — o retrato mais fiel da realidade que viviam.

Entre os fotógrafos representados na exposição estão Militão Augusto de Azevedo, de São Paulo, J. Otto Niumeyer, de Santa Catarina, Augusto Riedel, que fotografou Minas Gerais, Alagoas e Bahia, Alberto Henschel, que fotografou Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia e até dom Pedro II, num auto-retrato. Entre as fotos realmente históricas, uma de autoria de Luís Ferreira mostra o momento em que a princesa Isabel exibia ao povo, de sua janela, o papel onde tinha acabado de assinar a Lei Áurea. •

A Inca lança a primeira lajota decorada do mundo com algumas polegadas a mais.

Você está vendo a primeira lajota decorada do mundo, a exibir estas medidas: 30 x 40.

Esse título ninguém tira da Inca.

Poucas fábricas, no mundo, produzem pisos deste tamanho. As italianas, por exemplo, fabricam excelentes lajotas lisas. Mas só a Inca faz lajotas 30 x 40 lisas e decoradas.

Se você quer saber que vantagem o seu chão leva nisso, dê uma olhada nessas fotos. Veja só a beleza destes pisos cerâmicos.

E, agora, que você já viu o que as fotos dizem, vamos ao que elas não conseguem dizer.

Por trás dessas cores e desses desenhos tão bonitos, estão as lajotas mais resistentes que seus pés podem pisar.

Elas são fabricadas com um esmalte tipo italiano. Mas conseguem durar mais de que as próprias italianas.

Estas lajotas são lindas, resistentes, e sabe o que mais? São econômicas. Bastam oito, para cobrir um metro quadrado de chão e deixar o mundo inteiro com água na boca.

Ref. "Safari".

Ref. "Garda".

Belém, fones 235-1244 e 235-1035.
São Paulo, fones 288-0515 e 285-3735.
Rio de Janeiro, fone, 255-7435.

A Inca tem o apoio da Sudam e Basa.

Algumas aplicações do Banco do Brasil realmente merecem aplausos.

O apoio ao talento brasileiro e a preservação da nossa cultura constituem uma preocupação constante do Banco do Brasil. Para o Banco do Brasil, as mais expressivas manifestações culturais de um povo inventivo devem ser sempre estimuladas.

Villa-Lobos e seus Choros de Câmara.
Os 20.000 LPs Choros de Câmara de Villa-Lobos representaram mais do que um brinde oferecido pelo Banco do Brasil: foram um tributo a um dos maiores nomes da música erudita brasileira. E ainda a oportunidade de divulgar no Brasil e no Exterior uma das formas musicais menos conhecidas da obra de Villa-Lobos.

Orleans: a civilização do imigrante.
Isolada dos grandes centros, a pequena Orleans, no sul de Santa Catarina, preservou uma riqueza enorme para a história da formação do Brasil: as indústrias familiares criadas pelos imigrantes.
O Banco do Brasil está ajudando a implantar, em conjunto com o Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC e a Universidade Federal de Santa Catarina, um museu ao ar livre, onde serão expostas peças antigas dessas indústrias que retratam a época. Esse museu ao ar livre irá incorporar o já existente museu Conde D'Eu, de cujo acervo fazem parte passaportes, contratos de trabalho e diários de viagem dos imigrantes.

Meu coração bate feliz quando te vê.
O Banco do Brasil está apoiando decisivamente, pelo segundo ano consecutivo, o Projeto Pixinguinha, da Funarte/Mec – um projeto que este ano leva a nossa música a 14 Estados do Brasil.
São 300 artistas e 730 espetáculos com o objetivo de levar a música popular brasileira a quem ela pertence: ao povo.

1.º e 2.º atos de um empreendimento cultural.
Os Veranistas (Máximo Gorki) e a Ópera do Malandro (Chico Buarque) são alguns dos projetos do Teatro dos Quatro, nova casa de espetáculos no Rio. Essa iniciativa cultural do ator Sérgio Britto contou com o apoio do Banco do Brasil.

A arte de poetas, trovadores, repentistas e escritores de cordel.
Local: Taguatinga (DF). Iniciativa: Associação Cultural dos Moradores da Ceilândia. Promoção: I Congresso Nacional de Poetas, Trovadores, Repentistas e Escritores de Cordel.
Mais de 300 poetas chegam de todos os Estados, principalmente do Norte-Nordeste brasileiro, mostrando a Brasília sua cultura e sua arte.
O Banco do Brasil também esteve entre os que apoiaram a iniciativa.

Aquarelas do Brasil por Thomas Ender.
De 1817 a 1818, o pintor austríaco Thomas Ender viu e coloriu um Brasil contagiado pela Europa com a vinda da Corte para o Rio de Janeiro.
Suas aquarelas estão em "O Brasil de Thomas Ender" – um testemunho tão importante para a cultura brasileira, que o Banco do Brasil julgou necessário difundir, com a distribuição de exemplares a bibliotecas e centros culturais de todo o País.

Festival do céu.
Compreendendo a importância de preservar as raízes culturais da população, o Banco do Brasil colaborou para que fosse realizado, nos amplos espaços de Brasília, um festival de pipas – brinquedo popular conhecido em todas as regiões do País.
O festival não apenas veio estimular o lazer em contato com a natureza, mas incentivar a criatividade e o engenho infantis.

O Projeto Trindade: nossa música e suas raízes.
Trindade levou Egberto Gismonti ao Xingu e Hermeto Pascoal ao Nordeste. Nivaldo Ornellas foi a Minas e, assim como eles, muitos outros músicos do projeto mostraram suas criações ao Brasil. Expressando em música sua sensibilidade, os artistas se inspiraram em paisagens, passagens da infância ou em suas próprias raízes.
Baseado neste trabalho, foi realizado um longa-metragem – Trindade, Curto Caminho Longo – numa perfeita integração de som e imagem.
Essa iniciativa de valorizar a criatividade de nossos músicos também contou com o apoio do Banco do Brasil.

As fotografias do ano que vem.
Para ilustrar o seu calendário de 1979, o Banco do Brasil realizou um concurso fotográfico de âmbito nacional, com prêmio de 560 mil cruzeiros, alcançando-se a participação de 6.360 fotos.
O tema: Brasil. Artesanato, folclore ou paisagem como são vistos pelos brasileiros.

A sinfonia vai começar.
Para a organização da Orquestra Sinfônica de Brasília, o Banco do Brasil propôs-se a colaborar, oferecendo os instrumentos musicais que vão permitir, ao corpo de virtuoses selecionados pelo maestro Levino Alcântara, mostrar sua arte à Capital da República. A excursão da Orquestra Sinfônica Brasileira aos Estados Unidos e Canadá, em 1977, também contou com a colaboração do Banco do Brasil.
Empenhado em valorizar o que é nosso, o Banco do Brasil procura sempre associar-se a manifestações que são próprias da alma e da cultura brasileiras. Porque é tão brasileiro quanto os projetos culturais que apóia.

BANCO DO BRASIL

A chapa da oposição reunida em São Paulo: uma vitória ameaçada

Classe agitada

Nos conselhos, os médicos em luta de gerações

Do pacífico remanso em que vivia outrora, a Medicina se vê agora castigada por furiosos vendavais. Os médicos jovens, quase todos assalariados por um processo recente e abrupto, não escondem seu descontentamento. Os mais antigos, ainda liberais de velha jaça, fingem que não está acontecendo nada e que tudo voltará a ser como antes, com os médicos encastelados em belos consultórios, atendendo quem tiver dinheiro para pagar. Um exemplo desse confronto é o que está acontecendo nos conselhos de Medicina — o Federal e os regionais —, criados ao tempo do ex-presidente Juscelino Kubitschek e formados ainda no figurino antigo, embora a década de 50 já prenunciasse mudanças no velho estilo de vida dos médicos.

Trata-va-se de trincheiras dos médicos liberais, destinadas à observação e eventual punição dos que infringissem as regras da profissão, fosse por uma publicidade demasiado luzidia, fosse por erros no tratamento. Agora, a nova geração está querendo tomar para si essas trincheiras para transformá-las em baluartes de sua luta por melhores salários e melhores condições de trabalho. Mas os médicos à antiga, certos de que o assalariamento não passa de um momento fugaz plenamente reversível, resistem aos novos tempos.

GANHA MAS NÃO LEVA — Nesse segundo semestre, a oposição dos jovens assalariados saiu vitoriosa nas eleições para os conselhos regionais de Medicina do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco. Em todos os três casos as vitórias foram esmagadoras: no Rio, a oposição alcançou 65% dos votos; em São Paulo, foram 12 453 votos contra 4 849; e, em Pernambuco, a vitória da oposição foi de 1 753 contra 421. Apesar desses resultados, o Conselho Federal de Medicina (CFM), presidido pelo médico Murilo Belchior — que se recusa a falar à imprensa —, impugnou as eleições em São Paulo e em Pernambuco, e deixou de homologar a votação no Rio. As decisões do Conselho foram encaminhadas a Brasília, para homologação do Ministério do Trabalho. Não querendo envolver-se na disputa, pelo menos por enquanto, o Ministério limitou-se a devolver a papelada, com pedidos de novos esclarecimentos.

Os pretextos para impugnação variaram em cada caso. Em Pernambuco, alegou-se que um dos médicos da chapa vitoriosa, Ronaldo Paes Barreto, tinha menos de cinco anos de formado, o que o torna inelegível segundo portaria de abril deste ano. Já em São Paulo, a alegação do Conselho Federal de Medicina foi a de que um membro suplente dos quarenta integrantes da chapa vencedora havia pagado a anuidade com um dia de atraso — e isso apesar de a própria diretoria antiga do Conselho Regional de Medicina de São Paulo ter dilatado o prazo para o pagamento. No Rio, treze conselheiros eleitos têm menos de cinco anos de formados. O mais curioso é que, impugnada a chapa mais votada, o Conselho Federal de Medicina, em vez de marcar novas eleições, passa a considerar eleita a chapa menos votada.

NA JUSTIÇA — Nos três casos, a decisão do Conselho beneficiaria chapas compostas de profissionais liberais à antiga — o que vem dar maior razão ao ponto de vista dos oposicionistas, segundo os quais o que prevaleceu não foi a defesa dos regulamentos da entidade, mas pura e simplesmente motivos políticos. Mas que pretendiam realizar os oposicionistas? Em São Paulo, um dos integrantes da chapa vencedora alega: "Para dar um entendimento próximo ao ideal, o médico depende muito das condições em que trabalha. O próprio item 3.º do Código de Ética afirma textualmente: 'A atividade médica só deve beneficiar o paciente e o próprio médico que presta o serviço'. E na prática vemos que tem muita gente lucrando com o mau atendimento médico". Isso porque o médico assalariado, para conseguir sobreviver, tem de trabalhar em cinco empregos, atendendo vinte pacientes em quatro horas.

Em Pernambuco, o médico Guilherme Robalinho, da chapa vitoriosa e impugnada, afirma: "O Conselho é um órgão normativo e fiscalizador, e tem amplas faixas de atuação que estão intocadas nesses últimos vinte anos". Lá, a chapa oposicionista propunha a discussão da qualidade do ensino médico e da residência médica, a análise do modelo brasileiro de saúde pública, a criação de comissões de ética nos hospitais, a denúncia da "poluição farmacêutica" (remédios inúteis e nocivos) e do controle da produção de medicamentos por empresas multinacionais. Nos três Estados, as chapas impugnadas resolveram recorrer à Justiça com mandados de segurança contra o Conselho Federal. Em São Paulo e em Pernambuco as chapas vencedoras obtiveram a liminar. E, no Rio de Janeiro, já se conseguiu julgamento favorável do mandado. Isso significa que a luta entre os médicos já chegou às salas dos tribunais. Até onde irá? •

Vírus protegido

Varíola, hoje uma doença de laboratório

A humanidade dispõe de todos os meios para livrar-se do vírus da varíola. Uma dúvida, porém, persiste ainda: não seria importante permitir que essa forma de vida continue existindo? A rigor, é o que já ocorre, pois o vírus sobrevive apenas em laboratórios já que a doença foi praticamente erradicada da face da Terra. Mas liquidar os vírus de varíola seria pela primeira vez destruir deliberadamente uma forma de vida e os cientistas não parecem dispostos a dar esse passo. O diretor geral da Organização Mundial de Saúde, Halfden Mahlern, esclareceu que a política oficial é mantê-lo vivo, num número limitado de laboratórios. No ano passado, ele foi eliminado em 64 laboratórios no mundo todo e em breve será liquidado também em outros oito. Atualmente, tais relíquias existem em não mais que doze laboratórios — e a médica Margaret Pereira, do Laboratório de Virulogia de Londres, acredita que num futuro mais remoto o vírus sobreviverá em apenas dois laboratórios, um em Atlanta, nos Estados Unidos, e outro em Moscou.

No entanto, há vinte anos, isso não passava de um sonho. O vírus da varíola dizimava as populações de 33 países, fazendo 2 milhões de vítimas por ano, entre mortos e mutilados. Foi então, em 1958, que o especialista soviético V. M. Zhdanov propôs a total erradicação da doença num prazo curto. Apesar de céticos, governos e médicos do mundo inteiro aderiram em massa à campanha soviética. Só na Índia foram visitadas 100 milhões de residências, campanhas de vacinação atingiram centenas de milhões de pessoas. Até que a varíola sumiu — ou praticamente desapareceu, criando o problema de como lidar com o vírus.

A última vítima natural morreu o ano passado em Merka, na Somália. Isso porque há também vítimas "artificiais" da varíola, infectadas nos labora-

PAP

Bedson, suicida

SYNDICATION INTERNACIONAL

Parker: talvez a última morta

Esta página está impregnada de energia. Leia e aproveite.

A energia elétrica que o Brasil exige em todos os setores do seu desenvolvimento está sendo transmitida, em boa parte, através dos fios e cabos Condugel.

E aí a gente nota um fenômeno curioso: o nome Condugel já ficou ultra conhecido, mas tudo o que ele realmente significa ainda é assunto para reduzido número de iniciados.

Estava mais do que na hora de todas as pessoas que vivem neste país e se preocupam com ele, saberem o que representa o Grupo Condugel no cenário industrial brasileiro.

Vamos ver isso, concretamente: com apenas 9 anos, a Condugel já divide o primeiro lugar nas vendas com as empresas mais tradicionais no campo dos fios e cabos elétricos.

Possui unidades fabris em Arujá, Santo André, Vitória, Feira de Santana e filiais em todas as principais regiões do Brasil.

Além destas unidades, o grupo compõe-se de uma transportadora, de uma indústria de máquinas e equipamentos, e mais duas empresas de exportação e importação

A Condugel produz, para cerca de 15.000 clientes em todo o Brasil, linha variada de condutores, fios e cabos especiais, inclusive, destinados a participar do processo de aproveitamento da energia nuclear.

Um dos produtos mais conhecidos da Condugel, o Antichama, dá uma boa idéia do desenvolvimento técnológico atingido pela empresa.

Se você leu até aqui, parabéns. Demonstrou estar ligado aos assuntos que realmente importam.

Fábrica de Vitória, ES (Condelsa).

Fábrica de Santo André, SP.

Fábrica de Arujá, SP.

Fábrica de Feira de Santana, BA (vista interna).

Condugel S/A
FIOS E CABOS ELÉTRICOS

Sto. André: Av. Santos Dumont, 801
Tel: 449.9944 - Telex - 011-4398
Arujá: Rodovia Mogi - Dutra, Km 1
Polo Industrial de Arujá

Vitória: (Condelsa) - Rodovia BR-262
Km 18,5 - Município de Viana - E.S. -
Tels: 255.1146 - 255.1162 - 255.1188
End. telegráfico "Condelsa"
Cx.Postal 312

Feira de Santana (Condugel Nordeste)
Av. Sudene, s/nº
Centro Industrial do Subaé
Tel. 221-1862 CEP 44.100-BA

Publisan

tórios em que o vírus é mantido vivo. Recentemente, morreu em Birmingham, Inglaterra, uma fotógrafa de assuntos médicos, Janet Parker, contaminada pelo vírus de varíola que sobrevive no laboratório local, embora a Organização Mundial de Saúde já tenha decidido sua desativação. Deprimido com o que julgou ser falha sua, o diretor do laboratório, Henry Bedson, suicidou-se cortando o pescoço. Janet Parker pode ter sido a última pessoa a morrer de varíola — mas, já que o vírus vai ser mantido intato em laboratórios, ninguém pode garantir isso.

Câncer à venda

Substâncias cancerígenas livres no mercado

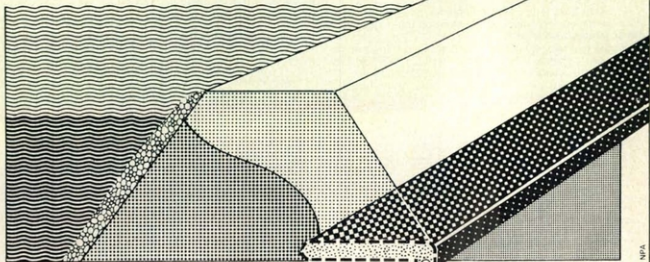
Em todo o mundo, nos últimos anos, 25 substâncias químicas tiveram sua ação cancerígena comprovada em animais e homens, e por isso foram proibidas sua fabricação e comercialização. No entanto, outras 220 substâncias químicas, que provocam câncer em animais, estão livremente à venda, pois ainda não tiveram comprovada sua ação cancerígena no homem. Esses e outros dados inquietantes foram discutidos em São Paulo, na semana passada, no 5.º Curso de Treinamento e Pesquisas Cancerológicas da União Internacional de Combate ao Câncer. Ministrado por treze especialistas internacionais, o curso destinava-se a pesquisadores médicos e científicos com menos de 35 anos de idade. Anteriormente, só tinha sido realizado em quatro cidades da Europa.

Nesse curso de alto nível técnico, revelou-se que continuamente surgem no mercado mundial, em larga escala, novas substâncias químicas. Primeiramente, são utilizadas pelas populações dos vários países durante alguns anos para só depois serem testados seus efeitos cancerígenos no ser humano. Mas o objetivo maior do curso não era dar a público essas denúncias e, sim, chamar a atenção de jovens médicos, biólogos, biomédicos, bioquímicos e farmacêuticos para a importância das pesquisas sobre câncer.

PESQUISAR MAIS — Segundo esclarece o professor Ricardo Renza Brentani, diretor do Laboratório de Oncologia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e coordenador do curso, São Paulo foi escolhida para sede do curso por três motivos. Primeiro, porque a União Internacional de Combate ao Câncer achou que era oportuno realizar um de seus cursos na América Latina. Depois, porque no próximo dia 5 de outubro será realizado em Buenos Aires o 12.º Congresso Internacional de Câncer — "e poderia haver uma economia nos custos de viagem desses técnicos. Matamos dois coelhos numa só cajadada", comenta Brentani. Outra razão é que a União Internacional considera a capital paulista como um dos mais importantes centros de pesquisa e combate ao câncer em toda a América Latina, "se não o mais importante".

O limite de idade imposto aos ouvintes, segundo Brentani, visou despertar o interesse dos mais jovens. "Afinal", diz ele, "é preciso que despertemos cada vez mais o apetite de jovens técnicos para a pesquisa da cura do câncer, doença que já é a segunda maior causa de morte da população mundial que alcança a vida adulta" — logo após os distúrbios cardiovasculares. De todo modo, os treze professores e os 21 ouvintes estiveram de acordo em que o fundamental é acelerar as pesquisas em torno das novas substâncias. Em sua incontrolada ânsia de dominar a natureza, o homem está inundando o mundo com substâncias sintéticas até então desconhecidas — e talvez mortíferas. Esse é o desafio lançado aos cancerólogos. •

O curso: treze mestres e 21 alunos

Para demonstrar a segurança que Bidim oferece à Barragem de Sanga Rasa, em Bagé, vamos fazer uma rápida viagem ao centro do aterro.

Projeto do Escritório de Engenharia Ned Medina Quintana, com a construção a cargo da Construtora e Terraplanagem Bela Vista.

NPA

Sanga Rasa é uma barragem de terra. Um aterro, com 17 metros de altura por 420 metros de comprimento, formando um reservatório de água para o abastecimento da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul.
Enquanto uma parte dessas águas vai para as torneiras, a outra faz pressão contra a barragem, infiltrando-se no centro do aterro. Seguindo livremente, essas águas vão solapando, solapando e podem até mesmo provocar um rompimento. Por isso, é fundamental a construção de um sistema que conduza com segurança as águas infiltradas para um dreno ao pé do talude. Bidim é responsável por essa segurança.

Bidim entra por baixo de 250.000 metros cúbicos de terra, com a função de permitir que o corpo drenante do filtro horizontal, de areia, permaneça completamente limpo para cumprir a sua parte: captar e conduzir as águas infiltradas para o dreno ao pé do talude.
Bidim é responsável também pela rapidez de execução da obra. Uma equipe de apenas 5 homens, em jornada de 8 horas, desenrolou, costurou e posicionou uma camada dupla de Bidim em uma área de 950 metros quadrados.
Isso significa uma considerável economia de mão de obra: apenas 0,04 homem/hora por metro quadrado.
Mas Bidim foi escolhido para essa tarefa também por sua alta permeabilidade, filtragem perfeita, uniformidade total; não altera os cálculos clássicos de estimativa de vazão; tem baixa densidade e pode ser estocado ao ar livre. Ah! E tem mais uma vantagem fundamental: Bidim é um produto Rhodia.

bidim (MR)
RHODIA

Para maiores informações solicite a publicação técnica Bidim/Drenos. Rhodia S.A. - Centro Empresarial de S. Paulo - Av. Maria Coelho Aguiar, 215 Bloco B - 6º And. - CEP 05804 - Fone: 545-1122 - Ramais 3818 a 3820 - End. Telegráfico: Rhodiatex - São Paulo - SP

No pára-e-anda da ci
é o que m

De manhã cedo quando sai para o trabalho, um Mercedinho sempre vai preparado para o que der e vier. E volta no fim do dia só depois de muito vai-e-vem, sobe-e-desce e leva e traz.

O L-608D, ou seja, o Mercedinho, foi feito mesmo para o dia-a-dia da vida na cidade e tem se saído muito bem de todas as tarefas que lhe dão.

E olhe que não são poucas. Conforme a distância entre eixos e o tipo de chassi, o Mercedinho se transforma no veículo adequado para qualquer tipo de negócio. Ele pode ser equipado com carroçaria aberta ou fechada, como furgão integral ou ainda como microônibus.

As três versões básicas do 608D são: chassi com cabina; chassi com frontal e pára-brisas, e chassi com frontal sem pára-brisas. As distâncias entre eixos podem ser de 2950mm, 3500mm ou 4100mm (esta, só para microônibus).

De um jeito ou de outro, o Mercedinho está em toda parte, transportando de tudo com eficiência e rapidez. E a cada dia que passa demonstra ainda mais a sua versatilidade.

O acesso à cabina do Mercedinho não exige curso de ginástica: é simples e fácil, devido à porta ampla e bem posicionada, aos estribos colocados à conveniente altura do chão, e ao amplo espaço interno.

O Mercedinho não se aperta mesmo quando o trânsito está devagar, quase parando.

Mesmo com suas seis toneladas de peso bruto total admissível, o Mercedinho é quase tão ágil quanto um automóvel.

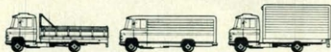
Na hora de fazer meia volta, volver, aí é que ele se excede; seu círculo de viragem é comparável ao dos menores carros brasileiros - variando de 11,7m a 14,7m (dependendo da distância entre eixos).

Chova ou faça sol, o sistema de freios do Mercedinho, de duplo circuito, é uma proteção sempre segura e eficiente. E o freio-motor, opcional, amplia ainda mais a segurança em declives prolongados, além de economizar lonas, pneus e combustível.

O motor do Mercedinho é o OM-314, de injeção direta, e tem potência adequada para levá-lo a tempo e a hora pelos altos e baixos das nossas cidades.

E, sem querer chover no molhado, essa potência é aproveitada ao máximo devido ao excelente escalonamento da caixa de mudanças com cinco marchas à frente e uma à ré, todas sincronizadas.

Igualzinho aos outros veículos Mercedes-Benz, o L-608D

dade, o Mercedinho ais anda.

O Mercedinho aceita os mais diversos tipos de carroçarias: desde as convencionais, abertas e de madeira, às de um furgão integral ou simples, ou como microônibus.

dá a volta por cima em matéria de conforto e segurança.

Tem volante de boa empunhadura, direção suave, cabina com suspensao própria, banco regulável, boa ventilação, excelente visibilidade e ótimo isolamento termoacústico do motor.

Tudo como manda o figurino.

Em matéria de economia, o Mercedinho não tem mãos a medir.

Se é economia de combustível, o Mercedinho não faz por mais o que pode fazer por menos.

Se é economia operacional, ninguém precisa pagar para ver: como todo Mercedes-Benz, ele apresenta o mínimo de possibilidades de paradas por avaria.

E quando é preciso usar a assistência técnica, o Mercedinho conta com os quase 200 concessionários Mercedes-Benz, a maior e mais experiente rede especializada em veículos diesel no Brasil.

Como se isso não bastasse, o motor do Mercedinho - embora exclusivo - tem algumas de suas peças intercambiáveis com as de outros motores Mercedes-Benz (se você é frotista, sabe a economia de manutenção que isso proporciona).

Toda essa economia, porém, não surgiu da noite para o dia. Ela é resultado de um conceito global desenvolvido pela Mercedes-Benz ao longo de seus muitos anos de experiência e aplicado em todos os seus veículos.

Essas e outras vantagens do Mercedinho se incluem num conceito ainda mais amplo, que é o da qualidade Mercedes-Benz. E é só uma questão de dar tempo ao tempo para você ver a importância dessa qualidade na durabilidade do Mercedinho.

Quanto ao seu valor de revenda, você não perde por esperar. Mais dia, menos dia, você vai querer trocar por um novo; e na hora da venda o Mercedinho vai mostrar mais uma vez que vale quanto pesa. Carregado.

Piquet: ocupando o lugar que foi de Pace

oficialmente sua contratação como segundo piloto da Brabham na temporada do ano que vem, substituindo o veterano John Watson.

AVANT-PREMIÈRE — Queimar etapas na escala profissional tem sido desastroso para alguns pilotos brasileiros — como Alex Dias Ribeiro e Ingo Hoffmann — e Piquet poderia estar caindo na mesma armadilha ao saltar a passagem pela Fórmula 2. Mas Gordon Murray, o projetista da Brabham que chamou a atenção de Ecclestone para Piquet, convenceu o brasileiro a desprezar a F 2 "por ser uma categoria que ensina pouco e vicia muito". "Além disso", afirmou Piquet a Jader de Oliveira, de VEJA, em Londres, na semana passada, "todo piloto de Fórmula 3 espera uma chance de ir para a Fórmula 1. E não creio que haja algum que não queira agarrar logo essa chance."

Para contratá-lo, Ecclestone precisou vencer a resistência do titular da equipe, o bicampeão Niki Lauda, que preferia a companhia de Clay Regazzoni. Mas a possibilidade de enfrentar eventuais hostilidades no início do contrato não parece afetar Piquet. Carioca de 26 anos, catorze dos quais vividos em Brasília desde a fundação da cidade e antes de se mudar para a Inglaterra por causa do automobilismo, Piquet é um piloto cordial e extrovertido. "Por isso ele logo vai fazer amizade com o Lauda", garante Emerson Fittipaldi.

Disposto a dedicar-se exclusivamente à equipe de Ecclestone, Piquet vai desmanchar a que formou na F 3, o que significa a demissão dos dois mecânicos brasileiros que foram com ele para a Inglarerra. Domingo que vem, Piquet poderá fazer uma espécie de *avant-première* na Brabham, no GP do Canadá, pilotando o terceiro carro da equipe. Mas, para valer, ele só começará no Grande Prêmio da Argentina, em janeiro, no início da temporada de 1979.

CUSTOS — Além da rápida chance de ascensão profissional, o primeiro ano de Piquet na Fórmula 1 não será exatamente um período de abundância financeira: para lutar pela consolidação de prestígio e justificar o investimento da Brabham, sabe-se que ele ganhará bem menos que outros pilotos de grandes equipes.

As tentativas de Ecclestone para convencer os patrocinadores de Piquet na F 3 a continuarem com ele na F 1 fracassaram depois que os cálculos mostraram custos de 500 000 dólares, quase dez vezes maiores que os atuais. Em todo caso, um dos patrocinadores, a Brastemp, seguirá com Piquet, mas com anúncios apenas no macacão e no capacete. No carro, só mesmo a Parmalat, patrocinadora da Brabham. •

Leão e Mazaroppi no primeiro treino: a bola fica com quem?

Esporte

FUTEBOL

Sem foguetório

Uma fria recepção dos vascaínos a Leão

Entre o goleiro Mazaroppi, 25 anos de idade, oito de clube, salários de 35 000 cruzeiros, e o experiente Leão, de 29 anos, titular da seleção brasileira em duas copas do mundo, salários de 60 000 cruzeiros e passe comprado por 5 milhões, a torcida do Vasco da Gama não teve dúvidas: escolheu Mazaroppi. E, ao desembarcar no Rio de Janeiro, na segunda-feira passada, como a mais nova aquisição do clube carioca, Leão encontrou à sua espera três dirigentes, vários repórteres e exatamente uma torcedora.

Foi a segunda transferência importante na carreira de Leão. Na primeira, ao chegar ao Palmeiras dez anos atrás, ele também não recebeu festas — mas era então um quase desconhecido goleiro do Comercial de Ribeirão Preto. Hoje, está famoso, chega a ser apontado como um dos melhores do mundo e há oito anos era titular absoluto no Palmeiras. Um forte senso profissional, a inabalável recusa de aceitar a reserva e um delicado relacionamento com a imprensa, sempre no limite da ruptura (desde o fim da Copa do Mundo teve três entreveros com repórteres) geraram uma imagem de prepotência e pedantismo. Principalmente por isso, a torcida vascaína em vez de festejar sua contratação preferiu gritar em coro o nome de Mazaroppi durante o jogo com o Fluminense, domingo.

"Mas fizeram uma pesquisa e 50% da torcida ficaram a meu favor. Isso já é um passo. Acho que, depois de me verem jogar, os outros 50% também me apoiarão", afirmou Leão ao chegar ao Rio de Janeiro.

CHEIRO DE PALHETA — Ao contrário de afirmações anteriores, em que dizia que só aceitava ser titular, Leão desembarcou no Aeroporto Santos Dumont com cândidas declarações na bagagem: admitiu mudar seu comportamento, garantiu a Mazaroppi que vinha para disputar a posição de igual para igual e se colocou à disposição do técnico Orlando Fantoni como qualquer humilde recruta — como se fosse possível a Fantoni a audácia de deixar Leão fora do time. Para conseguir o passe do ex-goleiro palmeirense, o presidente Agathyrno da Silva Gomes se comprometeu a pagar 5 milhões de cruzeiros ao Palmeiras, mais 1,2 milhão ao goleiro, além de salários de 60 000 cruzeiros no primeiro e 85 000 no segundo ano de contrato. Sem sequer consultar Fantoni, que, afinal, havia pedido a contratação de Jésum, ponta-esquerda do Bahia.

"No Palmeiras", diz Leão, "não dava mais para continuar. A torcida estava me perseguindo, apesar de toda minha aplicação ao trabalho e eu já não sentia nenhuma motivação." No Vasco, ele talvez tenha inspiração para recuperar o entusiasmo — apesar de São Januário não ser exatamente o lugar mais agradável para seu gosto. Durante a concentração da seleção brasileira no ano passado, em sua rápida passagem pelas dependências do estádio vascaíno antes das eliminatórias da Copa do Mundo, Leão costumava se queixar do cheiro local. "Lá dentro *(na abafada concentração)* é cheiro de suor. Aqui fora, é cheiro de Palheta", dizia ele, referindo-se aos vapores exalados de uma fábrica de café, vizinha ao estádio.

RESERVA E JUVENIL — Na sexta-feira, como sinal de que a torcida talvez já comece a se adaptar à idéia de conviver com Leão, cerca de 400 pessoas foram ao treino do time em São Januário, uma platéia muito maior que a média de trinta pessoas em épocas normais. O goleiro chegou às 15h20, posou para fotos com o presidente do clube fingindo assinar contratos que já estavam assinados há dias, passeou pelo gramado, fez exercícios abdominais e, em seguida, alegando cansaço por ter dirigido o carro cinco horas seguidas, desde São Paulo, saiu de campo.

E, em lugar dele e de Mazaroppi, que também não treinou, a torcida acabou assistindo a um coletivo no qual os goleiros eram o reserva Jair Bragança e o juvenil Maurílio. •

AUTOMOBILISMO

O 2º da Brabham

Nelson Piquet agarra sua chance na Fórmula 1

Exatamente cinco paradas no boxe da pista de Silverstone, na Inglaterra, em junho, revelaram para os especialistas em Fórmula 1 as qualidades do brasileiro Nelson Piquet Souto Maior. Durante os treinos de pré-classificação para o GP da Alemanha, ele fez algumas precisas recomendações aos mecânicos da BS Fabrication sobre o comportamento do seu Ensign, que melhoraram sensivelmente o rendimento da máquina nas voltas seguintes. Então na liderança do campeonato da British Petroleum, um dos mais importantes torneios europeus de Fórmula 3 — e que acabaria ganhando por antecipação —, Piquet chegou assim ao circuito de Hockenheim, em sua estréia na F 1, já sob os olhares atentos de Bernie Ecclestone, o poderoso presidente da Associação dos Construtores de F 1 e chefe da equipe Brabham-Alfa Romeo. No domingo, dia 24, depois de vários encontros e de Piquet correr outros três grandes prêmios com um McLaren, Ecclestone — para quem corria José Carlos Pace — anunciou

SARSA. UM LABORATÓRIO DE UTILIDADE PÚBLICA.

O SARSA não é apenas um laboratório farmacêutico. Ele amplia essa definição com uma operação baseada em seu centro de pesquisas básicas e na sua indústria química, que fabrica a matéria-prima que entra na composição de seus produtos. Para se ter idéia de como o SARSA prepara o lançamento de um novo remédio, basta dizer que são necessários 10 anos de estudos, pesquisas e ensaios para que o produto possa ser consumido.

Este processo mostra a preocupação do laboratório com a qualidade e com a total segurança do homem. É um trabalho rigoroso e demorado, que exige atualização constante. Por isso, o SARSA está sempre junto a cientistas e universidades, estabelecendo permanente intercâmbio científico.

O cuidado com a saúde e o bem-estar do homem fez com que, recentemente, o SARSA fosse declarado laboratório de utilidade pública. E essa mesma filosofia de trabalho se estende a todas as atividades do grupo: farmácia, química, agricultura, veterinária e perfumaria de luxo.

Hoje, o SARSA com 41 anos, continua fiel a seus princípios: proteger a vida, a saúde, a natureza.

SARSA

PROTEGENDO A VIDA, A SAÚDE, A NATUREZA

PUGILISMO

Leva mas perde

Diógenes trouxe o cinturão mas deixou o título

Foi, garante o campeão brasileiro Diógenes Pacheco, uma "pauleira geral". Durante doze assaltos, na quinta-feira, dia 21, ele trocou socos com o equatoriano Wellington Weately num ringue de Guaiaquil, pelo título sul-americano dos meio-médios-ligeiros com uma violência que deixou os dois lutadores com mãos e rostos inchados. No final, o juiz ergueu o braço do brasileiro que, portanto, recebeu o cinturão de campeão.

Tratava-se porém de um caso típico de levar sem ganhar. Na quarta-feira passada, enquanto Pacheco exibia o cinturão em São Paulo, a Comissão Sul-Americana de Boxe decretava a anulação da luta e a devolução do título ao equatoriano. Confusões não são raras nos ringues sul-americanos. Desta vez foi causada pelo próprio juiz de ringue, um equatoriano chamado Pedro Santillón, que embaralhou a matemática do boxe. Dois dos jurados, um uruguaio e um equatoriano, deram contagem igual para os lutadores e o terceiro, um brasileiro, considerou Pacheco melhor por 2 pontos de diferença. Em tais situações vale o voto da maioria — no caso, o empate. Santillón, contudo, deu a vitória a Pacheco. "Depois da luta, os equatorianos me procuraram querendo que devolvêssemos o cinturão", conta o empresário Kaled Cury, um ex-campeão brasileiro dos médios. "Mas eu avisei: quem aparecer lá no hotel, ponho para fora a pontapés."

OLHAR DE CAMPEÃO — Agora, Pacheco e Weately terão de lutar novamente, num prazo de 45 dias. "O ideal seria trazer a luta para cá. Mas sem patrocinador não vai ser possível", afirma Cury. Segundo ele, promover uma luta pelo título sul-americano custa em torno de 500 000 cruzeiros: "Só a bolsa do campeão fica em 6 000 dólares. Além disso, temos de pagar passagens e hospedagem para dois jurados, o *manager* e o técnico do equatoriano, mais *sparring* e ringue para treinamento dele, e taxas para federação, confederação. . ."

Pacheco, de 28 anos, foi ao Equador por uma bolsa de cerca de 44 000 cruzeiros e recebeu líquido 34 000 — a melhor de sua carreira profissional: ele começou em 1973, lutou 22 vezes, ganhou 21 e empatou com Weately. "Mas nessa luta é que vi o grande campeão que eu tinha embaixo dos olhos", afirma Cury. Outras vezes antes, ele aspergiu esperanças sobre seus lutadores. Contudo, Servílio de Oliveira foi proibido de lutar por descolamento da retina, João Mendonça está internado em um sanatório de doenças mentais e Danilo Batista não parou de perder desde que tentou a aventura de disputar o título mundial. "Mas o Diógenes tem um grande futuro", garante Cury. "Você conhece um campeão pelo olhar — e ele tem exatamente esse tipo de olhar." ●

RUTH TOLEDO

Pacheco: posando de campeão antes de devolver o cinturão

A indústria que contribui sozinha com 151 mil empregos diretos em Pernambuco inicia uma conversa franca com o povo e as autoridades.

Industriais do açúcar de Pernambuco expõem alguns fatos pouco conhecidos.

Sozinha, a agroindústria açucareira emprega 151 mil pessoas em Pernambuco. Isso equivale à metade do total de empregos diretos criados pela Sudene em todo o Nordeste. Além disso, a atividade econômica pernambucana, de um modo geral, está diretamente ou indiretamente ligada à produção de açúcar. Portanto, cada vez que a indústria de açúcar enfrenta dificuldades, não são apenas os industriais que sofrem as conseqüências. Cada pernambucano é afetado pela diminuição da oferta de empregos e da arrecadação com que o Governo cria e mantém escolas, estradas, vias públicas, hospitais.
Daí ser importante que o povo e as autoridades conheçam melhor a indústria açucareira. Como estes fatos, por exemplo:

1 - O salário pago pelas usinas é 47% superior ao salário mínimo regional do Grande Recife.

Oferecendo emprego direto a 151 mil trabalhadores, a agroindústria açucareira de Pernambuco é responsável pelo sustento de pelo menos 758 mil pessoas, o que significa mais de 70% da população da área onde está instalada. Isso, sem contar com os 5.700 empresários agrícolas autônomos que fornecem mais de 72% das canas moídas nas indústrias, promovendo uma melhor distribuição de renda e proporcionando o fortalecimento de uma classe média rural.

2 - Uma tonelada de cana dava 104 kg de açúcar em 1950. Atualmente produz apenas 80 kg.

O rendimento industrial da cana passou de 104 quilos por tonelada em 1950/51 para 80 em 1977/78. Essa queda do rendimento representou um prejuízo de Cr$ 4,9 bilhões que deixaram de ser faturados pela indústria só no período de 1971 a 1978.

Rendimento industrial de açúcar por tonelada de cana.

Em todo o Brasil a cana passou a render menos. No Paraná, caiu de 99,09 kg para 79,17. Em São Paulo, de 93,01 para 86,02. No Rio de Janeiro, de 98,63 para 72,89. Na Bahia, de 96,85 para 75,31. Apesar disso, a produção açucareira de Pernambuco elevou-se de 13,5 milhões de sacos, em 1969, para 22 milhões em 1978.

3 - Sempre que possível, os industriais do açúcar reinvestiram visando o aumento da produtividade.

Foram os industriais açucareiros de Pernambuco que importaram, a suas expensas e sob seu inteiro risco, as sementes das variedades de cana que durante largo período asseguraram a Pernambuco a liderança de produtividade - a POJ 2878, de Java, Indonésia, e a CO 419, de Coimbatore, Índia.
E patrocinaram os estudos dos técnicos da Hawaiian Agronomics Co., para análise dos problemas regionais e indicação de soluções técnicas. E, em 1958, trouxeram o Dr. Peter Honing, da Estação Experimental de Java, para organizar a Estação Experimental dos Produtores de Pernambuco (esta estação foi, há seis anos, absorvida pelo PLANALSUCAR, Programa Nacional da Melhoria da Cana de Açúcar). Isto é, quando a rentabilidade da indústria permitiu, o capital disponível foi aplicado em investimentos para aumentar a produtividade.

Hoje, contudo, não só em Pernambuco como em todo o Brasil, é impossível fazer-se o desenvolvimento genético de sementes senão através do poder público. E uma semente desenvolvida ou adaptada não começa a dar resultados da noite para o dia. É um trabalho de anos.

4 - Agora os industriais do açúcar começam a lançar as bases do mais arrojado projeto de sua história: o Pólo Sucroquímico do Nordeste.

Já está em fase de estudos um projeto que reposicionará a economia pernambucana e do Nordeste, além de trazer valiosa contribuição ao esforço nacional para diminuição de importações de petróleo: o Pólo Sucroquímico do Nordeste.

Este projeto permitirá o aproveitamento de toda a potencialidade da cana e do açúcar, na substituição do petróleo, não apenas como combustível de veículos. Mas também para outras finalidades.
O Pólo Sucroquímico do Nordeste permitirá a criação de todo um parque industrial paralelo, trazendo riquezas, emprego e recursos para o Estado.

Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool de Pernambuco.

Tomar consciência honesta dos problemas é a melhor maneira de começar a resolvê-los.

Abaeté

Cacoal. Terra de plantar, terra de colher.

Distante 2500 km de São Paulo e quase 500 da capital Porto Velho, Cacoal, em Rondônia, tem apenas 6 anos e já conta com 65 mil habitantes.

Ela fica às margens da BR 364, que liga Cuiabá a Porto Velho, uma estrada aberta a partir das primeiras picadas feitas pelo Mal. Rondon. Principal meio de ligação da região, a BR 364 atravessa todo o território de Rondônia.

Por ser de terra, na seca levanta uma poeira vermelha que invade tudo; nas chuvas, transforma-se num lamaçal que torna certos trechos intransitáveis por dias e dias seguidos.

E é ali em Cacoal que está uma das 343 agências pioneiras do Bradesco. Pioneira porque foi a primeira e ainda é a única agência de banco da cidade.

16 igrejas e 500 caminhões.

Cacoal - que tem este nome por causa do cacau nativo da região - foi fundada em 1972 e passou a município em fins de 1977.

Tem 3 cinemas, 10 serrarias, 3 hotéis, 4 escolas de 1º e 2º graus, 5 hospitais, 1 maternidade, telefone (funcionando desde dezembro de 1976) e 16 igrejas das mais diferentes religiões, tais como Avivamento Bíblico, A Volta de Cristo, Brasil para Cristo e Igreja de Betel.

Diz o prefeito Francisco Reginaldo Joca que cerca de

500 caminhões passam diariamente pela BR 364, trazendo produtos do sul e levando de volta o que Rondônia produz.

E a terra produz de tudo, segundo os moradores. Por isso, além de cacau, Cacoal tem feijão, milho, arroz e dá café com 2 anos (no sul, o café começa a produzir com 4 anos).

11 meses isolado da família.

Josino Brito, dono da Drogaria Santa Juliana e da Fazenda Santa Juliana ("Juliana é o nome da minha filha"), é um dos fundadores de Cacoal: "Isto aqui era exclusivamente mata.

E eu cheguei aqui vendendo medicamento como ambulante, com uma caixa de remédios nas costas".

Mineiro de Espinosa, Catarino Cardoso dos Santos foi o primeiro administrador e primeiro prefeito de Cacoal: "Vim pra cá sozinho e passei 11 meses isolado da família. Só depois que fiz minha casa é que fui buscar a família. Naquela época tinha muita gente abarracada às margens da BR 364 e aqui era mata bruta. Não tinha nada. Só um agrupamento de povo aí. O que se via era muita família jogada embaixo de barracos, uns cobertos de lona, outros de plástico ou de palha de coqueiro.

O pessoal ia chegando e parando aí, se abarracando na beira da estrada".

Evaldo Barbosa Gois, dono da Fazenda Sergipe, 50 mil pés de café, completa: "Era uma época muito difícil. Nem machado pra vender tinha".

No caixote, na meia e no travesseiro.

A agência Bradesco de Cacoal foi inaugurada a 25 de março de 1977 e tem como gerente Adelino Moreira Bidu, 28 anos de idade, 9 de Bradesco. Entre seus clientes, um especial: o Parque Indígena de Aripuanã, a 12 km da cidade, que compreende 4 postos e já tem 1200 índios cinta-largas e suruís contactados, além de aproximadamente 1500 outros a contactar.

João Xavier Alves, da Fazenda Boa Esperança, diz que "antigamente quem tinha dinheiro guardava embaixo do travesseiro. Mas depois veio o Bradesco, um ponto chave dentro de Cacoal".

Catarino Cardoso dos Santos conta que "naquela época só existia banco em Porto Velho, a quase 500 km daqui. Então se guardava o dinheiro no pé de meia, no calçado".

Antes da chegada do Bradesco, o prefeito Francisco Reginaldo Joca, então funcionário do INCRA, recebia seus vencimentos em Porto Velho: "Tínhamos dois dias de folga só pra ir receber o dinheiro".

Edilson Mangueira de Souza, dono da Cerealista São João e da Fazenda São Lucas, 300 hectares, diz que "antigamente, o dinheiro a gente guardava no caixote. Tinha que pagar todo mundo a dinheiro. Se a gente recebia um cheque de mil ou dois mil cruzeiros, gastava quase tudo só pra ir trocar o cheque.

Agora não. Temos o Bradesco, temos financiamento, temos tudo".

Datas

MORREU: o sociólogo paulista DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO, aos 52 anos; professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, dedicou-se principalmente aos estudos de Sociologia da Educação e da religião, deixando vários trabalhos publicados sobre esses temas; seu livro "Os Errantes do Novo Século", sobre o surto milenarista do Contestado, ganhou o Prêmio Governador do Estado (SP) de Ciências Sociais, em 1975; atualmente, pesquisava grupos pentecostais ligados à cura divina; de 1973 a 1975, exerceu a presidência da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo e, em 1975, foi eleito primeiro presidente da recém-criada Associação Nacional de Cientistas Sociais; viajava pelo nordeste a serviço do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, coordenando cursos de mestrado em Sociologia; atropelado no Recife; dia 25.

ESCOLHIDA: a Confecções Guararapes S.A. como "A Empresa do Ano" pela edição anual *Melhores e Maiores* da revista *Exame*, que apontou ainda as outras 32 empresas com melhor desempenho em 1977; o anúncio foi feito em coquetel na Hípica Paulista; em São Paulo; dia 29.

AFASTADO: do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o médico e preceptor do Departamento de Medicina Preventiva daquela escola, PAULO EDUARDO ELIAS; ex-presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes, ele estava à frente dessa entidade durante as greves de médicos residentes, no primeiro semestre deste ano; sob a alegação de ter infringido o regulamento da residência médica, trabalhando em outros hospitais; em São Paulo; dia 28.

AGRACIADO: com o título de Cidadão Paulistano pela Câmara de Vereadores de São Paulo o ator Sebastião Bernardes Prata, o GRANDE OTELO; a concessão do título foi proposta pelo vereador Paulo Rui, do MDB; em São Paulo; dia 28.

CONTRATADO: o técnico MÁRIO JORGE LOBO ZAGALO; por 35 milhões de cruzeiros; por um ano de contrato; pelo El Helal, da Arábia Saudita; dia 28; no Rio de Janeiro. •

O Brasil visto no Fundo

Uma pesquisa realizada por VEJA no FMI mostra o que os empresários estrangeiros estão pensando dos problemas brasileiros

O que pensam os banqueiros e os empresários estrangeiros a respeito da situação econômica do Brasil? O que estão achando da dívida externa do país, que deverá chegar, até o fim do ano, a 40 bilhões de dólares? Como encaram o debate em torno da redemocratização?

Para responder a essas indagações, VEJA submeteu dez perguntas a banqueiros e empresários internacionais, reunidos nos Estados Unidos, para a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI). Foram distribuídos cerca de 300 questionários entre os 600 convidados a dois almoços em que a economia brasileira era o assunto principal. O primeiro, na terça-feira, em Washington, foi promovido pelo presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, e contou com a presença de dois ex-secretários do Tesouro americano, William Simon e George Schultz, além do ex-secretário de Estado Henry Kissinger. O segundo, quinta-feira, em Nova York, teve o patrocínio do The Council of the Americas.

Segundo os relatos de Judith Patarra, correspondente de VEJA em Nova York, Roberto Garcia, correspondente em Washington, e Ribamar Oliveira Jr., enviado especial à reunião do FMI, a pesquisa foi entregue a banqueiros e empresários americanos, alemães, japoneses, franceses, suíços, italianos, ingleses, canadenses e árabes. O retorno foi de 20% — exatamente 54 deles devolveram os questionários preenchidos.

Foi necessário enfrentar algumas dificuldades inesperadas. A embaixada brasileira nos Estados Unidos alertara os repórteres de que não permitiria que os participantes dos dois encontros fossem molestados "com quantidades excessivas de folhetos". Um alto funcionário do governo brasileiro, de outro lado, ao tomar conhecimento das perguntas, sentenciou: "São demasiadamente tendenciosas". O ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, entretanto, ao ler atentamente o questionário, sorriu e encorajou os jornalistas a aplicá-lo. "Depois vocês me contam o resultado."

Kissinger, Garnero e Simonsen: almoço para 300 em Washington

UPI

RENEGOCIAM — Como o ministro Simonsen, a maioria dos empresários estrangeiros acredita que o principal problema econômico do Brasil é a inflação. Apenas uma pequena parte deles — aliás, em proporções idênticas aos que vêem na distribuição da renda uma questão importante — citou a dívida externa. De qualquer forma, eles julgam que essa dívida é alta (50% dos pesquisados), se bem que um número razoável de empresários a considere "normal".

O resultado talvez mais surpreendente, no entanto, é o que revela a disposição de grande parte deles (44,4%) de continuar operando normalmente com o Brasil, caso o país resolvesse renegociar seus compromissos com os credores externos. É claro que tal conclusão deve ser vista com reservas, uma vez que uma boa parcela dos empresários respondeu que a continuidade dessas operações requer "maiores garantias" e uma outra razoável parcela (22,2%), prudentemente, deixou de responder à pergunta.

BALANÇO — O cruzamento de algumas respostas talvez permita imaginar-se que, entre os empresários estrangeiros, haja uma certa preocupação com o serviço da dívida externa (amortizações mais juros). Enquanto apenas 7,4% dos pesquisados consideraram a dívida problemática, 24,1% das respostas revelam o balanço de pagamentos como o segundo maior problema econômico do país. Pode-se imaginar, também, que os homens de negócio do exterior atribuem à política de exportações um papel importante.

Em favor dessa hipótese tem-se a opinião dos empresários a respeito da política de incentivos à exportação. Quase 50% se definiram pela manutenção ou mesmo pelo aumento dos incentivos. E os 44,4% que defendem sua redução acreditam que ela deva se dar

EXCLUSIVO

1 Na sua opinião, o principal problema econômico do Brasil é:

	%
Inflação	46,3
Dívida externa	7,4
Balanço de pagamentos	24,1
Redução da taxa de crescimento	1,9
Distribuição de renda	7,4
Outros	7,4
Não responderam	5,5

2 A legislação brasileira sobre investimentos estrangeiros é:

	%
Restritiva	31,5
Aceitável	61,1
Liberal	3,7
Não responderam	3,7

3 Esta legislação deveria ser mudada para permitir:

	%
Tetos mais elevados nas remessas de lucro	26,0
Contratos mais flexíveis de assistência técnica e transferência de know-how	46,3
Correção monetária dos investimentos estrangeiros	16,6
Não responderam	11,1

4 A dívida externa brasileira é:

	%
Muito alta	14,8
Alta	50,0
Normal	29,6
Baixa	—
Não responderam	5,5

5 Se o Brasil renegociasse sua dívida externa, o senhor iria:

	%
Continuar a operar normalmente com o país	44,4
Deixar de operar com o país	7,4
Requerer maiores garantias para continuar operando	26,0
Não responderam	22,2

6 Uma renegociação da dívida externa brasileira é:

	%
Indispensável	1,9
Parcialmente necessária	33,3
Desnecessária	35,2
Indesejável	20,3
Não responderam	9,3

7 A política de exportação brasileira deveria:

	%
Eliminar os incentivos (subsídios) de exportação imediatamente	1,9
Reduzir gradualmente os incentivos	44,4
Aumentar os incentivos, como todo mundo está fazendo	20,3
Manter os incentivos como estão	27,8
Não responderam	5,5

8 Em relação à política de importação, o Brasil deveria:

	%
Reduzir as barreiras de importação	51,8
Proteger somente a indústria básica emergente	27,8
Manter a política atual, que não é excessivamente protecionista	14,8
Não responderam	5,5

9 A sociedade brasileira está debatendo opções para uma maior participação da população no processo político. Na sua opinião, a liberalização do regime é:

	%
Necessária porque levaria a uma maior estabilidade	40,8
Indesejável porque implicaria mudança nas regras do jogo e causaria instabilidade para os investimentos	11,1
Perigosa porque tornaria possível a introdução de temas demagógicos na discussão política	16,6
Nenhuma das respostas anteriores. Negócios podem ser bons independentemente do regime político	20,3
Não responderam	11,1

10 Para se tornar uma democracia o Brasil precisa*:

	%
Devolver o poder aos civis	11,1
Eleições diretas para a presidência da República	14,8
Maior liberdade de expressão política	42,6
O país já desfruta de um regime democrático	12,9
Não responderam	18,5

** Respostas múltiplas*

LAÉRCIO D'ÂNGELO

apenas gradualmente. Ao mesmo tempo, eles aconselhariam o Brasil a reduzir as barreiras de importação, ainda que existam — e não em pequeno número — os que defendem a proteção da indústria de base emergente.

Em todo caso, uma coisa parece certa. Banqueiros e industriais dos países altamente industrializados ainda não se conformam totalmente com a legislação brasileira sobre investimentos estrangeiros. Ainda que a maioria a considere "aceitável", persistem reivindicações no sentido de sua mudança. Não tanto em função de tetos para as remessas legais de lucros mas em relação a uma evenual rigidez dos contratos de assistência técnica e transferência de *know-how* — freqüentemente acusados, pelos críticos das empresas multinacionais, de ser uma forma disfarçada de remessas de lucros.

A DEMOCRACIA — São realmente os empresários estrangeiros favoráveis a uma liberalização do regime político brasileiro? À primeira vista sim, pois 40,8% a consideram necesária, "porque levaria a uma maior estabilidade". No entanto, quase 60% deles se distribuíram entre os que são contra, os que a consideram perigosa, os que são indiferentes ou não responderam. De outra parte, só 12,9% acreditam que o país já desfrute de um regime democrático. Boa maioria considera que ainda falta algo para isso. Em grande medida, de acordo com as respostas, faltaria maior liberdade de expressão política •

Como sempre

Desta vez, a preocupação foi a queda do dólar

Um dia antes de seu início, na segunda-feira da semana passada, a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial havia concluído seus trabalhos. Como sempre acontece, o comitê interino de governadores, formado por vinte dos ministros da Fazenda dos países-membros, já tinha decidido tudo. Na semana atrasada, de fato, o comitê resolvera promover a sétima revisão geral das cotas dos países-membros. Aprovara, além disso, um aumento dos recursos disponíveis para empréstimos e uma nova emissão de "direitos especiais de saque" (DES) — a moeda do FMI, que se baseia num conjunto de moedas fortes. De concreto, foi isso — e nada mais — que os quase 4 000 participantes, entre autoridades, empresários e observadores, vindos de 135 países, ficaram sabendo que deveriam aprovar nos quatro dias da assembléia geral.

Assim, quando a seleta platéia tomou seus assentos no amplo salão de convenções do Sheraton Park Hotel, em Washington, restava apenas o compromisso social de acompanhar uma repetição exaustiva de discursos, muitos dos quais lidos para um plenário às moscas. Na verdade, apenas o pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, no primeiro dia dos trabalhos, conseguiu lotar o salão e despertar a atenção das autoridades presentes.

Mais uma vez, Carter prometeu reduzir o déficit comercial americano, combater a inflação e defender o dólar. Embora pouco depois o Congresso americano tenha, finalmente, aprovado a parte referente ao gás natural do plano de economia de energia de Carter, o mundo parecia continuar descrente das promessas do presidente americano. Na mesma segunda-feira, o preço do ouro batia recordes jamais alcançados — atingindo 230 dólares por onça. E, apesar do anúncio de uma substancial redução no déficit comercial americano, o dólar continuou sofrendo ataques de todos os lados.

MANIFESTAÇÃO SOCIAL — A desimportância das reuniões formais do FMI, em todo caso, é rotineira. "A assembléia", alertava, na quarta-feira passada, o ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, "é uma manifestação social daquilo que se decidiu — ou deixou de ser decidido — na reunião do comitê interino." O diretor da área externa do Banco Central, Fernão Bracher, no entanto, ressalta outro aspecto. No seu entender, esse tipo de reunião é importante para que se possa sentir a tendência da comunidade econômica internacional. "Embora nenhum país diga o que vai realizar na prática", reconheceu Bracher a Ribamar Oliveira Jr., enviado especial de VEJA à reunião do FMI. "Os ministros e governadores do Fundo costumam indicar as direções para as quais eles gostariam de ver marchar as coisas."

Discurso de Carter, no FMI: mais promessas

A tendência, pelo menos de acordo com as constatações dos ministros das finanças de vários países, só inspira cuidados e preocupações. Eles observam que, na maioria dos países industrializados, as taxas de desemprego são semelhantes aos números da pior fase da recessão de 1975. E a perspectiva a curto prazo não indica que possa haver melhoria significativa. "A realidade", salientou em seu discurso o presidente do Banco Mundial, Robert McNamara, "é que a tendência para o protecionismo está ganhando força em todas as nações industrializadas." Em seguida, o novo presidente do diretório executivo do FMI, o francês J. de Larosière, comentava que, "na maioria dos países industrializados, a taxa anual de inflação continua demasiadamente superior ao que seria aceitável".

DEBATES — Aliás, ao contrário do que ocorreu no ano passado, quando os debates se concentraram nos crônicos déficits do balanço de pagamentos dos países em desenvolvimento, as discussões deste ano se voltaram para os desequilíbrios entre as nações desenvolvidas e a instabilidade cambial — esta provocada pelas constantes desvalorizações do dólar. As maiores preocupações se dirigiam, claramento, para os espantosos superávits acumulados por países como a Alemanha, Japão e Suíça. Diga-se de passagem, não era para menos. Esses três países registrarão, em 1978, um superávit conjunto superior ao dos principais exportadores de petróleo — estimado, no caso desses últimos, em 18 bilhões de dólares.

"Para nós, a situação é tão desvantajosa quanto para todo mundo", disse a VEJA o presidente do Banco Central, Paulo H. Pereira Lira. Ele ressalvou, contudo, o desempenho das exportações brasileiras, cujo crescimento, apenas na faixa dos produtos industrializados, chegou perto dos 40%, no primeiro semestre de 1978. Mesmo assim, o país não conseguiu evitar um novo déficit comercial em agosto. Com os 50 milhões daquele mês, o déficit acumulado, nos oito primeiros meses do ano, chegou a 580 milhões de dólares.

NOVO ASSUNTO — Em dois gigantescos almoços, Simonsen repetiu praticamente o mesmo discurso, refutando críticas ao desempenho da economia brasileira. Mas, pela primeira vez, as perguntas recairiam sobre um novo assunto: as greves operárias e a abertura política. Não ocorreu, conforme afirmou o próprio ministro da Fazenda,

qualquer questionamento sobre a dívida externa e o balanço de pagamentos do Brasil. "Eles estão extremamente ansiosos para emprestar mais ao Brasil", diria ele, em entrevista coletiva, na quarta-feira.

Encerrada na quinta-feira, a reunião do FMI e do Banco Mundial deixou, para os mais otimistas, algumas esperanças. O aumento das cotas e a aprovação de uma nova emissão do DES seriam o prenúncio da cada vez mais exigida moeda internacional. Novamente, o protecionismo foi asperamente criticado ao mesmo tempo que se chegava à conclusão de que o vigor da economia mundial, se dependia das nações industrializadas, não teria longa vida sem um efetivo desenvolvimento do Terceiro Mundo. Nada disso, porém, parece muito perto da realidade. E é quase certo que todos esses temas continuarão presentes nas próximas reuniões anuais. •

TUBARÃO

Novo capítulo

FIESP, em documento, pede revisão total do projeto

Era só um almoço para discutir a viabilidade de uma usina de aço. Mais precisamente, do controvertido projeto siderúrgico de Tubarão. Ao final, contudo, entre rodelas de abacaxi e cafezinhos, as placas de aço e o lingotamento contínuo foram pouco a pouco sendo retirados da mesa de discussões. Refundidos os argumentos técnicos, laminadas as estatísticas e previsões sobre o mercado mundial, sobrou, no fundo, um desabafo: "Diálogo nós temos, mas o que importa é deixar o voto por escrito, e isso não existe", comentou o empresário Dilson Funaro, referindo-se a abertura concedida pelo governo para a discussão dos grandes projetos nacionais.

Funaro coordenou o grupo de trabalho criado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) — do qual participaram Cláudio Bardella, Luís Eulálio Bueno Vidigal, Paulo Villares e Antônio Ermírio de Moraes — responsável pela elaboração do documento sobre a viabilidade de Tubarão, divulgado no almoço da última quinta-feira, em São Paulo. Ao todo, são cerca de quarenta páginas em que se derramam considerações e números procurando provar, agora em nome da FIESP, aquilo que os empresários do setor de bens de capital já defendem há algum tempo. Ou seja, que Tubarão — tal qual está planejado — seria um projeto destinado ao fracasso — exigindo, assim, uma revisão completa e sua reciclagem para atender às necessidades nacionais.

Além disso, de acordo com Funaro, nos moldes em que foi concebida, a usina constituiria um caso típico de empreendimento "muito bom para os sócios estrangeiros, mas prejudicial aos interesses do país". E, para que não pairasse a menor suspeita de que interesses camuflados teriam influído no conteúdo do estudo, Cláudio Bardella, logo de início, advertiu que ele se pautou, exclusivamente, pelas discussões de viabilidade econômica e técnica. "Não existe uma única linha defendendo maior participação da indústria nacional nos equipamentos a serem fornecidos."

E AGORA? — A convicção e a segurança demonstradas na defesa do documento desapareceriam, todavia, ao ser colocada a questão central: encerrado o trabalho, o que acontecerá agora? "O acordo final ainda não foi assinado", responderia depois de alguma hesitação o próprio Bardella. "Assim, esperamos que o governo refute nosso estudo — com dados que desconhecemos e que não nos foram fornecidos — ou acate as mudanças que estamos propondo." Calmo, na mesma quinta-feira, em Brasília, o presidente da Siderbrás, Henrique Brandão Cavalcanti, preferiu uma terceira alternativa. Depois de considerar o trabalho da FIESP de bom nível, embora "com argumentação frágil", ele informou que a Siderbrás deverá concluir, brevemente, um documento detalhado sobre o assunto. E adiantou: "De qualquer forma, o governo não vai mudar sua posição, mas a existência do estudo empresarial comprova que o diálogo está aberto".

FIM DE UMA ERA — Talvez por já suspeitarem disso, alguns empresários preferiram destacar o sentido político da iniciativa da FIESP. "No fundo, ela coloca um ponto final numa era em que muita coisa foi assinada sem discussão", informou Luís Eulálio Bueno Vidigal, enquanto o presidente da entidade, Theobaldo de Nigris, interrompia para dizer que mesmo o Acordo Nuclear precisava ser rediscutido. O contraponto realista, nessa avalanche de impulsos "participacionistas", foi dado mais uma vez por Funaro. Ele admitiu que existem inúmeros obstáculos para que de iniciativas como essas surjam resultados práticos. "Mesmo assim", justificou, "estamos assumindo nossa representação e nosso propósito de discutir as prioridades de um grande projeto nacional, e não acreditamos que esse direito deva ser apenas dos empresários." Exercitando essa prerrogativa, os empresários se alongaram em críticas a Tubarão durante o almoço da FIESP. A seguir, algumas de suas principais considerações:

■ ACORDO DE ACIONISTAS — "Ele não prevê penalidades pelo não cumprimento das cláusulas. Assim, os sócios estrangeiros podem vender seus equipamentos e depois caírem fora"; "O poder de veto concedido aos estrangeiros é muito maior do que eu aceitaria em minha empresa. O que se tem, portanto, é uma empresa estatal controlada de fora"; "É tudo idêntico a Carajás — e veja no que deu."

■ EXPORTAÇÕES — "Interessa ao Brasil vender chapas durante dezoito anos, a preço de custo, conforme prevê o acordo?"

■ CONTRADIÇÕES — "Entre os documentos fornecidos pelo governo, não há nenhum estudo de sensibilidade de mercado. Internamente não haverá consumo para as chapas produzidas. E, enquanto o Befiex fala que vai exportar 50% da produção, a Siderbrás afirma o contrário." •

ROSA GAUDITANO

Funaro e Bardella: tudo deve ser rediscutido

Os nacionalistas do monopólio em um de seus grandes momentos — a criação do primeiro centro de estudos

PETROBRÁS

E o petróleo é nosso?

Como acabou — ou como se encontra — o sonho nacionalista que nasceu com o nome de Petrobrás e nesta semana completa um quarto de século

Há 25 anos, uma batalha chegou ao fim no Brasil. Militares, estudantes, operários, intelectuais, donas-de-casa, unidos todos sob a denominação genérica de "nacionalistas", lutaram por cinco turbulentos anos contra militares, estudantes, operários, intelectuais, donas-de-casa, unidos estes sob a também genérica — e pejorativa — denominação de "entreguistas". O tema era o petróleo do Brasil e os vencedores foram os primeiros, com seu *slogan* "O petróleo é nosso".

Alcançada enfim a vitória, com a criação da Petrobrás em 3 de outubro de 1953, e passado já um quarto de século, o grande prêmio a exibir certamente não corresponde ao desejado. A Petróleo do Brasil S.A., Petrobrás, tornou-se a maior empresa do país, é verdade, e o sentimento nacionalista adquiriu consistência. Mas, e o petróleo, onde está?

Permanece debaixo da terra ou nas profundezas da plataforma continental. Permanece até mesmo a dúvida sobre a existência de petróleo em território brasileiro. O que jorra não vai além de 20% do consumo nacional — uma proporção rigorosamente igual à registrada em fins da década de 40, quando tomou corpo a idéia de um monopólio estatal petrolífero. A campanha começou nas discussões do Clube Militar, no Rio de Janeiro, e em pouco tempo seu forte apelo político atingiu a sociedade civil. Apesar de apoiada apenas por uns poucos e pequenos jornais, a chama nacionalista chegou até os mais remotos povoados, transformando-se na mais importante manifestação popular da história brasileira — superior, pela variedade de setores e regiões que atingiu, ao próprio movimento pela abolição. E, tanto quanto este, que tirou dos escravos os grilhões mas não lhes propiciou uma verdadeira liberdade econômica e social, também a guerra pelo petróleo terminou sem que se obtivesse — pelo menos até agora — uma verdadeira independência no setor.

SOBERANIA — Cometeria grave injustiça, no entanto, quem reduzisse a zero os resultados de "O petróleo é nosso", pois todos os anos de acirradas discussões, manifestações de rua e entreveros parlamentares marcaram indelevelmente a vida brasileira. No bojo da campanha, os partidos políticos ganharam matizes ideológicos mais nítidos. Em torno dela, manifestou-se pela primeira vez, em toda sua intensidade, a

questão militar, que passaria a dividir, desde então, o Exército em duas correntes principais — a linha nacionalista e o chamado "grupo Sorbonne", com instrumentação ideológica fornecida pela Escola Superior de Guerra. No campo estudantil, a campanha apressaria a constituição de organismos estaduais e municipais, além de conferir à União Nacional dos Estudantes (UNE) uma dimensão verdadeiramente nacional. E o conceito de nacionalismo adquiriu, talvez pela primeira vez na história do país, forma, substância e um objetivo concreto — "Petróleo é soberania", costumavam afirmar os defensores do monopólio estatal.

Até então, o pensamento brasileiro convalescia do tempo passado debaixo da ditadura do Estado Novo e todo o raciocínio político, militar ou econômico tinha como referencial maior a II Guerra Mundial, que terminava, e a possibilidade de um novo confronto — perspectiva alimentada pelo clima de "guerra fria" que se delineava. A questão do petróleo, por essa época, reduzia-se a pregações antigas, como a de Monteiro Lobato. Ou a iniciativas não consolidadas, como a criação, em 1938, do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que teve como primeiro presidente o general Júlio Caetano Horta Barbosa — chefe da Divisão de Engenharia do Exército, militar de formação positivista que já servira nas expedições do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

CLUBE MILITAR — O sucessor de Horta Barbosa, em 1942, foi o coronel João Carlos Barreto, indiretamente responsável pela grande investida nacionalista desencadeada anos depois, já no governo presidido pelo general Eurico Gaspar Dutra. De fato, por sugestão do coronel Barreto, o presidente Dutra nomeou uma Comissão de Anteprojeto para elaborar uma legislação específica sobre petróleo, o Estatuto do Petróleo. Como consultores, o CNP contratou dois técnicos americanos, Herbert Hoover Jr. e Arthur Curtice, que antes haviam colaborado na elaboração da legislação de outros países latino-americanos. Desencantados, embora não arrependidos, os líderes de "O petróleo é nosso" costumam atualmente classificar a constituição dessa comissão como "a espoleta que deflagrou a campanha nacionalista".

Como o assunto entrava na ordem do dia, o presidente do Clube Militar, general Salvador César Obino — hoje com 93 anos, morando em Porto Alegre — convidou para uma palestra o general Juarez Távora, principal defensor da participação estrangeira no setor. Em seguida, convidaria o general Horta Barbosa, de tendência oposta. A argumentação de Juarez Távora sustentava-se na perspectiva de uma III Guerra Mundial, na aliança com os EUA em defesa do ocidente e invocava os princípios da Conferência de Chapultepec, que pediam a igualdade de todos os países no acesso às matérias-primas. Já Horta Barbosa argumentava que o real interesse dos Estados Unidos era o de suas empresas — que estariam mais ligadas às possibilidades de lucro que à solidariedade continental.

da distribuição de derivados e possivelmente a petroquímica, onde a participação da Petrobrás é crescente."

Outra diferença significativa, na opinião de Carvalho: uma campanha, hoje, "não seria mais feita sob a égide militar e, sim, da opinião pública", como explicou ele a Eva Spitz, de VEJA. Trinta anos atrás, de fato, desenvolveu-se primeiro e mais o flanco militar, com um alinhamento de forças em torno das teses expostas aos oficiais associados do Clube. Horta Barbosa, assim, receberia o apoio dos generais Newton Estillac Leal, Leitão de Carvalho, Raimundo Sampaio, coronel Artur Carnaúba, entre outros. Ao lado de Juarez Távora ficariam militares igualmente ilustres, como o general Canrobert Pereira da Costa e o brigadeiro Eduardo Gomes. Outro setor pioneiro na campanha foi a imprensa, se bem que os maiores jornais — com poucas exceções — fossem contra a tese de monopólio. Francamente a favor, desde o início, estava o pequeno mas destemido *Jornal de Debates*, semanário dirigido pelo médico Mattos Pimenta e pelos engenheiros Plínio Cantanhede — atual presidente da Companhia Siderúrgica Nacional — e Mário de Brito.

JORNAL DE DEBATES

Fundado, em 1946, por Mattos Pimenta, Plínio Cantanhede e Mário de Brito

Diretor: Gentil Fernando de Castro

Ano VII • Rio de Janeiro, sexta-feira, 23 de maio de 1952 • N.° 309

PERIGO DE REVOLUÇÃO

Discurso proferido na Câmara dos Deputados, a 13 do corrente, pelo deputado Arthur Bernardes, impugnando o requerimento de urgência do líder Capanema para discussão e votação do Projeto PETROBRAS

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Para a Presidência e Vice-Presidência do Clube Militar

Generais Estillac Leal e Horta Barbosa

A chapa lançada pelos oficiais de nossas Fôrças Armadas partidários do

MONOPÓLIO PETROLÍFERO ESTATAL

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL CR$ 1,00

Sempre na campanha: uma primeira página do *Jornal de Debates*

ADESÕES — Quase três décadas depois, não se pode dizer que tais argumentações perderam totalmente seu significado. Mas seria necessário adaptá-las ao vocabulário e à realidade atual. A bandeira nacionalista então desfraldada, por exemplo, pregava a participação do Estado em todos os setores da indústria petrolífera, ficando os lucros auferidos nos setores mais rentáveis (como refinação, transporte e distribuição) para serem aplicados na prospecção e lavra. Hoje, o cientista político Getúlio Pereira de Carvalho — da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro e autor de uma tese publicada no ano passado sobre o petróleo no Brasil — acredita que uma campanha popular não teria mais como objetivo resguardar para o governo a exploração e produção petrolíferas. "O alvo atual", calcula Carvalho, "seria a nacionalização

Uma das primeiras adesões importantes à campanha partiu do pequeno — porém de respeitável passado — Clube Positivista. Logo depois, aderiu a Liga Antifascista, liderada pelo general Euclydes Figueiredo (pai do atual candidato oficial à Presidência da República, general João Baptista Figueiredo). Os estudantes apareceriam a se-

guir, começando pelo XI de Agosto, centro acadêmico da Faculdade de Direito do largo de São Francisco, de São Paulo. A campanha chegava, assim, às ruas, com o trote de calouros de 1948 substituído por um desfile de carros alegóricos — velhas carretas, puxadas por juntas de cavalo, emprestadas pela empresa de transportes Lusitana — com temas petrolíferos. O presidente do XI, Rogê Ferreira — mais tarde deputado cassado e atualmente candidato a presidente da subseção paulista da Ordem dos Advogados do Brasil —, no verso de um convite para o Baile das Américas redigiu um manifesto de apoio à campanha. Cinco dias depois, reuniram-se no XI representantes dos dez diretórios mais importantes do Estado. Foi redigido um novo manifesto conclamando "todas as forças vivas da nação" a defenderem o monopólio.

SURGE O CENTRO — Para organizar o movimento, decidiu-se realizar uma assembléia na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio, que contou com a presença dos principais personagens da campanha — a essa altura chamados de "petroleiros". "Nesse dia, 4 de outubro de 1948, eu tive a honra de propor a fundação do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo", contou a Miriam Lage, de VEJA, Henrique Miranda, professor, capitão-de-fragata da reserva e não por coincidência membro do Clube Positivista e da Liga Antifascista da Tijuca.

No dia 21 daquele mesmo mês, também no Rio, em uma concorrida assembléia realizada no Automóvel Clube, presidida pelo ex-presidente Artur Bernardes, foi fundado o Centro que, em pouco tempo, já tinha até hino — "Convenção, convenção, pela emancipação" — composto pelo ator Rafael de Carvalho, atualmente trabalhando como "Zeferino" na "Revista do Henfil", em São Paulo.

Naturalmente, a oposição à campanha se manifestava com igual intensidade. O cronista social Ibrahim Sued, por exemplo, terminava suas colunas diárias com a frase "Sempre contra a Petrobrás". E a campanha de rua chegava a enfrentar a polícia. Na convenção preparatória do Congresso de 1948, no Rio, o então vereador carioca José Junqueira, já falecido, propôs que as flores que enfeitavam o auditório da ABI — onde se deu a reunião — fossem levadas para enfeitar o monumento de Floriano Peixoto, na praça Floriano, na Cinelândia. Quando o vigoroso coronel Artur Carnaúba elevou sua voz grave para saudar o homenageado — "Ele avisou que, se os ingleses entrassem na baía de Guanabara seriam recebidos a bala" —, balas de verdade, acompanhadas de bombas de gás lacrimogêneo, choveram sobre os manifestantes. As violências prosseguiram durante o decorrer da campanha e provocariam alguns episódios trágicos, como a morte de um "petroleiro" em circunstâncias não totalmente esclarecidas — pela qual foi acusado o então delegado Charles Borer, atual presidente do Botafogo do Rio.

O ANTICOMUNISMO — A última adesão importante ao

JOER MAIA

Sede no Rio: a 28.ª do mundo

Os números que a Petrobrás tem a declarar

Como uma empresa estatal, criada basicamente a partir de uma disputa política na qual se empenharam vastos setores da população, pode-se criticar, neste 25.º ano da Petrobrás, sua escala de prioridades para investimentos. E também o fato de se ter colocado fora do alcance de qualquer tipo de controle por parte da sociedade civil. De qualquer forma, a Petrobrás se transformou na 28.ª empresa industrial do mundo. E, ainda que não tenha cumprido sua meta básica de proporcionar a auto-suficiência em petróleo, possibilitou ao país, ao longo desse tempo, a economia de 9 bilhões de dólares em divisas — pela auto-suficiência em derivados de petróleo.

Somente na refinação, a economia anual de divisas é atualmente de cerca de 315 milhões de dólares — representada pela diferença de preço entre o produto refinado e o bruto, para um consumo atual estimado em 15 bilhões de litros anuais. Apenas no ano passado, a empresa adicionou ao Produto Nacional Bruto o montante de 36 bilhões de cruzeiros. E seus investimentos em território nacional — 38 bilhões de cruzeiros este ano — servem para lubrificar um enorme universo de empresas satélites e de fornecedores, abrangendo da indústria pesada às firmas de engenharia. Pois o mercado interno fornece à Petrobrás 80% de suas necessidades e esta, somente em encomendas pioneiras, já investiu este ano mais de 400 milhões de cruzeiros.

Numa espécie de balanço de seus 25 anos de atividade, a ser divulgado nos próximos dias, a Petrobrás traça, em linhas gerais, as dimensões nacionais da indústria do petróleo e transporte — salientando o poderoso efeito multiplicador de suas inversões. Do volume total dos recursos gerados no setor durante o ano passado, por exemplo, cerca de 43% foram carreados para entidades diversas — como o Fundo de Desenvolvimento dos Transportes Urbanos, refinarias particulares, Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Urbano, Fundo Nacional de Mineração, Superintendência Nacional da Marinha Mercante, entre outros. Mais 41,4% serviram para pagar o petróleo importado e os 15,5% restantes foram, finalmente, para a Petrobrás — por conta dos saldos dos fretes de cabotagem, tarifas de oleodutos e recursos específicos.

PESQUISA SUBMARINA — Se o petróleo continua debaixo da terra, parte substancial foi localizada.

Centro foi a do Partido Comunista, então na ilegalidade. Inicialmente, com seu conhecido poder de organização, os comunistas se empenharam na formação de centros pelo país afora. Por outro lado, o arraigado sentimento anticomunista de vários setores da população acabou fornecendo munição para os adversários da campanha, que passaram a tachar indistintamente todos os seus adeptos de comunista. "Nem meu pai escapou disso", conta Eleonora, filha do general Leitão de Carvalho, um dos idealizadores da FEB. Curiosamente, no decorrer da campanha, o PC atuou como força moderadora. "Certa vez, fui discursar em uma cidade do interior, junto com outros oradores do Centro", recorda Elias Chaves Neto, jornalista aposentado e na época pertencendo à ala intelectual do PC. "No final, o delegado veio me cumprimentar, dizendo que meu discurso tinha sido o único conservador."

Posse de Estillac: com Canrobert (de *smoking*) e Horta Barbosa

Com o retorno de Getúlio Vargas à Presidência da República, em 1950, a campanha entraria em sua segunda fase, desta vez pressionando os parlamentares a adotarem uma solução estatal. Dentro do Exército, o grupo nacionalista havia conquistado importante vitória com a eleição de Estillac Leal para a presidência do Clube Militar, derrotando Cordeiro de Farias. A essa altura, contudo, a campanha já estava acrescida de formulações políticas mais elaboradas. "A esquerda deu à campanha do petróleo e às outras campanhas nacionalistas um outro conteúdo, que não o estritamente militar", observou a Lígia Martins, de VEJA, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso que, ainda secundarista, foi tesoureiro do Centro de São Paulo, presidido por seu pai, Leônidas Cardoso, à época que seu tio, Felicíssimo Cardoso, era o presidente nacional dos centros. "Era o conteúdo do mercado interno, da distribuição de renda, da reivindicação popular", acrescenta Cardoso, hoje candidato ao Senado.

A POSIÇÃO DE VARGAS — De início, Vargas pendia para uma solução mista. E apresentou um projeto, elaborado pelo economista Rômulo de Almeida, de sua assessoria econômica, permitindo a

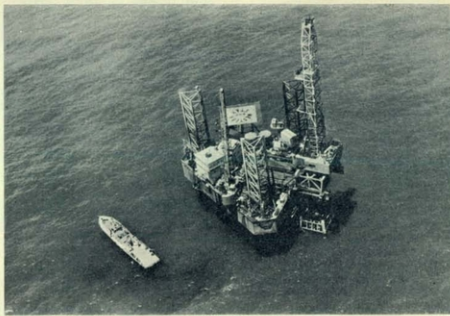
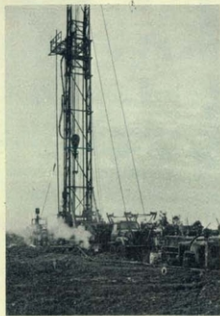
---

De 1954 para cá, as reservas recuperáveis foram acrescidas em dez vezes, ascendendo, hoje, ao total de 1,1 bilhão de barris — localizados em grande parte na plataforma marítima. Nesse esforço submarino, a Petrobrás já investiu soma superior a 1 bilhão de dólares. E no momento dispõe de 35 plataformas submarinas — cerca de 8% do total em atividade em todo o mundo. O que possibilitou identificar reservas superiores a 600 milhões de barris — que possivelmente serão aumentados até o final do ano, quando terminar o trabalho de avaliação de novas jazidas.

A Petrobrás também aumentou a produção interna de 10 milhões de barris, à época da sua criação, para 61 milhões de barris anuais, atualmente. Esse aumento não tem maior significado, é certo, pois no mesmo período o consumo disparou, fazendo com que a dependência do produto importado permanecesse praticamente a mesma. Em função disso, a empresa acabou aceitando, em 1976, a solução dos contratos de exploração com cláusula de risco, para acelerar o trabalho de prospecção. Até agora, tal decisão não chegou a render muitos frutos — na verdade, pouco mais de uma dezena de perfurações e nenhuma descoberta significativa.

Em parte, a busca da auto-suficiência teria ficado prejudicada pela política de investimentos adotada durante a passagem do general Ernesto Geisel pela presidência da empresa, a partir de 1969. Geisel decidiu concentrar as aplicações na rede de distribuição, o setor mais rentável da indústria do petróleo. Como resultado dessa política, a Petrobrás Distribuidora — criada em 1971 com um capital atual de 1,6 bilhão de cruzeiros e mais de 3 700 empregados — tornou-se a maior distribuidora nacional, superando as grandes empresas estrangeiras.

AS SUBSIDIÁRIAS — Mas não foi apenas sobre a distribuição que a Petrobrás investiu. Desde a campanha de "O petróleo é nosso", defendia-se para a empresa uma solução integrada — ou seja, sua entrada em todos os setores da indústria do petróleo, de modo que os lucros auferidos naqueles mais rentáveis cobrissem as despesas com pesquisa, prospecção e lavra. Assim, em 1967 foi criada a Petrobrás Química S.A. (Petroquisa) que, sozinha ou se associando a empresas privadas nacionais e estrangeiras, daria um grande impulso à petroquímica do país. Entre outros feitos, coube a ela a parcela maior de responsabilidade na implantação do pólo petroquímico de Camaçari, na Bahia.

Além disso, em 1972, seria constituída a Braspetro, para cuidar da exploração, produção, transporte e comercialização de petróleo no exterior. Em 1975, a Petrobrás constituiria a Petrobrás Comércio Internacional S.A. (Interbrás), a *holding* da empresa, trabalhando na exportação de uma pauta variada de produtos. Finalmente, em 1976, a empresa entraria no setor de fertilizantes (Petrofértil) e, no ano passado, com a Petrobrás Mineração S.A. (Petromin), ela entraria no setor de pesquisa e comercialização de minérios. No momento, a empresa se dedica a pesquisas de fontes alternativas de energia, como a gaseificação do carvão, industrialização do xisto e produção do álcool de mandioca.

Procura de petróleo: do passado, em terra, ao presente, no mar, ainda longe da independência

participação de capitais privados na Petrobrás — mas de forma minoritária. O projeto despertou inúmeras críticas. "Ele não falava explicitamente em monopólio estatal de petróleo, mas implicitamente importava em monopólio", justificou Rômulo de Almeida, atualmente candidato a senador pelo MDB baiano, a José Carlos Teixeira, de VEJA, "na medida em que a Petrobrás tinha a concessão de todo o território nacional." As explicações não satisfizeram aos parlamentares e o projeto foi submetido a um bombardeio, que se tornou mais intenso após a adesão da UDN à tese do monopólio. Para muitos, Vargas apresentara deliberadamente um projeto mais liberal a fim de que a UDN, por força de seu papel de oposição, adotasse automaticamente a tese oposta, aderindo ao monopólio. "Em face da conjuntura político-parlamentar, não convinha apresentar expressamente a questão do monopólio", explica Rômulo de Almeida. "Mas ninguém era contra ele."

A série de argumentos levantados por Rômulo e pelo economista Jesus Soares Pereira, que também fazia parte da assessoria, em defesa da mensagem de Vargas, permite concluir, contudo, que antes de qualquer ato de maquiavelismo o projeto refletia simplesmente as limitações político-financeiras do segundo governo Vargas, sem poder contar com fontes de investimentos internas e sem forças para enfrentar os órgãos internacionais de financiamento. Quando percebeu que a solução política, por força da enorme pressão popular, se sobreporia às conveniências econômicas, Vargas recuou de sua posição inicial. Na Câmara, estimulou o deputado Euzébio Rocha a apresentar emendas capazes de "nacionalizar" o projeto e no Senado encarregou Alberto Pasqualini de enfrentar as furiosas arremetidas antimonopólio do jornalista Assis Chateaubriand.

O RESULTADO — Finalmente, em abril de 1953, Euzébio Rocha apresentou substitutivo de sua autoria, instituindo a empresa Petrobrás e o monopólio estatal. Alguns meses depois, Bilac Pinto, da UDN, apresentaria uma outra emenda, com a mesma proposta de Rocha. A mudança de posição da UDN se deveu, além da pressão popular, ao depoimento prestado às comissões de Segurança, Economia e Transportes da Câmara por Mário Bittencourt Sampaio — então ministro do Tribunal de Contas da União e anteriormente presidente do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), no governo Dutra. O acerto final para a aprovação do projeto com o substitutivo de Euzébio Rocha foi realizado em uma reunião entre Rocha, Horta Barbosa e Leitão de Carvalho com o líder do governo, Gustavo Capanema. Vargas apresentou três exigências. Em primeiro lugar, a empresa deveria se chamar Petróleo do Brasil S.A. — Petrobrás — e não Empresa Nacional de Petróleo, conforme pretendia a UDN. O segundo ponto era o de que o monopólio não deveria incluir a distribuição. Por fim, as refinarias já objeto de concessão seriam mantidas, embora proibidas de ampliar a produção. Com essas ressalvas, o Decreto 2004 foi aprovado.

Sempre de maneira significativa, o germe nacionalista cultivado pela campanha do Petróleo marcou sua presença em todos os graves momentos políticos que se sucederam à criação da Petrobrás. Com maior ou menor intensidade, invocou-se o nacionalismo, por exemplo, à época da morte de Vargas, em 1954, nas crises anteriores às posses de Juscelino Kubitschek, em 1955, e João Goulart, em 1962, culminando com o decisivo abril de 1964, quando uma das correntes militares — a Sorbonne — se sagra, enfim, vencedora.

Nesses 25 anos de intensas transformações, no entanto, a empresa que resultou guarda escassas semelhanças com o modelo pelo qual milhares de pessoas lutaram. Além da permanência do país na condição de dependente das fontes externas de petróleo, há observações de outra ordem, até mais sérias. "No processo de desenvolvimento da Petrobrás ocorreram inúmeros malogros", comenta o sociólogo Hélio Jaguaribe. "Não se estabeleceu uma relação correta entre o órgão normativo fiscalizador, que deveria ser o CNP, e a agência executora." Ou, como resume o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, "a Petrobrás acabou sendo uma empresa grande, virou uma dessas grandes burocracias, acima do bem e do mal, onde a cúpula decide o que bem entende e o interesse do povo não conta".

LUÍS NASSIF

Seis depoimentos

Personagens destacados da campanha do petróleo relembram alguns episódios importantes

Coube ao economista Rômulo de Almeida, da assessoria econômica de Getúlio Vargas, elaborar o esquema inicial do projeto Petrobrás e representar o Executivo em todas as negociações posteriores. No Congresso, dois dos principais defensores do monopólio estatal foram o petebista Euzébio Rocha, 58 anos — autor do substitutivo que instituiu o monopólio —, e o udenista Maurício Joppert, 86 anos — engenheiro e reputado professor. Papel decisivo junto à tecnocracia estatal seria desempenhado por Mário Bittencourt Sampaio, 75 anos, ex-presidente do DASP no governo Dutra, responsável pela implantação do Plano Salte, pela criação da Refinaria de Cubatão e pelo malogro do Estatuto do Petróleo — que visava, ainda no governo Dutra, a criar uma legislação mais liberal para o capital estrangeiro no setor petrolífero. No Exército, os principais episódios foram vividos pelo general Nélson Werneck Sodré, 67 anos, diretor do departamento cultural do Clube Militar na gestão Estillac Leal, em 1950. Finalmente, para o trabalho de mobilização popular nada foi tão eficiente como os artigos do jornalista, médico e corretor de imóveis Mattos Pimenta, 89 anos, no seu *Jornal de Debates*. A seguir, seus depoimentos sobre a campanha:

Euzébio Rocha

RUTH TOLEDO

A campanha do petróleo foi um movimento de opinião pública que só se tornou possível graças à liberdade de imprensa existente na época. Nós, que participamos da campanha, éramos e continuamos a ser nacionalistas. E isso significa, acima de tudo, ser a favor dos interesses do povo. Eu, particularmente, não acredito que Getúlio fosse a favor do primeiro projeto apresentado por sua assessoria econômica. Assim que conheci o seu texto, fui procurá-lo. Ele ficou surpreso quando soube do artigo 13 da mensagem — que abria uma brecha para a participação estrangeira. E passou a me incentivar a apresentar emendas nacionalistas.

Depois da criação da Petrobrás, permaneci no Congresso até 1962. Resolvi voltar à política quando ouvi o presidente Geisel anunciar os contratos de risco. Daí eu comecei a dar entrevistas como pude, a fazer palestras por todo o país. Tudo isso em nome dos patriotas que tombaram para que fosse criado o monopólio estatal.

Bittencourt Sampaio

N. M. PASSOS

A assessoria econômica de Vargas não conhecia a fundo o problema do petróleo. Assim, não projetou soluções coordenadas com as possibilidades de financiamento. Por outro lado, quem conhecia o problema do petróleo não conhecia os problemas econômicos globais. Em minha exposição nas Comissões de Segurança, Transporte e Energia da Câmara, eu procurei focalizar todos esses aspectos. Expliquei que a filosofia básica do petróleo tem que ser uma solução integrada. A refinaria é o filé mignon. O transporte é fonte de receita garantida, assim como o oleoduto e a distribuição. Então os lucros desses setores deveriam financiar a prospecção e lavra. Portanto, o monopólio estatal deveria atingir todos os setores.

Com esses argumentos, creio que ajudei a convencer a UDN, que no governo Dutra apresentara o seu Estatuto do Petróleo — que me pareceu uma solução "entreguista". Tanto assim que, para fazer seu substitutivo, Bilac Pinto marcou um encontro comigo, na casa do presidente Dutra, na rua Redentor, em Ipanema. Lá, nós conversamos e rumamos para a casa do Maurício Joppert, onde foi esboçado o substitutivo. Antes disso, porém, ao final do governo Dutra, eu havia encontrado o ovo de Colombo, capaz de resolver nossos problemas de pesquisa. Eram os contratos de risco, do tipo que a Pemex, do México, havia assinado. Se descobrissem petróleo, elas seriam ressarcidas de suas despesas e teriam direito a 15% da produção por um determinado período. Dutra só não assinou os contratos porque estava em fim de governo.

Maurício Joppert

WALTER FIRMO

A campanha do petróleo não chegou a impressionar o Congresso. Era coisa de rua. E não é verdade que a UDN tenha pegado o bonde andando. Nós fomos, desde o primeiro dia, a favor do monopólio estatal. Essa tese é da UDN, através de uma emenda do deputado Bilac Pinto. Depois é que Getúlio adotou a nossa posição. Mas nós não tínhamos nada a ver com essa tal linha nacionalista. Eu sempre fui antes de tudo Brasil, mas não exageradamente. E só fui a favor do monopólio porque se nós chamássemos os americanos eles trariam recursos para a pesquisa. Mas certamente, no futuro, ficaríamos embaraçados com a sua interferência.

Acho que o monopólio foi um passo bem dado. Mas hoje a situação internacional é diferente, e não há mais perigo de estrangeiros virem tomar conta do país. Nunca julguei que a descoberta do petróleo, através de uma empresa estatal, pudesse melhorar as condições de vida da população. Só melhora a vida de quem trabalha. Porque o que nós precisamos é de ordem para trabalhar e de colocar os velhacos na cadeia.

Werneck Sodré

CHICO NÉLSON

A maneira de permitir o desenvolvimento da campanha do petróleo foi levar as discussões para o Clube Militar — que é uma sociedade civil, com grande prestígio nas Forças Armadas. Indo para o Clube, tudo o que ali ocorria tinha ressonância nacional. Em 1950, com a vitória da chapa Estillac Leal-Horta Barbosa, o Clube desempenhou um papel importantíssimo, num momento crucial da campanha. Nessa época eu era o encarregado dos programas de conferências. A situação começa a mudar em 1952. Estillac Leal é derrotado em sua tentativa de reeleição. Todos os elementos ligados à campanha foram transferidos para guarni-

ções fronteiras, ou então presos e submetidos a processos. Eu mesmo passei cinco anos no Rio Grande, as minhas promoções passaram a ser por antiguidade até que pedi transferência para a reserva, em fins de 1961. Significa que inutilizei minha carreira militar por ter participado da campanha do petróleo. Mas eu sacrificaria mais dez carreiras para manter a posição que tive.

Rômulo de Almeida

ANTÔNIO ANDRADE

A onda de que o projeto elaborado pela assessoria econômica era "entreguista" partiu dos comunistas — que queriam derrubar Vargas naquele tempo. Embora o projeto de Vargas fosse incomparavelmente mais rígido que o projeto da bancada comunista de 1947, apresentado pelo deputado Carlos Marighela, que previa simplesmente uma organização em que o governo teria o controle em 51% do capital, e o resto era livre. O projeto de Vargas, explícita ou implicitamente, assegurava que 85% do capital, pelo menos, seriam da União, Estados e municípios.

Como, em função do quadro político, ao governo não convinha apresentar a questão do monopólio, houve a sugestão para que Euzébio Rocha entrasse com a proposta. Mas Bilac Pinto, querendo aproveitar a onda política, virou mais realista do que o rei e apresentou a emenda de uma forma melhor. É aí que vem a jogada de Getúlio. Ele achou que era mais negócio que a UDN apresentasse o projeto e até estimulou para que isso acontecesse, para assegurar o seu livre trânsito. Por isso, tirou-se até a glória de Euzébio, que foi o autor da primeira emenda.

Mattos Pimenta

WALTER FIRMO

O ponto de partida da campanha foi uma carta aberta que enviei ao chanceler de Dutra, Raul Fernandes, sob o título "O que Veio Anthony Eden Fazer no Brasil". Eden, ex-primeiro-ministro britânico, presidia a Shell naquela época. A carta foi publicada no *Jornal de Debates* e reproduzida no *New York Times* e no *Pravda*. Daí eu pensei: acho que coloquei o dedo na ferida. E continuei por esse caminho. A grande adesão à campanha, porém, foi por parte dos operários e analfabetos.

Meus planos para o futuro não são ambiciosos. Estou terminando de escrever meu livro de memórias — "A Vida Agitada de um Louco Manso com Delírios de Utilidade Pública". E não dou muitas entrevistas porque o governo não deixa publicar nenhuma. Ultimamente ando meio adoentado. Às vezes penso em ir para casa de minha filha, em São Paulo, esperar Deus me chamar. O que mais eu posso dizer? Talvez o que eu coloquei no capítulo 9 de meu livro. É realmente uma delícia passar três meses, inclusive o Natal, na cadeia — como passei no Estado Novo — por amor à liberdade. ●

CPI DO SALÁRIO

Dívida interna

Os trabalhadores pagaram pelo milagre?

Parecia mais uma frase de efeito. "O milagre brasileiro é fruto de salário que se deixou de pagar aos operários", declarou na quarta-feira passada o líder sindical Jacó Bittar, em seu depoimento à CPI da Câmara dos Deputados, que investiga distorções na política salarial do governo. Logo, porém, Bittar, presidente do sindicato dos petroleiros de Campinas e Paulínia, apressou-se em apoiar sua retórica em um detalhado relatório, com o qual tencionava revelar quanto, em dinheiro, os operários brasileiros teriam deixado de ganhar nos últimos catorze anos. Pelos seus cálculos, "23,522 milhões de dólares, mais da metade da dívida externa do país".

Compulsando dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), Bittar garantiu que pelo menos 2 047 137 trabalhadores — 7% da força de trabalho do país — que ganhavam em média, em 1969, 2,4 salários mínimos, estão percebendo apenas 20% do que deveriam receber, caso os salários não tivessem perdido tanto poder de compra. "Só na Petrobrás", ilustrou, "deixamos de ganhar quase 450 bilhões de cruzeiros, fora os 89 bilhões que o INPS deixou de arrecadar e os 26 bilhões que não foram recolhidos pelo Fundo de Garantia."

Os minuciosos levantamentos de Bittar, contudo, ainda não seriam completos, ressalvaria outro depoente: "Essas informações, é claro, não incluem o aumento da produtividade do trabalhador", lembrou Pedro Gomes Sampaio, presidente do sindicato dos petroleiros de Santos e Cubatão. "Na Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, 3 500 empregados produziam, em 1954, 45 milhões de barris por dia. Hoje, para produzir 220 milhões de barris por dia, há apenas 2 300 trabalhadores", disse ele.

ARQUIVO MORTO — Quais as conseqüências práticas de depoimentos como os prestados por Bittar e Sampaio — ou, enfim, da própria CPI dos salários? Mesmo para os membros da comissão mais críticos em relação à política salarial do governo — que não acreditam que ela possa ser influenciada por seu

TELEFOTO JÚLIO FERNANDES

Bittar: os trabalhadores deixaram de receber 23 milhões de dólares

relatório final —, "o rico e farto material recolhido forma um acervo passível de utilização, pelo menos, pelo movimento sindical, em suas lutas". Um dos deputados que participam da CPI ressaltou, por exemplo, a importância de pronunciamentos como os do professor Walter Barelli, do DIEESE, e do economista Julian Chacel, da Fundação Getúlio Vargas, para a formação de tal acervo. Da mesma forma, os depoimentos prestados por Luís Inácio da Silva, o "Lula", presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, ou do jurista Evaristo de Morais Filho, serviriam "para se conhecer o verdadeiro conteúdo da estrutura sindical".

Em todo caso, alguns parlamentares acreditam que o acervo não estaria completo sem a participação dos ministros Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, Arnaldo Prieto, do Trabalho, e do ex-ministro Delfim Netto. Este último foi convocado a comparecer à CPI no próximo dia 13. Já o comparecimento dos dois atuais ministros não é certo, porque depende da aprovação, pelo plenário da Câmara dos Deputados, de uma requerimento convocatório. "Se a Arena não apareceu para a votação do Decreto-lei 1632 — que proíbe a greve em setores considerados essenciais à segurança nacional —, nada garante que o partido do governo dará quórum para a votação desse requerimento", raciocina um deputado oposicionista.

A previsão do parlamentar parecia correta, pois, apesar das tentativas de um grupo de sindicalistas, que foi até Brasília para defender a rejeição do Decreto-lei 1632, apenas noventa políticos — 77 do MDB e treze da Arena — compareceram ao Congresso Nacional na semana passada, para a votação. Faltando o quórum regimental, de 212 parlamentares, o chamado "Decretão" deverá ser aprovado, por decurso de prazo, nesta terça-feira. •

METALÚRGICOS

13 anos depois

Em São Paulo, o sindicato fala em greve geral

"Aumento de 70% ou greve." Esta deve ser a palavra de ordem dos 300 000 metalúrgicos paulistanos na campanha salarial deste ano, que começa, oficialmente, com uma assembléia no seu sindicato, nesta sexta-feira. E o próprio sindicato dos metalúrgicos de São Paulo se propõe a decretar a greve geral — seria a primeira desde 1965 —, caso as entidades patronais não concordem em negociar, diretamente com os empregados, a reivindicação de 30% de aumento além dos índices oficiais — em torno de 40% — com vigência a partir de 1.º de novembro. "Estou cansado, pois, nesses treze anos, só fazemos estender o chapéu aos empresários implorando concessões que nunca são atendidas", desabafou a VEJA o presidente do sindicato, Joaquim dos Santos Andrade. "Desta vez", ameaçou, "ou nos respeitam, ou paralisaremos."

SOMMER ANDREY

Andrade: "Ou nos respeitam ou paralisaremos"

As declarações de Andrade parecem refletir a disposição da classe. Até a quinta-feira da semana passada, praticamente todos os nove setores em que se distribuem os metalúrgicos de São Paulo já haviam se reunido em assembléia para fazer sugestões à diretoria do sindicato. E de todos esses setores, invariavelmente, ouvia-se a decisão de não ir a dissídio coletivo, de exigir 30% de aumento e de organizar a greve.

"UNIDADE PRÁTICA" — "Se há organização suficiente para parar a categoria? Há sim", diz confiante Andrade. "Nas empresas onde houve greve já existe uma boa organização interna. Resta agora somar com as empresas menores para que possamos ir às negociações de cabeça erguida." Seja como for, a categoria dá demonstração de estar unida. Desconfianças à parte, a oposição sindical à atual diretoria, que nas últimas eleições acusou a chapa de Andrade de ter cometido fraude (VEJA n.º 513, de 5-7-1978), resolveu, por ora, abandonar as discordâncias, estabelecendo uma "unidade prática" com seus adversários. Marchando junto com a diretoria "nos pontos comuns", as oposições têm conseguido participar mais ativamente dos preparativos para a campanha salarial, e é bem possível que alguns de seus membros venham a ser aceitos na comissão de salários — o que era praticamente impossível em anos anteriores, dado o poder de manobra que a diretoria tem na escolha dos elementos que compõem essa comissão.

O movimento dos metalúrgicos poderá ainda se alargar, se forem consumados os entendimentos entre os sindicatos dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos. O objetivo é reuni-los numa única campanha salarial.

ACORDO MINEIRO — A greve chegou a aparecer também como a palavra de ordem dos metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, em Minas Gerais, durante a assembléia geral realizada em seu sindicato na quinta-feira passada. Mais de vinte oradores se revezaram no microfone para conclamar a categoria à "luta até as últimas conseqüências", pelos 20% de aumento reivindicados pela categoria. Mas o presidente do sindicato, João Soares Silveira, tomou a palavra para retirar da assembléia o poder de decidir greves. Vaiado por boa parte dos 1 500 trabalhadores presentes, Silveira esperou, imperturbável, que o plenário se esvaziasse — e, diante dos 480 operários que ficaram até o fim da reunião, colocou em votação uma contraproposta patronal, que prevê aumentos entre 12% e 3%, de acordo com a faixa salarial dos operários. "Eu não tenho medo de greves", argumentou o presidente, depois que a contraproposta foi, finalmente, aceita. "Conscientemente, eu não poderia deixar que uma assembléia sem representatividade decidisse por uma luta que não seria encampada pelos 15 000 trabalhadores da categoria." •

Concretex - ritmo bra

A Concretex está presente em todo o País.
Sempre prestando serviços de utilidade pública.

Na preservação do meio ambiente: em emissários submarinos, na canalização de córregos e rios, na melhoria de redes de água e esgoto.

Presente nos estádios, metrôs, escolas e residências.

Nas pontes, túneis e viadutos, encurtando distâncias e desafogando o trânsito.

Diante dessas importantes participações, a Concretex sempre tem uma pontinha de orgulho daquilo que faz. Ajudando a melhorar o nível de vida de milhares de pessoas.

Assim caminha a Concretex, a maior empresa de toda a América Latina no setor. Completando, agora, a marca dos 10 milhões de m^3 de concreto aplicados.

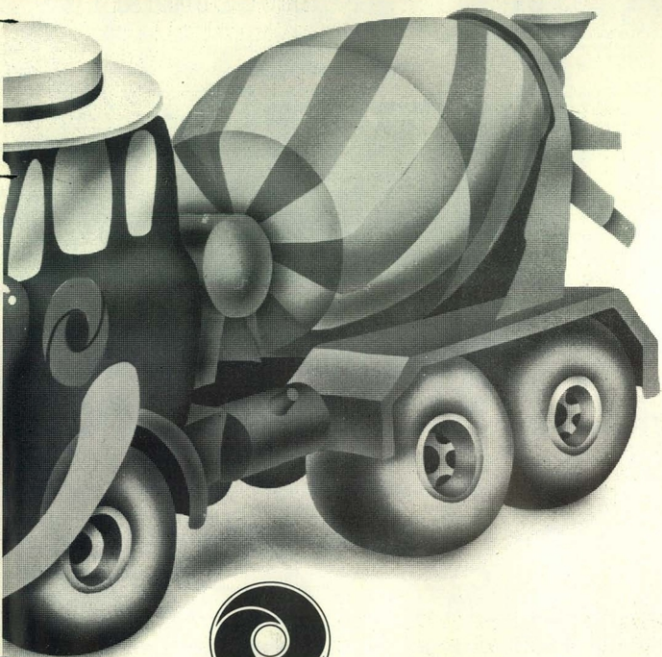
Volume suficiente para construir uma cidade de 3 milhões de habitantes.

Um sucesso nacional, resultado de um trabalho profissional constante, desenvolvido e executado com "know-how" brasileiro.

Enfim, a Concretex está nas paradas. A todo volume.

10 milhões de metros

São Paulo • Itaquera • Guarulhos • São Caetano do Sul • São Vicente • Piaçaguera • Cubatão • Guarujá • São José dos Campos • Belo Horizonte • Uberaba • Betim • Ouro Branco • Goiânia • Curitiba • Florianópolis • Porto Alegre • Recife • Aracaju

sileiro a todo volume:

Concretex S.A.
Qualidade e pontualidade

cúbicos de concreto.

• Taubaté • Campinas • Sorocaba • Itu • Ribeirão Preto • Pradópolis • Rio de Janeiro • Jacarepaguá • Nova Iguaçu • Brasília • Fortaleza • Campo Grande • Belém.

INVESTIMENTOS

COTAÇÕES

Ações mais negociadas no Rio e São Paulo	Sexta-feira 22/9/78 Preço	P/L	Sexta-feira 29/9/78 Preço	P/L	Variação na semana %	Indicador
Acesita - op	0,95	11,9	0,96	12,0	+ 1,1	SP
Aços Villares - pp	1,60	4,6	1,55	4,4	− 3,1	SP
Alpargatas - op	2,85	4,4	2,79	4,3	− 2,1	SP
Alpargatas - pp	2,75	4,2	2,68	4,1	− 2,5	SP
Anderson Clayton - op	−	−	−	−	−	SP
Arno - pp	3,75	7,3	3,69	7,2	− 1,6	SP
Bco. Brasil - on	1,55	2,9	1,59	2,9	+ 2,6	RJ
Bco. Brasil - pp	1,75	3,2	1,88	3,5	+ 7,4	RJ
Bco. Est. S. Paulo - on	1,43	2,5	1,48	2,6	+ 3,5	SP
Bco. Est. S. Paulo - pp	1,61	2,9	1,75	3,1	+ 8,7	SP
Bco. Itaú - pp	−	−	−	−	−	SP
Bco. Nordeste - on	1,27	1,5	1,25	1,4	− 1,6	RJ
Bco. Nordeste - pp	1,47	1,7	1,48	1,7	+ 0,7	RJ
Bco. Noroeste SP - pp	2,75	5,4	2,78	5,4	+ 1,1	SP
Belgo - op	1,13	3,2	1,11	3,2	− 1,8	SP
Benzenex - pp	−	−	0,32	−	−	SP
Bradesco - on	2,25	4,2	2,27	4,3	+ 0,9	SP
Bradesco - pn	2,05	3,9	2,10	4,0	+ 2,4	SP
Bradesco Inv. - pn	1,72	2,4	1,78	2,5	+ 3,5	SP
Brasimet - op	1,00	−	0,99	−	− 1,0	SP
Brasmotor - op	−	−	−	−	−	SP
Brahma - op	1,95	5,1	1,89	5,0	− 3,1	RJ
Brahma - pp	2,03	5,3	2,00	5,3	− 1,5	RJ
Cacique - pp	−	−	−	−	−	SP
Casa Anglo - op	3,65	6,7	3,56	6,6	− 2,5	SP
Casa Anglo - pp	−	−	−	−	−	SP
Cemig - pp	0,65	−	0,65	−	−	SP
CESP - pp	0,73	6,1	−	−	−	SP
Cica - pp	−	−	−	−	−	SP
Cimento Itaú - pp	3,06	7,6	3,18	7,9	+ 3,9	SP
Cobrasma - pp	2,15	9,8	2,19	9,9	+ 1,9	SP
Consul - ppB	5,30	−	6,05	−	+14,1	SP
Copas - pp	1,02	−	1,01	−	− 1,0	SP
Docas - op	1,64	2,9	1,91	3,4	+16,5	SP
Duratex - pp	1,40	3,5	1,42	3,5	+ 1,4	SP
Eluma - pp	−	−	1,30	2,6	−	SP
Ericsson - op	1,26	4,5	1,24	4,4	− 1,6	SP
Eternit - op	3,25	−	−	−	−	SP
Estrela - pp	4,00	7,3	−	−	−	SP
FNV - ppA	1,95	2,8	2,06	3,0	+ 5,1	SP
Ferr. Lam. Brasil - pp	1,20	−	−	−	−	SP
Fin. Bradesco - pn	1,51	2,6	−	−	−	SP
Ford - op	−	−	−	−	−	SP
Fundição Tupy - op	0,91	2,8	−	−	−	SP
Fundição Tupy - pp	−	−	1,01	3,1	−	SP
Heleno Fonseca - op	0,70	3,0	0,69	3,0	− 1,4	SP
IAP - op	−	−	−	−	−	SP
Ind. Hering - ppA	1,11	−	1,14	−	+ 2,7	SP
Ind. Villares - ppB	1,75	3,8	1,80	3,9	+ 2,9	SP
LTB - op	−	−	−	−	−	RJ
Light - op	0,88	8,0	0,90	8,2	+ 2,3	RJ
L. Americanas - op	3,55	−	3,47	−	− 2,2	SP
Magnesita - op	−	−	−	−	−	SP
Manah - op	2,00	−	−	−	−	SP
Mangels Indl. - op	1,21	7,6	1,15	7,2	− 4,9	SP
Mesbla - pp	−	−	−	−	−	SP
Metal Leve - pp	3,30	8,0	3,33	8,1	+ 0,9	SP
Moinho Santista - op	1,40	−	1,47	−	+ 5,0	SP
Paul. F. e Luz - op	0,83	4,6	0,86	4,8	+ 3,6	SP
Pet. Ipiranga - pp	−	−	−	−	−	SP
Petrobrás - on	1,76	4,3	−	−	−	RJ
Petrobrás - pp	2,35	3,8	−	−	−	RJ
Pirelli - op	1,48	4,5	1,47	4,4	− 0,7	SP
Pirelli - pp	1,40	4,2	1,33	4,0	− 5,0	SP
Real - pn	0,84	1,5	0,85	1,5	+ 1,2	SP
Samitri - op	0,83	−	0,83	−	−	RJ
Sharp - pp	2,92	6,6	2,95	6,7	+ 1,0	SP
Servix - op	0,65	2,0	0,69	2,1	+ 6,2	SP
Sid. Aconorte - ppA	0,73	2,7	−	−	−	SP
Sid. Guaíra - pp	0,74	−	0,70	−	− 5,4	SP
Sid. Mannesmann - op	2,03	−	2,08	−	+ 2,5	RJ
Sid. Nacional - ppB	−	−	−	−	−	SP
Sid. Rio-grandense - op	0,90	2,8	0,90	2,8	−	SP
Sid. Rio-grandense - pp	1,06	3,3	1,14	3,6	+ 7,5	SP
Souza Cruz - op	2,66	6,6	2,49	6,2	− 6,4	SP
Telerj - on	0,17	5,7	0,19	6,3	+11,8	RJ
Telerj - pn	0,49	16,3	0,51	17,0	+ 4,1	RJ
Transparaná - pp	0,83	1,6	0,82	1,6	− 1,2	SP
Vale - pp	1,13	4,5	1,13	4,5	−	SP
Varig - pp	1,42	3,2	1,43	3,2	+ 0,7	SP
White Martins - op	3,41	−	3,55	−	+ 4,1	RJ

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador;
pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador.
P/L em relação ao lucro por ação sobre o capital médio.
Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e São Paulo.

A SEMANA/POUPANÇA

Oscilação das cotações entre 22/9 e 29/9

Maiores altas da semana	%
Docas — op	16,5
Consul — ppB	14,1
Telerj — on	11,8
Banespa — pp	8,7
Sid. Rio-grandense — pp	7,5

Maiores baixas da semana	%
Souza Cruz — op	6,4
Sid. Guaíra — pp	5,4
Pirelli — pp	5,0
Mangels — op	4,9
Brahma — op	3,1

Dia	Índice Bovespa	Variação %	Volume (milhões Cr$)
25	3,947	− 0,1	94,9
26	3,954	+ 0,1	77,7
27	3,956	ESTÁVEL	111,7
28	3,947	− 0,2	104,0
29	4,013	+ 1,6	99,6
22/29	+ 59	+ 1,5	487,9

Dia	Índice BV Rio	Variação %	Volume (milhões Cr$)
25	5,674	+ 0,2	71,6
26	5,633	− 0,7	88,2
27	5,628	− 0,1	144,8
28	5,588	− 0,7	124,9
29	5,693	+ 1,9	96,3
22/29	+ 29	+ 0,5	525,8

Cálculos do 4º trimestre

Com um rendimento entre 8,3% e 9,4%, neste último trimestre do ano, as cadernetas de poupança deverão render, em 1978, entre 44% e 45,5%. Assim, caso a inflação fique em torno dos 40%, haverá um ganho real, para os investidores, por volta de 4% ou 5%. Não chega a ser, porém, um resultado inteiramente satisfatório, mesmo que se leve em conta os incentivos fiscais proporcionados aos aplicadores — que, na prática, acrescem em 1% os rendimentos.

"Neste último trimestre, outros papéis de renda fixa, como as letras de câmbio e certificados de depósito bancário, deverão ser mais atraentes que as cadernetas", prevê Otávio Melo Saraiva, diretor do escritório de consultoria Parecer, de Belo Horizonte, um engenheiro acostumado a estimar, com razoável dose de acerto, os futuros rendimentos das cadernetas.

Tais números, porém, referem-se apenas às aplicações iniciadas no primeiro dia útil do primeiro mês de cada trimestre civil — janeiro, abril, julho e outubro — e mantidas intocadas durante o período. No caso deste último trimestre, portanto, depósitos feitos depois do dia 2, segunda-feira, os cálculos devem ser outros, pois a nova aplicação só será computada no mês de novembro. Este, aliás, continua sendo um dos maiores problemas do investimento em cadernetas de poupança. Até hoje, poucos sabem, por exemplo, que, na nova sistemática de cálculo de rendimento, a correção monetária continua sendo computada com base no menor saldo do trimestre — e que apenas os juros são contados a partir dos saldos médios mensais. •

Quando iniciamos o projeto
para construção da nossa casa,
o Sulbrasileiro nos ajudou muito.
Na época,
a gente não sabia das vantagens
que a nossa conta conjunta
poderia nos trazer.
Mas o gerente
do Banco Sul Brasileiro
abriu mil caminhos para nós,
indicando os melhores recursos
para cada problema.
Do financiamento direto ao consumidor
até seguros e cartão de crédito.
Depois, nos ofereceu
todos os serviços bancários,
para tornar mais cômodo
o nosso dia-a-dia.
Hoje, é o Sulbrasileiro
que paga nossas contas:
carnês, impostos,
luz, água, telefone.

SULBRASILEIRO

muito perto de você

Afinal, são mais de 300 agências
em todo o País.

E ainda nos oferece
alguns serviços especiais,
nos informando – e bem –
sobre os melhores rumos
para nossos investimentos.
Sem fazer promessas
fabulosas,
mas confirmando
a seriedade
e experiência
de um grande Banco.

BANCO SUL BRASILEIRO S.A.

Doutor na roça

Aprendendo a Medicina que se faz no interior

A mulher de 35 anos, calma e até sorrindo, entrou no consultório da jovem médica e, em questão de minutos, sem tomar um único medicamento, deu à luz um menino. Logo depois, agradecendo o auxílio da incrédula doutora, saiu rua afora apresentando o bebê às amigas. Para ela, era o terceiro parto experimentado sem qualquer tipo de tensão ou dificuldade — mas o primeiro assistido por uma médica. Para a médica, Berenice Guimarães Camarano, 25 anos, a rigor estudante do sexto ano de Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), era o primeiro contato profissional com o interior, realizado meses atrás na cidade de Francisco Dummond, a 400 quilômetros de Belo Horizonte. Como outros 320 alunos da Faculdade de Medicina da UFMG, Berenice cumpria seu "internato rural" de três meses, uma espécie de estágio criado este ano para estudantes em fim de curso na escola de Belo Horizonte.

Com o internato rural, a faculdade mandou estagiários para 32 municípios, principalmente comunidades pobres do norte de Minas, como Francisco Dummond, com 5 000 habitantes e nenhum médico. De volta de seu estágio nessa cidade, Berenice conclui que o internato rural não chegou a lhe proporcionar aprendizado científico — e isso não poderia mesmo acontecer já que ela teve poucas oportunidades de aplicar procedimentos aprendidos na escola. "Mas, se eu for agora para o interior", acrescenta Berenice, "vou com os pés no chão."

CANUDO DE MAMONA — A jovem doutora e seus colegas instalados em cidades vizinhas descobriram, por exemplo, que entre os papéis importantes do médico no interior se enquadra o combate à verminose — mal de 90% da população do norte de Minas. "Nosso objetivo é mostrar ao estudante a limitação do aparato tecnológico médico e colocá-lo em contato com a dura realidade do interior brasileiro", explica o coordenador do internato rural, professor João Baptista Magro Filho. E o diretor da Faculdade, Benedictus Philadelfus, completa: "Nosso aluno estava sendo formado para se tornar um experto em casos raros, o que satisfazia ao ego do professor, ao apresentar casos difíceis, e ao dos estudantes, que aprendiam essas raridades".

O aprendizado das raridades médicas realmente vale pouco nas cidades pobres. Um estudante de volta do estágio rural conta, por exemplo, que precisou retirar urina de uma cliente com um canudo de mamona, na falta de tubos de borracha. "Tivemos de improvisar a cada momento", contam Paulo Chaves, de 25 anos, e Mário de Oliveira Júnior, de 24, que estagiaram em Juramento, cidade de 8 000 habitantes no norte mineiro. "Também faltava de tudo, do mais rudimentar equipamento a remédios para gripe." Certamente nada há de positivo na falta de condições para o atendimento das populações mais humildes. Mas o que os responsáveis pela experiência esperam é que, na impossibilidade de se modificar a situação em curto prazo, pelo menos outras faculdades de Medicina tenham a mesma disposição: ensinar seus alunos a conviver com a realidade brasileira.

CÉLIO APOLINÁRIO

Juramento: improvisando para curar

CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS
APENAS
79,00
Por volume por mês
Uma extraordinária coleção luxuosamente encadernada com esplêndidas ilustrações.
Atlântida — Os Vikings — Herculano e Pompéia — As Escavações de S. Pedro de Roma — A Ilha de Páscoa — A Palestina dos Cruzados — Angkor — Os Etruscos — As Civilizações das Estepes — Os Enigmas da Bíblia — Os Incas — Impérios Negros da Idade Média — A Civilização dos Megálitos — e muitos outros. . .
Um preço incrivelmente baixo para obras luxuosamente encadernadas. Isso é o que conseguimos com a venda direta do editor ao leitor.
Você fará uma fabulosa viagem no tempo e no espaço. Descobrirá vestígios e mistérios de mundos desconhecidos que, de repente, saltam de um sono de muitos séculos.
Como entender as surpreendentes "mensagens" chegadas até hoje, através da arqueologia, vindas da aurora dos tempos. Conheça, também, a presença muda, entre nós, de inúmeros sinais gravados em frias rochas e ainda indecifrados.
OTTO PIERRE EDITORES
Caixa Postal 800
CEP 20.000 — Rio de Janeiro — RJ
SE VOCÊ PREFERIR 2 VOLUMES POR MÊS GANHARÁ ESTE BRINDE
BRINDE GRÁTIS
3 volumes luxuosamente encadernados OS SEGREDOS DA ASTRONOMIA
A ressurreição das cidades mortas ...
As civilizações do Mar Vermelho
Os mistérios da Ilha de Páscoa
RECEBA E EXAMINE O 1.º VOLUME SEM COMPROMISSO
CUPOM DE PEDIDO
SEM COMPROMISSO DE COMPRA
Queira enviar-me, sem qualquer compromisso de compra, o primeiro volume da coleção:
AS GRANDES CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS
Pagarei essa remessa, pelo reembolso postal, por volume, Cr$ 79,00 (mais Cr$ 12,30 de despesa de envio). Poderei examinar a obra durante 8 dias e,
• se não estiver satisfeito, eu a devolverei e serei reembolsado da importância paga.
• se, pelo contrário, conservá-la, receberei os volumes seguintes do modo assinalado:
☐ 1 livro por mês.
☐ 2 livros por mês. Neste caso receberei, como BRINDE, OS SEGREDOS DA ASTRONOMIA, à medida em que for recebendo a coleção.
(favor preencher a máquina ou em letras maiúsculas) CDB 0/8 VE 5
Nome
Ender.
C.E.P.
Cidade
Est.
Data
Assinatura
menores de 18 anos assinatura do pai ou responsável

FORME UMA LUXUOSA BIBLIOTECA PARTICULAR COM

OBRAS-PRIMAS

A MAIS CRITERIOSA SELEÇÃO DOS MELHORES

Patrimônio familiar.

Você sempre desejou ter em sua casa os livros que conservam-se durante várias gerações, sem perderem o seu profundo valor.

Agora você já pode possuir esses livros. A Abril Cultural está oferecendo a você todas as obras-primas consagradas no mundo inteiro. Para você formar, gradativamente, a mais luxuosa biblioteca já publicada no Brasil: Obras-Primas. Um patrimônio para você, seus filhos e seus netos.

Belíssimas ilustrações na contra-capa e na primeira página. Ilustrações internas feitas por artistas famosos, como Gustavo Doré.

Uma seleção muito especial.

Romances de Cervantes, Balzac, Proust, Sartre, Hemingway, Dante, Dickens, Joyce, Dostoiévski, Stendhal, Kafka e muitos outros.

Peças teatrais de Brecht, Shakespeare, Gorki, Molière, Tennessee Williams, Sófocles.

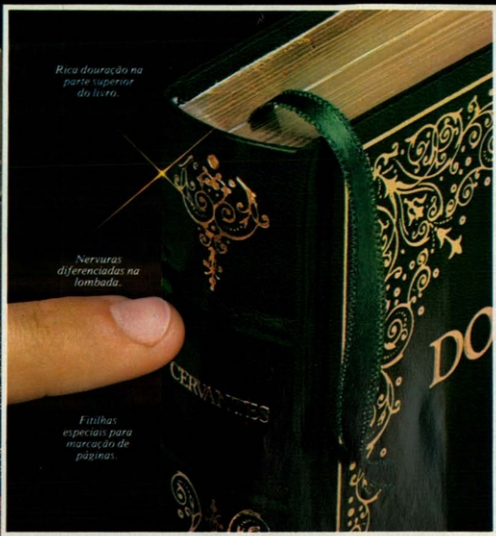
A poesia comparece com nomes desde Homero, Baudelaire, Camões, Mallarmé.

O conto e a novela com Voltaire, Tchékhov, Edgar Allan Poe, Boccaccio, Thomas Mann.

OS MAIORES ESCRITORES DE TODOS OS TEMPOS.

Rica douração na parte superior do livro.

Nervuras diferenciadas na lombada.

Fitilhas especiais para marcação de páginas.

ROMANCES, CONTOS, POESIAS E PEÇAS TEATRAIS.

Classe e conteúdo.

A beleza estética de cada obra-prima está diretamente relacionada com o seu tema ou espírito.

Foi criado um *design* especial para cada volume.

As capas são sempre diferentes, com desenhos personalizados, gravados em ouro.

Você terá uma sucessão de obras individualizadas, formando um harmonioso conjunto de livros. Que jamais será confundido com uma coleção padronizada.

1º volume: só podia mesmo ser Dom Quixote. A obra-prima de Cervantes.

Dom Quixote sempre foi uma das obras prediletas da humanidade. É o romance dos romances.

Tenha esta valiosa obra-prima. Passe pelo seu jornaleiro. E reserve já o primeiro volume da sua biblioteca.

OBRAS-PRIMAS

Livros consagrados próprios do seu bom gosto estético e cultural.

Valor de cada obra-prima: uma fortuna.

Nas bancas você vai pagar **apenas Cr$ 85,00**

Lançamento nos estados de: SP, RJ.

São as traças da paixão

Elas acompanham o vôo de Simone pelo país afora: onde ela canta, brotam cartas de amor, poemas, súplicas — e murcham corações despedaçados

Estava solta a cachorra: o telefone tocou no fim da madrugada, como num samba-canção, às 5 horas de uma quinta-feira de agosto, em Goiânia. A cantora Simone, perdida de sono, pegou o aparelho no quarto do hotel onde dormia sozinha e ouviu no escuro os soluços de uma menina — devia ser uma menina — dizendo que precisava muito, mas muito mesmo, que ela descesse para um encontro no saguão do hotel. A voz grave de Simone bocejou compreensiva — "Sim, sim, tudo bem, amanhã você liga para cá e a gente conversa, eu estou muito cansada, me deixa dormir". Às 5h30, o telefone tocou de novo e o homem da recepção do hotel anunciou afobado: "É um interurbano, da sua gravadora". E, antes que a voz não mais sonolenta (embora cada vez mais grave) respondesse que gravadora alguma telefonaria àquela hora, o mesmo soluço desesperado entrou na linha: "Eu te quero. Eu te quero". Desta vez a resposta saiu rápida e fria, mas também abafada de agonia: "Me desculpe. Me desculpe, mas eu preciso dormir".

Simone, sob o sol do Recife: "Cheguei"

Raptada em pleno sono, Simone viu o dia nascer para salvá-la de mais um pesadelo — não era o primeiro nem seria o último durante a vertiginosa temporada de seis semanas, em agosto e setembro, em uma dúzia de cidades em que se apresentou sozinha ou ao lado da cantora e compositora Sueli Costa. Depois, ela e seu grupo de cinco músicos lançaram-se numa maratona de 3 200 quilômetros de estrada atingindo dezesseis cidades paulistas e mineiras, de Araraquara, há três semanas, a São Paulo, no último sábado*. Quando, em novembro, esse show itinerante finalmente estacionar no Rio de Janeiro, num teatro, estará pronto "Cigarra" — título do último disco de Simone e nome do inseto que passa dezessete anos debaixo da terra até ver a luz do Sol, vibra como um tambor, faz um barulho infernal em dias quentes e tem muito má reputação entre agricultores.

DE MÃOS DADAS — Entre ouvintes, porém, o som da cigarra vem provocando deslumbramento desde que Simone e Sueli atraíram 30 000 pessoas para salas que comportavam no total 26 000, incluindo-se aí o frenético aglomerado do Recife, onde em cinco dias os 3 500 lugares do Teatro do Parque dobraram para 7 000. O horário — 6 e meia da tarde — e o preço — 15 cruzeiros — explicam em parte esses números. Não mostram, porém, o que está por trás deles. Pois a temporada foi a primeira, dentro do Projeto Pixinguinha, a colocar face a face, e a preço de liquidação, duas mulheres — e duas mulheres valiosas. De um lado Simone, 28 anos, 1,78 metro de altura, malha branca colada ao corpo, botas de cano alto, uma quase invisível corrente prendendo um coraçãozinho de ouro no umbigo (traje abrandado para um discreto terninho branco na temporada pelo interior paulista e mineiro); de outro, Sueli, 35 anos, carioca crescida e formada em Juiz de Fora (MG), grávida de cinco meses, camisolão branco, pés descalços, autora de várias das 22 músicas apresentadas em todas as cidades. Sozinha, e sentada no palco em penumbra, Simone sussurra o recente e já clássico afrodisíaco composto por Sueli e Tite de Lemos, "Medo de Amar n.º 2": *E me beija na testa/E me morde na boca/E me lambe na nuca.* Espreguiçando-se, continua: *Eu sinto o corpo mole e eu quase que faleço/Quando você me bole e bole e mexe e mexe/E me bate na cara, e me dobra os joelhos/E me vira a cabeça.* Deitada, ela enfim relaxa: *Mas eu não sei se quero ou se não quero/Esse insensato amor que eu desconheço/E que nem sei se é falso ou se é sincero/Que me despe e me vira pelo avesso.*

Juntas, as duas não se limitaram a

---

* *A viagem só terminará no dia 23 de outubro, em Porto Alegre, mas na semana passada o roteiro das próximas semanas não estava definido.*

Cantando "Medo de Amar n.º 2". . .

colar suas vozes em coro — andaram pelo palco, desencontraram-se, beijaram-se no fim. Simone entoa outro clássico, agora de dor-de-cotovelo, "Matriz e Filial", de Lúcio Cardim: ***Quem sou eu/Pra ter direitos exclusivos sobre ela/Se eu não posso sustentar os sonhos dela (. . .) Quem sou eu/Pra sufocar a solidão da sua boca/Que hoje diz que é matriz e quase louca/Quando brigamos diz que é a filial.*** Lentamente, senta-se ao lado da quieta Sueli, as duas se dão as mãos na penumbra e se calam enquanto o conjunto continua tocando. Assim foram plantadas as sementes.

UMA CIDADE PARADA — Os frutos nasceram logo. Em Brasília, dois dias antes do telefonema de Goiânia, o mensageiro do amor bateu pontual às 4 da manhã no apartamento de Simone para revirar-lhe o sono e entregar poemas de uma admiradora, junto com um convite para que descesse, pelo amor de Deus, depressa, ao saguão do hotel. Em Belém, e em praça pública, as duas ficaram presas dentro de um ônibus até que se dispersasse a massa de admiradores dispostos a ir além dos pedidos de autógrafos. O ápice, naturalmente, ocorreu em Salvador, cidade de tantos monstros e vacas sagradas da música brasileira e também da própria Simone, que lá nasceu e viveu até os 15 anos de idade. "Olha, a cidade está parada, ninguém faz mais nada", avisou ao pessoal do Projeto Pixinguinha, às 3 horas da tarde, o diretor artístico do Teatro Castro Alves, Theodomiro Ramos de Queiroz. Três horas e meia depois, 2 200 pessoas se encostavam umas nas outras ao longo dos corredores e dos 1 700 assentos disponíveis. "Foi um orgasmo coletivo", resumiu uma das espectadoras. "Tenho muita inveja da Sueli", suspirou uma outra no aglomerado do Recife — mocinhas recém-saídas das lojas do centro, meninos carregando livros, a caminho da aula noturna, homens de terno e gravata, rapazes e moças abraçados nas combinações possíveis, aquela massa de pessoas que todo mundo conhece e sabe, e, no entanto, rebate.

. . .para um público deslumbrado: há dois meses estas cenas se repetem

MASCULINO E FEMININO — "Foi um horror", diria depois, já em Natal, a idolatrada Simone. "Arrombavam portas, gritavam, pegavam, boliam. Mas foi um horror bonito. Me deu medo, mas foi bonito." Muitas pessoas, diz Simone, se espelham nela. "Tanto mulheres como homens entendidos. A minha figura é bissexual. Não que eu não me sinta uma mulher, mas fisicamente às vezes eu confundo." Na rua isso vive acontecendo: "É homem ou mulher?" Mas ela não se aborrece: "Se eu tivesse barba, tudo bem. Mas não tenho nem uma figura máscula. Meu rosto é de criança. Só me confundem por ignorância — ou então pelos conceitos que as pessoas têm sobre o que seja uma fêmea ou um macho".

Sobre sua temporada, ela conserva uma certa surpresa: "Não pensei que fosse dar no que deu". Mais um símbolo sexual? "Pelo amor de Deus, não!" E agora? "Eu acho que cheguei." Simone coça a nuca, revira os cabelos, caça as palavras, captura um sentido. "Se tinha algum buraco, ou se tinha uma vaguinha ou setinha mostrando o lugarzinho para estacionar, então sou eu. É isso, acho que sou eu."

ATRÁS DA BOLA — Ela chegou realmente a algum lugar muito especial depois de cinco anos de carreira e cinco discos de qualidade e consumo desiguais — do pioneiro "Simone", de 1973, um "coitadinho", segundo ela, a "Cigarra", lançado três meses atrás e cujas vendas já ultrapassaram 100 000 cópias. Entre esses existem "Quatro Paredes" (1974), "Gotas d'Água" (1975) e "Face a Face" (1977), o primeiro a passar das 120 000 cópias. Juntos, os cinco discos dão uma boa pista para se seguir a caminhada desta moça que virou cantora quase por acaso, depois de

uma brilhante carreira como jogadora de basquete da seleção brasileira, interrompida por insuperáveis problemas nos ligamentos dos pés e por uma incompatibilidade total com o técnico da seleção, Waldir Pagan (no Mundial de 1971, disputado no Ibirapuera, em São Paulo, Simone não jogou uma única partida, permanecendo durante todos os jogos no banco).

É uma mágoa até hoje atravessada em sua vida — pois Simone Bittencourt de Oliveira, oitava filha de uma família de nove irmãos, todos nascidos em Salvador, desde pequena jogou futebol (hoje, quando joga, é na ponta-esquerda), bola de gude, nadou, correu, empinou papagaio. Aos 8 anos conquistou seu primeiro troféu ao vencer uma corrida de velocípedes no Clube Fantoche, de Salvador (até se retirar do basquete, em 1972, ela acumularia incontáveis troféus e medalhas, inclusive o título de Rainha da Primavera em Salvador, também como nadadora e ciclista). O primeiro prêmio, no entanto, foi para ela um desastre — pois todo mundo acreditava que uma casinha com fogão seria o sonho de qualquer menina. Ela queria uma bola, uma bicicleta. A casa de três andares, com um jardinzinho na frente, atrás do largo da Concórdia, em Salvador, foi abandonada em 1965, quando quase todos os moradores se mudaram para São Paulo. Simone passou ainda um ano em Salvador, com uma tia, mas no começo de 1966, desembarcava em São Paulo, rumo à vizinha São Caetano do Sul, para se juntar à família. Naquele dia estava chovendo pedra — ela que só conhecia chuva de relâmpagos e trovões. "O barato acabou aí", lembra. "Eu não tinha amigos, eu não tinha ninguém. E fazia um frio desgraçado."

De mãos dadas com Sueli Costa: "Todos precisam saber quem é ela"

DA QUADRA AO ESTÚDIO — Mas não foi bem assim, como ela veria depois. Formada em Educação Física em Santos, professora no Colégio Gonçalves Dias, no bairro classe média paulistano de Santana, ela aprendeu a se sustentar desde os 18 anos e fez uma carreira fulminante como esportista. Quando tudo isso acabou, a canhota Simone, que aprendeu violão vendo a mãe tocar em Salvador, foi incentivada por uma amiga, Elodi Bardatoni, a "Elô", ainda hoje professora de violão em São Caetano. Elô acompanhava a cantora Célia, então em início de carreira, e arrumou um jantar em São Caetano no qual o superintendente de *marketing* da Odeon, Moacir Machado, seria convidado a ouvir uma nova cantora. Ele não veio, alegando dor de barriga.

No entanto, em outubro de 1972, meia dúzia de casais se reuniam na casa de Machado, jantaram, contaram piadas e finalmente ouviram Simone cantar uma canção de Roberto Carlos, "Maior que o Meu Amor". O teste foi feito dias depois, no estúdio da rua Bento Freitas, no centro de São Paulo, mas o trio de músicos contratados para acompanhar a candidata acabou dispensado. "Faz um favor", disse ela, "vocês vão embora, apaguem a luz e eu e a Elô ficamos aqui dentro cantando." No ano seguinte, saiu o primeiro disco — com duas fotos em preto e branco da estreante, uma delas fora de foco, e nenhuma linha informando de quem e do que se tratava. "Deve ter vendido uns 5 000", calcula Simone. "Mas estava ótimo para uma ilustre desconhecida."

CHOROS E NAMOROS — A biografia é esta, mas ela pode ser também contada pelos homens e mulheres que passaram e passam pela vida de Simone — homens e mulheres que hoje talvez estejam espantados pelas emoções que extrai das platéias aquela que foi uma moça comprida e magricela, desengonçada e complexada, conhecida por amigos e inimigos como "Vara-pau" ou "Belém-Brasília". Do lado dos homens, tudo começou com o primeiro beijo de um joão que dirigia uma perua De Soto pelas ruas de Salvador, quando ela estava com 10 anos, para desabrochar em São Paulo ao lado de um jogador de basquete que era "todo diferente, mentalidade aberta, tipo bem carioca, calça Lee desbotada, aqueles camisões por fora e jaquetinha aqui por cima". A concorrência, porém, era forte demais para aquela estabanada Simone de 18 anos e o jogador acabou casando com outra, fenômeno que se repetiu com um "outro homem maravilhoso", que solteiro não saía da casa dela.

"Aí os dois voltaram dizendo aquelas coisas que os homens dizem depois que casam", lembra Simone. O jogador anunciou: "Não agüento mais a barra". O outro, depois de uma viagem aos Estados Unidos, desabafou: "Mas por que não te mandei buscar?" Enfim, o que adiantava — principalmente depois que Milton Nascimento e Chico Buarque encontraram Simone num show no Ibirapuera, em São Paulo, oferecendo-lhe "Primeiro de Maio" para gravar e ela chorou meia hora sentada na arquibancada, como se fosse personagem de Nelson Rodrigues?

Do outro lado havia Sofia, babá e segunda mãe, que lhe dava banho e comida na boca quando menina; as moças todas do time de basquete da seleção; Elô; e Sueli Costa: "As pessoas têm que saber quem é ela", diz Simone. "E acho que estão sabendo. Nós quisemos ficar o tempo todo no palco, dividir tudo para evitar falatórios. A gente, eu e os músicos, se uniu para que ela não se sentisse insegura." Nervosa, minutos antes da cacofonia de gritos e sussurros no Recife, Sueli, dois discos em onze anos de carreira, atualmente gravando ▶

Só quem faz um Tape Deck de primeira classe pode fazer uma fita de primeira classe.
Para a sua roupa ter um caimento perfeito, seu alfaiate precisa conhecer muito bem as suas medidas.
O mesmo acontece para fazer a fita, o acessório mais importante de um Tape Deck. A Sony, que há trinta anos fabrica os mais famosos Tape Decks do mundo, tem a experiência necessária para fazer as melhores fitas, as únicas capazes de captar e reproduzir o som com toda a fidelidade.
Hoje, isso é possivel para a Sony por todas as descobertas e inovações que ela tem feito durante todos esses anos, como por exemplo a fita com revestimento duplo, que reuniu as melhores qualidades do bióxido de cromo com o óxido de ferro e reduziu as distorções ao mínimo. Mas isto é apenas um exemplo. Em qualquer fita Sony que você escolher, uma coisa é certa: você sempre vai ter um excelente desempenho, porque a Sony põe nas fitas que fabrica tudo o que sabe sobre som. O que não é pouco. É o melhor que você pode ter.
A fita feita por especialistas em som.
SONY
SONY
90 MINUTES
FERRI CHROME CASSETTE
DOUBLE COATED
THE ULTIMATE IN HIGH FIDELITY (MUSIC REPRODUCTION)
C-90FeCr
SONY
515

OTO DE OLIVEIRA

Aos 8 anos: o primeiro troféu

o terceiro, autora de finíssimas melodias, como "Face a Face", "Jura Secreta" e "Encouraçado", confirmava: "Ela me deu mesmo muita força. Eu sou nervosa, nervosa demais para enfrentar um palco".

UMA LUZ NO CÉU — Por certo, a protetora Simone sabia com que tipos de sentimentos estava lidando, pois ela mesma, quando subiu num palco pela primeira vez, num show em homenagem a Altemar Dutra no Clube Piratininga, em São Paulo, em 1973, entrou em pânico, ou em algo até pior. Ela comprou às pressas uma saia preta e um bustiê, "caro pra burro", fez-se bela, afinou a voz, entrou com tudo, começou a cantar — e fez xixi em cena. Ninguém viu, mas o salão onde Simone pisara estava irremediavelmente manchado e outros cantores ainda iriam se molhar ali: o jeito foi alguém da produção derramar uma garrafa de cerveja. Este tremor acompanharia Simone por pouco tempo — pois naquele mesmo ano, cantando em Bruxelas, ele foi substituído por uma "súbita paz" e uma atuação firme.

Esta metamorfose, porém, se explica — ou melhor, é inexplicável. Pois o destino fez com que a cética, racional, nada mística Simone entrasse numa noite de 1973 na barca de Paquetá para o Rio em companhia de Milton Miranda, da Odeon. Ele apresentou-a a um certo Mário, Mário Troncoso, que a tranqüilizou: "Esta barca estava à sua espera. Só sairia quando você chegasse". Sentou-se com ela num canto e disse mais: "Você tem uma aura muito linda". Parecia uma tentativa de aproximação, mas a voz de Mário chegou aos ouvidos de Simone como um raio cortando a noite da baía de Guanabara: "E esta luz que você vê?"

ADIVINHANDO O FUTURO — Simone, na verdade, vê uma luz — uma bola meio prateada, meio dourada, que passa por alguns instantes, some, volta em seguida ou fica um ano sem aparecer. A princípio pensou que se tratasse de alguma alucinação visual (ela tem 13 graus de miopia na vista **direita**), porém, desde que a bola se revelou também para a vista **esquerda**, passou a conviver com o fenômeno, sem saber do que se tratava. Mas ninguém jamais soubera disso. Assustada, ouviu Mário durante toda a viagem — ele dizia que ela era "uma coisa exteriormente e interiormente uma outra", que a luz era um planeta com o qual poderia conversar, "se desenvolvesse a mente", e que teria uma carreira brilhante, a começar no exterior. Simone não acreditou — mas ainda assim foi junto com Elô procurar Mário.

Lá ficou sabendo que o adivinho era sacerdote de um certo Templo de Pesquisas Filosóficas Gotas do Orvalho. Ele pegou um baralho, descreveu com detalhes a infância de Simone, afirmou que ela era fechada e introvertida — e era —, que tinha vergonha de seu corpo — e tinha — e que sua carreira começaria mesmo no exterior, brevemente, com um cachê de 3 000 dólares. No dia seguinte, o empresário Walter Santos telefonou a Simone com um convite para juntar-se ao grupo que se apresentaria na feira Brasil Export, em Bruxelas — com cachê de 3 000 dólares.

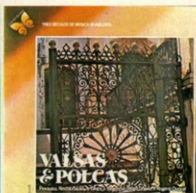
Foi durante esse show, enfim, que a tremedeira acabou, mesmo com os protestos dos estudantes que exibiam faixas condenando os governos do Brasil e do Chile. Na platéia, também, havia algo de premonitório — ao fim do espetáculo, um grupo tomou o palco de assalto e Simone ouviu de uma jovem, em francês, o que hoje martela seus ouvidos em português, onde quer que apareça: *Vous êtes merveilleuse!*

O ESPÍRITO QUE BAIXA — Na volta, ela procurou de novo o sacerdote e ele disse à sua incrédula discípula: "Tem outra". E mais: o cachê subiria para 7 000 dólares, a viagem seria longa e uma das apresentações acabaria cancelada. Quinze dias depois, o mesmo Walter Santos telefonou de novo — um empresário americano assistira ao show de Bruxelas e queria levá-lo aos Estados Unidos e Canadá. A viagem duraria três meses. O cachê? Ótimo — 7 000 dólares. O pessoal do Templo, sabendo do pavor de Simone por viagens aéreas, pediu que ela juntasse moedas num saquinho e o entregasse ao sacerdote para que ele fizesse um trabalho. "Eu viajei na maior, no meio de muita tempestade", lembra ela. Enfim, em Toronto, o empresário reuniu a equipe para informar que não valia a ▶

Treinando com a seleção, em 1971: depois, uma frustração sem fim

VOCÊ PROTESTA? AGORA, ENTÃO, OUÇA!

É geral a consciência de que a música brasileira está, há muito tempo, num beco sem saída. São comuns, também, os protestos contra a má qualidade da maioria dos lançamentos e contra a imposição da música estrangeira. A "Copacabana" apresenta uma opção inédita com um projeto comemorativo do seu 30.º aniversário, concebido e dirigido por Marcus Pereira, envolvendo três séries de discos, com lançamentos mensais. Estes discos registram, em formas inéditas de gravação, a mais bela música do Brasil. Você tem agora uma forma conseqüente de protestar, pois depende de Você o sucesso deste projeto.

A GRANDE MÚSICA DO BRASIL	*Vol. 1 A grande música de Chico Buarque* *Vol. 2 A grande música de Luís Gonzaga* *Arranjos sinfônicos: Maestro Guerra Peixe*
GRANDES AUTORES, GRANDES INTÉRPRETES	*Vol. 1 Autor: Joubert de Carvalho Intérprete: José Tobias* *Vol. 2 Autor: Sinhô Intérprete: Ana Maria Brandão* *Direção musical: Marcus Vinicius*
TRÊS SÉCULOS DE MÚSICA BRASILEIRA	*Vol. 1 Valsas e polcas* *Vol. 2 Maxixes* *Direção musical: Régis Duprat e Rogério Duprat*

marcus pereira publicidade

copacabana
30 anos
a grande musica do Brasil

VOCÊ É BRASILEIRO? NÓS TAMBÉM!

No Recife, duas horas antes do show: todo dia o dobro da lotação

AMILTON VIEIRA

pena deslocar-se para uma remota localidade do Canadá — e assim o número de apresentações caiu de 68 para 67.

Na volta, outra visita, outro anúncio de viagem — agora para a Rússia. Em vez disso, porém, Simone preferiu freqüentar durante o ano de 1977 todas as tardes de domingo, o curso do Templo, uma casa velha no bairro carioca de Botafogo, insuportavelmente quente, com os ônibus passando a 2 metros da janela. Ali, Mário Troncoso, os poucos cabelos que lhe restam roçando compridos o colarinho, só se dispôs a receber Joaquim Ferreira dos Santos porque o repórter de VEJA é do signo de Leão, "das pessoas inteligentes e persistentes". Enquanto salpicava o chão com folhas de árvores, ritual indispensável para o ofício de iniciação que se seguiria, ele contou que um espírito lhe baixou quando pôs em Simone o apelido de "Cigarra". Mas está aborrecido com sua ex-discípula: "Ela não tem comparecido às aulas e não devia ter dito nada a meu respeito. Vai começar a aparecer gente aqui pensando que eu dou voz bonita a elas".

REAÇÕES INCONTROLÁVEIS — Simone acha que saiu ganhando com a experiência. "Me ajudou muito", admite ela, inclusive a conseguir alcançar uma nota mais difícil da música "Jura Secreta", de Sueli. "Eu vivia num estado de inércia, não tinha confiança em mim e minhas reações eram incontroláveis." Foi por isso que, quando menina, deu um soco na cara de um garoto. Por isso, já profissional, armou um escândalo "de lavadeira" nos corredores da Rede Globo, em 1976, por causa de um especial sobre Antônio Maria (jamais levado ao ar) e de um cachê de 15 000 cruzeiros que no caixa apareceu encolhido para 6 000. Ela pegou o papel que devia assinar, enrolou e, diante de várias testemunhas, mandou que a assistente do diretor do programa lhe desse o melhor destino.

Esse apego ao dinheiro é explicável — a extrovertida, inflamada Simone de hoje quase nada ganhou nos três primeiros anos de carreira (foi praticamente sustentada pelo pai) e desenvolveu um sólido pavor a todo tipo de amadorismo. Ela vai construir uma casa em Itaipu, perto de Niterói (onde mora com um de seus irmãos), tem um apartamento financiado em quinze anos em São Paulo, um carro Passat e um GTB, à venda — é apaixonada por carros e motos. Tudo isso tem seu preço: "Detesto cantar em boate, com gente bêbada em cima de mim, contando piadas e jogando gelinhos", diz ela. "Prefiro um teatro, onde ganho menos mas o público não me enche."

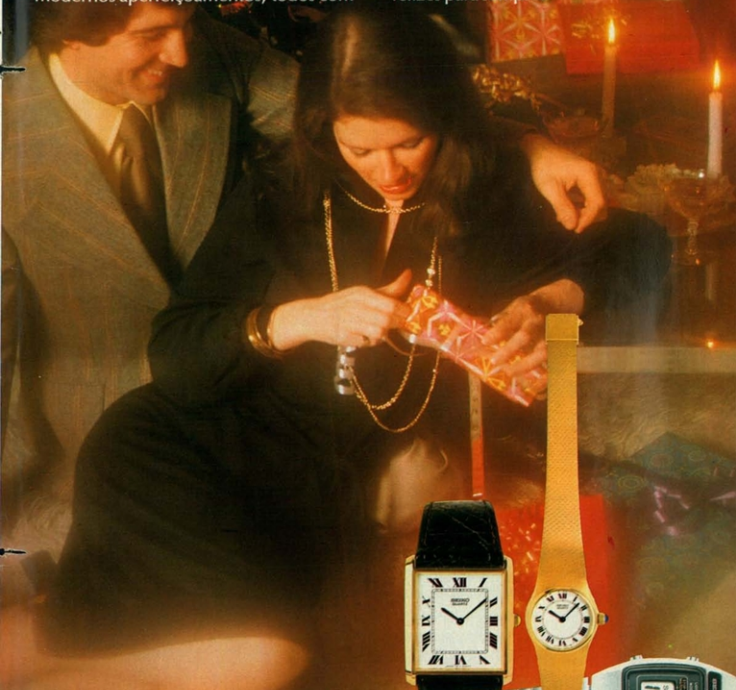
AMOR E ÓDIO — Suas relações com o público, por isso, nem sempre são exatamente cordiais. Em Natal, depois de cantar sozinha e sorridente para a gelada platéia que lotava (a 100 cruzeiros por cabeça) o solene Teatro Alberto Maranhão, ela implorou, veemente, no meio do segundo ato: "Esse show tem seu lado romântico, seu lado irônico e seu lado agressivo. É o que a vida nos oferece, não adianta negar. Eu gostaria que vocês se sentissem aqui como se estivessem em suas próprias casas". Seu discurso chegou a ser aplaudido — mas o público permaneceu firme de paletó e gravata. No camarim, que sempre faz questão de deixar aberto a quem quiser entrar, terminado o espetáculo, ela encarava uma dezena de fãs mudos que foram olhá-la. O silêncio era ensurdecedor e Simone suava debaixo das lâmpadas. "Como é, minha gente, e daí?", desafiou ela, ainda rindo.

Mas nada aconteceu, além de alguns autógrafos. "Poderiam ter dito que minha roupa estava horrorosa, que gostaram, detestaram, que eu não acrescento nada, qualquer coisa. Eu não agüento. Cantar uma hora, uma hora e meia, sei lá quanto, e não conseguir arrancar um sinal de vida do público, não conseguir transmitir nada, eu acho demais. Dói, dá agonia." Nessas ocasiões, em especial, é que se manifesta um dos pontos do programa de trabalho de Simone — assim como não quer que lhe joguem gelinhos da platéia, ela não gosta de cantar o que lhe pedem. "Engolir" é a palavra que costuma usar para caracterizar certas músicas difíceis com as quais confronta platéias que lhe desagradam. São porém as trapaças da sorte: o público aplaude, a agressão se dissolve e ela acaba saindo mais uma vez adorada.

CANÇÃO PARA O REI — Porque Simone, recém-chegando ao céu ainda quase despovoado das estrelas brasileiras, quer mesmo um contato, um toque, alguma coisa de nervos com quem a escuta. Como é somente cantora, e toca o violão canhoto que ela mesma considera primário, quase perde o fôlego para ganhar o público com o que tem — sua voz forte e quente, seu corpo imponente em sinuosos movimentos, a marcação levemente teatral que imprime ao que canta. Ela vem tentando, é verdade, compor suas próprias músicas — mas, como tem pavor de estudo, desiste cada vez que se defronta com a pauta cheia "daquelas notinhas horríveis". Ainda assim, é autora de duas músicas (inéditas), uma das quais mandou para Roberto Carlos — a quem muito admira — incluir em seu LP de um Natal qualquer.

Ela dizia, no balanço de uma canção de ninar: *Talvez eu te proponha a coisa certa/No caso, a questão é só tentar (. . .) Me deixa percorrer a tua insônia/Me deixa devastar teus pensamentos/Me deixa percorrer teus sentimentos/Até eu me exaustar.* Educadamente, Roberto Carlos gravou a música. Compreensivelmente, também, não a inclui em nenhum disco. Um rei, pelo menos até o momento em que o derrubam, prefere não correr nenhum risco.

PALAVRA DADA — Resta a Simone, portanto, cantar e falar o que os outros escrevem. "Eu sou muito crítica em re- ▶

Momentos felizes começam com um presente feliz.
Seiko é um presente feliz. E você pode escolher dentre uma extensa linha de modelos: todos requintados, elegantes e com os mais modernos aperfeiçoamentos; todos com a impecável qualidade e soberba precisão Seiko, líder mundial em tecnologia.
Dê Seiko. Você estará dando momentos felizes para sempre.
SEIKO
Um dia todos os relógios serão feitos assim.

Em Natal, após a Bahia: "Foi um horror bonito"

lação às letras que canto", diz ela. "Talvez porque minha formação literária seja pobre e toda vez que me ocorre alguma idéia eu não consigo passá-la para o papel." Colocando no alto de seu altar pessoal Milton Nascimento, Chico Buarque ("Eu queria ter a cabeça do Chico e a voz e a musicalidade de Milton"), Nina Simone, Dorival Caymmi, Dalva de Oliveira, Jackson do Pandeiro, Fagner e Villa-Lobos, ela está convicta de que tudo aquilo que canta é a expressão do que pensa e gostaria de ter composto.

Assim, um ponto de vista íntimo de Simone pode ser localizado em algumas canções e algumas letras. Além da participação musical de Sueli, Milton Nascimento e Chico Buarque, sua boca fala geralmente por meio de Luiz Gonzaga Jr., Abel Silva (o escritor dos elogiados cantos de "Açougue das Almas" e de "O Afogado") e Cacaso (nome sob o qual se esconde o rigoroso crítico literário e professor universitário Antônio Carlos de Brito), todos mais ou menos recém-chegados e que lhe fornecem um combustível forte, consistente e coerente: *Eles querem que eu/Me aborreça, estremeça/E me prenda nas cercas/Do seu circo mortal* ("Eu nem Ligo", de Gonzaga Jr.). Para uma cantora que faz questão de sustentar que a política está só em suas músicas ("Não é omissão, juro pela felicidade da minha mãe!"), nada melhor que prová-lo cantando: *Ele, o artesão/Faz dentro dela sua oficina/E ela, a tecelã/Vai fiar nas malhas do seu ventre/O homem de amanhã* ("Primeiro de Maio", de Milton e Chico). A mulher que se considera "sem limites nas coisas" é a mesma que entoa: *Nada do que posso me alucina/Tanto quanto o que não fiz/Nada que eu quero me suprime/De que por não saber ainda não quis* ("Jura Secreta", de Sueli e Abel Silva). Ela se apavora, se interroga: *Morro de medo/Não quero saber quem sou/É muito cedo (. . .)/Mas o que eu quero saber/É o que apronta este lado/Do teu rosto/E o que faz o sossego morar/No que está posto* ("Sangue e Pudins", de Fagner e Abel Silva).

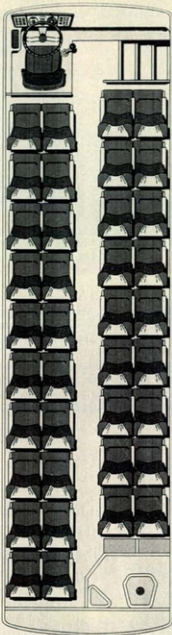
BOCA A BOCA — A introvertida e desengonçada adolescente definitivamente tomou outros rumos porque: *Preciso conhecer e abraçar mais gente/É importante dar notícia/Boca a boca/Mão na mão/Por isso vou cantando pé na estrada* ("Petúnia Resedá", de Gonzaga Jr.) A moça que defende na raça sua liberdade, profissional e afetiva, é esta que ▶

Nos melhores carros da cidade você divide a gasolina por quatro. No máximo, por seis.

No melhor carro da estrada, você consegue dividir essa gasolina por 40, por 30 ou por 18, dependendo do modelo que você escolheu.

E só aí você tem razões de sobra para deixar o seu carro na garagem quando pensar em pegar uma boa estrada. Acontece que essa divisão é bem mais vantajosa para o seu bolso do que parece. Vamos ver um exemplo.

Numa viagem de 500 quilômetros, considerando a média de 12 km por litro e fixando o preço da gasolina em Cr$ 8,40, os melhores carros da cidade gastam cerca de Cr$ 350,00 só de gasolina. Sem contar os pedágios, o desgaste do óleo, dos pneus, da saúde e do próprio carro, pelo aumento dessa distância na sua quilometragem.

Já no melhor carro da estrada você faz essa mesmíssima viagem pelo preço de um simples bilhete de passagem de ônibus: Cr$ 141,00.

Trocando em miúdos, a cada 500 km você economiza cerca de Cr$ 209,00.

Agora, imagine esse dinheiro multiplicado pelo número de viagens que você faz com o seu carro durante o ano. Digamos, quatro viagens.

Com a diferença no bolso você pode pagar 4 trocas de óleo, ou quase 2 pneus novos. Ou tomar 93 chopps, ir mais de 34 vezes ao cinema, ou pagar 1 mês e meio de aluguel pela maior televisão colorida que existe na praça. Ou simplesmente convidar 4 amigos para uma viagem de ônibus por sua conta.

DNER

Departamento Nacional de Estradas de Rodagem

Só existe um carro em que você divide a gasolina por 40.

Viaje de ônibus, o melhor carro da estrada.

aconselha: *Durma qual criança no seu colo/Sinta o cheiro forte do seu solo/ Passe as mãos nos seus cabelos negros/ Diga um verso bem bonito e vá embora* ("Diga lá, Coração", de Gonzaga Jr.).

Enfim, a soma de todos os lados de Simone está montada de forma exemplar quando ela proclama: *Uma certeza me nasce/E abole todo meu zelo/Quando me vi face a face/Fitava o meu pesadelo/Estava cego o apelo/Estava solto o impasse.* Neste momento, então, a vida é uma tempestade que machuca, molha mas passa: *Uma lambada me bole/Uma certeza me abate/A dor querendo que eu morra/O amor querendo que eu mate/Estava solta a cachorra/Que mete o dente e não late/No meio daquela zorra/Perdendo no desempate/Girando feito piorra/Até que a raiva desate* ("Face a Face", de Sueli e Cacaso).

CRISTIANO MASCARO

Preparando-se: "Me confundem"

MEDO E ESPERANÇA — Solto o impasse, ele naturalmente se espalhou pelas capitais do nordeste e pelas cidades grandes e pequenas de São Paulo e Minas e não vai parar por aí. Pouco importa que Simone — intérprete, heroína, comediante e às vezes até mártir de tudo isso — tenha gostos e hábitos quase vitorianos: não bebe álcool, detesta e é contra todos os tóxicos, recusa sempre posar nua para revistas do gênero. Além disso, acha o feminismo uma babaquice porque, segundo ela, nenhuma mulher precisa se juntar politicamente para gritar aos quatro ventos que é tão boa ou melhor que os homens. "Nesta atitude revela-se uma demonstração de fraqueza", conclui ela. Pouco importa. "Negócio que é proibido dá agonia", aflige-se. "Polícia, prisão, barata, alma do outro mundo — Deus me livre! Tenho remédio para dormir aqui na bolsa e estou com medo."

As pessoas que escrevem a Simone pedem conselhos, fazem juras de amor, entregam livros e poemas, avisam ameaçadoras que suas filhas estão andando com outras filhas, situação em que preferem vê-las mortas; ela reponde com fotos autografadas, manda beijos, comenta os poemas. Os missivistas às vezes se apresentam pessoalmente, pegam, bolem, mexem e ela se aborrece. Ou não: em São Paulo, não faz muito tempo, depois de um show na Fundação Getúlio Vargas, um rapaz de seus 22 anos chegou a Simone e secamente deu a notícia: "Quando você cantou 'Momento de Amor', eu gozei". E foi embora (esta música está no primeiro disco). Esta boa estrela veio iluminar um espaço de sombras e anseios que mal se pensam e jamais se pronunciam — e ela está alegre, otimista, apostando no futuro. "Tenho a impressão de que para certas pessoas eu represento um saco de segredos", sorri Simone. "É que do que eu gosto e acabou, eu não tenho limites. E acho que tem que haver um rebuliço muito grande neste país."

GERALDO MAYRINK

NOBLESSE

LTD Série II. Ainda mais requinte e conforto: dos bancos e detalhes como o relógio de quartzo ao limpador de pára-brisa intermitente. Mais conforto com a suspensão recalibrada,

OBLIGE.

mais segurança, dos pneus radiais ao volante de 4 raios.
Mais silencioso ainda, recebeu novo tratamento anti-ruido.
LTD Série II, a opção exclusiva de conforto.

No Badesp a facilidade de conseguir um Finame não é proporcional ao número de zeros do seu saldo médio.

Para conseguir um Finame no Badesp, você só precisa pedir.

O Badesp não exige saldo médio, recebimento de tributos, seguros, amizade com o gerente, nada. Ele é um banco de uma agência só. Por isso você fala diretamente com quem decide.

A equipe de assessores técnicos que vai examinar seu projeto e verificar se ele é adequado às necessidades da sua empresa está lá mesmo.

Assim, o Badesp pode oferecer maior rapidez e eficiência nas operações.

E você ganha tempo. Aliás, o Badesp tem todo o interesse para que você ganhe o máximo de tempo possível. Porque quanto mais rápido for o desenvolvimento da sua empresa, mais rápido é o desenvolvimento do Badesp. E maior o número de pedidos de financiamento que ele vai poder atender. Quando precisar de umFiname, seja cliente do banco de uma agência só: Badesp.

Desenvolvimento para todos

BADESP

Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo S.A.
Avenida Paulista, 1776 - São Paulo

Filiado à

Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento

A seis mãos

ÓPERA DO MALANDRO, *de Chico Buarque; Cultura; 248 páginas; 120 cruzeiros.*

Afinal, Chico Buarque é tão bom teatrólogo como é músico e letrista? Não será ainda desta vez, com a publicação em livro de sua última peça, "Ópera do Malandro", que se poderá dar uma resposta categórica. Certa ocasião, ao procurar título satisfatório para um de seus filmes mais pessoais, Federico Fellini encontrou uma solução inteligente e altamente promocional: como já tinha concluído antes sete longas-metragens e feito um episódio de outro, chamou o filme de "Oito e Meio". Supondo por um instante que Chico Buarque resolvesse batizar seu próximo texto teatral, que número usaria? Sem dúvida, teria de proceder a uma complicada série de operações de adição e divisão — e muito provavelmente, encerradas as contas, o resultado seria uma dízima periódica.

Bertolt Brecht

De inteiramente sua mesmo, Chico Buarque tem apenas a peça de estréia, "Roda Viva", que conta a ascensão e a queda de um cantor popular. A excelente "Gota d'Água", baseada na "Medéia" de Eurípedes, pertence em proporções iguais a Chico e a Paulo Pontes. "Os Saltimbancos" é uma adaptação da obra do italiano Sergio Bardotti, que por sua vez reciclara um conto dos Irmãos Grimm. Houve ainda "Calabar", inspirada na personagem histórica — outra parceria, desta vez com o cineasta Ruy Guerra.

PEQUENOS SUBORNOS — Esta "Ópera do Malandro", atualmente em cartaz no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro, constitui trabalho a seis mãos. Na verdade, quando o segundo parceiro iniciou sua parte, o primeiro já estava enterrado há mais de um século, o terceiro nem sequer havia nascido — e este só pensou em sua contribuição 22 anos após a morte do autor n.º 2. Ei-los, por ordem cronológica: o inglês John Gay (1685-1732), o alemão Bertolt Brecht (1898-1956) e o carioca Chico Buarque, 34 anos.

Na obra-mãe, "The Beggar's Opera", de 1728, John Gay contava as peripécias de um certo MacHeath, audacioso assaltante, amante disputadíssimo, que no final da peça era salvo da forca por mirabolante golpe de teatro. Em 1928, Brecht, que gostava de pescar em obras alheias (seu álibi era mais-que-perfeito: "Shakespeare vivia fazendo o mesmo"), aproveitando a linha básica da narrativa, transplantou-a para a Inglaterra vitoriana. Rebatizado MacNavalha, o protagonista era novamente salvo da morte ao final, enquanto com ácida ironia Brecht afirmava que banditismo e grandes negócios eram precisamente a mesma coisa.

Chico: sozinho, estaria melhor

O texto de Chico está mais próximo da versão de Brecht, que aliás aparece citado carinhosamente como um ladrão "que rouba tudo dos outros e faz coisas maravilhosas". Situada nos estertores do Estado Novo de Getúlio Vargas, a peça mostra suas personagens — cáftens, contrabandistas, prostitutas e policiais venais — despreparadas para os novos tempos que irão surgir com a debacle do nazifascismo. É um mundo da pequena malandragem artesanal em que os antagonistas encontram formas de coexistência pacífica mediante um modesto sistema de subornos que pode ser classificado, digamos, de "pré-tecnocrático".

UM DESPERDÍCIO — Transformado agora no contrabandista Max Overseas, o descendente de MacHeath e MacNavalha continua a figura mais assídua nas cenas. Mas a originalidade da peça de Chico Buarque está em que, embora fale e aja muito, Max não é o verdadeiro protagonista: tais funções cabem a Teresinha, filha de um explorador de lenocínio e que no início da peça "Ópera" se casa com Max.

John Gay

Teresinha é a única personagem a perceber que os tempos da velha malandragem ingênua estão com seus dias contados e que o fim do Estado Novo não representa apenas uma esperança de redemocratização: é também a era da sofisticação industrial que está chegando e com ela novas e mais sutis formas de malandragem. "Papai, o inspetor Chaves, a Lapa, as falcatruas, todo esse mundo já tá morto e caindo aos pedaços", diz Teresinha ao esvaziar sem a menor cerimônia o cofre do marido contrabandista para fundar a Maxtertex Ltda., parte do grande projeto dos novos tempos: "Em cada sinal de trânsito, em cada farol de carro, em cada sirena de fábrica, vai ter um dedo da nossa firma".

O que deixa o leitor de "Ópera do Malandro" um tanto desapontado é que, quando a obra começa a se tornar realmente moderna, com o desenvolvimento da personagem de Teresinha e com o conflito inevitável entre velhos e novos tempos, a peça já está chegando ao fim. Não poderia ser de outra forma, pois Chico Buarque utilizou dezenas e dezenas de páginas para retratar uma galeria de tipos que permanecem apenas no pitoresco. Muito provavelmente, se tivesse deixado de lado as óperas precedentes e começado da estaca zero, a partir do aqui e agora — que chega apenas a pincelar ao final do livro —, Chico Buarque teria feito uma peça muito melhor. E com a vantagem de que ela seria inteiramente sua.

JAIRO ARCO E FLEXA

SALOMON CYTRYNOWICZ

Castello: a História dia a dia

Lições de 1968

OS MILITARES NO PODER - O ATO 5, *de Carlos Castello Branco; Nova Fronteira; 556 páginas; 300 cruzeiros.*

Estão neste livro os dias cheios de esperanças, às vezes, de angústias e temores, outras tantas, que medearam entre a posse do marechal Arthur da Costa e Silva na Presidência da República em março de 1967, e a edição do AI-5, em dezembro de 1968, depois que a Câmara negou ao governo licença para processar o deputado oposicionista Márcio Moreira Alves. Depois de três anos de arbítrio, a Revolução de 1964 empreendia um formal esforço para manter-se no leito de uma ordem constitucional, por ela mesma forjada, sob a inspiração do presidente anterior, o marechal Humberto de Alencar Castello Branco, um parente distante do jornalista autor dessas crônicas diárias.

Costa e Silva não foi o sucessor da preferência do Castello Branco presidente. Ele se impôs como candidato aproveitando-se do mal-estar provocado nos setores militares, então conhecidos como "linha dura", pela vitória de alguns candidatos pessedistas nas eleições governamentais de 1965. Com Costa e Silva, portanto, a "linha dura" chegou ao poder, e a leitura desse quase diário da política da época revela as sabotagens perpetradas por alguns de seus membros contra a ordem constitucional edificada no governo anterior. A repressão contra as manifestações estudantis no Rio de Janeiro, a invasão da Universidade de Brasília, quando foram espancados, à toa, estudantes, funcionários, professores, deputados e senadores, a tentativa de usar o Para-Sar como tropa de choque para exterminar adversários do regime, são apenas alguns exemplos.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS — É uma linha de provocações contra o regime democrático perfeitamente demarcada e que, como se viu, produziu os resultados procurados. Mas, talvez, a mais gritante provocação contra a democracia tenha sido a presença do professor Luís Antônio Gama e Silva no Ministério da Justiça, sempre a exibir os bolsos abarrotados de minutas de decretos de estado de sítio, de atos institucionais, de drásticas ordens de serviço à polícia federal.

Há quem procure semelhanças entre a situação de então e a de agora, quando mais uma vez a Revolução busca encaminhar-se para o leito da ordem constitucional. E, invariavelmente, aponta-se uma diferença que estaria a trabalhar a favor do esforço atual. Em 1968, argumenta-se, a economia andava muito bem, ao contrário do que acontece em 1978, e teria permitido ao governo manobrar à vontade sem provocar reações. Este é um ponto ainda a pesquisar, mas a leitura dessas sóbrias, elegantes páginas do Castello Branco jornalista mostram que até mesmo os mais incondicionais políticos governistas faziam restrições à política econômica do governo, cheia de promessas, não cumpridas integralmente, de aberturas e desafogos.

Tudo indica que o "milagre" foi uma criação posterior, a frutificar sobretudo no governo Medici, nos primeiros anos 70, sob as asas do AI-5, que dava aos tecnocratas da administração pública uma extraordinária agilidade para legislar e regulamentar, ao mesmo tempo que mantinha em silêncio os críticos da imprensa e do Parlamento.

OUTROS ATENTADOS? — Mas a diferença existe, entre 1968 e 1978, e ela está sobretudo na postura da opinião pública diante de fatos que a todos dizem respeito. Em 1968, ainda que os estudantes se aventurassem às ruas das grandes cidades e alguns setores do operariado ensaiassem movimentos reivindicatórios, a opinião pública, de modo geral, estava anestesiada, amedrontada mesmo, tanto que o MDB, mesmo embarcando numa ousada aventura de Frente Ampla, parecia um partido condenado à extinção.

Resta uma pergunta: onde está, hoje, a "linha dura" responsável pelas provocações que levaram ao desenlace de 1968? Como instituição, ela não existe há muito tempo, se é que chegou a existir algum dia. Mas alguns dos que se deixaram contagiar por suas idéias e posturas ainda estão por aí, agora travestidos de ermitões, a pregar a democracia rápida, total, sem relativismos. A conversão ao bom caminho é um direito e uma necessidade de todos, como bem e ensina o arcebispo Hélder Câmara, mas tantas e tão radicais permitem desconfiar — infundadamente, queiram os deuses — que outras provocações e atentados, mais sutis, por certo, se armam contra a democracia perseguida, mas ainda não alcançada.

ALMYR GAJARDONI

Os mais vendidos

Ficcão	Não-ficção
1-**Tia Júlia e o Escrevinhador,** Mario Vargas Llosa (1-14)	1-**Cuba de Fidel,** Ignacio de Loyola Brandão (1-4)
2-**Cuca Fundida,** Woody Allen (2-14)	2-**A Ditadura dos Cartéis,** Kurt Mirow (2-22)
3-**Terror e Êxtase,** José Carlos Oliveira (3-5)	3-**As Veias Abertas da América Latina,** E. Galeano (5-32)
4-**Conversa na Catedral,** Mario Vargas Llosa (4-34)	4-**Os Militares no Poder, 2,** C.Castello Branco (3-7)
5-**Sempre um Colegial,** John Le Carré (7-14)	5-**Depoimento,** Carlos Lacerda (4-19)
6-**Negras Raizes,** Alex Haley (6-40)	6-**Mutações,** Liv Ullmann (6-4)
7-**A Aventura do Pudim de Natal,** Agatha Christie (8-1)	7-**A Ideologia da Segurança Nacional,** Pe.J Comblin (7-11)
8-**O Chá das Duas,** Carlos Eduardo Novaes (5-19)	8-**Liberdade para os Brasileiros,** Roberto R. Martins (8-6)
9-**Ópera do Maladndro,** Chico Buarque de Holanda (10-1)	9-**Chega de Arbítrio,** Paulo Brossard (9-14)
10-**Ilusões,** Richard Bach (9-19)	10-**A Ilha,** Fernando Morais (10-2)

Fonte: livrarias Brasiliense, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José e Teixeira (SP); Entrelivros Leblon, Entrelivros Copacabana, Padrão e Freitas Bastos (RJ); Atalaia (MG); Lima (RS); Ghignone (PR); Casa do Livro (DF); Estante/Barra (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. Obs.: esta lista não inclui os livros vendidos em banca.

ESPAÇO RESERVADO
(AOS AMANTES DA BOA LEITURA)

O JOGO DO BICHO - Ref. 113 - Uma obra da Malba Tanan, apresentando o jogo do bicho à luz da matemática. **Cr$ 76,00**

TRIO SENSUAL - Ref. 389 - Da primeira à última página um relato real, humano e sensual carregado de sexo e erotismo e apresentado de forma surpreendente livre e excitante. **Cr$ 100,00.**

AINDA RESTA UMA ESPERANÇA - Ref. 358 - Trama novelesca habilmente urdida, apaixonante e forte, que conduz o leitor de surprêsa em surprêsa. Uma obra-prima de aventura e otimismo. **Cr$ 125,00.**

DIÁRIO DE BERLIM - 2 Volumes - Ref. 007 - Um testemunho dos sucessivos e importantes acontecimentos históricos que consolidaram o poder de Hitler e abriram caminho para a 2.ª Guerra Mundial. **Cr$ 195,00.**

O VERÃO DO LOBO VERMELHO - Ref. 191 - Tôda magia, todo o mistério e tôda a força primitiva de seu senário enchem as páginas desta obra encantadora, sôbre a história de 2 homens e 2 mulheres nas remotas Ilhas da Escócia. **Cr$ 110,00.**

INVASÃO DOS RATOS - Ref. 116 - A invasão de uma grande metrópole pelos terríveis ratos. **Cr$ 79,00.**

PAPILLON - Ref. 30 - Três fugas extraordinárias de prisões consideradas inexpugnáveis. **Cr$ 195,00.**

Assassinato no Expresso Oriente - Ref. 25 - Doze passageiros sob suspeita. Um caso para Hercule Poirot. **Cr$ 98,00**

OS KAMA SUTRA - Ref. 266 - Todas as regras e ensinamentos da arte de amar, contidas nesta obra, considerada uma das mais famosas da literatura erótica universal. **Cr$ 135,00**

NOVE MESES NA VIDA DE UMA SOLTEIRONA - Ref. 347 - Romance absorvente de uma mulher em busca da felicidade que acaba se perdendo num mundo de paixão e aventuras. **Cr$ 95,00.**

AGORA OU NUNCA - Ref. 372 - Um livro erótico e altamente sensual que o prenderá do princípio ao fim, você penetrará num mundo bem diferente do cotidiano. **Cr$ 90,00.**

EU PERSEGUI EICHMANN - Ref. 119 - Os milhões de crimes na consciência de Eichmann. **Cr$ 146,00**

DANIELA - Ref. 325 - Sob o estilo agradável de Brigitte Biyou, uma obra completa carregada de suspense, mistério, sexo e erotismo do começo ao fim. **Cr$ 115,00.**

ADELAIDE - Ref. 371 - Uma história humana, repleta de emoções, erotismo, aventuras e conquistas que você jamais esquecerá. Todo ilustrado. **Cr$ 95,00.**

ANTES E DEPOIS - Ref. 374 - Sensacional romance erótico para ser lido a dois, descrevendo com amor e muito erotismo uma história passada em N. York. **Cr$ 90,00.**

Na compra de 2 ou mais livros, você receberá inteiramente grátis um livro brinde surpresa.

SOB O SIGNO DO SEXO - Ref. 070 - O mundo fantástico e imprevisto de Hollywood. Suas orgias, ambições e intrigas, no qual ela teve que passar por todas as fantasias sexuais e perversões para chegar ao estrelato. **Cr$ 90,00.**

A FORMA FÍSICA TOTAL - Ref. 282 - O plano de preparo físico mais estimulante e efetivo já publicado. Tenha melhor aparência e melhor disposição em apenas 30 minutos por semana. **Cr$ 90,00**

AUSCHWITZ - Ref. 168 - O depoimento de um médico designado para servir nos fornos crematórios do campo, relatando minuciosamente todo o horror, crimes e perversões de AUSCHWITZ. **Cr$ 82,00.**

A FILHA DO SILÊNCIO - Ref. 232 - O drama de um processo Judicial. As fraquesas morais e os conflitos de seus personagens, são os temas desta história emocionante onde o amor se mistura com a violência. **Cr$ 92,00.**

NÃO ENVIE DINHEIRO AGORA

Faça já seu pedido. Preencha o cupão ao lado, coloque-o em um envelope e remeta-o imediatamente pelo correio para a CAIXA POSTAL 15075-ZC06 CEP. 20.000 - RIO DE JANEIRO - RJ.

SHAMPOO - Ref. 331 - O autor de "O Último Tango de Paris", nos traz agora, o romance de um "Cabelereiro" em Beverly Hills, e todas as suas clientes que ele penteava... e amava. **Cr$ 95,00.**

AS MENINAS DE MADAME ÉRIKA - Ref. 327 - O Instituto "VIP" de Massagens era o mais luxuoso da cidade. Depois de um dia de trabalho, o que poderia ser mais revigorante que uma massagem dada por uma linda jovem de biquini, seguido de uma seção "A Moda da Casa"? **Cr$ 90,00.**

GUIA COMPLETO DE KARATÊ - Ref. 306 - Um completo curso ilustrado e progressivo de Karatê esportivo, da fase de principiante à faixa preta, contendo um manual completo e ilustrado de karatê prático com defesa para todos os ataques. **Cr$ 105,00.**

UMA PRECE PARA DANNY FISCHER - Ref. 345 - Um relato empolgante com tôda a violência, explosão, sensualidade e perfídia que caracteriza as obras deste grande autor, sendo seguramente uma de suas melhôres obras. **Cr$ 125,00.**

O VÍNCULO DO PRAZER - Ref. 009 - Das entrevistas e pesquisas com casais recém casados, casais e praticantes do sexo grupal, as duas maiores autoridades em sexologia revelam todos os segredos para a satisfação sexual total. **Cr$ 120,00.**

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA - Ref. 394 - As interligações entre homossexuais de ambos os sexos. Um estudo profundo do lesbianismo na sociedade moderna. Sua prática, causa e consequências, analizadas e relatadas de forma livremente objetivas. **Cr$ 190,00.**

CAÇA A MARTIN BORMAN - Ref. 161 - Do colapso de Berlin e do Reich dos mil anos, um homem escapou: MARTIN BORMAN. **Cr$ 145,00.**

BIORRITIMO - Ref. 362 - Preveja quais serão seus dias "bons ou maus". Planeje sua vida a partir do método mais revolucionário dos últimos tempos: "BIORRITIMO". Você pode descobrir sozinho, através dos gráficos e instruções completas contidos nesta obra, para traçar curvas biorrítmicas. **Cr$ 125,00.**

O MELHOR FILME DO ANO

A LARANJA MECÂNICA - Ref. 274 - Uma história de violência e terror. A confissão autobiográfica de um delinquente juvenil, narrado na gíria peculiar à sua geração. **Cr$ 120,00**

NINGUÉM EM CASA - Ref. 373 - Uma loucura de paixão e sexo total. Romance inesquecível, vibrante e emocionante. **Cr$ 90,00.**

O SEXO NA ALEMANHA NAZISTA - Ref. 111 - Contada pela 1.ª vez, toda a história das depravações e taras dos homens e mulheres do III Reich. **Cr$ 130,00**

Ref. 124 - Um livro excitante. Um suicidio. Uma difícil experiência o casamento com um homossexual. **Cr$ 135,00**

COMO DESENVOLVER A MEMÓRIA - Ref. 100 - Um método prático e revolucionário de desenvolver a memória em apenas 10 dias. **Cr$ 90,00**

PN

A AMD ASSESSORIA DE MARKETING DIRETO
CAIXA POSTAL 15075 CEP 20.000 - RIO DE JANEIRO - RJ

NOME ....

ENDEREÇO ....

.... TEL .... CEP ....

BAIRRO .... CIDADE .... EST ....

Assinatura ....

								Ref. 007	Ref. 009
Ref. 025	Ref. 030	Ref. 070	Ref. 100	Ref. 111	Ref. 113	Ref. 116	Ref. 119	Ref. 124	Ref. 161
Ref. 168	Ref. 191	Ref. 232	Ref. 266	Ref. 274	Ref. 282	Ref. 306	Ref. 325	Ref. 327	Ref. 331
Ref. 345	Ref. 347	Ref. 358	Ref. 362	Ref. 371	Ref. 372	Ref. 373	Ref. 374	Ref. 389	Ref. 394

A traição pelo papelão

Há uns tantos pares de meses, quando um amigo comum foi levar ao general Ernesto Geisel a notícia de que o senador Magalhães Pinto queria ser o candidato do sistema à Presidência da Pepública, o general riu. O senador pediu então ao seu amigo que insistisse; que voltasse ao general e lhe dissesse que a coisa não era para rir e que a sua decisão de disputar a candidatura era para valer. É provável que, diante desse empenho reiterado, o general Geisel tenha rido outra vez, embora com menos gosto. Pode-se dizer que a reação da maioria dos observadores (aí incluído este modesto escriba) foi semelhante à do general. A pretensão, somada à insistência, ganhava um certo ar patético. O senador, afinal, grande eleitor da Arena em Minas Gerais, ex-ministro do marechal Costa e Silva e antigo governador da sua província (de onde saiu, em 1964, o próprio movimento de 31 de março), chegado agora aos 69 anos de idade, tinha o direito de querer a presidência como o coroamento da sua longa carreira. Era desta vez ou nunca. E por que uma revolução partida de Minas não podia acabar voltando para lá?

SÉRGIO SADE

Hoje, estamos nas vésperas da consagração pelo colégio eleitoral do candidato oficial do general Geisel, João Baptista Figueiredo. O ex-candidato a candidato civil Magalhães Pinto disputa em seu Estado uma cadeira de deputado, isto é, recolhe votos preciosos para a Arena e o governo — esforço que certamente não bastará para reparar a sua situação pessoal junto aos chefes do sistema (que aliás nunca foi das melhores), mas que pode mostrar a eles, mais uma vez, a importância dos seus serviços como *vote-guetter*, como arrebanhador de votos, e como articulador de fidelidades políticas entre crédulos civilistas e descontentes, em geral. A esta altura, o pleito no colégio eleitoral são favas contadas: a eleição popular de 15 de novembro é a derradeira preocupação séria que ainda têm os homens do Planalto. Mesmo esta preocupação, entretanto, já não parece tão terrível depois das esmagadoras vitórias obtidas, no Congresso e fora dele, pelo general Geisel e por seu candidato. O governo cresceu, diante do desmoronamento dos seus adversários, e está hoje tão forte que corre o risco, não de perder parte da Arena, mas de engolir inteiro o próprio MDB. Os cariocas Chagas Freitas e Amaral Peixoto estão no papo. O mineiro Itamar Franco procura uma brecha. Os paulistas, por sua vez . . . difícil vai ser segurar toda essa gente do outro lado da cerca, depois de passada a eleição.

Acho que o general João Baptista está hoje fortemente ameaçado de ter que presidir, a partir de 15 de março, um governo de ajuntamento nacional, e de repetir o marechal Eurico Gaspar Dutra, ao mesmo tempo beneficiário e vítima daquele célebre "acordo interpartidário" que estará fazendo agora os seus trinta anos. O que pode dificultar esse congraçamento de políticos e de líderes (mais ou menos à revelia dos seus constituintes) é, antes de mais nada, a personalidade impulsiva do futuro presidente, e a pouca valia desses chefetes oposicionistas, intrigados entre si e cada vez mais desmoralizados diante de uma opinião pública que eles decepcionaram tanto. Esses homens de agora não têm nada a ver com os Otávio Mangabeira, Nereu Ramos ou Prado Kelly, dos tempos do marechal Eurico Dutra. O general João Baptista, feito presidente, na verdade não precisará deles para unir o país, e melhor fará se souber voltar-se para os representantes legítimos da sociedade civil (advogados, empresários, trabalhadores), conquistar-lhes a confiança e tratar de governar com os mais independentes e mais hábeis desses líderes do Brasil novo que está crescendo, especialmente no centro-sul e no sul do país.

Quanto à oposição propriamente política e partidária, o melhor é nem sequer investigar muito por que ela se portou tão pifiamente, durante os últimos dez ou doze meses. Não faltará quem atribua a culpa do seu desastre ao maquiavelismo do Palácio do Planalto, ao egocentrismo do senador-candidato, ou à desastrada inabilidade política deste ou daquele general ou ex-ministro. A verdade, como diz o ditado, é que é inútil chorar o leite derramado. Em vez de dividirem o sistema dominante (ou a Arena, ao menos), o que os nossos bravos dissidentes conseguiram foi dividir os civis, primeiro, e a oposição, depois.

Quanto ao sistema, que começava a desmoronar sozinho, o que eles fizeram foi recompô-lo; foi fazer de um candidato fraco e mal aceito (o general João Baptista Figueiredo) um futuro presidente relativamente forte e que já merece de um grande número quando menos uma resignada e até divertida aceitação. Quando, há uns tantos meses, o general Geisel sorriu ao ser notificado da pretensão do senador Magalhães Pinto, talvez não esperasse que os seus dedicados opositores acabassem lhe prestando um serviço tão completo. Hoje, as dissensões e os ressentimentos entre os grupos oposicionistas são mais intensos e mais vivos do que as divergências entre qualquer desses grupos e o general Geisel ou o seu sucessor designado. A frustração de muitos deles é tão grande que seu maior objetivo é agora ajudar o governo a esmagar os seus rivais dissidentes, onde quer que ainda possam resistir.

Belo espetáculo. As legiões de eleitores que vão votar contra o sistema e o governo no dia 15 de novembro podem revelar-se apesar de tudo numerosas. Mas não há dúvida que já foram traídas, por antecipação, pelos que se arvoraram seus líderes e acabaram fazendo, à vista de todos, um triste papelão. Haja paciência.

FERNANDO PEDREIRA

Fernando Pedreira é colaborador dos jornais O Estado de S. Paulo *e* Jornal do Brasil

Modelo "Triangle".
Designer
Stephan Kruoco.
Ouro amarelo
e 13 diamantes
com 0,50k.
CrS 19.200,00.
Modelo "Hexagonal".
Designer
Gilberto
Rosenmann.
Ouro amarelo
e branco.
18 diamantes
com 0,54k
CrS 19.700,00
Crédito imediato
10 pagamentos
Modelo "Des Poissons".
Designer
Gilberto Rosenmann.
Ouro amarelo e
18 diamantes com 0,20k.
CrS 8.600,00.
Modelo "Arabesque".
Estilo italiano.
Designer
Emilio Miqueletto.
Ouro amarelo
e 6 diamantes
com 0,10k.
CrS 3.300,00.
Diamantes M. Rosenmann
são desses raros presentes
que conseguem emocionar uma mulher.
Diamante Joalheiros
M. ROSENMANN®
sinal de amor
VOCÊ ENCONTRA M. ROSENMANN
EXCLUSIVAMENTE EM:
BRASÍLIA
Conjunto Nacional Brasília - Loja 2054
Galeria do Hotel Nacional - Loja 17
Conjunto Nacional Brasília - Loja 2111
Galeria do Hotel Nacional - Loja 38
Tel.: (061) 226-8259
CURITIBA
Rua das Flores, 39
Rua XV de Novembro, 1125
Rua das Flores, 66
Rua Comendador Araújo, 1066
Rua Voluntários da Pátria, 246
Rua das Flores, 26
Aeroporto Afonso Penna
Escritórios: Rua Ébano Pereira, 334 -
Tel.: (0412) 24-5311
CASCAVEL / FOZ DO IGUAÇU
Av. Brasil, 3134 - Tel.: (0452) 23-3764
FLORIANÓPOLIS
Rua Felipe Schmidt, 37
Florianópolis Palace Hotel
Tel.: (0482) 22-9766
BLUMENAU
Rua XV de Novembro, 520
Tel.: (0473) 22-5512
PORTO ALEGRE / RS
Rua Marechal Floriano, 146
Rua Vig. José Inácio, 440
Av. Alberto Bins, 355
Rua Marechal Floriano, 145
Torres: Rua XV de Novembro, 215
Cruz Alta: Rua João Manoel, 296
Conjunto Comercial Canoas, Loja 206
Rua dos Andradas, 1332
Centro Comercial Porto Alegre - Loja 246
Tel.: (0512) 21-0551
RIO DE JANEIRO
(Valentino) Rua Visconde de Pirajá, 317
Tel.: (021) 267-5445
SALVADOR
Shopping Center Iguatemi - Loja 4
(Valentino) Shopping Center Iguatemi -
Loja 20 - Tel.: (071) 244-6574
SÃO PAULO
Shopping Center Ibirapuera -
Nível Superior - Loja 6
Alameda Jaú, 1529 - esq. c/Augusta
Cal Center - Loja 120
Shopping Center Ibirapuera -
Nível Superior - Loja 2
(Anna Beltrão)
Shopping Center Ibirapuera
Nível Superior - Loja 6 -
Tel.: (011) 543-8078

Luiz XV.
Sabor Naturalmente Suave.

Luiz XV é para as pessoas que se encontram, se descobrem, se amam.
Suavemente. E para as pessoas que se apaixonam todos os
dias pela vida e pela liberdade. Naturalmente.
Luiz XV é o cigarro que combina,
com equilíbrio exclusivo, as melhores
e mais nobres castas de fumos com
características não apenas de
suavidade, mas também de sabor.
O resultado: sabor e suavidade
natural que só a Souza Cruz
poderia juntar em um
mesmo cigarro.

Qualidade Souza Cruz